

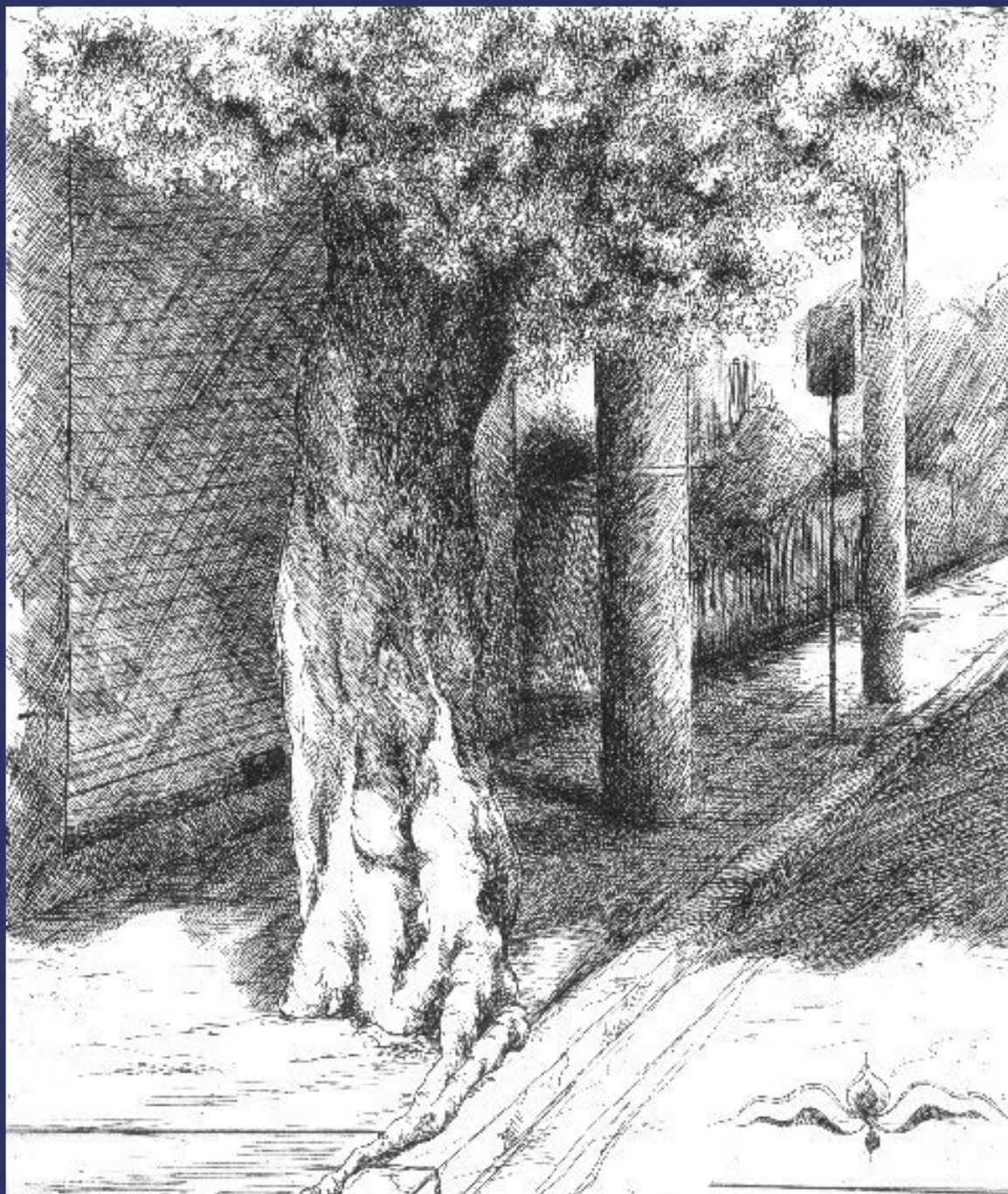


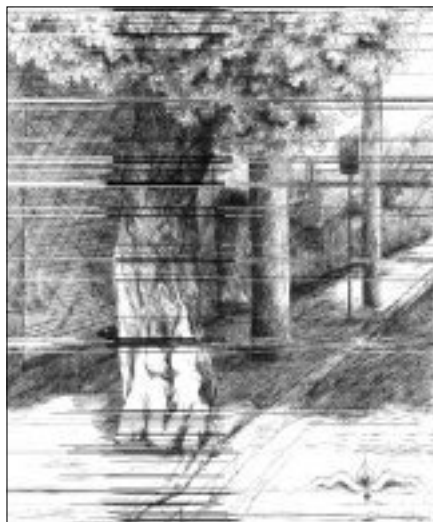
# **RAÍZES**

Ano XVI - Nº 29

São Caetano do Sul

JULHO de 2004





## Nossa Capa

Gravura feita por Carlos Henrique Zambom. Trata-se de árvore localizada na Rua Pinto Ferraz, Bairro Centro, São Caetano do Sul. O trabalho, realizado em 2002, participou da 2ª Bienal de Gravura de Santo André (2003).

Diz o autor: ... *procuro fazer, em meu trabalho, um registro dos lugares e construções que fizeram parte de minha vida. Muitas vezes saio à noite e percorro solitário as ruas enquanto a cidade dorme. Nestas incursões, através de desenhos registro aspectos percebidos que serão transformados em gravuras. Árvores, casas antigas e prédios industriais são parte do meu universo de representação.*

Com essas palavras, o gravurista e professor Carlos Henrique Zambom descreve os locais em que busca inspiração para o seu trabalho. Morador de São Caetano do Sul desde o nascimento, é na cidade que encontra os temas para a meticulosa arte da gravura, técnica que exige concentração e domínio do desenho. Zambom, gravurista tarimbado, transmite seus conhecimentos dando aulas na Escola Ângelo Raphael Pellegrino e na EE Profª. Joana Motta.

A foto da contracapa - esquina das atuais ruas Baraldi e Santa Catarina no ano de 1935 – foi manipulada e, através de recursos digitais e computação gráfica, transformou-se em uma ilustração.



**Fundação Pró-Memória**

São Caetano do Sul

**Ano XVI - Número 29**  
**Publicação semestral**  
**Distribuição gratuita**

ISSN 1415-3173

Publicação da Fundação  
Pró-Memória de São Caetano do Sul

**Julho de 2004**

Avenida Augusto de Toledo, 255 - Sta. Paula  
CEP 09541-520 – São Caetano do Sul (SP)  
Fonefax (011) 4221-9008 e 4221-7420  
www.fpm.org.br  
e-mail: fpm@fpm.org.br e  
raizes@fpm.org.br

*Jornalista responsável*  
**Alexandre Toler Russo**  
(MTb 33212)

*Coordenação geral*

**Sônia Maria Franco Xavier**

*Redação*

**Fabiola Fioravante** (digitalização de imagens)

**José Roberto Gianello** (pesquisa)

**Maria Ap. M. Fedatto** (secretaria e coordenação)

**Paula Ferreira Fiorotti** (assessoria)

*Imagens*

**Antônio Reginaldo Canhoni** (fotografia)

**Neusa Schilaro Scaléa** (capa e arte)

*Programação Visual e Paginação Eletrônica*

**Maria Antônia dos Reis-ME**

*Conselho Editorial*

**Aleksandar Jovanovic, Alexandre Toler Russo, Domingo Glenir Santarneckchi, Humberto Pastore, João da Costa Faria, José Roberto Gianello, Maria Aparecida M. Fedatto, Mário Del Rey, Mário Porfírio Ro-**

**drigues, José de Souza Martins, Sílvio José Buso, Sônia Maria Franco Xavier (presidente), Valdenizio Petrolli, Yolanda Ascêncio, Wilson Loduca.**

*Fotolitos e Impressão*

**Provo Distribuidora e Gráfica Ltda.**

*A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.*

## Editorial

Esta edição nos presenteia com diferentes visões sobre a história de São Caetano do Sul. É um convite a um passeio pela cidade de outros tempos.

Iniciamos com um dossiê sobre os 50 anos da Diocese e os movimentos culturais e católicos da região, registrando a presença do catolicismo também através da Matriz Sagrada Família e de todas as paróquias de São Caetano.

Nos artigos regionais, percorremos os vestígios dos primeiros caminhos trilhados pelos desbravadores. Enfocamos ainda a arquitetura da cidade, analisada em seus pormenores por experientes arquitetos e engenheiros, numa reflexão sobre o projeto *Vamos falar de São Caetano*.

Orgulhosamente abrimos nosso acervo, exibido na revista por meio de um pequeno inventário do que possuímos em nosso Centro de Documentação, na esperança de popularizá-lo e oferecê-lo a diversas pesquisas realizadas por variado público. Dois artigos regionais – Parana-piacaba e Mauá – complementam nossa proposta.

Migrantes e imigrantes nos trazem importantes relatos, juntamente com memórias e homenagens dos que ajudaram a edificar nossa cidade.

E, por último, os principais registros de nossa cultura: música, fotografia, pintura e arte. Destaque especial também para o esporte e o lazer, com o Clube Atlético Ipiranguinha e o Clube Recreativo e Esportivo São Caetano (CRESC).

Falar sobre o que fomos, o que fizemos e em que pensamos é um gesto cívico, através do qual afirmamos nossa identidade.

*Sônia Maria Franco Xavier*  
Presidente

## Caminhos da vida

Luiz Olinto TORTORELLO (\*)

Se não soubermos de onde viemos, dificilmente saberemos para onde ir. Os caminhos da vida trouxeram à nossa cidade pessoas dos mais longínquos cantos do mundo e de lugares próximos, de nosso país e de outros países. Pessoas que não aceitavam as condições de vida em suas origens, e que buscaram, entre temerosas e audazes, uma pátria, uma cidade, um lugar para realizar um só propósito: ter o direito de ser feliz.

E nossa cidade surgiu da vontade de colonizar e entregar-se à nova pátria, da vontade de construir um lugar e ajudá-lo a perpetuar-se, de pôr com humildade e coragem o nome desse lugar muito alto na História. Fizemos isso. Se Raízes retrata essa trajetória desde seus inícios, nos últimos sete anos nossa cidade encontrou esse vínculo com o passado transformado em rota para o futuro. Não há como voltar atrás enquanto essa unidade singela e emocionante mantiver-se íntegra, pois somente tresloucados e aventureiros temerários poderiam pensar em mudar tais rumos, e quebrar a esteira de conquistas tão duramente obtidas por nossa gente até hoje, honrando sempre o que de melhor se fez no passado.

Nas páginas desta edição, encontraremos referências à saga dos migrantes e imigrantes, a nomes e personalidades que se destacaram por nossa comunidade, história de músicos, artistas, desportistas e, especialmente, a homenagem a Jayme da Costa Patrão, cujo falecimento deixa um espaço de humanida-



de e cultura que dificilmente será preenchido. Igualmente, o texto sobre Dona Ovídia Carmargo de Mello, que completa um século de existência, dando o trabalho como exemplo. Destaca-se ainda o dossiê *Cinqüentenário da Diocese de Santo André*, relevando a extraordinária figura do bispo D. Jorge Marcos, cuja luta pela democracia, direitos humanos e inclusão social marcou a própria História do Brasil. Há muita coisa boa mais, como veremos a seguir.

Pois bem, novamente esta publicação faz jus às esperanças mais ousadas e aos sonhos mais legítimos das gerações que escreveram nossa história, nos dando ao mesmo tempo as luzes e estímulos para que continuemos trabalhando com afinco e coragem, com decisão e alegria para gravar páginas ainda mais gratificantes e generosas na construção de nossa cidade, pelos caminhos da vida.

(\*) Luiz Olinto Tortorello é professor, empresário, jurista e prefeito de São Caetano do Sul em terceiro mandato

# ÍNDICE

## Dossiê

**5** *Da doutrina Social ao Movimento Popular – 50 anos da Diocese de Santo André*  
Maria Gorete Soares FRAZÃO

**9** *Atividades culturais e literárias de Dom Jorge Marcos de Oliveira*  
Hildebrando PAFUNDI



**12** *Núcleo de Convivência Menino Jesus: herança de Dom Jorge em São Caetano*  
Viviane Campos SEVERINO

**14** *Apoio do bispo aos operários no ABC paulista (1980)*  
Ney de SOUZA

**16** *Dados Biográficos dos bispos da Diocese de Santo André (1954/2004)*

**18** *Igrejas Católicas do Município*  
Alexandre T. RUSSO

## Memória Fotográfica

**22**

## Regionais e Artigos

**27** *Os rastros dos primitivos caminhos do Mar na Cidade*  
Cristina Toledo de CARVALHO

**33** *Vamos falar sobre São Caetano: Arquitetura*  
André Luis Balsante CARAM

**45** *Rudyard Kipling visitou Paranapiacaba em 1927*  
José Roberto GIANELLO

**47** *Centro de Documentação Histórica: uma ponte para o passado, um guia para o futuro*  
Monica IAFRATE

**51** *Núcleo de História e Memória de Mauá - Preservando a Memória, construindo a História*

## Depoimentos

**52** *A história do libanês Rahal, o “Julinho” de São Caetano*  
Humberto PASTORE

**55** *Paulo dos Santos: das migrações ao êxito*  
Sonia Maria Franco XAVIER

**58** *Nilo Ribeiro de Figueiredo: 51 anos de política municipal*  
Yolanda ASCENCIO

**61** *Dona Ovídia Camargo de Mello: 100 anos de exemplo*  
Antonio Julio Pedrosa de MORAES

## Memória e Personagem

**63** *Jayme da Costa Patrão: homem e obra*  
Mário Porfírio RODRIGUES

**65** *Florindo Paladino: nosso primeiro alfaiate*

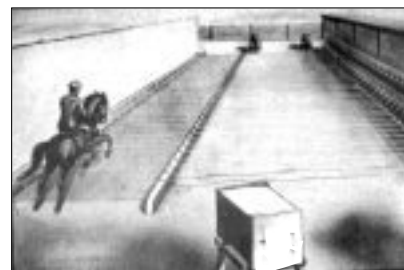
**69** *Uma lei da época e Dez de Dezembro: o diploma*  
Duilio IANACCARO

## História de Vida

**70** *Documento produzido a partir de história oral*  
Adriana M.C.RAMOS e Mônica de SOUZA

## Cultura

**80** *Orquestra Toscano: cinco décadas de música para dançar*  
José Odair da SILVA



**82** *A fotografia e cidade V*  
Neusa Schilaro SCALÉA

**86** *Três artistas, uma cidade, um tempo*

**89** *O ateliê luminoso de Oscar Valzachi*  
Renato BRANCATELLI

## Esporte

**91** *CA Ipiranguinha: orgulho da Vila Paula*  
Narciso FERRARI

**94** *O GRESC teve origem em um Clube de Malha*

## Registro

**95**

## Memória Fotográfica

**98**

# Da Doutrina Social ao Movimento Popular: 50 anos da Diocese de Santo André

Maria Gorete Soares FRAZÃO (\*)



Na região do ABC, o processo de expansão e acumulação do capitalismo industrial, inaugurado e inicialmente direcionado por Getúlio Vargas e

pelas elites nacionais na década de 30, fez com que a classe operária que se formou ao longo desse processo adquirisse características próprias, se reconhecesse enquanto classe, e organizasse mobilizações em busca de melhores condições de vida e utilização do cenário público nacional.

A classe operária da região tradicionalmente atuava nas mobilizações com o Partido Comunista; de fato, a organização e a educação de base desses operários estavam a cargo do partido. Sendo assim, o processo de formação dos movimentos populares e da própria classe operária, na região, se concentrava na educação de base dada pelos membros do Partido Comunista.

Essa tradição desembocou, posteriormente, em uma região de cunho esquerdista, e, na década de 80, foi dessa região que emergiram os novos movimentos populares e o novo sindicalismo. Tudo isso foi possível porque existiam, nessa região, características que foram fortalecidas e direcionadas ao longo de décadas. Entretanto, no final da década de 50, a Igreja Católica conseguiu penetrar no imaginário dessa população operária e carente. Dessa forma, engajou-se na educação de base, que, até então, estava restrita ao Partido Comunista. Nada impediu a união entre a Igreja Católica e os comunistas, durante os *anos de chumbo* do regime militar (1964-1985), na defesa dos oprimidos. Nesse tempo, era

Chegada de Dom Jorge Marcos de Oliveira a Santo André, em 12 de Setembro de 1954. À esquerda, o Cardeal Adeodato Giovanni Piazza



Arquivo Museu de Santo André

necessária uma ajuda mútua, já que somente desse modo se podia combater o poderio dos militares, que cerceavam toda e qualquer mobilização em desacordo com os interesses desenvolvimentistas.

Para se entender a atuação da Igreja, nessa região, junto aos movimentos populares, temos de resgatar um pouco a história da própria instituição. O marco inicial dessa história é a criação da Diocese de Santo André, inaugurada em 22 de Julho de 1954. Essa diocese assumiu a responsabilidade de todas as diretrizes e práticas católicas no ABC.

O bispo escolhido para a região, inicialmente, foi D. Jorge Marcos de Oliveira, cuja linha de atuação perpetuou-se na filosofia de seus sucessores. D. Jorge havia estudado no Seminário Central do Ipiranga, criado para ser um centro de referência na formação sacerdotal. O então bispo dessa diocese havia sido bispo auxiliar do Cardeal Leme, no Rio de Janeiro, personagem de suma importância para a história da instituição eclesiástica contemporânea. O Cardeal Leme foi responsável pelo início de uma atuação eclesiástica mais próxima da Santa Sé, invertendo um quadro histórico de proximidade com o governo. (De fato, no início de nossa colonização, todo o clero e a própria instituição submetiam-se às diretrizes do monarca.)

Essas mudanças só foram possíveis com a Proclamação da República, em 1889, e com a promulgação da Constituição de 1891, que separava, dessa forma, o Estado da Igreja. Essa separação foi extremamente difícil para toda a Igreja. Diante disso, o cardeal procurou aproximar a Igreja ao sumo pontífice, o que reformulou profundamente o catolicismo brasileiro. Mas o projeto não pôde ser concluído, pois o cardeal faleceu antes de realizá-lo plenamente.

O projeto, contudo, foi retomado na década de 50, o que resultou na criação da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (A CNBB teve, nas décadas posteriores, um papel muito importante no tocante às ações sociais desenvolvidas por seus membros.) As diretrizes do catolicismo brasileiro foram estabelecidas e colocadas em prática através da Conferência Nacional dos Bispos. A partir dessa organização clerical, definiram-se e alinharam-se as novas linhas pastorais, o que deu unidade ao clero brasileiro.

A assimilação das transformações do Concílio Vaticano II (1962-1965) e posteriormente a das conferências do Episcopado Latino Americano<sup>1</sup> confirmaram a opção da igreja pelos pobres. Surgiu, assim, a *Teologia da Libertação*, produzida e praticada com as atividades de práxis da realidade. Essa teologia pode ser considerada como o



Comunhão Pascal na Firestone, ocasião em que Dom Jorge celebrou uma missa que contou com a presença do então prefeito de Santo André, Fioravante Zampol - à esquerda do bispo

aprendizado da igreja latina no desenvolvimento de um catolicismo próprio, na produção de ferramentas pensadas e praticadas em seu campo direto de atuação. (Até então os modelos teológicos utilizados pertenciam a outras realidades.) A partir desse momento, estabeleceu-se uma teologia que vinha ao encontro do catolicismo vivido e praticado não só no ABC, mas em grande parte da América Latina.

**TRANSFORMAÇÕES** - A diocese do ABC paulista não ficou à margem desse processo de transformação e abertura do catolicismo; pelo contrário, acompanhou, viveu e lutou muito para que essas transformações fossem sentidas e colocadas em prática por seus movimentos e por toda a população. Os movimentos de leigos foram se consolidando ao longo das décadas, assumindo caráter essencial na busca de inserção social das camadas populares na região. O método utilizado para pensar a realidade dura dos leigos foi o método da *Ação Católica*, criado na década de 30 para aproximar o leigo da hierarquia eclesiástica. Com tal método, passaram a ser feitas reflexões sobre a realidade da seguinte forma: ver, julgar e agir.

Esse tipo de atuação penetrou no imaginário dessa população, composta em sua maioria por migrantes, entre os quais os valores do catolicismo se encontram arraigados no cotidiano. Isso marcou também a aproximação entre a Igreja e as camadas populares da re-

gião, que se achavam relativamente afastadas em virtude das contradições criadas e alimentadas pelo crescimento acelerado e pela industrialização.

Dessa forma, essa diocese abriu-se a questões do mundo propostas pela instituição, buscando colocar em prática uma *doutrina social* que tem como fundamento refletir sobre a realidade econômica, política e social. A referida doutrina tem como elemento primordial oferecer condições para a reflexão da dura realidade, através do Evangelho, para a promoção da organização da vida social, da dignidade da pessoa humana e do bem comum.

*É ... distinguir o espiritual do temporal. Nós devemos ver o homem como um todo ... Eu costumo dizer que água só é água quando existe uma união íntima entre duas partículas de hidrogênio e uma de oxigênio. Se eu separo uma coisa da outra, não tenho água. Se eu olho só para o aspecto espiritual do homem, eu estou olhando para uma parte do homem; se eu olho*

*para a parte material do homem, eu estou olhando para a outra parte do homem, eu estou olhando para outro aspecto. Eu tenho de tratar do homem como um todo, nas suas necessidades espirituais, materiais (...). Não adianta ficar falando de uma realidade se essa realidade do povo é a fome. Eu tenho de me preocupar com a fome, o povo está com fome, vamos arranjar comida para o povo (...). Vamos ensinar as pessoas a dividirem o pão ... E Jesus pregava a justiça: aqueles que tinham mais e tinham em abundância deveriam dividir com aqueles que não tinham. E há muitas encenanças de Jesus, nesse sentido, com a classe mais elevada, que usava o poder para oprimir os pobres, para explorar os pobres (...). Ora, nós somos irmãos, e a conclusão lógica é que devemos viver como irmãos. Então, alimento para todos, justiça para todos, emprego para todos, habitação para todos, respeito para todos, salário justo para todos, liberdade para todos ...<sup>2</sup>*

Visto que sua finalidade era transformar o mundo segundo o plano de Deus, e que pensar nessa doutrina é remeter-se aos pobres, a igreja coloca-se portanto na base e identifica a população carente como o povo de Deus.

No caso da região, o catolicismo conseguiu dar condições para que a população se reconhecesse, inicialmente, como agente dessa nova realidade, pois, como se sabe, há, por parte dos migrantes, grande dificuldade em aceitar e reconhecer os problemas da realidade na qual se inserem. Essa

Prefeitos da região do ABC, com Dom Jorge, na residência do clérigo. Este episódio desmentiu a existência de um movimento contra o bispo, em 1960. Da esquerda para a direita: Francisco Arnoni, prefeito de Ribeirão Pires; Oswaldo Samuel Massei, prefeito de São Caetano do Sul; Dom Jorge Marcos de Oliveira; Oswaldo Gimenes, prefeito de Santo André; Hélio Bernardi, prefeito de Mauá



postura foi colocada em prática nessa diocese, inicialmente, através de seu bispo, seus padres, suas ordens religiosas e suas linhas pastorais, voltadas às questões e aos problemas da realidade dura e carente nos municípios da região.

Para exemplificar bem essas questões, selecionamos um trecho de uma entrevista feita com o padre Emílio Rubens Chauseraux, da Paróquia Nossa Senhora das Dores, em Santo André, que demonstra o crescimento acelerado da região e salienta as dificuldades enfrentadas pela população.

*(...) até o período do governo do Juscelino Kubitschek, o ABC era praticamente uma região suburbana da cidade de São Paulo, não tinha desenvolvimento. Para vocês terem uma idéia, em 1963, espero não estar enganado, o maior prédio do ABC tinha seis andares e ficava na Rua Campos Salles. E você, para vir de São Paulo para o ABC, ... era uma viagem praticamente ... A estrada de comunicação era a Estrada das Lágrimas ... Mas uma estrada de terra, pedaços de paralelepípedos, ... não existiam essas comunicações que nós temos aqui. E, para você chegar à Anchieta, vindo de São Caetano, vindo de... de... Santo André e do ABC, era uma viagem pelo meio do mato. Então é tudo...um dormitório, porque o pessoal ia para São Paulo ... Tinha poucas indústrias ... Agora, com o governo de Juscelino, houve um grande desenvolvimento industrial no ABC, foi o Juscelino que trouxe as indústrias automobilísticas para cá, e, através das indústrias, é, começou o grande desenvolvimento industrial ... Tanto é assim que, de repente, de uma hora para outra, o ABC tornou-se o pólo industrial de toda a América Latina. E a grande propaganda não é ... em relação ao ABC, que era um local de emprego, que aqui era um local onde não havia fome.<sup>3</sup>*

**MOVIMENTO** - Buscando levar ao povo, além da mensagem de fé, também questões e problemas comuns do

Dom Jorge, ao lado de Walter Braido, quando este estava em plena campanha para as eleições municipais de 1965. Na ocasião, o então candidato à Prefeitura de São Caetano do Sul entregou seu plano de ação ao bispo da Diocese de Santo André



Fundação Pró-Memória

cotidiano, o catolicismo foi o grande pólo centralizador de todas as camadas populares no período em que o regime militar esteve em vigor. Isso ocorreu graças à educação dada pelas Comunidades Eclesiais de Base, bem como em função de tantos outros movimentos que estiveram presentes na região, cujo objetivo era refletir a realidade através do Evangelho. Vários foram os problemas e contradições produzidos pelo crescimento acelerado do capitalismo na região e no país.

*Olha, ver a realidade, para mim, refletindo sobre o Evangelho, eu descobri, assim, que Deus não quer isso. Porque a nossa atuação era necessária, mas também a ideologia... A gente descobriu através do Evangelho a vontade de conhecer (...), mas também precisamos mudar a lei, fazer projetos, elaborar projetos de acordo com as necessidades da população ... Não aceitar principalmente a ditadura militar e o que vinha, estava aí, e a gente não poderia deixar da forma que estava ... Foi um conjunto dessas coisas, na verdade ..., a criação da CEBES, para mim, o que despontou foi a CEBES, porque se eu não estivesse participando da igreja renovada, das Comunidades Eclesiais de Base, eu não teria sido capaz de entender as questões em que vivíamos.<sup>4</sup>*

Dessa forma, os grupos ligados à instituição eclesiástica refletiam sobre os problemas e as dificuldades enfrentadas pelas camadas populares e buscavam as melhores condições para ini-

ciar e desenvolver o processo de transformação da realidade.

A educação dada pela igreja produziu efeitos que estão presentes na memória de todos os que estiveram envolvidos nesse processo de educação de base, que, posteriormente, produziu os novos movimentos populares e o novo sindicalismo brasileiro. (Esse sindicalismo, que surgiu nessa região e invadiu o país, sofreu influência direta dessa diocese e de seus bispos.)

As novas personagens tiveram de conhecer os discursos produzidos no topo das classes dominantes para conseguir elaborar uma nova matriz discursiva, capaz de contestar as práticas vigentes na sociedade.

O que se produziu nesse período foi uma relação de comunhão entre fé e questões sociais. Através dessa relação foi possível questionar posturas e atitudes assumidas pelo governo. Pode-se dizer que essa igreja, na base, foi o elemento capaz de dar condições ao início de um processo de transformações que não se limitaram às camadas populares e a seus movimentos. Além disso, foi capaz de mostrar que o catolicismo diocesano e latino-americano haviam adquirido maturidade e reconhecido o processo contraditório produzido pelo desenvolvimento exacerbado do capitalismo industrial.

Um capitalismo cada vez mais interessado em oprimir, cercear, excluir, limitar os direitos básicos à cidadania, não permitia que a população questionasse as práticas econômicas, políticas



Dom Jorge Marcos de Oliveira, numa de suas passagens por São Caetano do Sul. Início da década de 60

e sociais - o que de fato interessa aos capitalistas é somente a extração da mais-valia, isto é, o lucro excessivo sobre a exploração da mão-de-obra nacional -, e por isso a região foi palco de todos esses fatos da história brasileira.

Limitar cada vez mais a atuação da classe operária foi, em primeiro plano, o que o regime autoritário providenciou. As mobilizações, porém, não se restringiram às greves: também se traduziram em movimentos de urbanização de favelas, de donas de casa contra a carestia etc. As sociedades amigos de bairro começaram a se organizar para a luta. As pastorais diocesanas contribuíram, e muito, para esse resultado de aglutinação das camadas oprimidas.

A defesa dos direitos e da dignidade da pessoa humana tornou-se o principal objetivo dessa diocese, já que os preceitos da *Doutrina Social* estavam devidamente praticados em todo o catolicismo diocesano. Isso podemos ver neste trecho de um depoimento dado por um membro dos movimentos populares na região:

*(...) os movimentos populares lutando por urbanização das favelas. Primeira coisa que a gente fez: urbanização das favelas (...) Refletindo na Favela da Biquinha, na Vila São José, em São Bernardo do Campo, refletindo o evangelho, julgar através da realidade (...) E lá nós vimos que havia um casal paralítico, que precisava descer para pegar a ambulância, para ir ao médico. Eles precisavam vir na cama carregados, porque ali não havia rua. Então nós, em um domingo, refletimos,*

*formamos uma comissão, mobilizamos os moradores, e, no outro domingo, nós abrimos a rua na enxada. Nós todos. Tudo ali, nós fomos juntos, e os moradores ... Nós não morávamos lá. (...) Começamos a nos mobilizar através de mutirão, um trabalho nosso mesmo (...) Mas descobrimos que não era só pegar e fazer, mas também reivindicar do poder público (...) A obrigação é do poder público (...) Nós fomos descobrindo e aí foi onde nós começamos mesmo na luta popular, no movimento popular; foi através daí (...) E a gente foi descobrindo, fomos fazendo uma coisa, abaixo-assinado, uma outra, enfim ...<sup>5</sup>*

### Bispos diocesanos

D. Jorge Marcos de Oliveira.	(1954-1975)
D. Cláudio Humes	(1975-1998)
D. Décio Pereira	(1998-2003)
D. Nelson Westrupp, Scj.	(2004 -)

#### Notas

1 II Conferência do Episcopado Latino Americano. Realizado em Medellín - Colômbia (1968); III Conferência do Episcopado Latino Americano. Realizado em Puebla - México (1979).

2/3 Pe. Emílio Rubens Chauseraux - Depoimento cedido à autora em Maio de 2002.

4/5 Fátima Araújo - Depoimento dado à autora em Setembro de 2001, em São Bernardo do Campo.

#### Bibliografia

BARROS, Edgard Luiz de. O Brasil de 1945 a 1964. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1992.

\_\_\_\_\_. Os Governos Militares. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1994.

BATISTA, Dulce. (org.). Cidadania e Subjetividade. São Paulo: Imaginário, 1997.

BETO, Frei. O que são Comunidades Eclesiais de Base. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BOFF, Clodovis. "A Influência Política das Co-

munidades Eclesiais de Base." in *Religião e Sociedade*. n.º. 4. (1979), 95-119.

BOFF, Clodovis e BOFF, Leonardo. Como fazer Teologia da Libertação. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

BOFF, Leonardo. *Eclesiologênesis*. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. *E a Igreja se fez Povo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

CATÃO, Francisco. O que é Teologia da Libertação. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COMBLIN, José. "Puebla: Vinte Anos Depois" in *Perspectiva Teológica*. n.º. 31 (1999), 201-222.

FAUSTO, Boris. (org.). *História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano - Sociedade e Política (1930 - 1964)*. vol. 3. São Paulo: Bertrand Brasil, 1993.

FAUSTO, Boris. (org.). *História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano - Economia e Cultura (1930 - 1964)*. vol. 4. São Paulo: Bertrand Brasil, 1993.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 9 ed. São Paulo: Edusp, 2001.

GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. São Paulo: Vozes, 1975.

LISBAUPIN, Ivo. "A Igreja Católica e os Movimentos Populares Urbanos" in *Religião e Sociedade*. n.º. 5 (1980), 190-210.

LONDONO, Fernando Torres. (org.). *Paróquia e Comunidade no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1997.

LUSTOSA, Oscar F. *A Igreja Católica no Brasil República*. São Paulo: Paulinas, 1991.

MANZINE COUVRE, Maria de Lourdes. *O que é Cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MARTINS, Heloísa Helena.T. de Souza. *Igreja e Movimento operário no ABC:1954-1975*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul, 1994.

MENDONÇA, Sônia Regina de e FONTES, Virginia Maria. *História do Brasil Recente (1964 - 1992)*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1996.

MORAIS, João Francisco Régis. *Os Bispos e a Política no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1982.

RODRIGUES, Marly. *A Década de 80*. São Paulo: Ática, 1999.

SADER, Eder. *Quando Novos Personagens entram em Cena*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. "A Caminhada de Medellín a Puebla" in *Perspectiva Teológica*. n.º. 31 (1999), 223-234.

SOUZA, Ney (org.). *Catolicismo em São Paulo: 450 anos da presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004)*. São Paulo: Paulinas, 2004.

TEIXEIRA, Francisco M. e TOTONI, Maria Elisabeth. *História Econômica do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1991.

VILITEZ, Candido Giraldoz. "A Igreja e as Esquerdas na Luta Operária" in *I Congresso de História da Região do Grande ABC*. n.º.1 (1990).

WEFFORT, Francisco. *O Populismo na Política*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

(\*) Maria Gorete Soares Frazão, graduada em História pela Universidade do Grande ABC.



# Atividades culturais e literárias de Dom Jorge Marcos de Oliveira

Hildebrando PAFUNDI (\*)

Nesta pesquisa, os vários aspectos da vida de Dom Jorge Marcos de Oliveira, Bispo Diocesano de Santo André, conhecido como Bispo dos Operários, sua formação religiosa, sua participação nas atividades políticas, na Juventude Operária Católica, nas greves de trabalhadores e passeatas, sua preocupação com a assistência social e as crianças abandonadas, serão citados apenas de passagem, pois o enfoque principal será sua produção literária, em especial a poesia, a prosa em crônicas, os artigos publicados em parte no *Diário do Grande ABC*, e suas atividades no campo da cultura. (De fato, foi ele um dos fundadores da Academia de Letras da Região do ABC, em 1977, e, posteriormente, da Academia de Letras da Grande São Paulo - Algrasp, em 1981.)

Dom Jorge nasceu em dez de novembro de 1915, na cidade do Rio de Janeiro, filho de Carlos José de Oliveira e Angelina Ruffo de Oliveira. Com 13 anos de idade entrou no Seminário São José, no Rio de Janeiro, e mais tarde no Seminário Central do Ipiranga, em São Paulo. Foi ordenado, na Igreja Salete, no Rio, por Dom Sebastião Leme, cardeal brasileiro, em 1940. Em 1946, com 30 anos de idade e seis anos de sacerdócio, o Papa o nomeou Bispo Auxiliar do Cardeal Dom Jaime Câmara, Arcebispo do Rio.

Em agosto de 1954, Dom Jorge Marcos de Oliveira chegava à região como primeiro bispo da nova Diocese de Santo André,

criada pelo Papa, que a desmembrara da Arquidiocese de São Paulo. Tomou posse em 12 de setembro do mesmo ano, e dois anos depois fundou a Associação Lar Menino Jesus para o amparo da criança abandonada. Em 1959, já havia três casas: para meninas, para meninos e para a mãe menor solteira.

Dom Jorge lecionou latim, português, literatura brasileira e visão geral de literatura francesa.

Em entrevistas concedidas a Heloisa Martins e Marita Margas, em 17 de Maio de 1984 e 15 de Junho de 1984, falando a respeito do Seminário Menor de São José, em Paquetá, na década de 30, Dom Jorge disse que se tratou de um período maravilhoso de encontro com a natureza, de solidão, de paz e de gente maravilhosa. Mais adiante falou a respeito de uma natureza bonita ou natureza violenta, porque alguns professores achavam que nunca haveria desenvolvimento intelectual suficiente sem o contato com a natureza como ela é, uma natu-

reza bonita ou uma natureza violenta. Em seguida, ele demonstrou suas preferências literárias: *A natureza do José de Alencar nas praias de Fortaleza ou a natureza do José Lins do Rego com a zona agreste lá no norte e outros também.*

O escritor e jornalista Carlos Heitor Cony, membro da Academia Brasileira de Letras, em palestra na Casa da Palavra, no dia 16 de Abril de 2004, ressaltou que, apesar da diferença de idades, foi colega de Dom Jorge no seminário. Ficaram amigos. Dedicou a Dom Jorge sua palestra sobre cultura no Projeto Filosofia & Cotidiano, dizendo que fez questão de vir a Santo André para visitar o túmulo de Dom Jorge na Igreja do Carmo. Lembrou ainda que conversavam sobre literatura e que Dom Jorge foi o primeiro a falar com ele sobre Shakespeare. *Batizou meus filhos e me deu o primeiro charuto que fumei, enfatizou.*

Em 1975, Dom Jorge se afastou da direção da Diocese, e, na qualidade de Bispo Emérito, fi-

Prefeitos da região do ABC, com Dom Jorge Marcos, em sua residência. Da esquerda para a direita: Francisco Arnoni, prefeito de Ribeirão Pires, Osvaldo Samuel Massei, prefeito de São Caetano do Sul, D. Jorge Marcos, Osvaldo Gimenez, de Santo André e Hélio Bernardi, de Mauá. Ano 1960



Arquivo CED



Dom Jorge Marcos de Oliveira, durante comemoração do dia internacional da JOC, em Santo André, em 1955

cou à disposição de seu sucessor, para substituí-lo sempre que convocado. Em 1983 assumiu a Capela de São José na Vila Assis, em Mauá, onde celebrou sua última missa em 28 de Maio de 1989. Também presidiu o Conselho Deliberativo da Associação Lar Menino Jesus até sua morte.

Dom Jorge participou da fundação da Academia de Letras da Região do ABC, que iniciou suas atividades em três de Agosto de 1977. Ocupou a Cadeira N° 10, que tem como patrono José de Anchieta. Em 1979, publicou, na antologia *Nosso Encontro*, editada por essa academia, os poemas: *O Senhor e as Pedras*, *Oração da Paciência*, *Senhor Jesus*, *Os teus caminhos* e *Viam Nosti*.

Posteriormente, em 11 de Agosto de 1981, foi criada a Academia de Letras da Grande São Paulo, e Dom Jorge, que também aparece como um dos fundadores, optou pela Cadeira 21, que tem como patrono o escritor José Lins do Rego. Segundo o poeta Rinaldo Gissoni, presidente dessa academia, Dom Jorge tinha mais afinidade intelectual com o autor de *Menino de Engenho*, que chegou a conhecer no Rio de Janeiro.

Em uma bela crônica publicada no *Diário do Grande ABC*, em

oito de Abril de 1989, assim se expressa Dom Jorge:

*Não sou saudosista. Mas acho uma felicidade ter-se saudade.*

*Eu tenho saudade de Santo André.*

*Cheguei em 1954.*

*Carro do governador do Estado, carro aberto abrindo caminho, pois no belíssimo Cadillac encontrava-se o Sr. Cardeal Giovanni Adoato, principal figura do Vaticano após o Papa Pio XII.*

*Santo André à tarde. Povo sorridente. Autoridades felizes. Catedral iluminada. Orquestra e coro de várias vozes. Era a solenidade de instalação da nova diocese e a posse do primeiro bispo. E eu era o primeiro bispo.*

Prossegue, ao longo dessa crônica, falando daquela Santo André antiga, do delegado, dos operários, das greves, dos patrões rígidos, dos choques, tiros, coquetéis molotov e gente ferida. Delegado único, amigo de quase todas as famílias. Mais adiante, enfoca as crianças desamparadas: *Às vezes, parece-me que tenho ainda os 39 anos de quando aqui cheguei e me esqueço que dobrei de idade, nestas ruas, nestas praças, lutando, celebrando missas, presidindo casamentos, batizados, pregando, sorrindo nas festas: com a numerosa gente amiga,*

*chorando com eles de dor, vivendo unido às suas esperanças e angústias, rezando e esperando que o melhor aconteça.* Em 1975, entregou a direção da Diocese a Dom Cláudio Hummes, ressaltando nesse mesmo texto: *... esse grande amigo meu e notável bispo que Santo André tem, mas continuarei ao seu lado, aqui.*

No belo poema *Oração do tempo*, escrito em 20 de junho de 1978, Dom Jorge inicia citando Aristóteles: *O tempo é a condição dos movimentos / de acordo com o antes e o depois.* E prossegue:

*Pára relógio,/ pára, depressa! / Não me leve mais,/ assim,/ pra lá e pra cá,/ pra lá e pra cá,/ pendurado no teu pêndulo enorme!.*

Em 1984, quando o regime militar brasileiro completou 20 anos, Dom Jorge escreveu o poema 1964-1984, lembrado e transcrito por Ademir Medici em sua coluna *Memória*, no *Diário do Grande ABC* de 31 de março de 2004. Eis o que escreveu o jornalista: *Dom Jorge Marcos de Oliveira. O sacerdote. O bispo diocesano do Grande ABC. O combativo Dom Jorge. O poeta, o intelectual que pensava o seu tempo. E resistia.* A esse respeito, um ano antes, em Janeiro de 1983, ele já havia publicado, no mesmo jornal, este desabafo: *As nuvens são negras, mas espero que os bons ventos da grande comunidade brasileira impeçam a tempestade de se abater. Espero que todos, por seus esforços, acabem mostrando o céu brasileiro de trabalho, de vitória e de sol, na paz. Políticos de todos os matizes, civis, militares, religiosos, todos têm responsabilidade em formar uma pátria renovada.*

Para Dom Jorge, Cristo não era o *Doce Nazareno* ou o *Meigo Rabi da Galiléia*. Era ... o Jesus

amigo, corajoso, defensor dos pobres, perseguidos, doentes e abandonados: numa palavra, o Senhor a serviço de salvar o homem marginalizado. Essa opinião foi retirada do primeiro de uma série de artigos publicados na coluna *Ponto de Vista*, do *Diário do Grande ABC*, entre 26 de Janeiro e 25 de Março de 1989. Seu último artigo no *Diário*, *Notas sobre a Igreja Católica II*, foi publicado em 11 de Junho de 1989. O texto, de acordo com nota do editor no pé da coluna, encontrado por sua assistente na mesa de trabalho e endereçado a *Ponto de Vista*, foi escrito em 27 de Maio, portanto, um dia antes de sua morte.

Era poeta e prosador de vasta produção, mas de publicação esparsa em jornais, na imprensa religiosa, no verso de fotos de santos, que em geral eram utilizadas como orações. Costumava também escrever em guardanapo, como recordou Ademir Medici na coluna *Memória*, de 13 de Março de 2003, com o título *Dom Jorge em Águas de São Pedro*: “Naquela dia, 27 de Junho de 1985, enquanto aguardava a refeição, Dom Jorge apanhou do guardanapo à sua frente e escreveu:

Senhor.  
Todos os dias,  
Um guardanapo,  
Irmão deste,  
Enfeitava o copo que estava à  
minha disposição...

Em um levantamento inicial para uma futura publicação em livro, a Irmã Maria Miele localizou 48 textos, alguns sem data, mas outros escritos entre Janeiro de 1963 e Agosto de 1987.

Dom Jorge tinha um carinho especial com a imprensa. Vejam esta pequena crônica, em forma de oração:

Senhor, olha comigo, o prédio  
sole do Grande Diário, o nosso

jornal do ABC.

*E olha comigo as páginas, páginas amarelecidas dos velhos jornais ainda atuais.*

*Vejo esperanças que se realizaram, frutificaram e se multiplicaram...*

*E Tu, Senhor, que vês?*

*Vejo saudades antecipadas nos prenúncios que folhas misteriosas bordadas de tipos negros descobriram antes do tempo... E Tu, Senhor?*

*Vejo amigos correndo, lutando, gritando, discutindo a vida que tratam para plantar no jornal...*

*Vejo-os felizes, contentes, tristes ou doentes, nos escritórios, nos porões, em telefones, telex, rádios, computadores, máquinas que cantam, assobiam ou roncam nas impressões...*

*Tu os vês, Senhor? Eu lhes quero tanto bem!*

*E Tu Senhor?*

*Olho, feliz, Senhor para as páginas de hoje, com suas mensagens comparadas ao ontem, adivinhando o amanhã e te peço, confiante, para que os amigos que no Diário continuam tuas bênçãos que aperfeiçoam, que santificam, que protegem.*

*E para os amigos que do Diário já chamaste, tua paz é recompensa eterna. Amém.*

Dom Jorge faleceu em 28 de Maio de 1989, aos 73 anos, de ataque cardíaco, e foi sepultado dentro da Catedral do Carmo, durante missa celebrada pelo Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Evaristo Arns. Em 19 de Setembro de 1991, o Museu de Santo André inaugurou a exposição *D. Jorge: um bispo do ABC*: pela primeira vez o acervo do *Bispo dos Operários* era exposto ao público.

Neste ano Jubilar, em 28 de Maio de 2004, completar-se-á o décimo quinto ano da morte do

primeiro Bispo Diocesano, que nos deixou para habitar a casa do Pai.

**CRONOLOGIA** - Dez de Novembro de 1915: nascimento - Rio de Janeiro; oito de Dezembro de 1940: ordenação sacerdotal; 27 de Outubro de 1946: sagração episcopal - Bispo Auxiliar, RJ; 12 de Agosto de 1954: nomeado primeiro Bispo de Santo André; 12 de Setembro de 1954: instalação da diocese; 24 de Outubro de 1954: entrada solene em Santo André; 28 de Fevereiro de 1956: funda a Associação Lar Menino Jesus; 30 de Dezembro de 1975: renuncia à Diocese, tornando-se Bispo Emérito; 28 de Maio de 1989: falecimento.

#### BIBLIOGRAFIA

Nosso Encontro, antologia. Publicação da Academia de Letras da Região do ABC, 1979;  
Revista Tamisa No.2, editada pela Academia de Letras da Grande São Paulo em 2001;  
Revista Tamisa No.3, editada pela Academia de Letras da Grande São Paulo em 2002;  
Arquivos do Museu de Santo André;  
Arquivos da Academia de Letras da Grande São Paulo e  
Arquivos da Associação Lar Menino Jesus.

#### AGRADECIMENTOS

Ao jornalista e escritor Ademir Medici, titular da coluna *Memória*- Caderno Setecidades do *Diário do Grande ABC*;  
José Duda Costa, memorialista e poeta;  
José Marquez, jornalista e escritor, autor da biografia inédita, *Dom Jorge, o Bispo dos Operários*;  
Equipe do Museu de Santo André;  
Irmã Maria Miele, responsável administrativa da Associação Lar Menino Jesus e responsável pelo acervo cultural e religioso de Dom Jorge Marcos de Oliveira.

(\*) Hildebrando Pafundi é jornalista, escritor e assessor de imprensa do Consórcio Intermunicipal Grande ABC. Autor do livro *Tramas & dramas da vida urbana*. hpafundi@ig.com.br

# Núcleo de Convivência Menino Jesus: herança de Dom Jorge em São Caetano

Viviane Campos SEVERINO (\*)

O Núcleo de Convivência Menino Jesus foi fundado em 26 de Abril de 1995, com sede em São Caetano do Sul, na Rua Justino Paixão, 45. Porém sua origem é uma extensão da Associação Lar Menino Jesus de Santo André, entidade criada por Dom Jorge Marcos de Oliveira. Em 28 de Fevereiro de 1956, o Centro Social São Caetano instalou-se na cidade. No ano de 1959, situado na Rua Senador Roberto Simonsen, começou a atender meninos, em regime de internato, com o nome de Casa São Caetano. Mas em 1969 veio a mudança para semi-internato, atendendo crianças de ambos os sexos. Ainda em 1969, foi iniciada a construção da nova casa, onde a entidade está situada hoje. Com o apoio da Prefeitura, que doou o terreno, do Rotary e da população de classe média, foi construído um prédio de amplas instalações, que passou a abrigar os atendidos em 25 de Janeiro de 1973, com o nome de Centro Social São Caetano.

Muitos foram os períodos de di-



Vista externa do Núcleo de Convivência Menino Jesus. Maio de 2004

Fundação Pro-Memória

ficuldade, alguns deles contando apenas com trabalho voluntário, para manter o Centro. Após 20 anos de trabalho prestados à comunidade, as dificuldades financeiras obrigavam a Associação Lar Menino Jesus a adotar gerência conjunta em São Caetano. Nos anos de 1993 e 1994, o amadurecimento natural culminou na emancipação da Casa, que aconteceu em Abril de 1995. Criou-se então o Núcleo de Convivência Menino Jesus, com estatuto próprio, gerenciado por uma Diretoria Executiva

e um Conselho Fiscal.

Hoje o Núcleo atende 112 crianças e adolescentes, entre sete e 14 anos. O prédio de dois andares, com 7.500 metros quadrados, sendo 1.845 metros de área construída e o restante ocupado por um jardim, um playground e uma área de locação, com benefício revertido para a entidade. No andar superior concentram-se salas para oficinas, uma pequena capela montada em um dos dormitórios, e banheiros. No térreo estão distribuídos a lavanderia, a cozinha, o refeitório, o almoxarifado, as oficinas de manutenção e salas para várias atividades. Ainda no térreo, além do jardim e do playground, estão uma área livre gramada e um pátio coberto.

São oferecidos hoje vários cursos e oficinas. Através do Convênio Espaço Amigo, parceria entre governos municipal e estadual, são promovidas oficinas de dança, musicalização, artes plásticas, reciclagem etc. Além disso, há parceiros específicos em alguns projetos, como é o caso da Associação Régua e Compasso de Santo André (primeira parceria inter-institucional), que



Crianças atendidas no Núcleo de Convivência em atividades lúdicas no pátio interno. Ano de 2003

colabora com a oficina de percussão. Além da Prefeitura, outro parceiro contribui com a alimentação: a Fundação Salvador Arena, que expande a ajuda para as famílias das crianças. Um professor da Prefeitura ministra as aulas de educação física. Outro curso que aguarda um profissional é o de informática, que hoje é dado com orientação dos profissionais da casa.

Os voluntários sempre colaboraram com a entidade. Amigos, comunidade e empresários. Um grupo formado por senhoras (as chamadas *arteiras*) e pela diretora confecciona produtos artesanais e promove bazares com renda revertida para o Núcleo. Além dos voluntários, sempre com trabalho destacado, universitários da região também colaboram, em regime de estágio ou não.

Atender as necessidades básicas é a primeira grande meta, como destaca a diretora Vera Lúcia Contesini. *Se eles não conseguirem bancar uma alimentação de qualidade, não adianta nem ter uma instituição aberta.* A diretoria, segundo Vera, sempre foi muito atenta a essa questão. Espaço físico adequado, saúde e higiene também estão entre as prioridades, além do suporte para as famílias, que muitas vezes estão em situação de risco.

A diretora ressalta a constante

Oficina de reciclagem de papel do Núcleo de Convivência em plena atividade. Maio de 2004



Fundação Pró-Memória

Fundação Pró-Memória



Alunos do Núcleo de Convivência na aula de percussão, realizada no pátio externo. Maio de 2004

busca de parceiros para melhorar e estender o atendimento da entidade, que hoje tem uma demanda de 90 inscritos. *Onde mora a grande dificuldade: é nos recur-*

*sos financeiros ... Para manter não só as necessidades básicas.* A diretora quer oferecer sempre o melhor, buscando a socialização e a interação, muitas vezes ameaçadas. *A instituição tem de ser um espaço sócioeducativo.* O Núcleo trabalha hoje com seis projetos, junto a diferentes associações e ao poder público, com o objetivo de ampliar recursos e atender cada vez mais crianças e adolescentes, desenvolvendo e favorecendo a construção da cidadania desses jovens.

(\*) Viviane Campos Severino é estagiária na Fundação Pró-Memória e estudante de Jornalismo do IMES – Instituto Municipal de Ensino Superior

Núcleo de Convivência Memória de Jesus



Diretores, professores, funcionários e voluntários participam de uma feijoada beneficente. Ano de 2002

# Apoio do bispo aos operários no ABC paulista (1980)

Ney de SOUZA (\*)

Uma das grandes atividades de D. Cláudio Hummes no ABC foi o seu apoio e presença junto aos operários. O atual cardeal de São Paulo, bispo da Igreja Católica de Santo André de 1975 a 1996, teve importante atuação durante o desenvolvimento da greve de 1980 no ABC paulista. Esse fato se traduz de maneira especial no seu *Relatório aos bispos: Presença da Igreja na greve dos metalúrgicos do ABC em 1980*. No texto, que tem nove itens, D. Cláudio explica os motivos do Relatório e principalmente o apoio da Igreja aos operários.

*Como poderia a Igreja ficar alheia? Todo seu povo estava envolvido. Este é o primeiro aspecto para compreender a presença da Igreja na greve. O que não significa que não deva estar presente eventualmente em greves de menor porte, já que o número não é o único nem o decisivo argumento de sua presença. Sobre o método da greve, afirmava o bispo que foram métodos pacíficos. Em primeiro lugar, os metalúrgicos, antes de recorrer ao extremo da greve, tentaram na mesa da negociação conseguir dos empresários o que reivindicavam. Mas nada. Nenhuma reivindicação foi aceita. Ainda no dia antes da declaração da greve, houve uma reunião de várias horas com os empresários.*

Ainda relata D. Cláudio que durante a greve, *que durou aqueles longos 42 dias, com repressão policial e militar nunca vista, apesar de toda parafernália dessa repressão, provocação e atos ilegais da parte das forças repressoras, em nenhum momento as lideranças incitaram*



Dom Cláudio Hummes  
22 de Dezembro de 1979

*os 200 mil trabalhadores metalúrgicos a usar da violência para ganhar a greve. Ao contrário, a pregação constante deles, como também minha na qualidade de bispo diocesano, era que não se aceitasse provocação, não se agredisse a propriedade de quem quer que seja, não se fizesse nenhuma desordem. E isso foi obedecido até o fim, com exceção de pequenos incidentes particulares, às vezes inclusive provocados por quem não era metalúrgico. Essa é a verdade. Essa é também a glória dos metalúrgicos, que mostraram dignidade, altura, coragem e responsabilidade patriótica. Só quem viveu esses 42 dias sabe o que eles significaram.*

No Relatório, o bispo também escreve sobre o apoio da Igreja à greve. *A Igreja apoiou a greve dos metalúrgicos porque suas reivindicações eram justas e seus métodos*

*pacíficos. Em seguida, D. Cláudio relata em que consistiu o apoio da Igreja: 1) pronunciamentos declarando o apoio e suas razões; 2) oferecendo espaços para reuniões dos trabalhadores depois da intervenção federal dos sindicatos e a interdição dos locais públicos para assembleias dos metalúrgicos. Ofereciam-se num primeiro momento as dependências das paróquias, exceto templos. Só quando essas dependências não serviam, como último recurso ofereciam-se também os templos. Esse último recurso foi usado, sobretudo em São Bernardo do Campo, onde também por sua vez os trabalhadores respeitaram com muita dignidade o interior do templo, sem qualquer abuso. Quem não respeitou foi a repressão, que invadiu a nave da igreja e acabou prendendo um sindicalista dentro da sacristia. Eu mesmo estive presente praticamente em todas as assembleias dentro da igreja, e posso testemunhar que os trabalhadores agiram dentro da igreja com suficiente respeito e dignidade; além do mais era um povo oprimido que clamava também diante de Deus por maior justiça e respeito.*

O apoio ainda consistiu na presença constante de D. Cláudio, que comunicou ao secretário de Segurança de São Paulo que, ele, bispo, se fazia presente em todas as assembleias. O secretário respondeu que na sua opinião isso de fato deveria acontecer para evitar uma violência maior. *É claro que não estava presente porque o Secretário de Segurança julgava importante minha presença, mas porque via nisso minha obrigação evangélica de pastor. E isso não significava que me tornava um sindicalista, porque*



Dom Cláudio Hummes durante a missa celebrada, em agosto de 1980, na Cadeia Pública de São Caetano do Sul

*não assumi nenhuma liderança.* Suas afirmações no Relatório sobre o apoio ainda afirmam que a igreja oferecia um serviço de reflexão e evangelização e oferecia as paróquias como postos de arrecadação de fundos e mantimentos para as famílias dos grevistas que passavam necessidades em consequência da greve. D. Cláudio afirmava que a igreja nunca havia incentivado a greve. O verdadeiro e único incentivador fora o baixo salário mínimo do governo, portanto, a pobreza produzida pelo sistema.

Na metade do documento o bispo afirma que a greve recebeu um grande apoio proveniente de fora do ABC. *No que tange à greve, a repressão conseguiu que não hou-*

*vesse em todo o país nenhuma greve de solidariedade, mas não conseguiu evitar que todo o país se movesse e se organizasse em solidariedade através de coleta de fundos e de pronunciamentos favoráveis à greve. No que tange à Igreja, tentou isolá-la no início declarando que não se tratava da Igreja no Brasil, mas de uma ação isolada e ilegítima do bispo de Santo André. Tanto maior foi a irritação das áreas governamentais quando surgiu o apoio total e forte do Cardeal Arns, bem como da CNBB. Então o governo declarou que a CNBB não é a Igreja e que o cardeal incitava a greve.*

O então bispo de Santo André se perguntava em seu Relatório: Mi-

*nha pergunta é: como é possível indiciar na LSN (Lei de Segurança Nacional) homens (os diretores sindicais) que nunca fizeram ou comandaram violência, seja contra pessoas seja contra propriedade alheia, e cujo único crime é terem liderado uma greve (com respaldo na Constituição Brasileira) e terem lutado pelos direitos de quem sofre a pobreza, fome, a favela, a humilhação no trabalho? Pessoas que lutaram pacificamente pelos direitos dos outros não podem ser criminosos!. O bispo termina e assina seu Relatório, no dia 12 de Setembro de 1980, com essa afirmação: quero agradecer profundamente a todos que apoiaram de uma ou outra forma a greve dos metalúrgicos e a Igreja do ABC no seu sofrimento em favor dos trabalhadores.*

Neste ano de 2004 a Diocese de Santo André celebra 50 anos de sua instalação. Dentre tantos acontecimentos importantes na vida desta igreja particular, nestes anos de evangelização, se relatou um deles: o catolicismo junto com os operários. Ato profético que não foi individual, mas ato comunitário daqueles que anunciam e testemunham a sua fé de maneira concreta em seus gestos de solidariedade e amor ao próximo.

#### BIBLIOGRAFIA

- Relatório de D. Cláudio Hummes. Santo André, 1980, 13 p.  
 ALVES, M. M. A Igreja e a política no Brasil. São Paulo, 1979.  
 DEAN, W. A industrialização de São Paulo. Rio de Janeiro, 1994.  
 LENHARO, A. A sacralização da política. Petrópolis, 1985.  
 SOUZA, Ney de. Catolicismo em São Paulo. 450 anos da presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004). São Paulo: Paulinas, 2004.

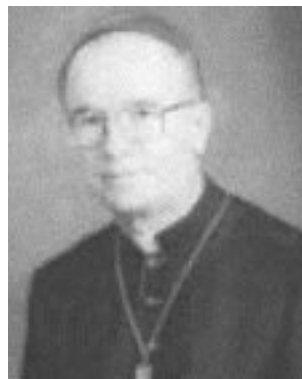
(\*) Ney de Souza, doutor em História pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma (registro USP)



Dom Cláudio Hummes, na Igreja Nossa Senhora da Candelária, em quatro de Maio de 1985

# *Dados biográficos dos bispos da Diocese de Santo André (1954/2004)*

**Dom Jorge Marcos de Oliveira**  
(Primeiro Bispo Diocesano)



Nascimento: 10 de Novembro de 1915, no Rio de Janeiro.

Fez seus estudos no Rio de Janeiro (Seminário São José) e em São Paulo (Seminário Central da Imaculada Conceição, Bairro Ipiranga).

Ordenação sacerdotal: oito de Dezembro de 1940.

Sagração episcopal como Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro: 27 de Outubro de 1946.

Seu lema: Tudo em Cristo

Nomeado como primeiro bispo de Santo André: 12 de Agosto de 1954.

Instalação da Diocese: 12 de Setembro de 1954.

Entrada solene na Diocese: 24 de Outubro de 1954.

Funda a Associação Lar Menino Jesus: 28 de Fevereiro de 1956.

Renuncia e passa a ser Bispo Emérito: 30 de Dezembro de 1975.

Falecimento: 28 de Maio de 1989.

**Dom Cláudio Hummes, OFM**  
(Segundo Bispo Diocesano)

Dom Cláudio Hummes, atual Cardeal Arcebispo de São Paulo, nasceu no dia oito de Agosto de 1934, no Município de Montenegro, Rio Grande do Sul. Filho de Pedro Adão Hummes e Maria Frank Hummes, ambos já falecidos.

Depois dos estudos secundários no Seminário Seráfico São Francisco de Assis, em Taquari, Rio Grande

do Sul (1944/1951), ingressou na Ordem dos Frades Menores, na Província de São Francisco de Assis, em Porto Alegre, Brasil, no dia primeiro de Fevereiro de 1952. Emitiu a profissão solene no dia dois de Fevereiro de 1956. Frequentou o Curso de Filosofia em Daltro Filho, RS, e o de Teologia no Teologado de Divinópolis, MG. Foi ordenado sacerdote por Dom João Resende Costa, Arcebispo de Belo Horizonte, em três de Agosto de 1958. Em 1959, matriculou-se no Pontifício Ateneo Antonino, em Roma, onde colou grau de licenciatura e, após o curso de pós-graduação, grau de doutorado em Filosofia (1959/1963). Voltando ao Brasil, dedicou-se ao ensino de filosofia em Daltro Filho (1963/1968). De 1965 a 1968 trabalhou como perito no setor de Ecumenismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Em 1968 fez um curso de especialização em Ecumenismo no Instituto Ecumênico de Bossey, em Genebra, Suíça.

Foi diretor da Faculdade de Filosofia da Imaculada Conceição de Viamão (1969/1972) e assumiu uma cátedra na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (1972/1975). Em 1972, foi eleito Ministro Provincial de sua Província, e foi também presidente da União das Conferências Franciscanas da América Latina (Uclaf), no biênio 1973/1974.

No dia 22 de Março de 1975, foi nomeado Bispo Coadjutor de Santo André, recebendo a ordenação Episcopal em Porto Alegre, no dia 22 de Maio de 1975. Em Dezembro do mesmo ano assumiu como bispo diocesano a Diocese de Santo André. No dia 29 de Maio de 1996 foi promovido à Sede Arquiepiscopal de Fortaleza. E, no dia 15 de Abril de 1998, foi nomeado Arcebispo de São Paulo. Seu lema Episcopal é: Sois todos irmãos.



## Dom Décio Pereira

(Terceiro Bispo Diocesano)



Nascimento: São Paulo - 15 de Abril de 1940. Filho de Henrique Pereira e Zilda Pereira (ambos falecidos).

Ordenação presbiteral: São Paulo - 22 de Janeiro de 1967.

Nomeação episcopal: quatro de Abril de 1979.

Ordenação episcopal em Roma, pelo Papa João Paulo II: 27 de Maio de 1979.

Nomeado como terceiro bispo para a Diocese de Santo André: posse em 29 de Junho de 1997.

Estudos: primeiro grau no Seminário Menor em São Paulo (1947/1954); segundo grau no Seminário Menor da Arquidiocese em São Roque (1955/1959). Filosofia no Seminário Maior Central de Aparecida (1960/1962); Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália (1962/1966).

Seu lema: Para que todos tenham vida.

Atividades antes do Episcopado: Vigário Paroquial na Paróquia Nossa Senhora da Penha, em São Paulo, 1967/1971; Pároco na Paróquia Imaculado Coração de Maria, em Perdizes, São Paulo (1971/1979); Pároco na Paróquia Universitária da Arquidiocese de São Paulo (1975/1979); Chanceler do Arcebispado (1975/1979); Diretor Arquidiocesano de Ensino Religioso (1973/1979).

Atividades como bispo: Bispo Auxiliar da Região Sé, em São Paulo; Bispo Auxiliar na Região Belém, São Paulo; responsável pela Catequese e Ensino Religioso Escolar na Arquidiocese de São Paulo; Bispo Acompanhante da Catequese no Regional Sul 1 e da Comissão de Ecumenismo do Regional 1.

Falecimento: cinco de Fevereiro de 2003.

## Dom Nelson Westrupp, SCJ

(Quarto Bispo Diocesano)

Nascimento: 11 de Setembro de 1939, em Imaruí, San-



ta Catarina.

Filiação: Apolônio Westrupp e Leonila Berkenbrock.

Ordenação Presbiteral: Brusque, Santa Catarina, dia 28 de Junho de 1964.

Nomeação episcopal: 11 de Maio de 1991.

Ordenação episcopal em São José dos Campos: 20 de Julho de 1991.

Nomeação para a Diocese de Santo André: primeiro de Outubro de 2003.

Posse na Diocese de Santo André: 29 de Novembro de 2003.

Dom Nelson é o atual presidente do Conselho Episcopal do Regional Sul 1 da CNBB.

Lema da vida religiosa: Tudo posso naquilo que me fortalece (Fl. 4,13)

Lema sacerdotal: Pela graça de Deus sou o que sou (1Cor 15,10)

Lema episcopal: Sem mim nada podeis (Jo 15,5)

Estudos: primeiro grau em São Luiz (Imaruí) e Rio Negro, Paraná. Segundo grau em Corupá, Santa Catarina. Filosofia: Brusque, em Santa Catarina. Teologia: Taubaté, em São Paulo.

Especialização: Filosofia e Doutorado em Filosofia: Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino, Roma, Itália.

Atividades antes do episcopado: Reitor do Convento Sagrado Coração de Jesus, em Brusque, Santa Catarina. Professor de Filosofia na Fundação Educacional de Brusque, Santa Catarina. Reitor do Colégio Internacional Leão Dehon, em Roma, Itália. Conselheiro Geral da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Assistente Espiritual de Equipes de Nossa Senhora.

Atividades como Bispo: Membro da Comissão Representativa Regional Sul 1. Coordenador da Sub-Regional de Aparecida. Responsável pela Dimensão Bíblico-Catequética no Regional Sul 1.

Escrito de sua autoria: O Fundamento da Moral no pensamento de M. F. Sciacca.

*(Informações fornecidas pela Diocese de Santo André através do Chanceler do Bispado Padre Décio Rocco)*

# *Igrejas Católicas do Município*

Alexandre Toler RUSSO (\*)

Quando o bispo Dom Jorge Marcos de Oliveira chegou a Santo André, a região do ABC contava com apenas 12 paróquias. Hoje existem 79 paróquias, sendo 34 em Santo André, 18 em São Bernardo, 11 em São Caetano, seis em Diadema, sete em Mauá, duas em Ribeirão Pires e uma em Rio Grande da Serra.

As paróquias da Diocese de Santo André, localizadas em São Caetano do Sul, são as seguintes: Nossa Senhora Aparecida (Bairro Barcelona), Nossa Senhora da Candelária (Bairro Oswaldo Cruz), Nossa Senhora das Graças (Bairro Nova Gerte), Nossa Senhora da Prosperidade (Bairro Prosperidade), Sagrada Família (Centro), Sagrado Coração de Jesus (Bairro São José), Santo Antonio (Jardim São Caetano), São Bento (Bairro Olímpico), São Caetano (Bairro Fundação), São Francisco de Assis (Bairro Santa Maria) e São João Batista (Bairro Santa Paula).

A seguir um breve relato da história das 11 paróquias do Município de São Caetano do Sul.

## **Paróquia São Caetano (Matriz Velha)**

Em 1717, os monges beneditinos iniciaram a construção de uma capela dedicada a São Caetano. Ficava no mesmo lugar em que hoje se encontra a Paróquia São Caetano (Matriz Velha). Em 1772, profunda reforma foi empreendida, sendo instalados coro, capela-mor, sacristia, torre e sino. Nos séculos XVIII e XIX, missas eram rezadas, todos os domingos, para os moradores do



Bairro de São Caetano e para os escravos da fazenda dos monges beneditinos. Na capela também eram realizados sepultamentos.

No final do século passado, os imigrantes italianos que vieram para o Núcleo Colonial de São Caetano de-

pararam-se com o pequeno local de culto. Em 1883, demoliram a capela e construíram a igreja conhecida, hoje em dia, por Matriz Velha.

Até o ano de 1911, quando foi instalada a Paróquia de Santo André, os habitantes de São Caetano não dispunham de assistência religiosa satisfatória. A partir dessa data, contudo, o padre Luiz Capra, sempre aos domingos, passou a celebrar missas no templo erguido pelos colonos. Em Março de 1924, finalmente, foi constituída a Paróquia São Caetano, confiada aos padres estigmatinos. O primeiro vigário foi o padre João Batista Pelanda. O coadjutor era o padre Alexandre Grigolli.

Em 1946, a igreja foi contemplada com um altar feito de mármore - trabalho de Garbarino Giácomo Filho.

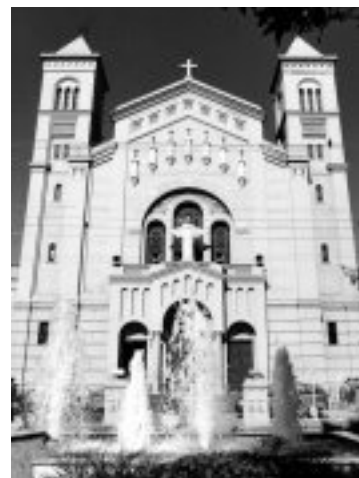
## **Matriz Sagrada Família**

O crescimento da população de São Caetano exigia a criação de um templo de maiores proporções. De fato, a igreja do Bairro da Fundação, construída pelos colonos, já não podia comportar o grande número de fiéis da cidade. Desse modo, em 1932 já estavam em andamento os trabalhos para a construção da Igreja Sagrada Família.

Em 1936, o serviço estava terminado.

Os idealizadores da chamada Matriz Nova foram os padres José Tondim e Alexandre Grigolli. O erguimento do templo, contudo, só foi possível graças à colaboração dos cidadãos locais, das indústrias e do comércio. A conclusão das obras ocorreu na época em que padre Ézio Gislimberti comandava a paróquia. A decoração interna foi executada pelos pintores Pedro Gentili e Ulderico Gentili.

Atualmente, o pároco da Igreja Sagrada Família é o padre José Antônio Mainardi. O antigo pároco, padre Primo, foi transferido para Ribeirão Preto. Em realidade, explica o responsável pela Matriz Nova, a Igreja Sagrada Família está sob a direção dos estigmatinos



(...) É o superior dessa congregação que determina o local de trabalho dos sacerdotes.

Mesmo pertencendo à Congregação, padre José Antônio Mainardi deve agir de acordo com o bispo de Santo André. Isso se deve ao fato de que a igreja do centro de São Caetano faz parte da Diocese de Santo André. *Devemos obediência ao Plano Pastoral Diocesano da Diocese de Santo André (...) Esta igreja (Sagrada Família) faz parte da Diocese de Santo André, e foi apenas confiada aos estigmatinos.*

## Paróquia Nossa Senhora da Candelária

A igreja do Bairro Oswaldo Cruz nasceu como uma capela. Em 1923, Ermínio Moma e Bartolomeu Ferrero Filho obtiveram, junto aos irmãos



Gonzagas, a doação de um terreno para a construção de uma capela. Não demorou muito e um Santuário maior foi construído. Em 29 de Junho de 1953, finalmente, a Igreja Nossa Senhora da Candelária foi transformada em paróquia. O primeiro pároco foi frei Leandro Benvegno e o atual é o padre David Vantroba.

O memorialista Ademir Medici, em *Migração e Urbanização*, colheu depoimentos de antigos moradores do bairro a respeito da história da igreja. Segundo Maria Benedetti – uma das entrevistadas –, Ermínio Moma e Bartolomeu Ferrero Filho convenceram os Gonzagas a construir a capela local. Terminada a obra, as missas passaram a ser realizadas, uma vez a cada mês, por padre Alexandre Grigolli.

Outro aspecto que envolve a história desse santuário, remontando a um tempo longínquo, é o relatado pelo historiador José de Souza Martins. De acordo com o estudioso, a cruz dos beneditinos foi um marco colocado nas cabeceiras do córrego Tinga, nas redondezas de onde está hoje a Igreja da Candelária. Assinalava os limites da Fazenda de São Caetano com seus vizinhos do Bairro de São Caetano (O Bairro de São Caetano no censo de 1765 in Raízes, ano II, nº 3).

## Paróquia São João Batista

A Paróquia São João Batista, criada em 26 de Janeiro

de 1959, teve origem na instalação de um cruzeiro no local em que hoje está o templo. Fincada a cruz, construiu-se, para abrigá-la, a Capela Santa Joana D'Arc. Padre José Caruso passou a responder pelo lugar. Todavia, foi sob a orientação do padre Lineo Bincelli que se iniciou, ao redor da capela,



a construção da igreja atual. A escolha do nome de São João Batista foi um pedido de Marina Giacomini, doadora do terreno em que se encontra o estabelecimento religioso. Desde 1929, porém, existia, entre os moradores de Vila Paula, a intenção de se erguer um templo em homenagem a São João Batista. Há, de fato, uma carta, datada de cinco de Fevereiro de 1929, endereçada ao então secretário geral do arcebispo, João Américo Paine, na qual os moradores solicitavam a presença do arcebispo para que ele verificasse o terreno destinado à construção da igreja. Conforme o texto, os habitantes de Vila Paula já haviam conversado com o clérigo, que prometera vir pessoalmente inspecionar a área. A população aguardava com ansiedade a visita do sacerdote.

## Paróquia Sagrado Coração de Jesus

A criação da Paróquia Sagrado Coração de Jesus está relacionada a uma antiga história do Bairro São José. Na década de 40, a menina Neves Nascimento Ribeiro, morta de tétano aos 11 anos de idade, teria pedido a sua mãe, em sessão espírita, para que lhe fosse erguida uma capela. Também teria dito que estava aprendendo a fazer milagres com Nossa Senhora. De acordo com os moradores locais, maravilhas começaram a acontecer dias depois.

Em 1948, os pais da garota doaram terreno de 18x30 metros para a construção da igreja do bairro. O pai de Neves, Adelino Ribeiro, morreu em 1951, ano em que as paredes da igreja prometida à filha estavam



sendo erguidas. Rosalina, a esposa, deu continuidade ao empreendimento. Recebeu ajuda de toda a coletividade que, em esquema de mutirão, ergueu o templo que hoje se encontra na Rua Padre Mororó. Em dez de Setembro de 1955, a igreja foi elevada à condição de Paróquia. O primeiro pároco foi Carlos Fabbrini e o atual é o padre Wladislaw Simosiewicz.

## Paróquia Nossa Senhora das Graças

O Bairro Nova Gerte, no tocante à formação étnica, tem história bastante peculiar. Estreitamente ligada com a Vila Palmares, em Santo André, a região recebeu,

a partir dos anos 40 e 50, inúmeros migrantes de diversas partes do Brasil (sobretudo do Nordeste). Era a época em que se fixavam no país as indústrias automobilísticas e de autopeças, e por isso a necessidade de mão-de-obra era grande.

A Paróquia Nossa Senhora das Graças surgiu nesse contexto, em 12 de Março de 1955, quando, ainda capela, foi desmembrada da Paróquia Nossa Senhora da Candelária. (O primeiro pároco foi o padre Longino Vastbinder, e o atual é o padre Ernesto Cozer.) O catolicismo, contudo, não é a única orientação religiosa do lugar. Em realidade, os vários costumes dos migrantes, somados à fé dos italianos e descendentes, já haviam encontrado expressão na criação do Centro Espírita Irmã Tereza – mantenedor do Abrigo Irmã Tereza à Velhice Desamparada -, criado em 1949. Enfim, convivem pacificamente, no bairro, os mais diversos credos.

## Paróquia Nossa Senhora Aparecida

Na década de 30, época em que ainda não havia templo no Bairro Barcelona, um grupo de católicos percorria as casas para rezar o terço. A religiosidade da população local também foi demonstrada, anos depois, na Campanha do Metro, quando a comunidade se juntou no intuito de adquirir terreno para erguer uma igreja. De fato, em 1949, em área de 536m<sup>2</sup> obtida junto a Celso Marchesan e Vacano Buzato, na Rua Particular

(atual Rua Nossa Senhora de Aparecida), foi erigida a Capela de Nossa Senhora Aparecida.

Passados quase cinco anos, mais precisamente em Março de 1954, o povo, novamente reunido, comprou terreno de 1500m<sup>2</sup> – propriedade de Eugênio Primo Morelato – a fim de construir uma nova capela. Inaugurada em Setembro, era menor que a anterior. Em 1954, o padre Canísio Van Herkhuizen tomou posse como primeiro vigário do bairro. No ano seguinte, a Prefeitura doou à igreja uma área de 1000 m<sup>2</sup>. Em Outubro de 1956, chegou a imagem de Nossa Senhora Aparecida. A coordenação do santuário ficou a cargo dos padres Canísio Van Herkhuizen e Jorge Nogueira, que se revezaram no comando até a vinda do padre Olavo Paes de Barros Filho. (Este sacerdote popularizou, nos anos 70, a procissão de Corpus Christi, costume iniciado em 1973, época em que foi criada a atual igreja do Bairro Barcelona no terreno doado pela Prefeitura em 1955.) O atual pároco é o padre Geraldo Vicente Voltolini.



## Paróquia São Francisco de Assis

O primeiro impulso para a construção da igreja do Bairro Santa Maria foi uma missa, que teve lugar entre as ruas João Galego e São Caetano, em 1959. No

ano seguinte, começou a ser construída a Paróquia São Francisco de Assis. Em 1968, porém, as instalações foram parcialmente destruídas por um incêndio. A reconstrução foi imediata. O primeiro pároco foi padre Jorge Nogueira e o atual é o padre Vanderlei Nunes.



## Paróquia Nossa Senhora da Prosperidade

Fundada em 1954, a Paróquia Nossa Senhora da

Prosperidade foi construída a partir de um movimento popular. Lê-se, no semanário *Folha do Povo*, de 23 de Novembro de 1951, que a igreja, ainda



em construção no início dos anos 50, não pôde abrigar a imagem da padroeira do bairro, trasladada do Vaticano por Sílvio Arnese. Até o erguimento do templo, a escultura era acolhida, em revezamento, pelas famílias católicas locais. O transporte da estatueta era feito em procissões.

Em realidade, a inauguração da igreja deu-se dois anos antes de sua fundação. Com efeito, em 14 de Setembro de 1952, um domingo, os moradores de Vila Prosperidade saíram às ruas no intuito de comemorar a data.

Ademir Médici, no livro *Migração e Urbanização*, fez uso do depoimento de Nair Basqueta, antiga moradora local, a fim de tornar mais clara a história da origem do templo. Segundo ela, antes da criação da paróquia, vários padres deslocavam-se até o bairro para celebrar missas. Entre eles, padre Renato Angelucci, de Utinga, e padre Dario. A primeira visita do bispo Dom Jorge Marcos de Oliveira à igreja foi em 27 de Outubro de 1954. Logo depois, em 16 de Novembro, foi criada a paróquia, tendo sido nomeado como vigário o padre José Benedito Antunes.

Ainda de acordo com Nair Basqueta, passaram pelo templo os padres Roque (que ali ficou por 16 anos) e Gregório, além de frei Francisco. Após a saída deste último, foi organizada a Associação Nossa Senhora da Prosperidade. Em 13 de Setembro de 1978, vieram os Filhos de São José. Passados quatro anos, assumiu o padre Antônio dos Anjos Salvador. Em 1986, a paróquia de Vila Prosperidade recebeu coordenação da Congregação das Irmãs da Providência, que permanecem na função até hoje. O pároco atual é o padre João Bosco dos Santos.

## Paróquia São Bento

O surgimento da igreja do Bairro Olímpico está diretamente vinculado à criação da Associação Católica São Bento, em primeiro de Março de 1962. Os objetivos da congregação eram os de providenciar a construção do

templo local e prestar assistência às famílias pobres. Dessa forma, deu-se início ao erguimento de uma capela (cinco



metros de frente por oito de fundo) que, posteriormente destruída, deu lugar a uma igreja maior. Esse santuário, por sua vez, cedeu espaço a outro de proporções mais avantajadas, isto é, ao que pode ser visto hoje na Rua Bom Pastor.

A paróquia local foi estabelecida, em 15 de Fevereiro de 1966, por Dom Jorge Marcos de Oliveira, primeiro bispo de Santo André. O território fazia parte da antiga fazenda dos monges beneditinos. Somente em 20 de Novembro de 1994, o altar da igreja foi solenemente consagrado pelo bispo diocesano Dom Cláudio Hummes.

Passaram pelo templo os seguintes vigários: padre Lúcio Gomes Lopes, padre José Bueno, padre Segundo Quessada, padre Lourenço Vallimont, padre Luiz de Souza Ávila e diácono Pedro Tramontina. O primeiro pároco foi padre Lúcio Gomes Lopes, tendo como vigário cooperador padre Xavier Fort Subirats. O atual é o padre Roberto Alves Marangon.

## Paróquia Santo Antônio de Pádua

A Paróquia Santo Antônio de Pádua foi fundada em 20 de Dezembro de 1974, tendo como limites a Estrada das Lágrimas, desde São João Clí-



maco, a Rua Vitória, até a confluência com as ruas Nelly Pellegrino e Justino Paixão, e novamente a Estrada das Lágrimas, já nos arredores do Bairro Rudge Ramos, na divisa com São Bernardo do Campo. O primeiro pároco foi padre Heitor Gianella. O atual é o padre Edmar Antônio de Jesus.

(\*) Alexandre Toler Russo é jornalista



## Memória Fotográfica Dossiê

Fotos: Fundação Pró-Memória



1 – Irmãs Clarissas Franciscanas em frente à gruta com a imagem de Nossa Senhora, localizada no antigo Instituto Nossa Senhora da Glória, onde hoje funciona a FAENAC, na Rua Amazonas. Década de 60



2 – Desde a década de 60 é realizada, no dia 25 de Julho, em São Caetano do Sul, a Procissão de São Cristóvão, em homenagem ao santo protetor dos motoristas. Década de 70



3 – Missa campal em homenagem à inauguração da imagem de São Caetano Di Thiene, no Espaço Verde Chico Mendes, com a presença do prefeito Dr. Luiz Olinto Tortorello. Sete de Agosto de 1991



4 – As procissões de Corpus Christi, no Bairro Barcelona, eram realizadas em ruas decoradas com muita arte e competência pelos moradores do bairro. Década de 70



## Memória Fotográfica Dossiê



Fotos: Fundação Pró-Memória

**1** – Na preparação e decoração das ruas do Bairro Barcelona, para a procissão de Corpus Christi, os moradores contavam com a colaboração do próprio padre Olavo (ao centro), pároco da igreja. Década de 70



**2** – Aspecto da procissão de São Cristóvão, realizada em São Caetano, em sete de Agosto de 1982, durante os festejos do 105º aniversário da cidade



**3** – Em 1971, o prefeito Oswaldo Samuel Massei e o presidente da Câmara Municipal, Armando Furlan, receberam a imagem de Nossa Senhora Aparecida em São Caetano



**4** – As Irmãs da Divina Providência, do Externato Santo Antônio, prestam homenagem ao padre José Tondini, segundo vigário da Paróquia de São Caetano do Sul. Década de 50



## Memória Fotográfica Dossiê

Fotos: Fundação Pro-Memória



1

1 – Missa campal realizada na Cerâmica São Caetano, em 14 de Agosto de 1982, em homenagem ao 105º aniversário de São Caetano do Sul



2

2 – As irmãs da Congregação das Irmãzinhas dos Anciões Desamparados do Lar Nossa Senhora das Mercês, de São Caetano, em frente ao asilo, logo após a sua inauguração, na década de 60



3

3 – A presença do bispo diocesano Dom Jorge Marcos de Oliveira sempre foi constante em São Caetano do Sul. Na década de 60, ele tinha muito contato com o prefeito Oswaldo Samuel Massei e com Cláudio Musumeci



4

4 – Durante a solenidade de bênção da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, no Bairro Barcelona, década de 70, registrou-se a presença do bispo Dom Jorge Marcos de Oliveira, entre o vereador Sebastião Laureano dos Santos e o prefeito Oswaldo Samuel Massei. Ao microfone, o padre Olavo, pároco da igreja





## Memória Fotográfica Dossiê

1 – Em 1955, o bispo Dom Jorge Marcos de Oliveira participou da festa natalina em São Caetano do Sul, evento que contou com a presença do prefeito Anacleto Campanella (primeiro à esquerda) e do padre Ézio Gislimberti



Fotos: Fundação Pro-Memória

2 – O bispo Dom Jorge Marcos de Oliveira celebra na Matriz Sagrada Família de São Caetano, junto com os novos sacerdotes, o sacramento da ordem e a primeira missa dos novos padres estigmatinos. Década de 70

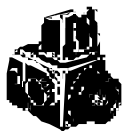


3 – O bispo Dom Cláudio Hummes oficializou missa solene da Igreja Matriz Velha, no Bairro da Fundação, na década de 80



4 – Procissão de Corpus Christi, no Bairro Nova Gerte, na década de 50. No alto, ao fundo, o Grupo Escolar Padre Luiz Capra





**Memória  
Fotográfica  
Dossiê**

Fotos: Fundação Pró-Memória



**1** – O bispo Dom Jorge Marcos de Oliveira esteve em São Caetano, na década de 50, para ministrar o sacramento de crisma



**2** – Em 1965, o candidato a prefeito de São Caetano, Walter Braidão, procura o apoio do bispo Dom Jorge Marcos de Oliveira para o seu plano de governo



**3** – Na década de 50, o bispo Dom Jorge Marcos de Oliveira presta depoimento ao jornalista Walter Tomé, do Jornal de São Caetano



**4** – Páscoa dos Militares de São Caetano, em 1982, realizada no pátio da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, no Bairro Barcelona

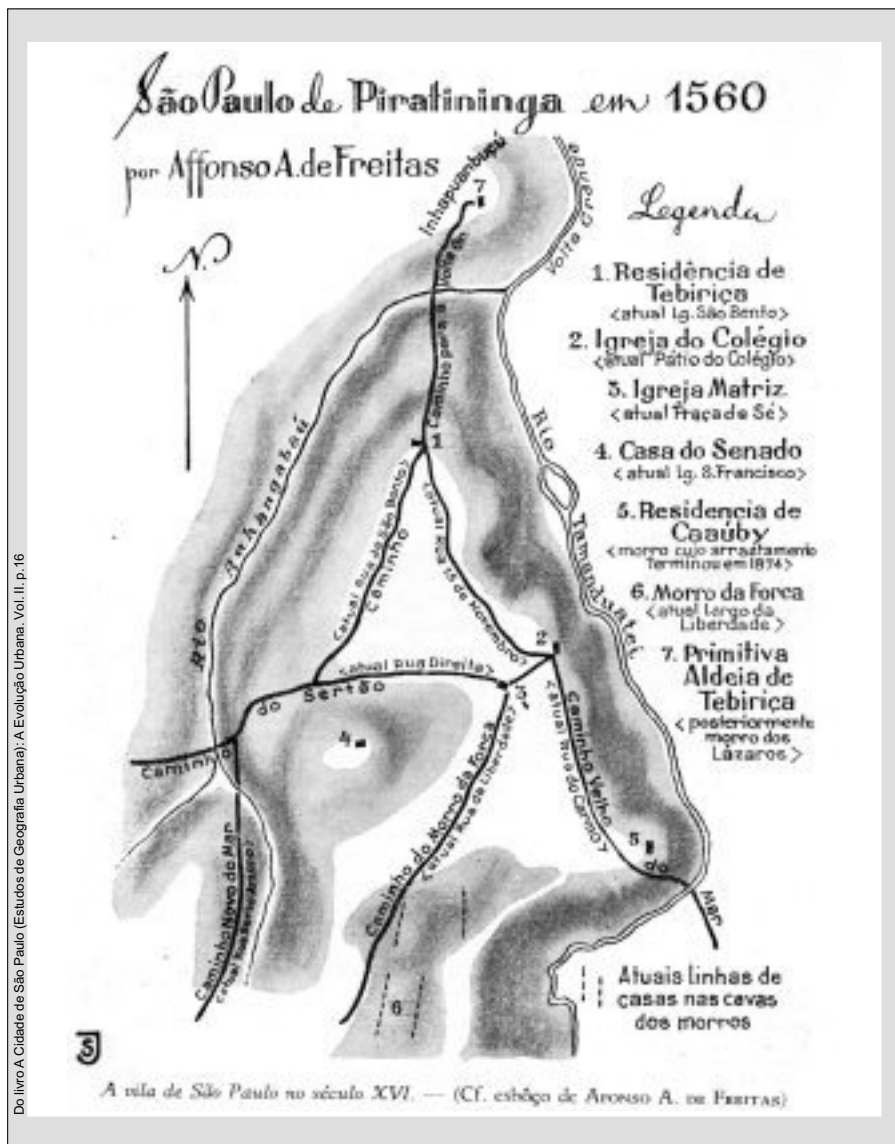
# Os rastros dos primitivos Caminhos do Mar na Cidade

Cristina Toledo de CARVALHO (\*)



O artigo em questão tem como objetivo principal destacar os caminhos que fizeram a ligação entre o Planalto Paulista<sup>1</sup> e o litoral, nos séculos XVI e XVII. A atual região do ABC, formada pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, tornou-se, durante todo o período colonial brasileiro, em virtude de sua localização geográfica (região situada entre a Serra do Mar e o Planalto Paulista), uma área de passagem obrigatória de tropeiros que faziam o percurso Planalto-Litoral-Planalto. Diante disso, aqueles caminhos antigos acabaram deixando os seus rastros em parte do Grande ABC de hoje, rastros denunciados, na maioria das vezes, pelas características irregulares das ruas que foram, no passado, trechos importantes de tais caminhos. As discussões que serão aqui abordadas retratarão, contudo, somente os vestígios deixados por eles ao longo dos traçados de certas ruas do atual município de São Caetano do Sul. Antes, porém, serão feitas rápidas considerações acerca dos aspectos sócioeconômicos apresentados, no decorrer dos séculos XVI e XVII, pela Borda do Campo e pela Vila de São Paulo, à qual aquela atrelou-se a partir de 1560. Pretende-se, desta forma, resgatar o cenário histórico pelo qual passaram os caminhos que serão focalizados pelo presente artigo.

antes, porém, serão feitas rápidas considerações acerca dos aspectos sócioeconômicos apresentados, no decorrer dos séculos XVI e XVII, pela Borda do Campo e pela Vila de São Paulo, à qual aquela atrelou-se a partir de 1560. Pretende-se, desta forma, resgatar o cenário histórico pelo qual passaram os caminhos que serão focalizados pelo presente artigo.



A partir da segunda metade do século XVI, uma significativa parcela do Grande ABC de hoje adquiriu o *status* de bairro rural paulistano, em razão da transferência da Vila de Santo André da Borda do Campo para os arredores do Colégio de São Paulo. Sob a denominação de Borda do Campo, numa referência clara à vegetação de campo que cobria o

Planalto de Piratininga, local onde se encontrava aquele Colégio, o bairro em questão passou a compreender os territórios posteriormente ocupados pelos municípios de Diadema, Santo André e São Bernardo (a porção situada entre a Serra do Mar e Rudge Ramos).

O quadro sócioeconômico<sup>2</sup> da Borda do Campo, nos dois primei-

ros séculos da dominação portuguesa no Brasil, era inexpressivo. Tal quadro era composto por algumas sesmarias<sup>3</sup>, nas quais se praticava uma agricultura de subsistência. Era, aliás, dos terrenos vizinhos que os habitantes da Vila de São Paulo retiravam, na maioria das vezes, o seu sustento. Alerta Raul de Andrada e Silva que *na vila aglomerada à sombra do Colégio (...) estruturou-se, pois, uma sociedade de lavradores, que morava dentro do perímetro urbano e cultivava o solo nas áreas rurais circunjacentes*.<sup>4</sup>

Nesse sentido, cabe também ressaltar a presença de autoridades da Vila de São Paulo nas chamadas áreas circunjacentes. Destaca-se, entre tais autoridades, Garcia Rodrigues, que havia sido vereador na Vila de Santo André da Borda do Campo e também em São Paulo. Segundo consta, teria ele possuído terras no Tijuçu, região que será cuidadosamente tratada num momento mais oportuno, mas que pode, de imediato, ser considerada um apêndice da Vila de São Paulo, quando da extinção da Vila de João Ramalho, em 1560. Quanto às terras de Garcia Rodrigues, estavam elas situadas (...) *perto desta vila (de São Paulo) para a banda do Ipiranga*.<sup>5</sup>

É importante salientar que as citadas terras foram herdadas, mais tarde, pelo capitão Duarte Machado e por sua esposa, Joana Sobrinha, que era neta de Garcia Rodrigues. No dia 19 de Setembro de 1631, essas terras foram doadas pelo casal à comunidade beneditina de São Paulo, fato que deu início ao processo de formação da futura Fazenda de São Caetano.

Pôde-se perceber até o momento que a vida sócioeconômica da Borda do Campo, bem como a de suas adjacências, encontrava-se atrelada à da Vila de São Paulo. Essa vila, por sua vez, estava à

margem da empresa colonial que, nos séculos XVI e XVII, encontrava-se concentrada em parte do Nordeste brasileiro, local no qual a Coroa portuguesa comandava a exploração e a exportação do açúcar.

A marginalidade de São Paulo deve, entretanto, ser concebida a partir de fatores naturais e econômicos inteiramente desfavoráveis à Vila de Piratininga e, conseqüentemente, às suas regiões vizinhas, uma vez que:

*Nas vilas litorâneas do Brasil meridional, as lavouras canavieiras iniciais da estreita e insalubre orla marítima não alcançaram o desenvolvimento das (...) do Nordeste. Por isso, essas vilas (...) não exigiram do núcleo de Serra acima uma intensa produção agropecuária para abastecê-las, como ocorreu na zona de criação do Sertão nordestino, que funcionou como abastecedor dos centros de população da Zona da Mata*.<sup>6</sup>

Diante dessas considerações, pode-se concluir que a falta de uma significativa produção agropecuária em São Paulo, capaz de estimular uma atividade comercial de vulto, que culminaria na obtenção de recursos, e o seu isolamento em relação aos órgãos reais presentes em São Vicente, em razão da Serra do Mar, explicam o pouco desenvolvimento da Vila de Pirati-

ninga e de seus arredores. Estes, em face das conjunturas naturais e econômicas adversas, não tiveram outra alternativa<sup>7</sup> senão a de firmar-se como áreas de passagem entre o Planalto Paulista e o litoral, visto que, desde os primórdios de São Paulo, a troca de mercadorias (escambo) existiu entre ambos, embora, na maioria das vezes, dificultada pelas condições precárias dos caminhos. Por essa razão, o transporte por meio de animais tornou-se o mais apropriado para transitar nesses caminhos. Foi somente no final do século XVIII, em decorrência da expansão da economia açucareira na então Capitania de São Paulo, que os caminhos começaram a sofrer melhorias e reparos. A pavimentação, entre a Serra do Mar e Cubatão, do caminho que ficou conhecido como Calçada do Lorena, encontra-se inserida neste contexto histórico e representou tudo o que havia de mais avançado em matéria de viação pública.

**PRINCIPAIS CAMINHOS** – A maioria dos caminhos que cruzava a Borda do Campo recebia a designação genérica de Caminho do Mar, (...) *o que em muito dificulta o reconhecimento de suas rotas*<sup>8</sup>, ressalta Silvia Helena Passarelli. Durante os séculos XVI e XVII, dois caminhos encarregaram-se de



ligar São Paulo ao litoral: o Caminho Velho e o Caminho Novo do Mar. Ambos deixaram os seus vestígios nos traçados de algumas ruas do atual município de São Caetano do Sul, o que poderá ser comprovado mais adiante.

No tocante ao Caminho Velho do Mar, caminho este que remonta ao século XVI, é importante destacar que se trata do caminho de ligação entre o Planalto e o litoral mais antigo de que se tem notícia. Tendo sido utilizado pelos primeiros europeus instalados na então Capitania de São Vicente, aquele velho caminho, quando vinha do litoral, (...) *passava pela antiga Vila de Santo André da Borda do Campo, em território do atual Município de São Bernardo, e ia dar onde os jesuítas construíram sua capela, em 1554, em São Paulo.*<sup>9</sup>

A localização da vila andreense, favorável aos ataques de tribos indígenas inimigas, e certos fatores de ordem econômica e religiosa levaram as autoridades coloniais a providenciar, em 1560, a transferência da dita vila para os arredores do Colégio de São Paulo, região considerada mais segura por causa de suas características geográficas. Nessa mesma ocasião, foi proibida a circulação de portugueses pelo Caminho Velho do Mar, que era, na época, muito utilizado por tribos hostis aos colonizadores. Essas providências, tomadas em prol dos interesses lusitanos, acabaram acarretando a abertura do Caminho Novo do Mar, que se tornou, a partir de então, a via de comunicação oficial com o litoral. Por ordem do governador-geral do Brasil, Mem de Sá, este novo caminho, que saía rumo ao litoral pelo Ipiranga, foi aberto sob a chefia do padre jesuíta Manoel da Nóbrega. O caminho em questão ficaria ainda conhecido como Caminho do Padre José, (...) *em lembrança ao Padre José de*



Fundação Pró-Memória

Calçada do Lorena: uma obra muito avançada para os padrões da época. Foi empreendida durante o governo do capitão general Bernardo José de Lorena, com o intuito de facilitar o transporte de produtos do interior paulista ao Porto de Santos. Ano: 1995

*Anchieta, que teria sido um dos dois jesuítas designados para abri-lo pelo padre Nóbrega.*<sup>10</sup>

**CAMINHO DO TIJUCUÇU** – A primeira referência ao Caminho do Tijucuçu foi feita por uma Ata da Câmara da Vila de São Paulo, de sete de Dezembro de 1589. Nessa ocasião, as autoridades da mencionada vila determinaram aos moradores do Tijucuçu, Piqueri e Piratininga que (...) *se fizesse a ponte-grãde q esta (no) caminho de teju-guasú.*<sup>11</sup>

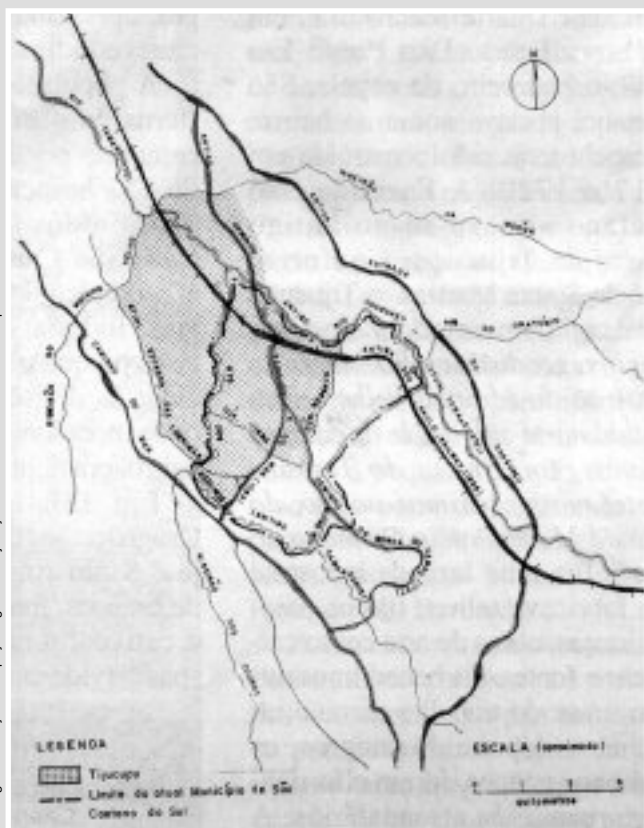
Após minucioso estudo, junto aos documentos provenientes da Câmara de São Paulo, nos séculos XVI e XVII, o historiador Nuto Santana chegou à conclusão de que o Caminho do Tijucuçu nada mais era do que o Caminho Velho do Mar. Na verdade, foi uma parte dele que ficou conhecida como Caminho do Tijucuçu, na medida em que cortava a região de mesmo nome. Ao contrário do que se pensa, tal região não se concentrou integralmente no território do atual Município de São Caetano do Sul, o que pode ser comprovado por

sua localização. De acordo com José de Souza Martins, o Tijucuçu situava-se, no sentido leste-oeste, entre o Córrego do Moinho Velho ou Córrego Ressaca (que passava ao lado da General Motors, em São Caetano, e que, hoje, já se encontra canalizado) e o Ribeirão do Moinho Velho (Vila Carioca – São Paulo); e, no sentido norte-sul, entre os campos da margem direita do Rio Tamanduateí,<sup>12</sup> ao lado da Mooca, até o Rio dos Meninos.

Um documento do século XVII, mais precisamente de Abril de 1668, atesta que o Caminho do Tijucuçu era também chamado de Caminho de Santo André da Borda do Campo. Tratava-se tal documento da petição de Francisco Velho de Moraes. Através dela, o requerente solicitou *uns brejos e alagadiços da baixa do ribeiro da Mooca (...) correndo pelo ribeiro acima de Tamanduateí de uma banda, e de outra até a ponte que está no dito rio, no caminho que vai até a Capela de Santo André da Borda do Campo.*<sup>13</sup> José de Souza Martins alerta que este caminho passava pela margem direita do Rio Tamanduateí, ou seja, pelo lado da Mooca, e cruzava-o próximo à foz do Rio dos Meninos, onde estava a ponte indicada no documento.<sup>14</sup>

A partir da análise do documento em questão, pode-se afirmar que o trajeto feito pelo Caminho de Santo André da Borda do Campo passava por trechos do Caminho do Tijucuçu, o que poderá ser confirmado a seguir.

O percurso realizado por este último caminho era o seguinte: iniciava na Rua Tabatinguera (onde estava a ponte grande que foi citada na Ata da Câmara de São Paulo, de sete de Dezembro de 1589), seguia por terrenos da margem direita do Rio Tamanduateí, passando, assim, pela Mooca, entrava no Tijucuçu, atravessava o Rio Tamanduateí pe-



No mapa estão em destaque a região do Tijuçu e os caminhos do século XVI, como o Caminho Velho do Mar (Caminho do Tijuçu) e a Estrada das Lágrimas, considerada o remanescente mais provável do Caminho Novo do Mar

la sua margem esquerda (próximo ao local no qual hoje se encontra a Matriz Velha de São Caetano), seguia pela margem direita do Rio dos Meninos e cruzava-o nas proximidades do atual Bairro Rudge Ramos, em São Bernardo.

**RASTROS** – Os rastros do Caminho Velho do Mar, do século XVI, cujos trechos ficaram conhecidos como Caminho do Tijuçu ou Caminho de Santo André da Borda do Campo, estão presentes ao longo de alguns traçados de ruas atuais de São Caetano. Quando atravessava o Rio Tamanduateí, próximo à Matriz Velha, passava por onde é hoje a Rua Mariano Pamplona. As suas marcas foram também deixadas em outras ruas do município, como bem destaca José de Souza Martins: *Do velho caminho do século XVI, conforme as evidências, o mesmo traçado e no mesmo lugar*

*do traçado original, foram aproveitados trechos que se transformaram nas atuais ruas Maximiliano Lorenzini e Rio Branco (...) até aproximadamente a esquina da Rua Herculano de Freitas. Nesse ponto, o caminho atravessava o quarteirão composto pelas atuais ruas Rio Branco, Herculano de Freitas, Luigi D\*Agostini e Perrella, reaparecendo o seu remanescente na Rua Perrella, a partir da quina que torna essa rua irregular, no trecho entre a Rua Luigi D\*Agostini e a Rua Dr. Rodrigues Alves. A partir dessa quebra da Rua Perrella, reencontramos novamente o antigo caminho, que cruzava a ferrovia em algum ponto entre a atual estação e a Rua Dr. Rodrigues Alves. Talvez, no mesmo lugar em que está hoje a Av. Conde Francisco Matarazzo (...), ao lado da estação ferroviária (...). Continuava rumo ao sul, isto é, em dire-*

*ção ao que é hoje São Bernardo (através de Rudge Ramos...). Seguia, em linha mais ou menos irregular, pelo centro das paralelas formadas pelas ruas Amazonas e Sto. Antônio / Espírito Santo até a vizinhança de onde é hoje a esquina das ruas Amazonas e São Paulo, aproximadamente sob o traçado da Rua Rio Grande do Sul.<sup>15</sup>*

A Rua Nossa Senhora da Candelária, dentre as destacadas até agora, é a que constitui um nítido remanescente do Caminho Velho do Mar. Desta rua em diante, seguia ele por onde é hoje a Rua Porto Calvo e por onde é a Rua Justino Paixão, até sair na Estrada das Lágrimas. Esta constitui, por sua vez, o remanescente mais provável do Caminho Novo do Mar. Este, como já foi dito anteriormente, era do século XVI, assim como o Caminho Velho. Vinha o novo caminho da Vila de São Paulo pelo Ipiranga, sobrepondo-se a este antigo caminho (...) *entre o que é atualmente Rudge Ramos e o centro de São Bernardo. Ou, mais provavelmente, em S. Caetano atual.<sup>16</sup>*

Tudo indica que o Caminho Velho do Mar era, de fato, alcançado pelo Caminho Novo em São Caetano, mais precisamente no limite dos bairros Mauá e Jardim São Caetano. A afirmação de José de Souza Martins de que aquele velho caminho era *recoberto pela Estrada das Lágrimas (Caminho Novo do Mar), a partir da esquina com a Rua Justino Paixão<sup>17</sup>*, faz crer nisso.

O desenvolvimento do Bairro de São Bernardo<sup>18</sup>, no século XVIII, exigiu a abertura de algumas variantes através do Caminho Velho do Mar, que já se encontrava em progressivo abandono, em razão dos motivos elucidados anteriormente. Todavia, o surgimento daquelas variantes fez com que os tropeiros voltassem a recorrer, ainda que de modo parcial, ao caminho

antigo. Foi o que se verificou, em 1747, com a abertura do Caminho de São Caetano. Essa variante, na altura da Rua Gonzaga, separava-se do Caminho Velho do Mar e seguia rumo a São Bernardo, passando pelas ruas Visconde de Inhaúma e Boa Vista, onde estão presentes os restos da variante em questão.

Quem poderia imaginar que as ruas destacadas ao longo deste artigo, ruas que, diga-se de passagem, fazem parte do cotidiano da população de São Caetano, foram num passado distante percorridas por tropeiros ávidos por vencer a imponente Serra do Mar? E também por tantos outros obstinados, como índios, escravos negros e mestiços? A verdade é que (...) *todos estiveram nessas ruas. Pés descalços deixaram marcas no chão. Os passos ainda ecoam para quem quiser ouvi-los. Os caminhos estão aí, para quem quiser percorrê-los.*<sup>19</sup>

#### NOTAS

<sup>1</sup>Foi no topo do Planalto Paulista, conhecido no passado como Planalto de Piratininga, que os jesuítas instalaram, no dia 25 de Janeiro de 1554, o Colégio de São Paulo, (...) nome que viria a designar a povoação logo depois ali aglomerada e ficaria perpetuado no da vila, da cidade setecentista, da metrópole dos nossos dias, acabando por estender-se a tóda a então Capitania, passando depois à Província e ao Estado. SILVA, Raul de Andrada e. "São Paulo nos Tempos Coloniais" in AZEVEDO, Aroldo de (org.). A Cidade de São Paulo (Estudos de Geografia Urbana): A Evolução Urbana. Vol.II. p.10.

<sup>2</sup>O quadro sócioeconômico da Borda do Campo e de seus arredores ganhou um relativo dinamismo com a formação das fazendas pertencentes à Ordem de São Bento. A partir da segunda metade do século XVII, iniciou-se o desenvolvimento das fazendas de São Caetano (1631) e de São Bernardo (1637), cuja base econômica era, respectivamente, a produção oleira e a atividade agrícola. Em ambas, registrou-se a presença de escravos de origem africana. Merece também destaque o surgimento de uma terceira fazenda beneditina na região. Tratava-se da Fazenda Jurubatuba, forma-

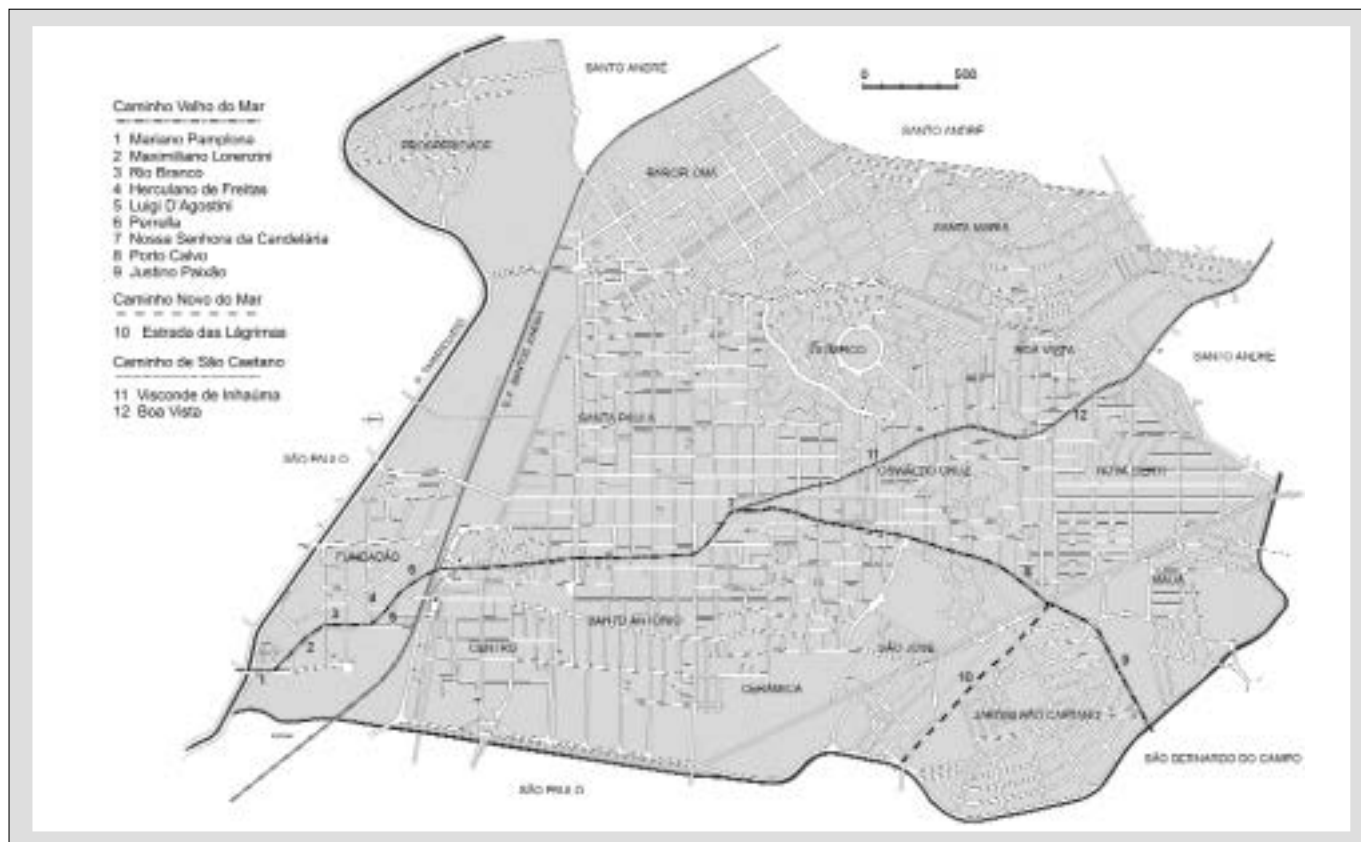
da em 1754. Segundo consta, desenvolveu-se nas imediações da Fazenda de São Bernardo, mais ou menos, a uma distância de ¼ de légua da Capela desta última, de acordo com Frei Gaspar da Soledade Matos. Códice 24, f.100 apud JOHNSON, Dom Martinho (O.S.B). Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de São Paulo. Nota 289. p.191.

<sup>3</sup>A sesmaria que pertenceu a Amador de Medeiros, ouvidor da Capitania de São Vicente no passado, ocupou parte considerável do território atual do ABC paulista. Adquirida em 1561 (no Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de São Paulo o registro da escritura é de 1571), a referida sesmaria deu origem, posteriormente, à fazenda beneditina de São Bernardo.

<sup>4</sup>SILVA, Raul de Andrada e. "São Paulo nos Tempos Coloniais" in AZEVEDO, Aroldo de. (org.). op.cit. p.23.

<sup>5</sup>JOHNSON, Dom Martinho (O.S.B). op.cit. apud MARTINS, José de Souza. "A formação do Espaço Regional do Tijuçu e de São Caetano" in Raízes. Ano III, n°5. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Julho/1991. p.8.

<sup>6</sup>MONBEIG, Pierre. "La Croissance de La Ville de São Paulo" in Revue de Géographie Alpine. p.70 apud SILVA, Raul



de Andrada e . "São Paulo nos Tempos Coloniais" in AZEVEDO, Aroldo de. (org.). op.cit. p.24.

<sup>7</sup>As condições naturais desfavoráveis, somadas à localização geográfica, que impunha à Vila de São Paulo um isolamento em relação à vida do restante do Brasil-Colônia, acabaram estimulando entre os paulistanos o desbravamento do interior, a partir do século XVII. Num primeiro momento, a saída rumo aos sertões objetivava a captura de índios para o trabalho nas fazendas da região de São Paulo, enquanto alternativa diante da falta de recursos, capazes de financiar a aquisição de escravos negros. Posteriormente, já mais para o final do século XVII, período em que a economia açucareira entrou em crise, a necessidade de metais preciosos tornou-se iminente. Os paulistanos, desta forma, sob as instruções da Coroa (...) foram encarregados de esquadrihar os sertões do Brasil Central, em busca de riquezas. MAESTRI, Mário. Uma História do Brasil: Colônia. p.130.

<sup>8</sup>PASSARELLI, Sílvia Helena. Vitrines da Cidade. p.14.

<sup>9</sup>MARTINS, José de Souza. "O Bairro de São Caetano no Censo de 1765" in Raízes. Ano II, n°3. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Julho/1990. p.12.

<sup>10</sup>AZEVEDO, Aroldo de. (org.). A Baixada Santista (Aspectos Geográficos). Vol. II. apud SANTOS, Wanderley dos. Antecedentes Históricos do ABC Paulista: 1550-1892. p.71.

<sup>11</sup>Atas da Câmara de São Paulo. Vol I: Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo. p.374 apud MARTINS, José de Souza. São Caetano do Sul em IV Séculos de História. p.29.

<sup>12</sup>É preciso esclarecer que nos documentos relativos à formação da região do ABC, sobretudo nos dos séculos XVI e XVII, o atual Rio dos Meninos aparece também como Tamanduateí, fato que pode levar algum pesquisador a confundir-lo com o Rio Tamanduateí de hoje, conhecido, pelo menos até o século XVIII, como Rio Caaguaçu, conforme um fragmento de documento do Arquivo do Mosteiro de São Bento. A diminuição, no século XVIII, do nível das águas do atual Rio dos Meninos, em relação ao antigo Caaguaçu, deveu-se à devastação dos capões de mata das suas margens e à abertura, na Fazenda de São Caetano, de um canal de drenagem, que funcionou entre 1766 e 1769. A diminuição das águas do Rio dos Meninos acabou, assim, revelando que o mesmo não passava de um afluente do antigo Rio Caaguaçu (atual Tamanduateí), que era, portanto, o rio principal.

<sup>13</sup>MARTINS, José de Souza. "Vestígios de um Velho Caminho do Mar, do Século XVI, nas Ruas de São Caetano" in Sancaetanense Jornal. 25/07/1987. p.12.

<sup>14</sup>Ibidem. p.12.

<sup>15</sup>Ibidem. p.12.

<sup>16</sup>Idem. "O Bairro de São Caetano no Censo de 1765" in Raízes. Ano II, n°3. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Julho/1990. p.12.

<sup>17</sup>Idem. "Vestígios de um Velho Caminho do Mar, do Século XVI, nas Ruas de São Caetano" in Sancaetanense Jornal. 25/07/1987. p.12.

<sup>18</sup>A fazenda beneditina de São Bernardo foi o embrião, no século XVIII, do Bairro de São Bernardo, que se desenvolveu nas vizinhanças das atuais Avenidas Kennedy e Senador Vergueiro. No dia 23 de Setembro de 1812, foi criada a Freguesia (Paróquia) de São Bernardo, que se instalou provisoriamente naquela fazenda. Posteriormente, com a transferência da freguesia para outro terreno, a capela primitiva dos monges beneditinos, dedicada a São Bernardo, começou a ser designada como antiga, fato que fez com que aquele bairro do século XVIII ficasse conhecido como São Bernardo Velho. Para não confundir com este, a recém-criada freguesia teve como orago Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem. SANTOS, Wanderley dos. Antecedentes Históricos do ABC Paulista: 1550-1892. pp.33 e 105.

<sup>19</sup>MARTINS, José de Souza. "Vestígios de um Velho Caminho do Mar, do Século XVI, nas Ruas de São Caetano" in Sancaetanense Jornal. 25/07/1987. p.12.

## FONTES

(Acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)

JOHNSON, Dom Martinho. (O.S.B.). Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de São Paulo. São Paulo, 1977.

MARTINS, José de Souza. "Vestígios de um Velho Caminho do Mar, do Século XVI, nas Ruas de São Caetano" in Sancaetanense Jornal. 25/07/1987.

..... "A Visita do Imperador D. Pedro II ao Núcleo Colonial de São Caetano, em 1878" in Raízes. Ano I, n° 2. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Dezembro/1989.

..... "O Bairro de São Caetano no Censo de 1765" in Raízes. Ano II, n° 3. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Julho/1990.

..... "A Formação do Espaço Regional do Tijucuçu e

de São Caetano" in Raízes. Ano III, n° 5. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Julho/1991.

..... "Trilhas, Trechos e Caminhos" in Anais do II Congresso de História da Região do Grande ABC. São Bernardo do Campo: Secretaria de Educação e Cultura, 2000.

MONTEIRO, Arlete Assumpção. "O ABC Paulista na Rota da Economia Açucareira" in Raízes. Ano XIII, n° 23. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Julho/2001.

..... "As Fazendas nas Terras do ABC Paulista" in Raízes. Ano XIII, n° 24. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Dezembro/2001.

..... "O ABC Paulista. Da Vila de João Ramalho até Meados do Século XVIII" in Raízes. Ano XIV, n° 25. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Julho/2002.

PUNTSCHART, William. "Heranças Coloniais no ABC Paulista" in Raízes. Ano XI, n° 20. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Dezembro/1999.

## BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Aroldo de. (Org.). A Cidade de São Paulo (Estudos de Geografia Urbana): A Evolução Urbana. Vol. II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

GAIARSA, Octaviano A. A Cidade que Dormiu Três Séculos: Santo André da Borda do Campo, seus Primórdios e sua Evolução Histórica. Santo André: Tipografia Bandeirante Ltda., 1968.

MAESTRI, Mário. Uma História do Brasil: Colônia. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MARTINS, José de Souza. São Caetano do Sul em IV Séculos de História. São Paulo: Saraiva, 1957.

PASSARELLI, Sílvia Helena. Vitrines da Cidade. Santo André: Alpharrábio Edições, 2003.

SANTOS, Wanderley dos. Antecedentes Históricos do ABC Paulista: 1550-1892. São Bernardo do Campo: Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, 1992.

TAUNAY, Afonso de E. João Ramalho e Santo André da Borda do Campo. 2 ed. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais S.A., 1968.

(\*) Cristina Toledo de Carvalho, graduada em História pela Universidade do Grande ABC e pesquisadora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



# Vamos falar sobre São Caetano: Arquitetura

André Luis Balsante CARAM (\*)

Continuando as nossas pesquisas sobre a história da arquitetura e do patrimônio histórico e cultural de São Caetano do Sul, apresentaremos, neste artigo, um debate promovido pela Fundação Pró-Memória, em 23 de Agosto 1997, que tinha como tema a arquitetura. Esse evento era parte integrante do projeto *Vamos Falar sobre São Caetano*, e foi realizado na Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul. Imagino que muitos se lembrem desta iniciativa da Fundação, e do primeiro seminário que ocorreu, em 19 de Novembro de 1994, no auditório do SESC, aqui na cidade, em que foram apresentados vídeos históricos e documentários das décadas de 40 e 50, bem como uma entrevista, em fita cassete, do ex-prefeito Anacleto Campanella. Ao todo, foram realizadas oito edições, que abordaram os mais variados assuntos da História de São Caetano, juntamente com a história daqueles que participaram da evolução do município, incluindo, também, a coleta de depoimentos dos debatedores convidados.

A proposta de se apresentar este debate insere-se num momento precípuo da produção cultural da Fundação Pró-Memória que, durante esta administração, vem enfocando a questão do patrimônio arquitetônico de São Caetano. Tal como aconteceu no projeto *Caminhos da Memória*, iniciado em 2001, em que a Fundação resgatou a história de alguns dos principais edifícios da cidade e traçou um roteiro de visita pelos es-



paços mais significativos do seu patrimônio edificado.

Outra relevante iniciativa da Fundação foi a criação, recentemente, da *Comissão de Defesa do Patrimônio Histórico Cultural de São Caetano do Sul*<sup>1</sup>, em Setembro passado, presidido pelo líder autonomista e jornalista Mário Porfírio Rodrigues. Esta comissão retoma uma imprescindível tarefa, contida no Estatuto da Fundação, relacionada à questão dos mecanismos legais de proteção, de resgate e de preservação do patrimônio arquitetônico e cultural da cidade, preenchendo, assim, uma lacuna sensível nesta área. Trata-se de uma alavanca para o fomento de diretrizes, leis e medidas para a preservação, o resgate e o cadastramento dos bens históricos de São Caetano. Entretanto, até se constituir esta comissão, um longo caminho foi percorrido.

Desde o final dos anos 80, o município vem caminhando para firmar procedimentos de defesa, resgate e preservação do patrimônio cultural da cidade, tanto que

criou, em 1988, a Lei n.º 2.981, que dispõe sobre a formação do *Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico e Cultural*. A finalidade desse Conselho foi a de sugerir a adoção de medidas para a defesa dos bens e locais de valor histórico, artístico e cultural, cuja conservação se impusesse em razão de fatos históricos memoráveis, de seu valor cultural, artístico ou documental, bem como dos recantos paisagísticos que merecessem ser preservados.<sup>2</sup>

Em 12 de Junho de 1991, foi criada a Fundação Pró-Memória, pela Lei Municipal n.º 3.147, com o objetivo de *criar, organizar, instalar e manter estabelecimentos e atividades voltadas para a preservação, manutenção e divulgação do patrimônio histórico do município* (Artigo 3º). O Conselho Municipal de Defesa continuou existindo em termos legislativos, mas, depois de constituída a Fundação Pró-Memória, discutia-se a solicitação da imediata extinção daquele conselho, além da transferência de suas atribuições legais ao Conselho Diretor da



Debatedores: Da esquerda para a direita: arq. Nívio Tessitore, prof. arq. Carlos Leite de Souza, arq. Rodney Guaraldo, arq. João Carlos Moraes, profa. Dra. Leila Diegoli e profa. Dra. Cássia Magaldi

Fundação Pró-Memória, tendo em vista que (...) nas condições em que vem funcionando, tem encontrado obstáculos para materializar os seus objetivos<sup>3</sup>. No dia três de Dezembro de 1993, a Fundação enviou ofício (n.º 089/93) propondo alteração na Lei n.º 3.147, e portanto a imediata transferência das atribuições do Conselho Municipal para a Fundação, e uma *minuta*, em que acrescentava à sua função a tarefa de sugerir ao prefeito a adoção de medidas para a defesa de bens e imóveis de reconhecido valor para o Município<sup>4</sup>. Apesar de esta solicitação não ter sido efetivada em termos legislativos, a Fundação acabou incorporando, ao longo da sua prática, a questão da preservação, manutenção e responsabilidade de defesa dos bens culturais, históricos e artísticos da cidade.

No ano de 1997, a Fundação criou a *Comissão Específica*, que, presidida pelo advogado Henry Veronesi, tinha a missão de apresentar um estudo, referente a uma minuta de Projeto de Lei, que definisse: *as formas de patrimônio a ser resguardadas pela Fundação; as formas de preservação dos patrimônios histórico, artístico, cultural, arquitetônico, urbanístico e ambiental; e as formas de incentivo, aos municípios, que preservas-*

*sem bens de sua propriedade com interesse de cunho histórico e assemelhado*<sup>5</sup>. Esse projeto, também, não saiu do papel, porém, norteou, em Janeiro de 1999, fundamentado no Artigo 3º da Lei 3.147, a criação da *Comissão de Tombamento do Patrimônio Histórico de São Caetano*<sup>6</sup>, que teve como servidores membros do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória. No mês de Março daquele mesmo ano foram também criadas duas outras Comissões: a *Comissão de Tombamento do Patrimônio Histórico do Palacete De Nardi* (Portaria n.º 002/99) e a *Comissão de Tombamento do Patrimônio Histórico da Matriz Velha* (Portaria n.º 003/99), que, posteriormente, foram ratificadas pela portaria n.º 004/99, que atribuiu, ao *Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória*, a responsabilidade de defesa do patrimônio cultural (histórico, arquitetônico, urbanístico, paisagístico, ambiental e artístico) do município.

Em Junho de 2000, surgiu a *Comissão Permanente para o Cadastro do Patrimônio Cultural de São Caetano*<sup>7</sup>, presidida pelo saudoso memorialista e grande colaborador da Fundação Pró-Memória, Jayme da Costa Patrão. Ao que parece, a portaria que a

criou revogou os dispositivos anteriores e as atribuições do Conselho Diretor, passando a responsabilidade para uma comissão independente, que mantinha, como membros integrantes, parte da equipe daquele Conselho Diretor. Porém, mesmo se restringindo a algumas reuniões e tendo curta duração, esta comissão forneceu um roteiro com 38 edificações de valor histórico na cidade, e foi a penúltima comissão criada pela Fundação.

Parte deste roteiro traçado já foi percorrido na *Primeira* e na *Segunda Caminhada da Memória de São Caetano do Sul*, o que, em termos práticos, colocou a população em contato direto com seu patrimônio cultural e com lugares que fizeram parte da história do município, no intuito de desenvolver, não só uma consciência social acerca do patrimônio arquitetônico da cidade, mas também a capacidade de reconhecer e identificar estruturas urbanas e edificações que merecem ser resgatadas e preservadas. Além disso, cada ponto do roteiro foi identificado com uma placa cerâmica que remete à tradição oleira da cidade, o que valorizou os aspectos culturais e históricos da edificação.

E, por último, temos a *Comissão de Defesa do Patrimônio Cultural de São Caetano do Sul*, criada no ano passado, que encerra esta sinopse através da evolução dos mecanismos legais para a defesa do patrimônio histórico e arquitetônico da cidade, bem como dos esforços da Fundação em atender aos seus principais objetivos.

Apresentaremos, agora, o que de mais relevante foi abordado no seminário por cada um dos palestrantes, escolhidos graças a sua contribuição e a sua atuação profissional no município, com obras, projetos, criação de leis e também com idéias para o melho-

ramento da qualidade de vida no ambiente urbano. Entre os vários profissionais atuantes no município foram chamados os arquitetos *Rodney Guaraldo, João Carlos de Moraes, Carlos Leite de Souza e Ênio Moro Júnior*. Além desses, também foram convidadas as arquitetas *Leila Regina Diegoli e Cássia Magaldi*, do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH) do Município de São Paulo. A coordenação ficou por conta do arquiteto Nívio Tessitore. Os depoimentos versaram sobre memória, história, planejamento urbano, exploração imobiliária, evolução do espaço urbano, desenvolvimento do comércio e da indústria, patrimônio histórico e, sobretudo, propostas e alternativas para os problemas de uma cidade que está em constante processo de transformação urbana. Esperamos, portanto, que este trabalho represente não só um resgate da história oral, mas também, sobretudo, que contribua para o fomento de uma discussão mais abrangente sobre as questões de preservação, resgate e manutenção do patrimônio arquitetônico, histórico e cultural da cidade, o que, em tempos atuais, tornou-se um instrumento necessário para a implementação de projetos de revitalização e de políticas públicas tais

como os desenvolvidos nas principais cidades do país e do exterior.

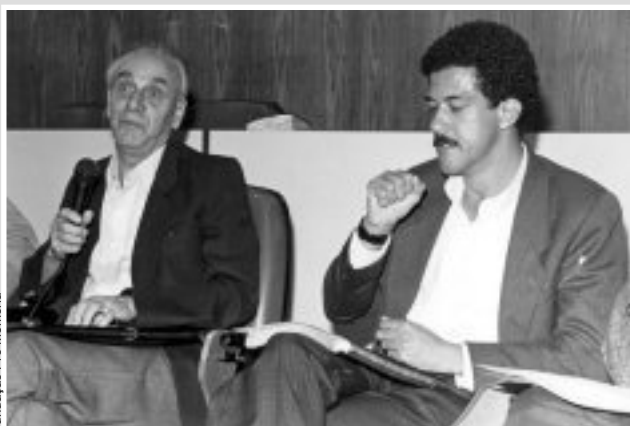
**GUARALDO** é um dos arquitetos mais antigos da cidade. Sua atuação profissional, em São Caetano, iniciou-se por volta de 1955, na Prefeitura Municipal. *Como todo recém-formado, naquela ocasião, o problema de emprego já existia e as oportunidades sempre foram escassas. São Caetano tinha sido desmembrado de Santo André fazia pouco tempo. Era um município novo, totalmente carente (...), com uma população ávida por obras, por progressos e políticos mais interessados ainda. Só que tinha tudo para ser feito. Então eu peguei a fase de São Caetano que era tudo terra. Então era a fase das guias e sarjetas. (...) E eu como arquiteto, único arquiteto da Prefeitura, também com pouca experiência, como primeira obra, (...) fiz o Colégio Coronel Bonifácio. Este foi meu primeiro projeto aqui na Prefeitura, que era uma obra de escola grande, que teve uma importância no desenvolvimento da educação, da população de primeiro e segundo grau em São Caetano.*

*Como na Prefeitura havia poucos funcionários, Guaraldo atuou em todos os setores, na área de*

*aprovação de plantas, de obras particulares, atuava na área do cadastro, atuava na área de serviços e obras. (...) Dizia que a melhor escola que um profissional recém-formado teria, se ele pudesse, seria trabalhar numa Prefeitura, porque lá ele se completaria, já que os assuntos são os mais variados e as oportunidades de atuação e aprendizado são inéditas.*

Guaraldo fez um bom relacionamento no município, tanto que, mesmo depois, quando saiu, continuou elaborando projetos e obras solicitados pela Prefeitura de São Caetano - que, desde cedo, aprendeu a trabalhar com arquitetos. O projetos eram feitos dentro da Prefeitura ou mediante a contratação de um escritório de fora, porque *naquela época podia ser contratado, não havia leis, essas e outras leis, como a 8.666, que existe hoje, que proíbe e fica muito mais difícil, porque tem de ter concorrência. Antigamente, contratava-se direto, escolhia-se como médico (...). Com arquitetura era a mesma coisa. A Prefeitura sempre teve esse relacionamento fácil de se contratar os arquitetos. (...) E, nesse particular, São Caetano é um exemplo a ser seguido, porque não são todas as Prefeituras que agem assim. (...) Então, eu fiz uma porção de projetos para a Prefeitura (...). Deve ter chegado perto de 60, 70 projetos, mais ou menos, durante toda minha carreira aqui.*

Na área de patrimônio histórico, Guaraldo iniciou-se *meio sem querer*, com a reforma do Museu de São Caetano, o Palacete De Nardi, que foi uma solicitação do prefeito Walter Braidó, que *queria recuperar aquele edifício. Ele um dia chegou e me perguntou se eu podia fazer aquilo. E eu falei que não tinha experiência nenhuma nesse negócio. Mas ia procu-*



Arquitetos: Rodney Guaraldo e João Carlos Moraes



IMES Instituto Municipal de Ensino Superior; Fundação das Artes e o Colégio Comercial (Faculdade Paulista de Serviço Social). Citadas por Guaraldo, essas três escolas têm uma mesma filosofia de projeto



*rar saber. Naquele projeto, Guaraldo consultou e contratou dois arquitetos que trabalhavam do Departamento do Patrimônio Histórico. Enfim, topamos a parada.*

*Na Prefeitura as obras tinham de ser licitadas, porém, obras como as de recuperação, acreditava Guaraldo, deveriam ser tratadas de modo diverso. Devia ter uma possibilidade de você contratar as pessoas certas, especializadas, contratar de uma outra maneira para não cair nas dificuldades de se contratar uma empreiteira, uma construtora, para fazer uma obra de recuperação sem pessoal*

*especializado. Então, isso foi um problema que a gente teve aqui, mas que a gente conseguiu contornar com muito esforço e dedicação, e conseguimos recuperar (...) o que São Caetano tinha de mais expressivo para ser recuperado. (...) Então essa era uma área em que eu atuei assim, chegando meio por fora, correndo por fora, como se diz na gíria. Porque não era minha especialidade e nem era [minha] intenção.*

*Agora, uma área em que eu atuei mesmo bastante, aqui, foi a área de educação. Eu fiz muitos projetos de escolas. (...) Tem um*

*conjunto de três escolas aqui que eu destacaria. Porque foi uma época em que houve projeto, uma arquitetura que avançou um pouco na tecnologia. Então você obtinha mais grandes vãos. (...) Então, foi a obra do IMES, Instituto Municipal de Ensino Superior, a obra da Fundação das Artes e aquele colégio comercial que é uma outra escola que tem ali perto. Essas três escolas têm uma mesma filosofia de projeto.*

*Mas elas mudaram. Mudaram não o uso em si. E elas mudaram um pouco de atividade, como a Fundação das Artes. Hoje ela tem um teatro funcionando, e lá tem também um auditório que foi adaptado. Não foi uma coisa projetada para aquilo, propriamente dito. Então elas continuam sendo escolas, mas com uma pequena variedade de atuação. E elas têm trinta e tantos anos. E, pelo que eu soube, o prefeito já recuperou uma delas, a do IMES, e está fazendo um empenho para recuperar as outras duas. Porque elas têm muito concreto aparente. (...) O ABC é muito agressivo ao concreto, a tecnologia de 30 anos atrás não é a mesma que temos hoje, de recobrimento (sic). Então essas escolas estão merecendo ser recuperadas. E, se não me engano, o prefeito está empenhado na recuperação delas atualmente.*

*Guaraldo é um arquiteto atuante desde o quarto centenário da cidade de São Paulo. Por seu escritório passaram umas três ou quatro gerações. (...) A gente fez, é lógico, uma pequena “escolinha” aqui em São Caetano. (...) O paradigma da gente era o professor Vilanova Artigas, era o Ícaro de Castro Mello, tivemos o Eduardo Kneese de Mello. Então, eu trabalhei no escritório desse pessoal quando estudante, fazendo estágio. Depois a gente teve amizade.*

Tinha o núcleo do IAB, o Instituto dos Arquitetos do Brasil, em que a gente se reunia, conversava sobre arquitetura, sobre tudo. (...) Essa foi uma fase romântica da arquitetura, que infelizmente acabou.

Eu sinto que o IAB, o Instituto dos Arquitetos do Brasil, esteja meio desprestigiado e os arquitetos meio desesperançados. A classe dos [arquitetos] ficou muito grande, e é difícil aglutinar esse pessoal numa causa em defesa de seus interesses. Além disso, há umas leis muito esdrúxulas, agora, que obrigam as obras públicas a ser licitadas por preços. Eu acho que arquitetura não devia ser por aí. Tem de se encontrar uma outra maneira de julgar o profissional. Não é custo. Eu acho que isso deve estar errado.

Eu não sou da área de planejamento. São Caetano é uma ilha de 13 km<sup>2</sup> dentro da Grande São Paulo. Quer dizer, aqui não se pensa em fazer grandes coisas. Eu acho que São Caetano ... Pode-se atuar aqui dentro pontualmente, numa legislação que beneficie o zoneamento. (...) E eu acho que o que nós podemos fazer aqui é atuar numa legislação a longo prazo, tornando proporcional o número de habitantes com o solo, com a infra-estrutura, e possibilitando que a cidade consiga ter vias de comunicação fáceis.

São Caetano é muito adensada. Fazer com que todos os prédios tenham pilotis é uma idéia para melhorar a ventilação. Manter os afastamentos laterais dos prédios e não deixar encostar prédio com prédio são providências que São Caetano tem de tomar. Limitar a altura. Sempre condicionar o número da população ao solo que nós temos ... Tem de ser por aí. (...) São Caetano é uma cidade que tende a ser muito procurada para habitação. É perto de São Paulo. (...) E nós temos dois bairros

que estão precisando de uma injeção de modernidade, nos quais, inclusive, o prefeito já fez uma modificação na Lei de Zoneamento: Bairro da Fundação e Vila Prosperidade (Bairro Prosperidade). São dois bairros que devem ser focos, agora, dessa preocupação, para que São Caetano cresça como um todo, harmônico e bonito. É assim que eu vejo.

**MORAES** abre o debate comentando sua dissertação de mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, defendida em 1993, sobre o Município de São Caetano. Nela trabalhou com as contradições de um município altamente adensado, altamente urbanizado. É o município onde você tem os dois contrastes: você tem o alto poder aquisitivo e, ao mesmo tempo, você tem as habitações coletivas, que permeiam os diversos bairros existentes na cidade.

Quando vereador, durante dez anos, teve condições de apresentar algumas iniciativas relacionadas ao patrimônio histórico e à questão do meio ambiente (...) Particularmente, em relação ao patrimônio histórico, apresentei uma iniciativa da estruturação do Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico do município, uma entidade que trabalharia em conjunto tanto com o Museu Municipal quanto com a Fundação Pró-Memória. E apresentei algumas iniciativas em relação à questão ambiental: coleta seletiva de lixo, trabalho de reciclagem, e por aí vai.

A dissertação faz um levantamento histórico da implantação do município: o processo da colonização italiana e, ao mesmo tempo, aquela fase da indústria artesanal ainda, da indústria ceramista, antes da fase das olarias.

Posteriormente, caminha para a implantação da pequena e da grande indústria. E entra um pouco nesta discussão a respeito da inversão da atividade econômica, que vem ocorrendo (...), que é a saída progressiva de indústrias do município para outras áreas ou outros estados mesmos, que oferecem incentivos fiscais, possuem áreas de expansão.

Falando sobre a dissertação, Moraes também analisa o espaço habitável do Município de São Caetano, o problema da habitação coletiva e o processo de modificação de uso. Em São Paulo, por exemplo, nós temos a modificação de uso em relação a alguns bairros e edificações como Campos Elíseos, Barra Funda e alguns casarões que foram utilizados por barões do café, num determinado período histórico, e, hoje, são utilizados por diversas famílias e transformados em habitações coletivas. Em São Caetano este episódio não ocorre. Mas nós temos várias habitações antigas, e [em] determinados momentos existe um valor patrimonial histórico. São habitações que remontam ao início do século e que são utilizadas, muitas vezes, como habitações coletivas.

Voltando a falar sobre industrialização, Moraes considera que São Caetano ainda continua tendo um traço industrial, (...) enquanto cidade produtiva. Mas, ao mesmo tempo, percebe o crescimento das atividades de serviços, principalmente com a vinda das grandes empresas - Carrefour, e agora o Extra -, que estão ocupando uma área que antes era de uma indústria. (...) Ele acredita que, num período de cinco ou dez anos, esta inversão será total do ponto de vista da economia do município. Nós não seremos mais um município essencialmente industrial (...). Não só São Caetano,

mas também a própria malha urbana da região do ABC está se transformando, progressivamente, em relação a sua característica econômica.

Nós vivemos num município altamente adensado, numa média de mais de 2.000 hab./km<sup>2</sup>. Um município onde toda a infra-estrutura urbana está totalmente resolvida em relação à água, à luz, ao saneamento, ao asfalto, e que possui uma alta renda per capita (...), uma alta concentração de veículos, uma alta concentração de bens duráveis e bens de consumo. Ao mesmo tempo, porém, nós não temos áreas horizontais de expansão - há uma inexistência flagrante, principalmente no aspecto de nós termos um município em torno de 15 km<sup>2</sup>. Uma área territorial muito pequena, muito exígua. E a inexistência de áreas verdes acaba dificultando a atividade voltada para o lazer, atividade voltada para a cultura, atividades coletivas e públicas, de um modo geral. A tendência de crescimento de São Caetano, isso já marcadamente de 15 anos para cá, é fundamentalmente vertical. (...)

Mas nós temos diversas habitações nessas áreas que sofreram degradação pelo efeito das enchentes, e alguns problemas como poluição visual ambiental e poluição de ruído (...). Nós temos uma alta concentração de monóxido de carbono no município, bem como uma alta concentração de poeira em suspensão, devido à grande quantidade de obras, o que dificulta a circulação dos ventos.

O destino do lixo é um outro problema, não só do no município, mas de toda a região. Eu ainda defendo a idéia de que o trabalho de reciclagem e de coleta seletiva de lixo seria uma alternativa muito interessante para São Caetano, precedido de um traba-

lho de um ou dois anos de educação ambiental em todos os níveis: no ensino fundamental, no ensino médio e no ensino superior, e para todas as entidades. Ou seja, que a população tivesse consciência, através de palestras, debates, áudios e, assim por diante, da importância do trabalho de coleta seletiva, trabalho de reciclagem na cidade.

Em relação à programação cultural de lazer, Moraes acredita que ela pode ter uma característica de qualidade e uma agenda anual, (...) com atividades culturais mais dinâmicas no município e incentivo às atividades alternativas culturais que possam existir na cidade. Por volta de 1993, junto com um grupo, Moraes organizou uma entidade chamada Projeto SOS Cultura, que foi retomada no projeto SOS Cultura, Ecologia e Cidadania, onde se pretendia discutir estas questões e trabalhar em conjunto com as diversas entidades aqui do município.

A utilização planejada de próprios municipais ociosos, principalmente com o problema da reestruturação do ensino haverá alguns prédios que poderão ficar ociosos. Então seria importante que se apresentassem algumas alternativas de utilização comunitária (...) para esses prédios. Neste ponto, Moraes defende a estruturação do Conselho Municipal integrado com a Fundação Pró-Memória e o Museu Municipal, bem como um trabalho de catalogação e plano de preservação dos bens históricos culturais e patrimoniais da cidade, dando-lhes uma efetiva função pública. Não adianta, por exemplo, preservar e deixar parado lá com as baratas comendo, cupins etc.

A revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município, desenvolvido há pelo menos mais de seis anos, da Lei de

Zoneamento, e mesmo [algo] em relação ao Código de Obras e Edificações, que nós utilizamos ainda o antigo e saudoso Código de Obras Arthur Saboya, são iniciativas que podem ser coletivizadas e ampliadas para dar publicidade a esta discussão.

Deveria existir um setor de planejamento urbano implantado na Prefeitura, coisa que eu não sei se existe, mas seria importante para se repensar a possibilidade de reestruturação de corredores de acesso à cidade de São Caetano, porque, no período de pico, nós temos diversos pontos de congestionamento na entrada e saída da cidade. (...)

É interessante revitalizar o centro da cidade, mas não deixar de programar o mobiliário urbano, com criação de fraudário, lixeiras, espaço de circulação de pedestres, voltados ao lazer e à convivência e à cultura. (...) Além disso, os shoppings teriam uma dimensão muito mais aperfeiçoada, do ponto de vista público, se eles fossem menos restritos e mais públicos (...), através de programações que envolvam a população, através de lazer e de atividades culturais (...). São Caetano não é uma ilha, e tem de efetivamente estar integrada às atividades e aos encaminhamentos desenvolvidos na região. (...)

E, por fim, a necessidade de um trabalho sistemático de planejamento urbano para a cidade. E para isso tem de haver um corpo técnico, um corpo de profissionais que busquem discutir, aprofundar e debater as diversas questões pertinentes ao município. Eu agradeço a atenção de todos e muito obrigado.

**DIEGOLI**, trabalhando na administração pública, Departamento de Patrimônio Histórico de São Paulo, sabia que a questão da pre-

servação era muito mais do que um simples trabalho: era militância. Mas desde que entrou naquele órgão, muita coisa mudou. *Eu nunca gostei muito que a questão da preservação fosse encarada como uma especialidade, porque ela (...) tem de ser tratada como uma atividade normal do arquiteto que vai intervir numa área já consolidada. A questão que tem por trás é o conhecimento da nossa história, é o entendimento do que é aquele lugar, e não uma especialidade de quem faz um curso na Itália e sabe como se restaura um mármore de Carrara. (...) A primeira questão é a nossa própria memória. É entender a vida das pessoas que moram no assentamento em que está se intervindo.*

Sua atuação na área do patrimônio histórico iniciou-se ainda na faculdade, desenvolvendo, como trabalho de conclusão de curso, projeto de reciclagem de alguns galpões próximos de sua residência, o que lhe abriu as portas para o trabalho no Departamento de Patrimônio Histórico.

Para ela, o DPH *tem uma estrutura, do ponto de vista técnico, muito interessante. E, como todos sabemos, essa questão da preservação da memória e da preocupação com a identidade cultural surgiu lá no Estado Novo, e foi tratada e iniciada pelos modernistas, pelo Mário de Andrade, depois pelo Lúcio Costa, Rodrigo Melo Franco de Andrade e toda essa turma.*

*Criado em 1975, o DPH tinha um corpo técnico muito bom. E a questão do reconhecimento do patrimônio era emergente, por conta de se saber o que era “cidade” e por conta também de se ter um maior aprofundamento sobre conceitos acerca do que fosse o patrimônio histórico e arquitetônico em São Paulo, ou, melhor*

*ainda, o patrimônio ambiental urbano (...) Quando a gente sai daquela visão do edifício isolado e passa a entender que a preservação é necessária dentro de um ambiente urbano.*

*Essa questão do inventário para nós era emergente, porque o conceito que sempre teve, principalmente aquele presente do Decreto-Lei nº. 25, que institui o tombamento federal, trata sempre da questão do excepcional valor histórico, arquitetônico, artístico e turístico. E esse excepcional valor histórico, arquitetônico, artístico e turístico sempre recai sobre nossa história oficial, ou seja, sobre nossos grandes personagens da história: era o D. Pedro, a Casa da Marquesa, o Brigadeiro Tobias ... E a preocupação do DPH era compreender a história da cidade de São Paulo. Daí entender o que era “cidade”, daí a importância de se fazer um inventário, que se tornou uma atividade sistemática, com métodos próprios de trabalho, tomando-se como base a realidade da cidade paulista. Outro ponto foi entender a questão do sentido de “preservação”, porque quando a gente fala de patrimônio histórico, todo mundo acha bonito em outros países, na Itália. Mas, quando vem falar do Brasil, e em São Paulo principalmente, cujo mote é a “cidade do*

*progresso”, é a “cidade da modernidade”, a principal característica que é difundida é o seu caráter mutante.*

E também porque é difícil entender que um conjunto urbano, um conjunto de casas, uma vila operária seja um monumento cultural. Para muitos, monumento cultural é o Teatro Municipal, o Palacete dos Barões do Café. E, nesse sentido, o DPH só foi contar com uma legislação municipal em 1985, com a aprovação de uma lei de tombamento.

Diegoli comenta que a palavra tombamento é estigmatizada, *(...) tem todo um sistema de contra-informação, no sentido de que as pessoas pensam que está tombado e não se pode fazer nada. Então, na calada da noite, vai lá e aí põe tudo no chão. (...) A questão não é transformar a cidade num museu, mas, para que o patrimônio histórico possa continuar existindo, ele tem de atender as nossas necessidades contemporâneas, (...) sendo necessárias adaptações (...) que devem ser feitas sempre com algum critério.*

*Nós conseguimos o tombamento municipal (...) que irá preservar aquilo que é de interesse local, (...) E para nós foi um grande avanço no DPH. Porque anteriormente a isto, os instrumentos com que nós podíamos contar eram o*



Arquitetas: Leila Diegoli e Cássia Magaldi

Fundação Pró-Memória

tombamento a nível estadual do Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo) e a nível federal do Iphan.

*Este instrumento é muito importante, pois, no momento em que somos solicitados pela população organizada, que vem reivindicar os seus direitos de preservar um imóvel, nós estamos atendendo. E, no caso do DPH, ele funciona como órgão técnico de apoio ao Conpresp, que é o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo. Na época do projeto de lei, que foi elaborado com a colaboração de técnicos do DPH, do IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil), da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), com professores da Universidade de São Paulo, com o Iphan, o Condephaat, foi muito interessante o debate. E foi feito muito em função das deficiências que as outras legislações apresentavam. Tentamos, o máximo possível, não cometer os mesmos erros.*

*Uma outra questão de avanço nesta lei foi que (...) nós propusemos a criação de um fundo especial para a captação de recursos para trabalhar só com esta questão da preservação.*

*Este projeto foi aprovado em 1985. (...) E, se não me engano, eram 20 membros: três cadeiras eram móveis, onde a sociedade civil organizada se inscreveria e, conforme fosse a pauta, ela participaria. (...) Em 1986, o prefeito seguinte fez um novo projeto de lei que alterou a composição do Conpresp, reduzindo-o para simplesmente oito representantes. Uma cidade como São Paulo, com aproximadamente nove ou dez milhões de habitantes, tem oito pessoas para decidir quais são os*

*bens constituintes do patrimônio histórico e cultural. E muitos deles, ainda por cima, são representantes da própria administração pública (...). Mas eu acho que as coisas são assim. São os embates políticos.*

*O DPH tem o maior acervo de casas ditas bandeiristas do Brasil, por incrível que pareça, e também algumas edificações dos séculos XIX, XVIII. E a Cássia poderia conversar com vocês também, para falar um pouco desse estigma do custo da obra de restauração (...) e sobre a questão da intervenção física, da recuperação deste acervo.*

**MAGALDI** - *Eu vou falar um pouquinho da minha experiência e sobre esta militância que é trabalhar com preservação. Eu trabalho com preservação desde a escola, desde a faculdade. Eu sou de Salvador e me formei em Salvador. Em Salvador, até o início dos anos 90, quando preservação ainda não era moda, a gente brigou muito para conseguir segurar alguma coisa no próprio Pelourinho. E, a partir do momento em que houve esta intervenção e esta vontade política de se resgatar o centro histórico da cidade, é que as pessoas começaram a ver que existe possibilidade de trabalho e um campo de atuação muito grande para o arquiteto baiano, que também é muito estigmatizado como um sonhador, que imagina a cidade ideal que nunca mais vai voltar.*

*Hoje em dia vê-se essa preocupação com a preservação da natureza e com a preservação dos verdes, com a preservação dos animais, e a gente se esquece da nossa preservação, do ser humano na cidade, do "urbanita". (...) Eu gostei de ouvir o arquiteto Guaraldo quando ele falou. Puxa, se a gente só colocasse pilotis, já*

*faria um canal de ar, de ventilação permanente para a cidade. Quer dizer, imaginar ações pequenas que nos preservariam. Então, eu trato a preservação do patrimônio cultural como a própria preservação de nossa vida.*

*A gente se queixa do trânsito, da poluição, de tudo. Mas alternativas de debates como esta que vocês estão fazendo aqui é que são fundamentais para a gente começar a pensar que alternativa de trabalho e de exigência de planejamento a gente pode ter. E a preservação passa principalmente pelo planejamento urbano.*

*Preservar um conjunto da cidade implica principalmente na qualidade de vida da cidade. Não implica somente no valor histórico arquitetônico, no valor de excepcional qualidade. A qualidade está na própria escala humana que aqueles conjuntos têm. Então a gente poderia muito bem conversar no sentido de conhecer a "inventariação" que a Leila Diegoli apresentou. Um trabalho sistemático de conhecimento que se faz no DPH, sobre as arquiteturas existentes na cidade de São Paulo, que, na cabeça de alguns, soa: "O que vocês vão inventariar em São Paulo?"*

*Então, a gente já tem inventariada uma gama muito grande na cidade de São Paulo, que nos dá segurança de dizer: "Vocês são loucos de querer adensar a cidade. Não somente pela qualidade arquitetônica que a gente tem nas construções mais antigas, isso é indubitável, mas também porque as construções antigas são melhor executadas e com uma clareza ergonômica melhor e com uma qualidade de conforto ambiental muito melhor do que qualquer coisa que está se fazendo hoje".*

*Então, a própria preservação passa aí por este pensamento. Por*



*esta forma de se imaginar a cidade, de uma forma de você preservar para qualificar e não para congelar (...) A gente vê áreas totalmente degradadas em função da própria intervenção pública: de viadutos, de áreas livres que estão sobrando, sem nenhuma mínima preocupação em se qualificar essas áreas.*

Magaldi comenta que trabalhar com restauração e com preservação não seria especialidade de alguns arquitetos, pois já se conseguiu a aprovação, no Conselho Federal de Educação, da introdução do conhecimento do trato com preservação na graduação de arquitetura, pelo menos. Então isso é uma coisa pela qual a gente vem brigando. (...) Nós não seremos mais só especialistas: o arquiteto brasileiro, formado a partir de 1996, obrigatoriamente saberá trabalhar com o construído, saberá intervir no construído com respeito, principalmente com o conhecimento do que está fazendo. Porque, na medida em que você conhece, você sabe o valor que tem, e você sabe como intervir, como inclusive economizar na construção se você conhece.

*Existe uma coisa interessante no Brasil: se diz que uma reforma é muito mais cara do que uma construção nova. Pelo jeito que elas são feitas no Brasil, obviamente que seriam mais caras. Porque não se conhece o que se está por trás. Então, para o arquiteto, a gente conhecer arquitetura não é uma curiosidade, não só uma forma de se ter conhecimento (...), não é filigrana. Pelo contrário, é necessidade de economia na construção.*

Como exemplo de economia, Magaldi cita os trabalhos de restauração do Teatro Municipal, quando ela era responsável pelo projeto e pela obra, e coordenou os trabalhos até 1987. Quando a

*gente foi fazer a fachada, na gestão da Luíza Erundina, a fachada estava orçada, com orçamento do Departamento de Edificações aprovado, em quatro milhões de dólares. Por quatro milhões de dólares nenhuma administração dita democrática popular faria uma restauração só de fachadas. Não teria como. Então foi aí que aprendi que restauração, na realidade, não é nada caro, o que falta é planejamento da restauração.*

*Então, a gente sentou e compôs o preço unitário de cada serviço e da mão-de-obra envolvida na restauração daquela fachada (...). Foi feita, então, uma composição de preços unitários de cada serviço de restauro, uma coisa que a gente até oferece para outras Prefeituras que querem essas planilhas de serviços, porque os serviços do Teatro Municipal são serviços que poderiam ser aplicados em outros imóveis, e isso não impede que cada um tenha sua composição de preço, para cada um de seus serviços, com base neste método de trabalho que a gente fez.*

E dos quatro milhões de dólares, a obra ficou orçada por 390 mil dólares. Quer dizer, nós tivemos 90% de abatimento numa obra. E a Construtora Método fez do mesmo jeito. Outro problema, conforme Magaldi explica, são as contratações, que apesar de serem por licitação, não são muito bem encaminhadas. Porque, de repente, elas dão margem, em se tratando de serviço de que não se tem conhecimento, (...) para todas as possíveis subcontratações. (...) Então esta escala de contratações é que a gente conseguiu eliminar com a composição de preço. Pois, onde nós compusemos o preço unitário, bastava a Método contratar diretamente aquele serviço, porque a gente tinha como cobrar. Então, acho que é uma militância,

*uma vontade de você querer fazer. Você demonstrar que o custo não é aquele custo absurdo.*

Outra proeza orçamentária foi a restauração da obra da casa da marquesa de Santos, que foi conseguida por 500 dólares/m<sup>2</sup>. Tratou-se da restauração do imóvel mais valioso da cidade de São Paulo, o último imóvel de taipa de pilão, (...) com as características construtivas do século XVIII, o único urbano da cidade, ainda. Esse trabalho foi realizado com a colaboração do laboratório de restauro da Universidade Federal da Bahia, que é o único laboratório de restauro do Brasil, e o mais completo. A propósito da criação de outros laboratórios de restauro, Magaldi fala que é uma demanda real da própria formação profissional. (...) Isso porque nós não somos mais especialistas. Nós seremos naturalmente arquitetos que saberemos trabalhar no construído, com o respeito e o conhecimento total desse construído.

**LEITE DE SOUZA** começa dizendo que a memória humana é uma coisa fantástica. Isso porque minha primeira namorada morava aqui no Bairro da Fundação. Há 18 anos, sendo eu um paulistano (...), e um adolescente apaixonado, pegava o trem, chegava aqui às sextas feiras, ficava na casa de um colega, e voltava no último trem, o trem da meia-noite, para São Paulo. Depois de 18 anos, Leite voltou a São Caetano para dar aulas na UniABC, a convite de Ênio, duas vezes por semana. E a memória é fantástica. Como eu estava dizendo, passados 18 anos - nesse meio tempo eu vim uma ou duas vezes para cá - venho para São Caetano às segundas e às quartas. Eu chego mais cedo por causa do trânsito, e então fico passeando um pouquinho, ou de carro ou a pé, pela cidade, antes de começar

a minha aula. A cidade não se modificou muito. (...) Na essência, a cidade continua a mesma. E isso é fantástico.

Em São Paulo, isso não aconteceu, porque é uma cidade que é eternamente reconstruída. (...) Eu acho fantástico voltar a São Caetano, pois, apesar das intervenções que foram feitas nesses 18 anos, na essência a cidade continua a mesma. Muitos dos lugares, os espaços, para mim ainda são lugares. Lugares no sentido de que ainda têm significado para mim. (...) E isso é muito bom.

Isso não acontece em São Paulo. Eu sou paulistano agora. (...) O Parque D. Pedro não existe mais no meu imaginário de quando criança. Aquilo é outro lugar, a cidade foi detonada. Detonada por um planejamento urbano modernista, racionalista, predominantemente viário, no seu aspecto do planejamento. (...) E, então, a gente perde todo o referencial de cidadania da cidade, de imaginário coletivo. A população não se sente mais dona de sua própria cidade.

Leite comenta que o seu trabalho com patrimônio vem da prática. Trabalhou durante sete anos com o arquiteto Paulo Bastos, que foi presidente do Condephaat, antes de entrar na UniABC para ministrar aulas sobre patrimônio e restauro. Então eu trabalhei muito na prática. A minha vida acadêmica, o meu mestrado e o meu doutorado na FAU, que eu faço hoje em dia, é num viés que eu diria paralelo: é sobre desenho urbano e percepção ambiental e urbana. Então, eu tento trabalhar mais na coisa urbana, e não tanto na edificação. Mas, de qualquer maneira, eu vejo as duas coisas se complementando.

Eu queria usar minha fala para fazer quase que duas pequenas propostas diretrizes. As duas que-

ro crer perfeitamente realizáveis. Uma delas é bastante humilde e a outra, talvez, um pouquinho mais complexa, mas me parece realizável.

Eu acho essencial que se dê aula, se fale, que se tenha adotado no currículo das escolas de arquitetura, de alguma maneira, essa disciplina patrimônio histórico, patrimônio ambiental, patrimônio arquitetônico, patrimônio urbano. (...) E nós dividimos o curso em duas partes: uma parte teórica, que eu acho fundamental, porque não dá para falar da prática sem a gente falar um pouco das cartas de restauro. (...) E a segunda parte - e aí eu vou chegar na minha primeira proposta - trata de um estudo no Grande ABC. Então, muitos estudos são feitos pelos alunos, em equipes pequenas (...), em ambientes e locais, a princípio, de escolha livre. Então, a gente tem trabalhos feitos que vão desde uma escala um pouco urbana, como o Paço de Santo André (...), e alguns trabalhos aqui em São Caetano.

No semestre passado, por exemplo, nós tivemos dois grupos trabalhando: um no Museu de São Caetano (...) e outro na igreja. (...) E os trabalhos fazem um pouco daquilo que qualquer pessoa, dentro do âmbito de um semestre, faria: eles fazem levantamento histórico, iconográfico, (...) levantamento fotográfico, entrevistam as pessoas que cuidaram, vão aos órgãos que fizeram o tombamento daquele ambiente, se é que ele já foi tombado.

E, o mais interessante, é que eles chegam ao final do trabalho com uma proposta que reflete uma análise crítica do trabalho e deles mesmos. (...) “O que é que vocês fariam?” “O bem foi tombado, foi restaurado, mas está com uso adequado?” “Não, não está”. “Deveria ter um outro uso?” “Deveria

ser ampliado?” “Deveria ter um anexo?” “Está ótimo, muito bem. Vamos divulgar mais o seu uso”. Enfim, é livre. E é uma coisa que eles são obrigados a fazer, (...) eles são obrigados a pensar um pouquinho enquanto arquitetos que irão intervir de alguma maneira naquela obra.

Esse é um tipo de coisa que eu gostaria de levantar a todos que se interessassem: (...) de que maneira a escola pode se aproximar um pouco mais da realidade das pessoas? Ou seja, não estou dizendo que o trabalho de um aluno deva ser implantado. Mas eu quero dizer que é possível fazer trabalhos conjuntos entre universidade, entre poder público e entre a iniciativa privada, que (...) podem ser expostos na Fundação Pró-Memória, podem ser expostos na Associação Comercial, podem ser discutidos, podem ser compartilhados, podem ser patrocinados. Enfim, acho que é necessário e frutífero, para as três partes, e, portanto, à sociedade sancaetanense como um todo, que esse tipo de coisa não se restrinja à sala de aula.

Como já foi dito antes, e como eu contei prosaicamente minha história do namoro (...) O interessante é isto: existem, mais do que edifícios, inúmeros ambientes urbanos, espaços urbano: a Avenida Goiás, este centro que foi “pedestrianizado”, este conjunto de edificações que foi Prefeitura e não é mais hoje. (...) E esta é uma cidade particularmente interessante porque é pequena (...). Existem locais (...) que fazem parte do imaginário da sociedade sancaetanense, que merecem ser estudados e que merecem inclusive ser revitalizados.

Isso tem valor de pesquisa na escola? Tem. Isso tem valor de pesquisa para a Prefeitura, particularmente para a Fundação Pró-Memória? Sem dúvida. Isso pode



Arquitetos: Ênio Moro e Nívio Tessitore (mediador do debate)

ter valor para entidades privadas, para comerciantes, para empresários? Sem dúvida. Podem surgir, por aí, trabalhos de revitalização (...) de um trecho que mereça ser revitalizado, que tenha valor, inclusive, imobiliário para o comerciante, para o empresário que tem o seu lote ou que pretenda ter.

A segunda proposta é um pouco mais complexa. Mas, como havia dito antes, perfeitamente executável. É a revitalização conduzida por gente especializada, (...) um corpo técnico especializado. Que se dê, em alguma instância da Prefeitura, o "start" no processo de revitalização urbana, como no caso do "Projeto Rio-Cidade", em que foi feito um grande concurso público para arquitetos do Rio de Janeiro envolvendo, na primeira fase, 17 áreas e, na segunda, mais 15 áreas de revitalização em ruas, avenidas e pequenos entornos principais de bairros principais - tanto na zona sul quanto na zona norte do Rio de Janeiro.

São Paulo, através do IAB, está montando um coisa, não sei qual é o nome, mas podemos dizer que é um "São Paulo Cidade". É um conjunto de concursos para arquitetos sediados em São Paulo, na cidade de São Paulo, para revitalizar 25 áreas centrais de

bairros de São Paulo. Isso é interessante porque cada bairro tem uma história, cada bairro tem a sua característica própria. Então, é interessante que haja intervenções pontuais em cada bairro. No Rio de Janeiro isso foi feito e ficou muito interessante. (...) Porque cada bairro tem uma história.

Este é o tipo de coisa que não é, por incrível que pareça, tão oneroso ao poder público. Não é uma coisa feita totalmente pelo poder público. (...) O Estado, nas três instâncias, no Brasil, está falido. Então o poder público tem a obrigação e o dever de, por exemplo, ter esta equipe técnica, que dê este "start", para fazer intervenções mais práticas, mais pontuais, que resgatem a vida da cidadania, para que as pessoas voltem a conviver nas ruas, praças e áreas pedestrianizadas.

Os escritórios, os arquitetos, os interessados que conhecem a cidade, sejam eles historiadores, restauradores, arquitetos, podem participar. A iniciativa privada, vendo o retorno da coisa, também participará. Acho que esse é um exemplo. O "Rio Cidade" é um exemplo do que foi feito. (...) Então, eu acho que estas duas propostas: uma me parece muito fácil de se fazer, é quase que ter a boa vontade das três partes, e a outra,

um pouco mais complexa, partiria, me parece, a iniciativa inicial, de uma vontade política da Prefeitura. Contando-se com a boa vontade de várias pessoas, pode-se trazer a cidade de volta a sua urbanidade. Urbanidade no sentido de dar vida. Vamos botar as pessoas nas ruas, para que reconheçam os ambientes e neles vivam. Eu acho que é isso, para não falar demais.

**MORO** - Eu estava ouvindo aqui todos os relatos e vendo que, realmente, para a gente falar de arquitetura, falar de São Caetano, existe um componente que é fundamental, que é a paixão. Tem de ter uma ligação muito profunda com a arquitetura, com a organização de espaços, com o planejamento urbano, com o patrimônio, com a comunicação visual. (...) Eu estou aqui em São Caetano desde 1989, e minha experiência, enquanto arquiteto, antes disso, foi muito chata. Porque só fazia trabalhos de pouco envolvimento. (...) A partir de 1989, eu tive a oportunidade de começar a trabalhar aqui em São Caetano, e eu estou até hoje. E, até pelas possibilidades que se abriram, esse envolvimento foi ficando tão intenso que hoje eu estou com quatro atividades muito profundas aqui na cidade. (...)

Essa questão que o João colocou muito bem, da mudança do perfil da cidade, é um fator que a gente está discutindo nos pontos onde estou atuando. (...) Sou coordenador do curso da UniABC, curso de arquitetura, primeiro curso de arquitetura da região. Sou arquiteto da Prefeitura de São Caetano e sou diretor de urbanismo da Associação Comercial. Foi engraçado que estas coisas foram pintando. "E aí, você aceita?" "Aceito". "Vai ter tempo?" "Não sei". Arruma. Isso que eu falo para alguns alunos

(...) que trabalham: nunca digam não.

Dentro da Prefeitura, duas atividades que eu colocaria como destaque: uma é a comissão de programação visual e mobiliário urbano. Uma comissão que o prefeito nomeou no início da gestão dele. (...) Dentre as propostas, Moro nos fala que uma delas está virando projeto de lei: a de normatização de publicidade de rua. Quer dizer, não vai poder encobrir mais todas as fachadas. Só vai poder cobrir só cerca de 10% da área da fachada. Não vai poder invadir a calçada. Vai ter um custo, porque, até então, você podia colocar qualquer coisa na cidade que a Prefeitura não tinha nem como cobrar. (...) Baseado no projeto Vivacor de Santos, no projeto de Curitiba e em algumas coisas do Rio de Janeiro (...). Esse projeto já está em fase final de elaboração.

Um outro trabalho, que está sendo desenvolvido por Moro na Prefeitura, é um parque na Vila Santa Maria, que é uma das últimas áreas livres da cidade, com aproximadamente 30.000 m<sup>2</sup>, na divisa com Santo André. E a coisa está tão efervescente que o secretário da Habitação da Prefeitura de Santo André já procurou a gente para tentar fazer esse parque integrado.

Em relação à UniABC, (...) a gente forma a primeira turma de arquiteto no final do ano que vem (...). Soltaremos no mercado essa equipe de aproximadamente 22 arquitetos. E o que está sendo muito bacana é que hoje praticamente todos (...) já estão trabalhando em órgãos da região, já estão trabalhando em Prefeituras, já estão trabalhando em alguns escritórios. Isto é uma coisa que a gente vem fazendo com os alunos. Como a estrutura é pequena, a cidade é pequena, o

grande ABC é muito interiorano. Interiorano no bom sentido, claro. Permite você pegar o telefone, ligar para algumas pessoas, e colocar gente estagiando por aí.

Outra coisa também é que hoje foi a inauguração do laboratório de construção e restauro da UniABC. Restauro ainda está no papel. Mas, de construção, a gente está com uma área aqui na divisa de Santo André - São Caetano. A gente montou o primeiro curso de arquitetura de terra em escolas de arquitetura. (...) E hoje foi a inauguração. (...) Semana que vem, a gente começa a fazer tijolo de terra. A gente está com um, mas não vou dizer que é um patrocínio, mas quem está orientando a gente é o Instituto de Terra de Grenoble, na França. Quer dizer, toda a normatização de como funciona. Então, a idéia é, como a PUC de Campinas já tem isso também, a gente ser um outro pólo de arquitetura de terra na região.

E, quanto ao laboratório de restauro (...), a gente deve estar montando alguma coisa no mesmo nível do laboratório da Bahia. Nesse mesmo nível não, porque com certeza eles estão muitos anos na nossa frente. Mas alguma coisa por aí. Porque está no projeto de curso, já tem coisas para serem compradas, já tem espaço. Então a idéia é montar esse laboratório para estar trabalhando aqui na região. Então a UniABC era isto.

E, na Associação Comercial, a gente está pensando em dois níveis: de propor, via Associação Comercial, um plano de revitalização da área central. (...) Já em Setembro, Outubro, para dar uma revitalizada no centro. Esta revitalização ... Trata-se de obras pontuais. Não são obras de grande porte porque é impossível. É iluminação, calçada, fachada. É tentar dar uma melhorada nisso. A

UniABC vai participar também. E outra coisa que a gente deve estar propondo via Associação Comercial e UniABC seria uma política de ambiente (...) para São Caetano, mas a gente sabe que irradia.

Tem um fato muito importante, que a gente já está estudando na UniABC, que é a Estação de Tratamento de Esgotos do Sacomã, aqui do lado, que fica pronta agora no final do ano. E a gente vai começar a tirar a poluição do Tamanduateí. Então, vai ser um fato urbanístico muito forte para a região do Grande ABC, para São Caetano. Fato muito significativo, porque, daqui a seis meses, vai começar a ter água limpa nesse rio aqui do lado. (...) E a gente já está estudando. (...) A escola quer propor soluções, ou opções, de ocupação da várzea, nesta nova situação. Quer dizer, vou poder utilizar em nível de lazer, em nível qual-quer, alguma outra atividade.

O que eu tinha a dizer, resumidamente, era isso. São Caetano é uma cidade pequena, mas em que as portas para que a gente entre e participe são muito significativas. Eu sou de Santo André e trabalhei em Santo André uma época, mas era só porta fechada. Aqui não. Só esse encontro que a gente está fazendo é uma coisa maravilhosa, muito legal.

#### Notas

FPMSCS. Portaria n.º 07, de dez de Setembro de 2003.

PMSCS. Lei n.º 2.981, de 26 de Dezembro de 1988.

PMSCS. Processo n.º 1157/89, f. 221.

Idem, f. 178.

FPMSCS, Portaria n.º 03, de oito de Maio de 1997.

FPMSCS, Portaria n.º 001, de quatro de Janeiro de 1999.

FPMSCS, Portaria n.º 03, de nove de Junho de 2000.

(\*) André Luis Balsante Caram é arquiteto e pesquisador da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

# Rudyard Kipling

## visitou Paranapiacaba em 1927

José Roberto GIANELLO (\*)

O famoso escritor inglês, Prêmio Nobel de Literatura em 1907, nasceu em Bombaim, Índia, em 1865, em pleno esplendor imperial da Inglaterra. Kipling esteve no Brasil e deixou um relato sobre esta viagem, incluindo a descida de trem de São Paulo a Santos pela São Paulo Railway. Tornou-se uma celebridade literária mundial e foi o primeiro escritor de língua inglesa a receber o Nobel. Considerado, por excelência, o romancista e poeta da dominação britânica nas terras asiáticas, exaltava o estoicismo e a coragem com que os ingleses enveredavam por terras desconhecidas, entre gentes de costumes, línguas e crenças diferentes.

A viagem de Rudyard Kipling ao Brasil, em 1927, foi anunciada n' *O*

*Jornal*, que se incumbira de publicar as impressões do autor a respeito do Brasil, e por outros órgãos da imprensa brasileira. Assim, em 13 de Fevereiro, Kipling desembarcou no Rio de Janeiro e participou de uma série de eventos, principalmente na Academia Brasileira de Letras, onde foi saudado pelo acadêmico Rodrigo Otávio.

Do Rio de Janeiro, Kipling partiu para Santos e São Paulo, onde visitou o Instituto Butantã, uma fazenda de café e a Ferrovia São Paulo Railway. A subida da Serra do Mar de Santos a São Paulo não se deu pela ferrovia, mas pela Usina de Cubatão, da Light & Power, atual Usina Henry Borden, através de um bondinho suspenso ao lado das tubulações de água no alto da serra.

Os relatos e as impressões de viagem de Kipling eram enviados para o *Morning Post*, de Londres, e traduzi-

dos e publicados por iniciativa de Assis Chateaubriand n' *O Jornal*. O tradutor inicial foi Ronaldo de Carvalho, que abandonou a tarefa, irritado com a imp pontualidade dos pagamentos, e foi substituído por Austregésilo de Ataíde, redator efetivo daquela folha.

As conseqüências da visita de Kipling ao Brasil foram favoráveis à promoção de suas obras literárias, até então conhecidas apenas através de edições inglesas, francesas ou espanholas. Até antes de sua morte, em 1936, haviam sido publicados no Brasil apenas três livros seus: *Mowgli – O Menino Lobo* (1933), *Jacola – o Crocodilo* (1934), ambos traduzidos por Monteiro Lobato, e o romance *Kim* (1934), cuja tradução ficou a cargo de Batista Pereira. Uma de suas mais célebres poesias, *If*, foi traduzida por Guilherme de Almeida, e era constantemente publicada na contracapa dos cadernos escolares, nas décadas de 50 e 60.

Depois da morte de Kipling, surgiram outras traduções de suas obras, como por exemplo a do *Livro de Jân-gol* (prosa por Monteiro Lobato; verso por Jamil Almansur Hadad), editada em 1941. Já a primeira tradução de *A Luz que se Apagou* foi feita por Azevedo do Amaral, na década de 40, e a segunda por João Távora, em 1962. *Marrujos Intrépidos* ficou a cargo de Lilliam Barros (1947). Em alguns casos, foram as filmagens dessas obras que provocaram o interesse dos leitores brasileiros.

### Nota:

Transcrito do Livro *Cenas Brasileiras – A Presença de Kipling no Brasil – Tradução de Pinheiro de Lemos*.

Título original inglês: *Brazilian Sketches*

(\*) José Roberto Gianello é sociólogo e assessor cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

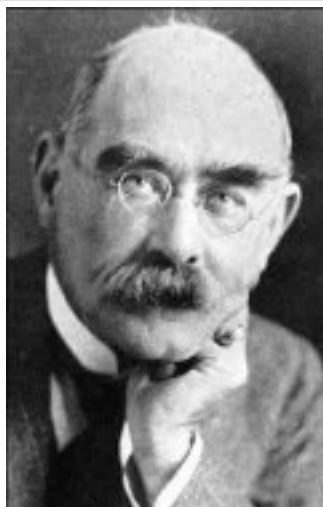
SE . . .  
RUDYARD KIPLING  
1865-1936  
(Trad. de Guilherme de Almeida)

Se és capaz de manter a tua calma quando  
Todo o mundo em redor já a perdeu e te culpa,  
De over em ti quando estão todas duvidando,  
E para êsses, no entanto, achar uma desculpa;  
Se és capaz de esperar sem te desesperares,  
Ou, enganado, não sentir-te martirizado,  
Ou, sendo odiado, sempre ao lado te esquivares,  
E não parsoar bem demais, nem proferires;

Se és capaz de pensar — sem que a isso só te atires;  
De sonhar — sem fazer dos sonhos teus sonhos;  
Se, encontrando a Desgraça e o Triunfo, conseguires  
Tratar da mesma forma a êsses dois impostores;  
Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas  
Em armadilhas as verdades que disseste  
E as coisas, por que deste o vida, estrapalhadas,  
E relaçô-las com o bem pouco que te resta;

Se és capaz de arriscar numa única parada  
Tudo quanto ganhaste, em tôda a tua vida,  
E perder e, ao perder sem zunza dizer nada,  
Resignado, tomar ao ponto de partida;  
De forçar coração, nervos, músculos, tudo,  
A dar seja o que fôr, que mêles ainda exaite,  
E a persistir assim quando exaustos, contudo  
Resta a verdade em ti, que ainda ordena: *Poetize!*

Se és capaz de, entre a plebe, não te converteres;  
E, entre Reis, não perderes a naturalidade,  
E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes,  
E se todos podem ser de alguma utilidade;  
E se és capaz de dar, segundo per segunda,  
Ao minuto fatal, todo valor e brilho;  
Tua é a Terra com tudo o que existe no mundo,  
E — o que ainda é muito mais — és um Homem, meu filho!



Rudyard Kipling

Poesia de Kipling traduzida por  
Guilherme de Almeida

## II Parte – A Passagem por Paranapiacaba

Salvo pelo feito de ser mais luxuoso, o carro poderia ter sido indiano, sul-africano ou canadense. Não foi de modo algum diretamente para o mar, mas fez a viagem des cansadamente, para que pudéssemos ver as coisas da plataforma de observação, onde estão as poltronas (...) Saindo de São Paulo através dos subúrbios, as estações sólidas, espaçosas e limpas, com os seus cheiros de material rodante envernizado sob o sol ardente, cargas sortidas, concreto, poeiras, flores, construções de tijolos e ladrilhos, e uma nota constante de madeiras fragrant es serradas, tudo isso sobe imediatamente à cabeça (...).

Mas todos os quilos importados ou exportados pelo mar têm de circular primeiro por meio de um plano inclinado que cai de uma altura de seiscentos metros em onze quilômetros do planalto para a costa.

Aproximamo-nos dessa escada rolante sobre o melhor leito da linha e os trilhos mais fortes da companhia, que soltavam um som claro e alegre ao contato das rodas. Quando chegamos à região da névoa que cobre a serra e vai encher as represas das usinas elétricas, os pontilhões e as valas se tornaram mais extensos e mais largos.

Passamos por um pátio de manobras muito grande e sombrio, estendido em projeção num espaço vazio. Sua borda cortava o horizonte a meio caminho do zênite. Era como se estivéssemos no alto de um dique gigantesco que se derramasse no ar. Mas o trem a que tínhamos pertencido estava já dividido em bloco de três vagões que pareciam empenhados em continuar. Outros blocos de três vagões vinham de baixo desse inexplicável fim de mundo e começaram a formar trens como animálculos em bastonetes vistos ao microscópio (...).

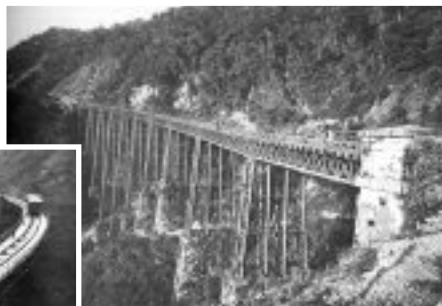
Seguímos em volta de uma plataforma e paramos, voltados de banda para abismos azulados, que montanhas cobertas de mata flanqueavam. No fundo, havia uma claridade de sol através de neblinas e uma perspectiva de ilimitadas ravinas. Um montão de destroços ficava perto do nosso estribo. Um homem, que conhecia madeiras de lei, identificou as diversas qualidades e tocou uma raiz com o pé, a qual rolou como um suicida que se atira de um penhasco.

Ouvia-se uma nota vibrar no ar, como se fosse produzida por um imenso instrumento de cordas, com um subtom estridente de metal. Vinha do pátio e quando lá chegamos, vimos que as notas provinham de cabos de aço que corriam sobre roldanas no centro de tri-

O Viaduto da Grota Funda, na época da visita de Kipling



G. Ferriaz - acervo: Fundação Pro-Memória



A. Malta - acervo: Fundação Pro-Memória

Trecho da São Paulo Railway, próximo a Paranapiacaba, em 1928

lhos e caíam do fim do pátio, como a água que cai de um sangradouro, e desapareciam numa curva. As roldanas eram colocadas em diversos ângulos para seguir o curso dos cabos vibrantes. Camadas de ar impregnado de óleo subiam de Santos até que se podia quase sentir o cheiro dos vapores lá embaixo. De repente, os cabos pararam durante alguns minutos. Um tipo especial de locomotiva com um fundo exagerado se apoderou do seu bloco de vagões e os levou para uma posição acima do cabo parado. Um sino tocou. A locomotiva estremeceu, pegando o cabo. Moveu-se de novo e o cortejo transpôs o sangradouro.

Disseram-me que todos os trens se desengatam, se dividem nesses blocos de três e são manobrados sobre o precipício, com os carros que sobem equilibrando os que descem, todos movidos pelos cabos através de cinco estações de elevação e de locomotivas que têm principalmente ganchos e freios. Os ganchos agarram o cabo de cada trecho até o fim. Soltam-no então e pegam a outra seção e assim por diante até embaixo. Se o cabo se quebra e os fios se enrolam em torno das rodas, os freios da locomotiva e dos três carros devem paralisar tudo instantaneamente. Nada, como tem sido provado, poderia ser mais simples, como prova o tráfego que continua, dividindo-se em grupos de três vagões e descendo, enquanto os carros que sobem se organizam em trens completos e seguem para São Paulo, com os passageiros lendo os seus jornais (...).

Deve haver regiões piores para estradas de ferro no mundo, mas não as conheço. Cada metro das encostas dessas montanhas traiçoeiras conspiram contra o homem das encostas quase verticais e invisíveis no alto

às ravinas quase verticais abaixo. Não se pode deixar de lado a perícia quase diabólica da água em atacar os pontos mais fracos dos suportes dos viadutos, das bocas dos túneis e das curvas. Todos os declives e cortes foram canalizados, empedrados, cimentados e, sempre que possível, desviados. Todo o terreno que oferecia espaço para qualquer coisa, salvo um abrigo de neve, foi trazido para as linhas de frente. Nada se deixou na natureza no estado natural ou desguarnecido. As valas são profundas como cisternas e os pontilhões vão pelo mesmo caminho. Havia viadutos estendidos sobre abismos onde se poderia cair durante 30 metros em florestas de 15 metros de altura antes que se começasse realmente a cair. Todo aquele trecho era um trabalho que devia ser estudado propriamente a pé com guias e bastões de alpinista e não sentado numa poltrona confortável. Creio que os homens gostavam de mostrar as artes do filho rebelde (...).

Nesse ponto, um homem debruçou-se do lado dos trilhos numa das estações de enrolamento do cabo que ficava naquele lugar por meio de pura sucção. Eu sei que foi certificar-se de que a vibração do tambor não se estava exercendo no vácuo, mas ele me disse que tinha ido ver "um trecho da linha, pessoalmente". E vi o pessoal que estava no alto da plataforma como num ninho de águia ficar imóvel ao sol.

O calor tinha aumentado alguns graus durante a descida de um quarto de hora. Quando chegamos à planície perto de Santos, a respeitável locomotiva atrás de nós, que havia passado conosco pelas montanhas fechadas, não mostrava o menor sinal dos milagres por entre os quais tínhamos descido.

Rudyard Kipling

# *Centro de Documentação Histórica: uma ponte para o passado, um guia para o futuro*

Monica IAFRATE (\*)

As raízes do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória remontam à criação do Museu Histórico da Imigração Italiana. Idealizado pelo emérito Prof. José de Souza Martins, na ocasião pouco mais que um adolescente, o Museu já demonstrava a grande preocupação com o resgate e a preservação das fontes históricas - objetos e documentos - que continham informações preciosas para a compreensão da formação da cidade e do povo de São Caetano do Sul.

O primeiro passo para a realização deste ideal foi dado em 1959 e contou, como até hoje acontece, com a colaboração e o entusiasmo da população da cidade, que se dispôs a compartilhar com todos as memórias pessoais e familiares, compreendendo que a grande história da cidade também é a soma das pequenas histórias de seus habitantes. Foram então reunidos objetos, fotografias, cartas, mapas, jornais e uma grande variedade de documentos.

Essa primeira iniciativa, no entanto, não vingou naquele momento e, em 1960, o pequeno Museu instalado na Rua Baraldi foi fechado e suas coleções ficaram sob a guarda da Prefeitura Municipal.

Mas o ideal não foi esquecido e, em 1977, foi retomado com força e determinação. Durante as comemorações do centenário da fundação de São Caetano, o Museu foi reinaugurado e instalado no Bosque do Povo, na Vila São José (atual Parque Municipal Dr. José Alves Reis). A partir daí, um intenso trabalho de pesquisa e contato com as comunidades de São Caetano promoveu o enorme crescimento das coleções. A organização de exposi-

O acervo do Centro de Documentação Histórica é composto pelos seguintes gêneros documentais:

Documentação Iconográfica	Documentação Textual	Documentação Eletrônica	Documentação Fonográfica	Documentação Audiovisual
Fotografias	Documentos textuais diversos (pessoais, de associações etc.)	Disquetes	Fitas cassette (registro de depoimentos, congressos e seminários)	Fita de vídeo
Negativos	Documentos da administração pública (mesmo anteriores a autonomia)	CD (revista Raízes, exposições, livros e folders)		Filmes 16 mm
Diapositivos	Documentos referentes a posse de terrenos coloniais	Zip Disk (revista Raízes e exposições)		Filmes 35 mm
Desenhos	Programas			
Charges	Panfletos			
	Impressos			
	Fotolitos			
	Plantas			
	Mapas			
	Cartazes			
	Calendários			

ções acerca da história da cidade e de seu povo e o atendimento a pesquisadores e estudantes também se intensificaram. Em 1988, um novo marco na vida do Museu Histórico foi estabelecido: sua mudança para o Palacete De Nardi, um casarão do século XIX localizado no Bairro da Fundação.

De 1977 até o início da década de

1990, o Museu Histórico cumpriu o papel de grande depositário da Memória e da História da cidade. Os acervos continuaram a crescer e a refletir cada uma das facetas de uma história plural como é a da cidade de São Caetano do Sul e da Região do Grande ABC.

A demanda cada vez maior pela



Procissão de Santo Antônio em frente à antiga igreja matriz, localizada no Bairro da Fundação, 1908. Esta é a imagem mais antiga do que viria a ser o núcleo urbano de São Caetano

sistematização da história regional levou, em 1991, à criação da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, que se constituiu como um núcleo especializado de pesquisa, ampliando o trabalho desenvolvido pelo Museu Histórico. Este foi incorporado pela nova Fundação e se tornou um de seus setores.

O crescimento das demandas dos pesquisadores e da população por informações da história local, somado ao crescimento dos acervos, mostrou a necessidade de um aprimoramento da organização da Fundação Pró-Memória e assim, em 1993, o acervo de documentos textuais, jornais e fotografias que se encontrava no Museu Histórico foi transferido para a sede da Fundação Pró-Memória, localizada então na Av. Goiás n.º 600, onde foi criado o Centro de Documentação Histórica.

Além da documentação, o Centro passou a contar com uma biblioteca técnica especializada em história regional. Mais recentemente, com a criação da Pinacoteca Municipal, abriu-se uma nova linha de acervo, que incorporou as artes plásticas.

Graças ao trabalho da equipe do Centro de Documentação Histórica, essa importante coleção de fontes históricas tem sido tratada, recuperada, acondicionada, catalogada e disponibilizada ao público. Sejam eles estudantes ou pesquisadores, todos ali encontram o apoio e a orientação à pes-

quisa e o acesso a um patrimônio de valor inestimável.

**ACERVO** - O acervo do Centro de Documentação Histórica contém documentos datados desde o século XIX até documentos contemporâneos, ligados à formação histórica da cidade de São Caetano do Sul e da região do ABC. Esses documentos foram doados por antigos moradores, por instituições e por órgãos da administração pública.

Para sua organização e preservação, os documentos são divididos em quatro gêneros documentais (ver quadro na página anterior):

- Documentação Textual
- Documentação Iconográfica
- Documentação Eletrônica
- Documentação Fonográfica
- Documentação Audiovisual

O objetivo desta classificação é reunir os documentos que requerem o mesmo tipo de tratamento e de acondicionamento para sua conservação.

Dentro da categoria Documentos Textuais, destacamos:

- Documentos da vida privada de moradores da cidade, como por exemplo: passaportes de imigrantes chegados em 1877, títulos de propriedade de lotes coloniais, carteiras de habilitação para carroças, carteiras de clubes da cidade, árvores genealógicas etc.;
- Documentos de empresas e entidades empresariais como: Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Me-

talúrgica Glória, General Motors, Louças Adelinas, Associação Comercial de São Caetano do Sul e CIESP/FIESP;

- Documentos do Movimento Autonomista como: propaganda pró e contra a Autonomia, cédulas de votação no plebiscito, discursos, estudos encaminhados à Assembléia Legislativa de São Paulo, biografia dos principais líderes do movimento etc.

- Coleções pessoais como: a do jornalista Glenir Santarnecki e a do fotógrafo José Honório de Castro;

- Documentos de entidades como: Cruzada Esporte Clube, Tijucuçu Esporte Clube, Sociedade Filarmônica e Società Principe di Napoli;

- Documentos da Prefeitura e da Câmara Municipal de São Caetano como: atas, portarias, relatórios, anais, plantas etc.;

- Coleção de Leis e Decretos de São Paulo de um período que vai de 1920 a 1960.

- Mapas e plantas como: plantas do Núcleo Colonial São Caetano de 1877 a 1938, planta do Município de São Bernardo do Campo de 1929, plantas de loteamento e arruamento dos bairros da cidade, projetos urbanísticos, plantas dos bairros de São Caetano desde a década de 20 do século XX, mapas da região do Veneto (Itália), plantas da recuperação do Palacete De Nardi, plantas do Paço Municipal, projeto de retificação do Rio Tamandateí de 1961, planta do complexo das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, projetos de residências da década de 20 (século passado) e curiosidades como um mapa da Europa de 1918;

- Cartazes como: das ações da Prefeitura Municipal, dos Congressos de História da Região do Grande ABC e de exposições e eventos da Fundação Pró-Memória;

- Calendários de casas comerciais e indústrias da região desde 1925 a 2003.

Da categoria *Documentação Iconográfica*, bem conhecida pelas inú-



meras exposições já organizadas pela Fundação Pró-Memória e pelas ilustrações publicadas nas revistas *Raízes*, podemos destacar:

- Fotos das famílias mais antigas de moradores da cidade: Botteon, Veronesi, Ascencio, Barile, Cavana, Dalcin, De Nardi, Gutierrez, entre outras - datando desde o século XIX;
- Fotos de indústrias e casas comerciais da cidade: General Motors, Louças Adelinas, Cerâmica São Caetano, IRFM (Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo), Casas Bahia etc.;
- Fotos do movimento autonomista;
- Fotos das igrejas da cidade em diversas épocas;
- Fotos mostrando a evolução dos sistemas de transportes (bondes, trens, ônibus e carros);
- Imagens testemunhando a evolução urbana da cidade: abertura de ruas, crescimento dos bairros, praças e parques, cinemas, teatros, escolas etc.;

Na *Documentação Eletrônica* destacamos:

- Produção literária da Fundação Pró-Memória (Revista *Raízes*, livros, exposições, banners, folders);
- Reprodução de fotos;
- Genealogias.

Na categoria *Documentação Fonográfica* podemos destacar:

- Gravações de depoimentos sobre os mais diversos assuntos ligados à memória de São Caetano;
- Registro de congressos, conferências, simpósios e seminários.

Como *Documentação Audiovisual* o acervo possui:

- Documentários como o filme *Imigração Italiana*, de Tânia Savietto (1974);
- Registro de congressos, palestras e eventos;
- Reportagens, entrevistas e depoimentos;
- Registro de campanhas políticas, festas religiosas e cívicas.

A *Biblioteca* hoje conta com um acervo de cerca de 2.000 títulos entre livros, jornais, revistas, teses e monografias. Nela encontram-se obras ra-



Comemoração dos resultados do plebiscito em que se estabeleceu a autonomia do Município de São Caetano do Sul, 1948

Fundação Pró-Memória

ras como o *Álbum de São Bernardo*, de João Netto.

Podemos citar alguns livros e jornais para que o leitor tenha uma idéia da abrangência deste acervo. Entre os livros, destacamos:

- Publicações da Fundação Pró-Memória:

*Diário de Fim de Século. Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX*, de José de Souza Martins

*8º Grupamento de Incêndio: 32 anos de História*

*Meio século de Legislativo em São Caetano*, de Yolanda Ascencio,

*Jayme da Costa Patrão: ... um traço marcante na autonomia*, organizado por Sônia Maria Franco Xavier

*Notas de Realejo. Estudos sobre Literatura e MPB*, de Rui Ribeiro

*Stí àni gera ... cussí (Antigamente era assim)*, de Guido Carli

*Cotidiano Redescoberto, alunos desvendam a História no Bairro Prosperidade*, organizado por Agvan de Andrade Matos e Rosemeire Bento Simões

*Anais do III Congresso de História do ABC. À Sombra das Chaminés: A Produção da Cultura no ABC.*

*História Esquecida*, de Deliso Villa

*A Educação e os Imigrantes Italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar*, de Eliane Mimesse

*Um olhar poético sobre São Cae-*

*tano*

*Vozes da Vizinhança – Os bairros de São Caetano por seus moradores*

*O Imaginário na Imigração Italiana*, de José de Souza Martins

- Publicações da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul

*Nostalgia*, de Manoel Cláudio Novaes

*Dietário dos Escravos de São Bento (originários de São Caetano e São Bernardo)*, de Luiz Gonzaga Piratininga Júnior

*Subúrbio (vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano do Sul, do fim do Império ao fim da República Velha)*, de José de Souza Martins,

*Cotidiano e História em São Caetano do Sul*, de Adriana M. C. Ramos e Monica de Souza

*Migração e Urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*, de Ademir Médici

*Igreja e Movimento Operário no ABC, 1945-1975*, de Heloísa Helena Teixeira de Souza Martins

*O ABC dos Operários (conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950)*, de John D. French,

*Inventário dos Signos de Logradouros Públicos de São Caetano do Sul*, de Sônia Maria Franco Xavier

*As outras vozes: memórias femininas em São Caetano do Sul*, de Carla Cristina Garcia

*Herdeiros da Fundação: “lavoro”*



Panfleto do primeiro movimento autonomista de São Caetano de 1928



Título de propriedade do lote nº 8 do Núcleo Colonial de São Caetano em nome do colono Carmine Barile de 1891



Livro Álbum de São Bernardo de João Netto Caldeira

- *Tarsila e sua Obra e Tarsila e seu Tempo*, de Aracy Amaral
- *A Imaginária Paulista*, de Carlos Lemos
- *Rebolo 100 Anos*
- *O Ofício da Arte: a escultura* de Jacob Klintonowitz

Dos jornais, podemos citar:

- *São Caetano Jornal*, de 1928 a 1929
- *Jornal de São Caetano*, de 1946 a 2004
- *ABC Jornal do Povo*, de 1977 a 2004
- *Folha do ABC*, de 1993 a 2004
- *Jornal da Cidade*, de 1998 a 2003
- *O Arauto*, de 1962 a 1999
- *O Archote*, da década de 1950 à década de 1960
- *A Cidade*, de 1977 a 1990

Atualmente, toda a organização do acervo do Centro de Documentação Histórica passa por uma revisão, na qual estão sendo reavaliadas as categorias de classificação de cada grupo documental, adequando-as aos mais modernos padrões de arquivística. Da mesma forma, o sistema informatizado de acesso aos documentos está sendo revisto e ampliado para que os usuários tenham respostas mais precisas e rápidas às suas solicitações.

Assim, o objetivo da Fundação Pró-Memória de preservar e divulgar a História e a Memória de São Caetano vai sendo cumprido num compromisso firmado, não só com o passado, mas principalmente com o futuro.

#### BIBLIOGRAFIA

- MUSEU Histórico elabora programa para 89. Raízes. São Caetano do Sul: 1: 39-42, 1989.
- PASTORE, Humberto Domingos. Museu Municipal, 43 anos de história. Raízes. São Caetano do Sul: 25: 88-90, 2002.

(\*) *Monica lafrate é historiadora, com especialização em Museologia, formada pela USP. Há mais de dez anos atua na área de pesquisa e organização de acervos históricos. Atualmente trabalha na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, coordenando o Centro de Documentação Histórica e a Pinacoteca Municipal.*

e *“Famiglia” em São Caetano*, de Cristina de Lourdes Peregrino Feres

*São Caetano de Várzeas Alagadiças a “Príncipe dos Municípios”*, de Wilson Loduca

● *Livro de Tombo do Mosteiro de São Bento*, de Dom Martinho Johnson

● *João Ramalho e Santo André da Borda do Campo*, de Afonso E. Tau-nay

● *São Caetano: IV Séculos de História; A imigração e a crise do Brasil agrário, Subúrbio*, entre outros de José de Souza Martins

● *Migração e Urbanização e Os Flechas Verdes*, de Ademir Médici

● *A cidade que dormiu três séculos*, de Octaviano A. Gaiarsa

● *Antecedentes Históricos do ABC Paulista: 1551-1852*, de Wanderley dos Santos

● *Cadastro geral das Indústrias do ABCD*

● *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, do IBGE, de 1958

● *Correio Brasiliense ou Armazém Literário* - edição fac-similar de 1812 a 1822



Planta de loteamento da Vila Paula, 1926

# Núcleo de História e Memória de Mauá

## Preservando a Memória, construindo a História

*O Núcleo de História e Memória, órgão da Secretaria de Educação, Cultura e Esportes da Prefeitura Municipal de Mauá, foi criado em Fevereiro de 2002 com o objetivo de, juntamente com o Museu Barão de Mauá, desenvolver uma política de proteção e valorização dos bens culturais da memória e da história da cidade, pretendendo ser um agente permanente do resgate e da preservação da memória e da construção da história da comunidade mauaense.*

*Com isso, o Núcleo pretende evitar o desenraizamento da cultura e da identidade locais que, no dizer de Simone Weil, é de longe a doença mais perigosa das sociedades humanas. As pessoas desenraizadas ou caem na inércia da alma ou descambam para a violência.*

*Apesar de uma vida autônoma ainda relativamente pequena – Mauá completará 50 anos em 1º de janeiro próximo –, o município tem uma história rica e contínua desde o período colonial. Passando pelos nomes de Caguassu, Pilar e Mauá, já foi local de grandes fazendas e plantações, teve a maior parte de seu território adquirida pelo Barão de Mauá no século XIX, passou pela transformação que a ferrovia trouxe à região, abrigou escarpelinos, lenheiros, olarias, porcelanas, indústrias diversas e chega ao novo milênio com indústrias de derivados de petróleo e metalúrgicas. Grande parcela de sua população é*

*descendente de imigrantes (sobretudo italianos, alemães e japoneses) e migrantes (principalmente nordestinos e mineiros). Ao longo de sua história, os mauaenses têm desenvolvido diversas manifestações artísticas: música, literatura, teatro, artes plásticas e até cinema.*

*Desse modo, as metas do Núcleo são: a) escrever e publicar a História da cidade, culminando com as seguintes publicações: uma História Geral de Mauá (com texto denso e acadêmico) e - escritas de modo mais simples e bastante ilustradas – uma História política, uma História da Educação, uma História da Cultura, uma do Trabalho e uma dos Esportes; b) organizar centros de memória com acervo nos bairros da cidade; c) elaboração de oficinas de memória junto a antigos moradores e trabalhadores da cidade; 4) criação do Museu do Trabalho Cerâmico.*

*Sua atuação tem se desenvolvido da seguinte forma: assessoria técnica em projetos integrados com outros setores da Prefeitura; redação da coluna Memórias da cidade no Jornal de Mauá; aprofundamento de estudos sobre a migração e imigração na cidade; realização de entrevistas com antigos moradores; seminários temáticos, com convidados especiais.*

*A equipe do Núcleo - toda formada por historiadores e estagiários de História – é*

*coordenada pelo Prof. Ms. Wíller Bonni e composta pelo Prof. Dr. William Puntschart e o Prof. Ms. Renato Alencar Dotta<sup>1</sup>. Atualmente são estagiários do Núcleo: Maurício Tintori Piqueira, Denise Giannaros, Marcos A. Nascimento e Carlos Henrique R. Magalhães, todos eles cursando universidades da capital (USP) ou da região (UniABC).*

*Ao construir a História de Mauá, o Núcleo de História e Memória pretende – dada a importância da cidade na região – contribuir para a construção da História do ABC, pois momentos cruciais de sua história passaram por Mauá: a presença do Barão de Mauá, a ferrovia, os movimentos sindicais e populares, a indústria cerâmica, a luta pela emancipação (comum a outros municípios), e muitos outros elementos a serem descobertos e explorados. Desse modo, o Núcleo participa ativamente da Comissão das Instituições de Memória do ABC. (Texto coordenado por Renato Alencar Dotta, e produzido pela equipe do Núcleo de História e Memória de Mauá.)*

### Nota

<sup>1</sup>Inclusive seus membros tiveram trabalhos publicados na Raízes. V. PUNTSCHART, William. "Heranças coloniais no ABC Paulista" (nº 20, dez. 1999, pp. 49-53); e DOTTA, Renato Alencar. "Fragmentos de uma História esquecida: o integralismo no ABC Paulista" (nº 27, jul. 2003, pp. 42-47).

# A história do libanês Rahal, o “Julinho” de São Caetano

Humberto Domingos PASTORE (\*)



**A**té os 15 anos Nasrallah Moahamad Rahal brincava com seus irmãos correndo pelas ruas de Jeb Janin, no Líbano.

Ele é o segundo de oito filhos. De repente algo passou por sua jovem cabeça e o fez tomar a decisão de se mudar para o Brasil. Inicialmente era só para ficar uns cinco anos, mas o destino já lhe tinha definido um futuro diferente.

Pelo nome Nasrallah bem poucos devem conhecê-lo, mas do Julinho Rahal certamente todos se recordam: figura simpática, sempre alegre e dinâmica, cuja vida profissional está extremamente ligada à empresa Malharia Arbe.

É ele quem nos conta, ainda com muita emoção, que a história da vinda ao Brasil começou numa aula de inglês, quando o professor pediu para que os alunos fizessem uma redação contando qual seria o país em que gostariam de morar. Seu texto ganhou a maior nota e foi único a citar o Brasil. Daquele momento em diante, todos os colegas brincavam com ele perguntando quando seria a viagem. A idéia foi crescendo em sua cabeça até se tornar realidade. A bem da verdade, quando dizia Brasil tinha em mente a palavra América. Essa palavra também tinha o significado de se dizer *fazer América*, ou seja, trabalhar para fazer o *pé de meia* necessário para voltar à terra de origem.

O calendário marcava o ano de 1952 quando corajosamente entrou

1952 - Diante da casa na Vila Bela, o primo Mustapha Abdouni, o tio Mustapha Rahal e Julinho



Acervo da Família



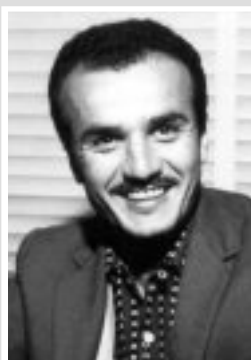
Acervo da Família

1956 – Julinho, no navio, em viagem de retorno ao Líbano, mas passeando antes por vários países da Europa

1959 – Julinho, em sua loja Riviera Magazine, que ficava na Avenida Conde Francisco Matarazzo, 411



Acervo da Família



Acervo da Família

1961 – O libanês Julinho nos anos 60

Acervo da Família



1966 – O casal na residência da noiva, no Bairro Barcelona

no navio e, acenando para os pais, irmãos e amigos, deixou para trás a sua cidade natal Jeb Janin. Era o navio de carga Marco Polo, que havia sido utilizado na guerra pela Itália. Nosso jovem libanês foi alojado num porão com outras 1600 pessoas. A viagem durou 35 dias, sendo sete deles gastos com paradas nos portos.

Ao chegar ao Cais de Santos, uma decepção: para quem queria ver um mundo diferente, achou o local bem parecido com o Porto de Beirute. Falar a língua portuguesa nem pensar. Com muito custo aprendeu a dizer: *bom dia!*, *quanto custa?*. Era o suficiente para fazer o que praticamente todos os sírios e libaneses faziam, ou seja, *masca-tear* nas ruas da Vila Bela ou de São Caetano do Sul, batendo de casa em casa para vender, inicialmente, roupas, e, mais tarde, jóias.

Nos primeiros três meses comercializava a pé. Com 90 dias já deu para comprar uma bicicleta, na qual instalou um bagageiro do tipo gaiola, onde colocava os cobertores e as peças de roupa. Na descida, a preocupação para não cair; na subida, o desconforto de ter de descer para empurrar. Bastaram outros três meses para a vida melhorar mais um pouco, já que pôde comprar uma charrete. Mas, bom mesmo, foi em 1955, quando comprou um jipe Land Rover.

**NOME BRASILEIRO** - No Brasil foi morar na Vila Bela, com seu tio Mustapha Rahal e com seu primo Mustapha Abdouni, hoje atual cônsul da Jordânia no Brasil, e logo foi *pegando o jeito brasileiro*. Gostava de visitar um clube que existia perto de sua casa, mas, para ficar sócio, tinha de fazer uma carteirinha. Como a secretária não conseguia entender, e muito menos escrever o nome Nasrallah, o jeito foi inventar um nome brasileiro: Júlio foi como seus amigos o *batizaram*, mas logo

1966 – Cerimônia religiosa de casamento presidida pelo cheque Mohamad Tauaf, na Mesquita Islâmica do Brasil



1966 – Ato do casamento no civil, realizado na residência da noiva Elisabete, na presença do juiz de paz, João Rela, e dos padrinhos, entre os quais Giro Striani



1997 – Viagem de passeio a Balabak, cidade histórica do Líbano



1978 – Cerimônia de posse do casal Elizabete e Julinho no Rotary Clube de São Caetano. Sonho realizado



passou a ser chamado, como o é até hoje, de Julinho.

Claro que nem tudo era festa, e, para o menino de 15 anos, passado o primeiro mês, a novidade foi dando lugar à lembrança de sua terra. A saudade ia apertando o coração. Foi aí que tomou a decisão de voltar para o Líbano. Só precisava arrumar o dinheiro da passagem, e, assim, o jeito era trabalhar. Logo juntou o

valor suficiente, contudo, não queria voltar com as mãos abanando, e decidiu que o melhor seria trabalhar ainda mais um pouco para então voltar com bastante dinheiro.

Arregaçou as mangas e foi à luta. Logo tinha o valor planejado, mas repensou. *Está dando tão certo, vou trabalhar mais um pouco e juntar quanto puder*. E o tempo foi passando. Para quem queria voltar

1979 – Julinho comandou diversas Barracas Arabes durante as Festas das Nações



Acervo da família



Acervo da família

2003 – Julinho ao lado do Dr. Antonio Gusman e do primo Mustapha Abdouni

aconteceu no dia 29 de Maio de 1966. A despedida de solteiro aconteceu no então famoso Restaurante Tarantella. O ato civil, presidido pelo Juiz de Paz João Rela, teve como local a residência da família Stangel. Já a cerimônia religiosa teve lugar na mesquita islâmica da Avenida dos Estados, em São Paulo. O novo casal teve dois filhos: Laila e Munir.

**DESTAQUE** - Julinho tem uma participação ativa na cidade. Foi diretor social do antigo Clube Comercial, hoje ACASCS (Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul). Atuou como presidente do Rotary Clube de São Caetano. Há 12 anos é diretor da CIESP (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo), e atualmente preside o Conselho Consultivo da ACISCS (Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul), entidade da qual tem sido diretor em sucessivos mandatos. Por indicação do prefeito Luiz Tortorello já assumiu como assessor na Diretoria de Desenvolvimento Econômico e foi designado para o comando do DEPLAN (Departamento de Planejamento). Também foi presidente do Conselho do Centro Interescolar Municipal Alcina Dantas Feijão.

**MUNDO ÁRABE** - São Caetano do Sul não possui muitas famílias de origem árabe. A família Rahal é uma das poucas existentes. Além dos libaneses, temos também famílias oriundas da Síria. Os primeiros sírios vieram para o Brasil em 1880. A São Caetano do Sul os primeiros árabes chegaram por volta de 1920.

(\*) Humberto Domingos Pastore é jornalista profissional e estudante de Teologia. Atualmente responde pela administração do Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul

em um mês, agora já ficara mais de quatro anos.

Preparou a viagem de volta. Mas, assim como o mundo dava voltas, seu pensamento também dava, e foi aí que decidiu realizar um passeio pelo mundo com o dinheiro que juntara. E, de porto em porto, foi parando em Las Palmas e Barcelona, na Espanha, depois em Lisboa, Portugal, e de lá indo para Veneza, na Itália. Por fim, em Atina, na Grécia, e em Alexandria, no Egito. Ao voltar para sua família, no Líbano, já haviam se passado quatro meses.

Matou a saudade, reviu os familiares, os amigos e, quando o dinheiro acabou, seu espírito empreendedor despertou-lhe um novo pensamento: *Vou voltar ao Brasil. Já deu certo uma vez e vou conseguir mais um dinheiro antes de voltar de vez ao meu país.* Era o final de 1956.

De volta ao Brasil, reiniciou o

seu trabalho. Com afinco e muita dedicação, foi subindo os degraus do progresso. Na virada de 58 para 59 deixou sua charrete para montar a sua primeira loja de confecções, a Riviera Magazine, que ficava na Avenida Conde Francisco Matarazzo, no centro da cidade. Logo montava a sua segunda loja, agora na Vila Formosa, em São Paulo. Por dez anos atuou nesse ramo, até que em 1969 diversificou seus negócios e abriu uma fábrica de malhas, a Malharia Arbe, que ainda hoje está em atividade, funcionando no Bairro Barcelona.

Sobre o nome Arbe, Julinho explicou que se trata da junção de letras tiradas do nome de sua esposa, Elisabete, e de seu sogro, o Sr. Aparcido.

Com efeito, em 1964, Julinho conheceu uma jovem brasileira do Bairro Barcelona. Era Elisabeth Stangel. Em pouco tempo começaram a namorar. O casamento

# Paulo dos Santos: das migrações ao êxito

Sonia Maria Franco XAVIER (\*)

Os historiadores e memorialistas, geralmente, tendem a valorizar, de forma amplamente merecida, o papel dos imigrantes na construção da história de cidades. Realmente, ao longo dos séculos XIX e XX, é inegável a importância desses estrangeiros na formação de São Caetano do Sul.

Entretanto, com esse texto queremos valorizar o trabalho de brasileiros oriundos dos mais diversos cantos do país: os migrantes. A *invasão* de nossa cidade por parte dessas pessoas, no século XX, é notória: começou com famílias inteiras trocando o cafezal do interior de São Paulo pelo perfil industrial de nossa região. Mineiros, paranaenses, nordestinos, indistintamente.

Convém lembrar, inclusive, que a história política de São Caetano apresentou dois célebres protagonistas migrantes que se tornaram prefeitos: Ângelo Raphael Pellegrino, natural de Jaqueira – PE, e Raimundo da Cunha Leite, baiano de Juazeiro.

O ilustre homenageado através desse texto apresenta história de vida marcada pela perseverança e pelo nomadismo daqueles que nunca se acomodam ou desistem de lutar por melhores condições de vida. Tendo em primeiro plano nossa cidade, que sempre exibiu a magia de ser uma terra acolhedora, Paulo dos Santos teve a oportunidade de construir uma história de sucesso.

Nasceu na fazenda de Embira, perto da cidade de Frei Paulo, no Estado de Sergipe, em 30 de maio de 1923. Veio de família grande, 17



Paulo dos Santos. Ano de 1951



Um passeio na Igreja de Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Aparecida do Norte. Da esquerda para a direita: Ivone Baldine dos Santos, Paulo dos Santos, Roseli dos Santos, Eliane dos Santos, Maria Baldine e José Francisco Baldine. Ano de 1958

irmãos. Lembra-se de que tinham uma vida farta na fazenda, mas difícil, em função do próprio relacionamento entre os irmãos: muita competição, muitos problemas...

Estudou pouco. Aos 13 anos de idade saiu de casa, fugindo da fa-

mília. Um forte espírito aventureiro era o que o norteava. Viajou tanto a pé como de carona. Chegou até Vitória da Conquista (Bahia), onde permaneceu por dois anos. Dali retornou a sua cidade e passou a trabalhar, juntamente com um de seus irmãos, em uma loja de tecidos. Posteriormente foi para Itabuna, onde trabalhou três anos em uma fábrica de farinha de milho.

Veio então para o Estado de São Paulo, onde trabalhou na agricultura: primeiro plantando milho e algodão; depois, hortelã-pimenta (substância com a qual se produzia um óleo para resfriar os motores dos aviões). Período complicado, correspondente ao início dos anos 40 (em plena Segunda Guerra Mundial): enfrentou muitas dificuldades naquela época. Sentia-se só e resolveu procurar Antônio, um de seus irmãos, que morava em São Paulo.

Começou a trabalhar vendendo caldo de cana (garapa) no centro de São Paulo. Foi ali, na Rua Líbero Badaró, que presenciou o retorno dos pracinhas brasileiros em 1945, quando terminou a Segunda Guerra Mundial. Aquele foi o período mais difícil de sua vida: trabalhava muito e só ganhava para o sustento, muitas vezes alimentando-se inadequadamente, somente com sanduíches. Resolveu voltar para Sergipe, mais especificamente para sua cidade natal, novamente trabalhando com o irmão em uma loja de tecidos. Porém, não era o que queria! Deixou tudo e retornou a São Paulo.

Sua vida começou a melhorar quando conheceu aquela que é hoje sua esposa: Ivone Aparecida



Paulo dos Santos e Ivone Baldine dos Santos. Ano de 1951, na casa da Rua Américo Brasiliense, 238

*Russo, Campanella, Massei e Braido. Época de muita política. Os jovens se reuniam para discutir os problemas da época. Parecia que, ali, todos reunidos resolveriam os problemas do país. Lembro-me de que foi também uma época em que começou a repressão.*

*Atrás da lanchonete havia um salão conhecido como local da bossa-nova. Lembro-me da orquestra que ali tocava: era do maestro Simonetti. E onde hoje se localiza o teatro Santos Dumont também era salão de bailes.*

Em 1964, período em que se inicia a ditadura militar, o Sr. Paulo mudou o rumo de seus negócios e abriu a papelaria *Novidades ABC*, tendo trabalhado nesse ramo até 1999, ano em que se aposentou.

Na Avenida Goiás permaneceu até 1975, quando então ela foi duplicada e seu comércio teve de mudar. Aliás, um marco histórico em nossa cidade foi esta duplicação, uma vez que a referida avenida é a principal via de São Caetano do Sul, com três quilômetros de extensão. Começa no Bairro Santo Antônio (junto à Avenida Guido Aliberti) e termina na divisa entre os municípios de São Caetano e Santo André (junto à Avenida Dom Pedro II).

Baldine, com quem se casou em 1951.

Teve diferentes atividades na área comercial: armazém de secos e molhados, vendedor da piraquê (biscoitos), vendedor da Kardex ... Enfim, apesar do pouco estudo, uma coisa de que tinha certeza era que queria trabalhar com pessoas, com público em geral. E isso foi possível em São Caetano do Sul, cidade de sua esposa e para onde vinham com frequência. Aqui encontrou um bom local na Avenida Goiás, onde montou um armazém que foi transformado na agradável lanchonete Avenida, que virou ponto de encontro dos jovens. Casais de namorados, estudantes e famílias freqüentavam o local.

*Corria o ano de 1960, a proximidade da escola Bonifácio de Carvalho, os jogos abertos do ABC aumentavam o prestígio da lanchonete. Cresceu muito. Deu lucro! Trabalhávamos muito!*

Nesse período enfocado pelo entrevistado cabe ressaltar a existência do Grêmio Estudantil Vinte e Oito de Julho, um dos órgãos discentes mais importantes da cidade, composto por alunos do colégio supracitado. Várias e famosas eram as atividades desenvolvidas por essa agremiação: baile do pingüim, shows artísticos, peque-

nas comédias, atos variados de canto e música e embates esportivos, nos quais rivalizavam o Grêmio e o Instituto de Ensino. Destaque para a publicação *O archote*, revista com noticiário, debates, esportes, literatura e humorismo. Revelaram-se nessa época o aluno Jair, grande cantor, hoje conhecido por Jerry Adriani, além de Hortência, renomada jogadora de basquete, e Antônio Carlos Strasser, falecido artista de novelas de televisão.

*Este foi o período que mais me marcou nesta cidade. Adotei-a como minha. Vim de mudança para cá. Aqui fiz muitos amigos que na época eram estudantes, como Túlio Negro, João Faria, Antônio*



Anésio Souza Fontana e Neide Souza com o casal Paulo e Ivone. Ano de 1951



Foi mais um período econômico difícil. Mesmo tendo sido indenizado pela desapropriação, disse ter sofrido muito nessa fase. Já era pai de duas filhas, das quais fala com muito orgulho. Lembra-se do Externato Santo Antônio, dos professores e dos amigos com quem suas filhas estudaram.

Essa papelaria mudou-se para um pequeno salão, na Rua Dr. Augusto de Toledo, bem em frente ao portão da escola Bonifácio de Carvalho. Na papelaria fez muitos amigos, entre alunos, professores e os pais das crianças.

*Foi em São Caetano do Sul que encontrei minha esposa. Foi nessa cidade que criei minhas filhas. Hoje uma é pianista – Eliane dos Santos - e a outra é biomédica – Roseli dos Santos. Elas se casaram e me deram seis netos.*

Dos funcionários que teve, lembra-se com saudade de Luíza (Eloísa Troletti), pois trabalharam juntos por mais de 20 anos. Recorda ainda que seu comércio tinha estrutura familiar, pois contava muito com a ajuda da esposa e do cunhado Jorge.

Hoje, aposentado há cinco anos, caminha diariamente seis quilômetros e viaja muito com a família. Dos 17 irmãos, só duas irmãs estão vivas. Uma é freira e mora em Itapeverica da Serra, em

Desfile cívico de 7 de Setembro da EE Dom Benedito, na Avenida Goiás. Ao fundo vemos a Papelaria Novidades ABC. Ano de 1960



Fundação Pró-Memória



Paulo dos Santos

Casamento de Paulo dos Santos e Ivone Baldine dos Santos, realizado em oito de Dezembro de 1951

um convento, enquanto a outra vive em Aracaju.

Paulo dos Santos só lamenta não ter estudado mais, mesmo tendo trabalhado a vida toda entre livros e papéis. Acredita ter sido sempre gentil e cordial com seus fregueses. Já completou bodas de ouro e considera sua família o prêmio que recebeu por uma vida de luta. De São Caetano e das pessoas que conheceu, registra que só lhe trouxeram felicidade.

*Esta é minha cidade!*

Eis um exemplo vivo de nossa história, fidedigno e representativo de outros milhares de relatos, com costumes e peculiaridades inerentes aos seus protagonistas. Aliás, esse trabalho de lembrar é árduo, tal como a vida de quase todos. Buscam-se fragmentos nem sempre nítidos de casos pessoais, que possam dar conta da saga coletiva dos migrantes. Às vezes é difícil criar raízes, diante de tantas adversidades, mas são esses percalços que fortalecem e enobrecem aqueles que ajudaram e ajudam na construção da trajetória vitoriosa de São Caetano do Sul.

(\*) *Sonia Maria Franco Xavier é professora de filosofia e de história, foi diretora do Museu Histórico Municipal, e, atualmente, é presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*



Paulo dos Santos

Paulo e Ivone em plena atividade na papelaria, já situada na Rua Dr. Augusto de Toledo

# Nilo Ribeiro de Figueiredo: 51 anos de política municipal

Yolanda ASCENCIO (\*)

**N**ilo Ribeiro de Figueiredo, filho de Jaime Dias de Figueiredo e Hermínia Ribeiro de Figueiredo, nasceu no dia três de Agosto de 1929, na pequena cidade de Caracol, no Estado do Piauí.

Declara nosso entrevistado não ter conhecido seus avós, sabendo apenas que eram brasileiros, também naturais de Caracol, e que, apesar de humildes, constituíram uma família numerosa, unida e feliz.

**PAIS** - Jaime Dias de Figueiredo, filho de João Dias de Figueiredo e Gustavo Dias de Figueiredo, nascido em Caracol, no dia dois de Fevereiro de 1895, era comerciante de tecidos e tinha duas fazendas: *Sossego e Baixão Novo*.

Casou-se quatro vezes. De seu primeiro casamento com Herminia Ribeiro de Figueiredo, filha de Benevenuto Ribeiro Soares e Clara Ribeiro Soares, teve nove filhos: Wilson, Vladimir, Osvaldo, João, José, Gustavo, Maria Isabel, Nilo (nosso entrevistado) e Djalma (falecido muito criança). De sua mãe, Hermínia, Nilo nada se lembra, porque tinha apenas três anos



Jaime Dias de Figueiredo em casa, na cidade de Caracol, Estado do Piauí, ano de 1988

de idade quando ela faleceu. Entretanto, sabe e nos conta comovido que se tratava de uma mulher simples, honesta e exemplar mãe de família.

No segundo casamento, com Maria de Lourdes, Jaime teve três filhos: Valter, Sebastião e Aldemar.

A terceira esposa do Sr. Jaime, Ninfa, não teve filhos. Foi com ela, portadora de grave enfermidade, que o pai de Nilo esteve em São Caetano, em 1958, talvez em busca de melhor assistência médica. Entretanto, após um mês, Ninfa faleceu, no dia 18 de

Outubro, e foi sepultada em São Caetano.

De volta ao Nordeste, o Sr. Jaime Dias de Figueiredo casou-se, pela quarta vez, com Marlene, 50 anos mais jovem que ele e com quem teve três filhos: Regina, Maricélia e Fernando.

Assim, Jaime Dias de Figueiredo (pai de nosso entrevistado), tendo sido o primeiro prefeito de Caracol, em 1949, veio a falecer, no dia primeiro de Fevereiro de 1998, com 103 anos de idade, deixando numerosa descendência: 15 filhos, 75 netos, 139 bisnetos e 40 tataranetos.

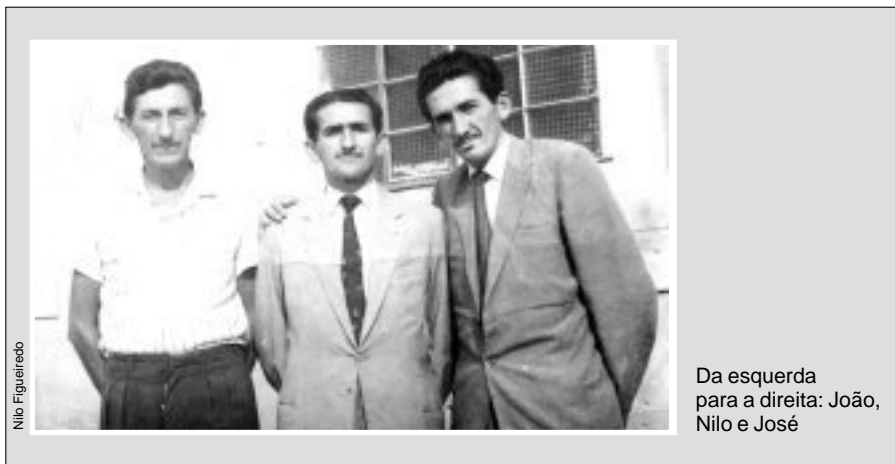
**PIAÚI** - Em sua cidade natal, Caracol, Nilo passou a infância e a adolescência. Fez apenas o curso primário, e se recorda, com carinho, da primeira professora, Dona Maria Paixão, afetuosamente conhecida como Dona Coló. Trabalhou na loja de tecidos de seu irmão Wilson. Seu grande desejo era vir para São Paulo, mas o pai se opunha.

Contrariando a vontade do pai, Nilo Ribeiro de Figueiredo, aos 22 anos de idade, deixou Caracol rumo a São Paulo, fixando-se em São Caetano do Sul, aonde chegou no dia 19 de Abril de 1953.

Já moravam na cidade o irmão José e a prima Gildete. Também em São Paulo, morando em São Miguel Paulista, estava o irmão João.

Em casa de parentes, na Rua 28 de Julho, Nilo ficou um mês desempregado. Conseguiu, então, trabalho nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, onde permaneceu três anos.

**SANGUE POLÍTICO** - A família Figueiredo sempre demonstrou forte tendência para a vida política. Prova disso é que Jaime Dias de Figueiredo



Da esquerda para a direita: João, Nilo e José



Da esquerda para a direita: Marlene (quarta esposa do sr. Jaime), Irapuã (neto), Eudis (neta), sr. Jaime, Regina (filha) e o menino (filho de Regina)

foi o primeiro prefeito de Caracol, em 1949. Seu filho, Wilson, irmão mais velho de Nilo, foi o terceiro prefeito de Caracol. Valter, filho do segundo casamento, foi prefeito da mesma cidade por dois mandatos e, atualmente, Fernando, filho do quarto casamento, é presidente da Câmara Municipal de Caracol.

Com Nilo Ribeiro de Figueiredo não poderia ser diferente. Por isso, quando o amigo Miguel Moreno pediu a Nilo que transferisse o título de eleitor para São Caetano, o jovem nordestino atendeu ao convite de imediato.

Uma vez eleitor de São Caetano e freqüentador entusiasta dos grupos políticos da cidade, em 1956, Nilo Ribeiro de Figueiredo foi convidado a participar da campanha eleitoral na qualidade de candidato a vereador pelo PTN, obtendo 164 votos e sendo eleito para a última cadeira. Tomou posse em quatro de Abril de 1957, quando entrou no recinto da Câmara pela primeira vez. Solteiro, jovem, dinâmico e com a política nas veias, Nilo atirou-se ao trabalho, dedicando-se, principalmente, a socorrer seus irmãos nordestinos que chegavam em grande número a São Caetano, em busca de melhores dias. Tantos eram os munícipes que procuravam o jovem vereador Nilo, que o jornal acabou se referindo à sua sala de trabalho como *a sala dos milagres*. O dom da palavra e o desejo de se manifestar so-

bre todas as questões, na tribuna ou em palanques públicos, valeram-lhe o apelido de *Patativa*.

Após quatro anos de trabalho intenso e produtivo, Nilo Ribeiro de Figueiredo foi reeleito, com 525 votos, pelo PTN. Foi o vereador mais votado da cidade, e tomou posse em quatro de Abril de 1961. Assim, seguiram-se mais três mandatos: 5ª legislatura - 657 votos - PTN - posse em quatro de Abril de 1965; 6ª legislatura - 2367 votos - ARENA - posse em cinco de Abril de 1969 (sendo, nesse ano, presidente da Câmara Municipal); 11ª legislatura - 929 votos - PMDB - posse em primeiro de Janeiro de 1993.

**PERSEGUIÇÃO** - Desde 1963 até a Revolução de 1964, Nilo Ribeiro de Figueiredo foi perseguido por participar de greves e comícios liderados pelos metalúrgicos do ABC. Em um dos

comícios de apoio a João Goulart, na Praça Rudge Ramos, Nilo Ribeiro de Figueiredo esteve no palanque e discursou. No dia seguinte, o jornal *O Estado de São Paulo* publicou a relação dos que se manifestaram no palanque, inclusive o vereador Nilo.

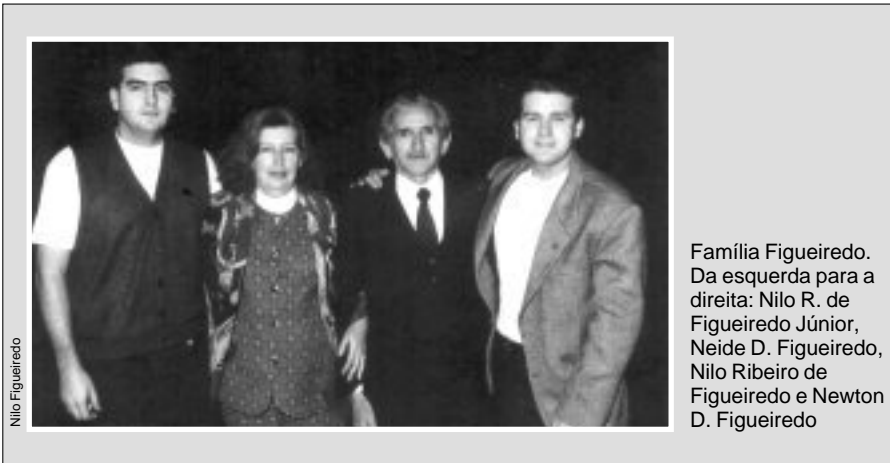
Com base nessa publicação, o presidente da Câmara Municipal, João Cambaúva, instaurou um processo de cassação (pro.362/64) contra Nilo Ribeiro de Figueiredo e outros. Em nove de Abril de 1964, Nilo se licenciou por 30 dias, retornando em 13 de Maio de 1964, quando solicitou nova licença de 180 dias, ficando fora, porém, apenas 40 dias. Em 23 de Junho de 1964, reassumiu seu mandato, enquanto o processo de cassação continuava a tramitar. Tal processo, segundo nosso entrevistado, se baseava em pronunciamentos transcritos na Câmara, tais como: Conselho de Segurança Nacional, Secretaria de Justiça e Interior, Comissão Geral de Investigação e delegados de polícia.

O processo de cassação foi a plenário, mas a Câmara o rejeitou. Assim, foi constatado que Nilo Ribeiro de Figueiredo nunca teve envolvimento com comunistas nem com esquerdistas. Em seu discurso de 25 de Junho de 1964, na Câmara Municipal, Nilo Ribeiro de Figueiredo assim se expressou:

*Os meus nobres colegas da Câmara Municipal sabem que eu não sou corrupto nem comunista; sabem que*

No ano de 2000, o candidato a senador Orestes Quércia visitou a Câmara de São Caetano do Sul. Da esquerda para a direita: Floriano Leandrini, Nilo Figueiredo, Luiz O. Tortorello e Orestes Quércia





Família Figueiredo. Da esquerda para a direita: Nilo R. de Figueiredo Júnior, Neide D. Figueiredo, Nilo Ribeiro de Figueiredo e Newton D. Figueiredo

*não sou desonesto nem bandalho; não sou aproveitador nem oportunista. Sou um patriota fervoroso, um cristão dotado de extraordinária fé, um democrata sincero.*

Novamente, em 1970, Nilo Ribeiro de Figueiredo, tendo sua casa revisitada, foi levado do Hospital São Caetano, onde sua esposa estava internada, diretamente para o Quartel General de Quitaúna, em Osasco, lá ficando detido por quatro dias, após os quais foi liberado, sem sequer ser interrogado. *Nem fiquei sabendo o motivo da detenção*, afirma nosso entrevistado.

**ENCONTRO** - Em casa de amigos, Nilo Ribeiro de Figueiredo ficou conhecendo a jovem Neide Dominguez, professora, nascida em São Caetano, no dia 12 de Abril de 1943, e uma bela amizade começou.

Neide Domingues era filha de Anacleto Dominguez e Maria Fernandes Martins, imigrantes espanhóis, que se conheceram e se casaram em São Caetano. Tiveram dois filhos: Neide e Cláudio.

Segundo Neide, seus avós paternos (Carmen e José Dominguez), bem como seus avós maternos (Isabel e João Fernandes), eram também imigrantes espanhóis que vieram para trabalhar em olarias de carvão.

Anacleto Dominguez, pai de Neide, era feirante e tinha uma barraca para a venda de batatas. Mais



Casal Jaime e Marlene, com os filhos Maricélia, Regina e Fernando

tarde, foi taxista, fazendo ponto no Cine Vitória e no Hospital São Caetano. Maria Fernandes Martins tinha um armazém de secos e molhados, na Rua dos Expedicionários, Bairro Cerâmica.

Neide fez seus primeiros estudos em São Caetano e concluiu o curso normal em Santo André.

**VIDA FAMILIAR** - Após um ano de namoro, Nilo Ribeiro de Figueiredo e Neide Dominguez casaram-se na Igreja Sagrada Família, no dia dez de Julho de 1965. O casal teve dois filhos: Nilo, nascido em 29 de Setem-

bro de 1966, e Newton, nascido em nove de Setembro de 1969.

Após o casamento, Nilo (vereador) e Neide (lecionando) continuaram a estudar. Neide se formou em Pedagogia, em 1971, pela Unifec, enquanto Nilo concluiu o supletivo de segundo grau e cursou Direito na Universidade São Francisco de Bragança Paulista (1981). Pelas mãos do marido, Neide também chegou à Câmara Municipal, cumprindo quatro mandatos, como vereadora: 8ª legislatura – 2308 votos – PMDB – posse em primeiro de Fevereiro de 1977; 9ª legislatura – 1155 votos – PTB – posse em primeiro de Fevereiro de 1983; 12ª legislatura – 1343 votos – PMDB – posse em primeiro de Janeiro de 1997; 13ª legislatura – 827 votos – PMDB – posse em primeiro de Janeiro de 2001.

**HOJE** - Nilo Ribeiro de Figueiredo é presidente do PMDB e assessora a esposa na Câmara Municipal, enquanto Neide Dominguez Figueiredo, em seu quarto mandato, é professora aposentada e preside a Sociedade Espanhola do ABC. Lembra, com carinho, de ter sido presidente do Mobral de São Caetano do Sul (1976-1982), um trabalho voluntário, mas muito gratificante para ela.

Atualmente, Nilo Ribeiro de Figueiredo, a quem foi outorgado o título de *cidadão sancaetanense*, desfruta com a esposa, Neide Dominguez Figueiredo, os bons momentos que a vida atual lhes proporciona. Ambos aguardam, com amor e alegria, os netos que ainda virão, através dos filhos: Nilo (advogado, casado com Simone Barbará Figueiredo) e Newton (formado em gastronomia, casado com Valquiria Crivelaro Figueiredo).

Professam a religião católica, agradecendo a Deus e a São Caetano do Sul por uma vida feliz e plena de realizações.

(\*) Yolanda Ascencio, professora de línguas, pedagoga, advogada, escritora e poetisa.

# *Dona Ovídia Camargo de Mello: 100 anos de exemplo*

Antonio Julio Pedroso de MORAES (\*)

No dia 12 de Outubro de 1903, nascia, em Piracicaba, Dona Ovídia Camargo de Mello (Dona Zizinha), filha de Vitalvina Pires de Camargo e Lino Pires de Camargo. Lúcida e bem-humorada, ela completou cem anos de vida. Dona Zizinha veio morar em São Caetano do Sul depois de uma pequena passagem por Santos, onde nasceram Ubirajara (falecido), Cauby, Yara e Edméia, pois o saudoso marido Clodoaldo Antônio de Mello fora trabalhar no IBC – Instituto Brasileiro do Café. Em seguida a família mudou-se para Utinga, em Santo André, sede do Armazém do Café. Clodoaldo Antônio de Mello nasceu na Rua Tapajós, quando São Caetano ainda era um subdistrito de Santo André. A família é constituída, atualmente, de quatro filhos, nove netos, nove bisnetos e um tataraneto.

Como o melhor presidente que o Brasil já teve ela cita Washington Luiz, e depois Getúlio Vargas. Já quanto ao governo de São Paulo, ela cita Adhemar de Barros. No tocante aos prefeitos de São Caetano, lembra-se de Ângelo Raphael Pellegrino, Campanella, Massei, Braido, e diz gostar muito do atual, Luiz Tortorello, pelo trabalho que realiza em prol dos idosos.

Dona Zizinha diz que sempre trabalhou muito e ainda trabalha como dona de casa. A aniversariante conta que sua primeira moradia em São Caetano foi na Rua Tapajós, a segunda na Rua Rafael Correa Sampaio, depois

na Avenida Goiás, e, atualmente, na Rua Taipas, 293, onde mora há 20 anos. Diz ainda que gostou muito de São Caetano, e, por isso, fixou-se aqui de vez.

Como receita para se viver tanto tempo, ela aponta o trabalho e se considera uma boa dona de casa. Na cozinha, suas especialidades são macarrão, frango, leitão e galeto frito na panela, além dos docinhos caseiros (de mamão, de sidra e de abóbora). Tudo isso chegou a fazer quando ainda não havia nem fogão a gás nem forno, mas apenas o velho fogão a carvão.

Das novelas de sua época, lembra-se das da Rádio São Paulo, com o ator Valdemar Cilioni, e das da Rádio Piratininga, como por exemplo Juvêncio, o Juiz do Sertão. Já em relação à televisão, recorda-se de uma das primeiras novelas em preto e branco: Irmãos Coragem.

Ainda tem nítida na memória a lembrança de que, enquanto ouvia a novela pelo rádio, aproveitava para passar roupa com

ferro a carvão. Para mantê-lo quente, tinha de assoprar as brasas, e muitas vezes chegava, em razão do esforço, a ter tontura. Para que a roupa ficasse bem assentada, usava goma feita a partir de uma mistura de água com polvilho de mandioca; daí a razão de em vez de passar roupas se dizer engomar roupas.

Quanto ao piso da casa, era cimento liso, com vermelhão, que tinha de ser encerado e lustrado com escovão, pois não havia enceradeira. As roupas eram lavadas no tanque, no muque. Ademais, naquele tempo só havia poços. Nada de água encanada. Dona Zizinha tinha medo de chegar perto de poços.

A filha Yara, de 72 anos, disse que a mãe sempre trabalhou muito, e sempre foi boa cozinheira, mas também muito mandona, enérgica. Uma vez ela caiu e eu fiquei tratando dela, num sofá, com a ajuda de uma vizinha. Yara fala que sua mãe é turrona e que às vezes até quebram o pau, no entanto, garante que



Ovídia Camargo de Mello, a Dona Zizinha, completou cem anos

Família Mello



Da esquerda para a direita: Yara de Mello, Edméia de Mello Siviero, Dona Ovídia Camargo de Mello, Cauby de Mello e Clodoaldo A. de Mello

vivem muito bem. O imóvel em que moram é um presente que o irmão mais novo de Yara, Clodoaldo, deu para as duas. Yara completa: Vamos vivendo até que Deus queira, porque eu não tenho muita saúde. Creio que minha mãe está melhor do que eu. Vamos ver quem viverá mais. Às vezes dá vontade de tirar no palitinho, brincou. Somos católicas, não muito praticantes, mas cremos em Deus.

Já o filho Cauby de Mello, de 76 anos, diz que apanhou muito de Dona Zizinha, mas valeu a pena. Hoje, se eu tenho alguma coisa na vida, devo a ela, uma mãe muito legal. Trabalhei muito e hoje estou aposentado. Só na GM, fiquei quase 50 anos. Lembra da ligação do comendador Pierro Polone, já falecido, e que depois mudou sua indústria para Santo André e Rio Grande da Serra.

Sua lembrança também se volta para o jovem sanfoneiro André Beer, que começou menino na GM e tornou-se vice-presidente da empresa. O outro filho de Dona Zizinha, Clodoaldo, morador da cidade de Chicago, nos Estados Unidos, há 38 anos, veio especialmente para o aniversário de cem anos da mãe.

Clodoaldo também trabalhou na GM, de 1954 a 1964, mas decidiu imigrar para os Estados Unidos. Nasceu em São Caetano, na Rua Tapajós, e disse que adora a terra natal e que não a troca por nada deste mundo. *Posso mencionar outros países, como os Estados Unidos, mas minha terra é sempre aqui. Eu tenho, como vocês podem observar, uma mãe maravilhosa que realmente me emociona. Sou casado com Dona Neide e tenho duas filhas maravilhosas, a Jenifer e a Karina. Estou longe, mas sempre nos falamos por telefone. Quando deixei o Brasil, ela sempre me tratou com muito carinho e por isso lhe agradeço eternamente. Adoro minha mãe e me preocupo muito por não ter sido um filho mais chegado a ela. É, no entanto, esse aniversário de cem anos, uma ocasião especial. Tenho viajado daqui para os Estados Unidos e vice-versa, mas confesso: tenho medo de viajar de avião. Mas hoje me sinto feliz. Estou aqui para participar da festa e comemorar esta data muito importante para nossa família (...) Aqui em São Caetano eu cresci, junto com o dr. João da Costa Faria, com o Oswaldo Nadal e com o saudoso Alécio*

*Strabelli. Acho até que os cem anos da minha mãe são importantes para a cidade divulgar, conforme me disse a diretora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, professora Sônia Maria Franco Xavier. Por essa razão, pela importância que dão à gente, eu tenho São Caetano do Sul como uma cidade espetacular, disse Clodoaldo Antônio de Mello, 62 anos, externando ainda sua alegria por ser torcedor do Corinthians e do Azulão, mesmo vivendo na distante cidade de Chicago.*

A festa de cem anos de Dona Zizinha teve ainda uma missa na Igreja Nossa Senhora Aparecida e a visita do prefeito Tortorello, na residência da família, junto com a Banda Municipal. O prefeito entregou-lhe um belíssimo cartão de prata e ofereceu-lhe um jantar nas dependências do São Caetano Esporte Clube. A Fundação Pró-Memória, através de sua presidente, Sônia Maria Franco Xavier, também a homenageou, entregando-lhe, após a missa, um lindo cartão de prata.

A nora da aniversariante, Neide de Mello, emocionada, diz que viveu com sua sogra por dois anos e a considera como uma verdadeira mãe, pois a mãe biológica de Neide faleceu quando a nora de Dona Zizinha era ainda muito jovem. O que ela faz pelos filhos, para mim, não há diferença. Sempre me dei bem com ela e tenho uma amizade muito grande com ela. Mesmo com essa idade toda, ela está lúcida. Realmente me sinto feliz por ter uma sogra como Dona Zizinha, concluiu Neide de Mello.

(\*) Antonio Julio Pedroso de Moraes é jornalista e diretor editor responsável da Tribuna do ABCD

# Jayme da Costa Patrão: homem e obra



Mário Porfírio RODRIGUES (\*)



Os seus familiares, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, o Gipem – Grupo Independente de Pesquisa da Memória do ABC, o Rotary Clube de São Caetano do Sul, o grupo de Líderes Autonomistas Vivos e outras entidades, além da sua legião de amigos, sofreram uma perda enorme com o desaparecimento do saudoso Jayme da Costa Patrão.

Agora, em todos os eventos culturais de São Caetano do Sul, faltará uma pessoa. Nos últimos a que comparecemos, lá estava o nosso bom amigo, apoiado em uma bengala, mas presente, prestigiando o evento.

Jayme nasceu na capital paulista em 27 de Abril de 1917. Chegou a São Caetano em 1924, e, durante 80 anos, marcou, de forma indelével, passagem pela cidade que adotou e tanto amava. Conheci-o na Fábrica de Louças Adelinas, onde ingressou em 1932, como desenhista de louças, e depois, até 1950, como chefe do setor artístico daquela importante indústria.

Posteriormente, instalou a sua pró-



pria empresa de decoração de cerâmica. Executou lindos trabalhos que podem ser vistos em residências, em objetos de louças no Museu Histórico Municipal e na EEPG *Bartolomeu Bueno da Silva*, cujo mural é de sua autoria.

Ficaram famosas as charges que criou com o personagem *Zé Caetano*, publicadas semanalmente no *Jornal de São Caetano* durante todo o Movimento Autonomista de 1948. A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul editou, em 1998, o livro *Jayme da Costa Patrão: um traço marcante na autonomia*, de autoria de Sônia Maria Franco Xavier. Até 24 de Outubro de 2003, participava anualmente do almoço do Grupo de Autonomistas Vivos.

Foi um dos fundadores da Funda-

ção Pró-Memória de São Caetano do Sul, a cujo Conselho pertenceu até o seu falecimento, colaborando e dando opiniões valiosas. Pesquisador histórico, escreveu vários artigos sobre o Bondinho das Professoras, a religiosidade dos sancaetanenses, teatro amador, amigos de infância e outros. Todos com ilustrações também de sua autoria. Fez ilustrações de artigos de terceiros e o acervo da Fundação Pró-Memória possui 50 charges e desenhos de sua autoria. Em 29 de Setembro de 1952, ingressou no Rotary Clube de São Caetano do Sul, e eu tive a honra de ser o seu padrinho.

Jayme da Costa Patrão era casado com Marta Bruna Vincenzi da Costa, pai de Marcos, Márcia e George. Tinha nove netos e dois bisnetos. Deixou também uma legião de bons amigos, pois sempre se recusou a fazer comentários de terceiros. Culto, afável, inteligente, atencioso e cheio de dinamismo, vivia para a família e para São Caetano do Sul. Por isso, além da saudade imensa, ficou um vácuo grande que jamais será preenchido.

(\*) Mário Porfírio Rodrigues é fundador do Rotary Club de São Caetano do Sul, do *Jornal de São Caetano*, do Hospital Beneficente São Caetano e, atualmente, é membro do Rotary Club de São Paulo

# A obra

Jayme da Costa Patrão nasceu no Bairro do Pari, na região do Brás, São Paulo, em 27 de Abril de 1917. Era filho de Rosa e Manuel da Costa Patrão. A família mudou-se para São Caetano, em 1924, fugindo dos conflitos armados ocorridos na região do Brás em função da Revolução de 1924. (A Revolução de 1924 foi um movimento revolucionário que eclodiu em São Paulo, no dia cinco de Julho de 1924, sob a chefia militar do general Isidoro Dias Lopes, secundado por Miguel Costa, João Cabanas e Joaquim Távora. Este, que viria a ser morto em combate, foi o articulador político do movimento, em que houve participação majoritária de jovens militares, os tenentes.)

A família Patrão, ao chegar a São Caetano, instalou-se no alto do Morro Pelado – atual Bairro Santa Paula -, na Rua Martim Francisco. (Um dos mais belos artigos de Jayme da Costa Patrão publicados na Revista Raízes versa sobre o Morro Pelado – “Os moleques do Morro Pelado”. Raízes 6, p.44, Janeiro de 1992.) Jayme, nessa época, tinha sete anos de idade. Concluiu o curso primário no Grupo Escolar Senador Flaquer, e, mais tarde, fez o ginásio em São Paulo. Nesse tempo de ginásio, estudava pela manhã e à tarde freqüentava um curso profissionalizante, ao qual deu continuidade no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, onde aperfeiçoou seu talento de desenhista e caricaturista.

Em 1928, Manuel da Costa Patrão, pai de Jayme, participava ativamente do primeiro movimento autonomista de São Caetano. Na época, Armando de Arruda Pereira, engenheiro da Cerâmica São Caetano, liderava a campanha emancipacionista. Manuel, certa vez, levou o pequeno Jayme a uma dessas reuniões, ocasião em que o garoto conheceu Armando de Arruda Pereira: “Eis o nosso mais novo correli-

gionário!”, teria dito o vice-presidente da Cerâmica, conforme o próprio Jayme da Costa Patrão, anos mais tarde, revelou.

Vinte anos depois, em 1948 Jayme da Costa Patrão, já casado com Marta Bruna Vincenzi, em cerimônia realizada no ano de 1943 (posteriormente, Jayme e Márcia tiveram três filhos: Márcia, Marcos e George), possuía uma indústria na Rua Pernambuco. Era ele um homem que exercia bastante influência sobre seus companheiros, e, em função disso, tornou-se naturalmente um dos líderes do segundo movimento autonomista da cidade. Dessa vez, São Caetano conseguiu o que não fora possível em 1928: emancipou-se de Santo André (em 1928 ainda se tratava de São Bernardo) e organizou uma administração própria, inicialmente chefiada por Ângelo Raphael Pellegrino, primeiro prefeito da cidade.

A colaboração de Jayme da Costa Patrão nesse episódio deu-se sobretudo mediante a arte em que se aperfeiçoou ainda quando estudante: a caricatura. Conquistando um espaço no Jornal de São Caetano, órgão que realizou intensa campanha em prol da autonomia, Jayme da Costa Patrão apresentou ao público o personagem Zé Caetano, presença constante nas charges políticas criadas pelo caricaturista. (A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul publicou um livro com boa parte das charges que Jayme da Costa Patrão fez para o Jornal de São Caetano: ... um traço marcante na autonomia. Fundação Pró-Memória, 1998.)

A política foi um aspecto importante, mas não único, da vida de Jayme da Costa Patrão. Em realidade, sempre esteve envolvido com as mais diversas atividades, dentre elas a artística. De fato, foi um dos grandes responsáveis pelo impulso cultural que São Caetano recebeu

nas décadas de 50 e 60, e sua atuação na Acasc (Associação Cultural e Artística de São Caetano) foi muito destacada, principalmente na área teatral.

Como escritor, colaborou para o resgate da Memória da cidade em diversos artigos publicados na Revista Raízes.

Em homenagem ao Sr. Jayme da Costa Patrão, uma das pessoas que mais trabalharam para a construção desta cidade, publicamos a lista completa de seus textos em Raízes:

PATRÃO, Jayme da Costa – O bondinho das professoras (crônica de uma época). Raízes, 3, pp.20-22, Julho de 1990.

\_\_\_\_\_ Era uma vez ... (crônica de uma época). Raízes, 4, pp.38-42, Janeiro de 1991.

\_\_\_\_\_ O aprendiz de figurantes. Raízes, 5, pp. 58-60, Julho de 1991

\_\_\_\_\_ Meu amigo inescrutável. Raízes, 6, pp. 73-80, Janeiro de 1992

\_\_\_\_\_ Um dia todo especial. Raízes, 7, pp. 69-70, Julho de 1992

\_\_\_\_\_ A presença espanhola em São Caetano do Sul. Raízes, 8, pp. 13-21, Dezembro de 1992

\_\_\_\_\_ A Taberna do Theresina. Raízes, 11, p. 39, Julho de 1994

\_\_\_\_\_ A casa da Fábrica Formicida. Raízes, 12, pp. 26-28, Janeiro de 1995

\_\_\_\_\_ A árvore da amizade. A presença de Paul Harris em São Caetano. Raízes, 15, p. 53, Julho de 1997

\_\_\_\_\_ O dia em que Dom Pedro visitou São Caetano. Raízes, 17, pp. 65-67, Julho de 1998

\_\_\_\_\_ Os moleques do Morro Pelado. Raízes, 26, pp. 41-44, Dezembro de 2002.

(Alexandre Toler Russo)





# Florindo Paladino: nosso primeiro alfaiate

**F**lorindo Paladino nasceu em três de Dezembro de 1897, mas só foi registrado no ano de 1901, em Castellabate, Província de Salerno, na Itália. Era filho de Vicente Palladino e Rachele Guida. De religião católica, aprendeu o ofício de alfaiate ainda na Itália.

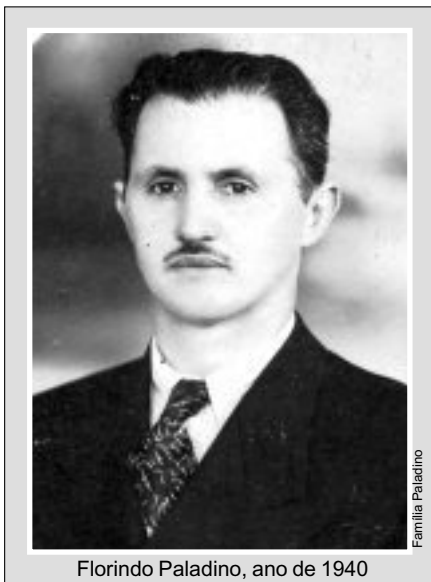
Participou, como soldado, da Primeira Guerra Mundial, ocorrida entre 24 de Maio de 1915 e quatro de Novembro de 1918. De um lado estavam Itália, Inglaterra, França, Checoslováquia e EUA; do outro Áustria e Hungria. *Dalla Gazzetta Del Regno d'Italia, Cinque Novembre 1918, N° 260.*

Chegou a conhecer, ainda na Itália, pessoas da família Matarazzo, todas de Castellabate. Em 1923, temendo a ocorrência de uma nova guerra, de uma nova convocação, e também por razões econômicas, decidiu deixar a Itália e veio para o Brasil.

A viagem de navio da Itália ao Brasil durou 20 dias. Desembarcou no Porto de Santos, em São Paulo. Nesse mesmo navio também vieram pessoas da família Matarazzo.

Viajou pela estrada de ferro SPR – São Paulo Railway, antiga estrada de Ferro Santos-Jundiaí e atual Companhia Paulista de Transportes Metropolitanos CPTM, até a Estação do Brás, em São Paulo, e foi encaminhado para a Hospedaria dos Imigrantes, na Rua do Gasômetro, onde permaneceu por cinco dias, seguindo depois para a casa de parentes e amigos italianos que estavam estabelecidos em São Paulo.

Conheceu o conde Francisco Matarazzo e sua mãe, Mariângela Jovane Matarazzo, nascida na Província de Salerno, Itália, em 15 de Agosto de 1835, e falecida em São Paulo, no dia 18 de Julho de 1925. O conde Francis-



Florindo Paladino, ano de 1940

co Matarazzo nasceu também em Castellabate, em 1854, e faleceu em São Paulo, no ano de 1937. Imigrou para o Brasil em 1881, indo para Sorocaba, São Paulo, onde se dedicou ao comércio de gêneros alimentícios. De uma pequena fábrica de lingüiça e banha de porco nasceu o grande complexo das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM), que contava com dezenas de estabelecimentos fabris (alimentares, têxteis, metalúrgicos, cerâmicos e petrolíferos). Algumas das indústrias do grupo estavam instaladas em São Caetano do Sul. O filho do conde, que também se chamava Francisco Matarazzo, mas era conhecido como Chiquinho Matarazzo, continuou as obras do pai e fundou, em sua homenagem, a Faculdade de Economia Conde Francisco Matarazzo, em 1954.

Em São Paulo, Florindo, por ser alfaiate, foi trabalhar numa Alfaiataria no Brás, onde conheceu Donato Cáffaro, que também era alfaiate, e, através dele, ficou conhecendo a irmã de Donato, Gabriela Cáffaro, que vi-

ria a se tornar sua esposa.

Gabriela Cáffaro nasceu em 29 de Julho de 1904. Era filha de Antônio Caffaro e Theodora Gagliardi, ambos italianos e residentes na Rua da Mooca, 517, e anteriormente na Rua João Antônio de Oliveira, 102, imóvel que foi vendido em 1925 e onde foi instalada parte da Fábrica de Café e Açúcar União.

Quando solteiro, Florindo viajava pela estrada de ferro SPR do Brás para São Caetano, aonde vinha com amigos caçar codornas e perdizes. Acabou fazendo novos amigos e passou a freqüentar e apreciar a cidade de São Caetano do Sul.

No dia quatro de Abril de 1929, no Registro Civil do 6° Subdistrito do Brás, ocorreu o casamento de Florindo Paladino e Gabriela Cáffaro, e, no dia seis, o casamento religioso na Matriz do Brás.

Após o casamento vieram morar em São Caetano, numa casa situada na Rua Perrella, n° 22, constituída de sala, quarto, cozinha e banheiro. Moravam e trabalhavam no mesmo local. Florindo exercia a profissão de alfaiate, fazendo ternos, calças e coletes sob medida, por encomenda, para amigos e conhecidos. Gabriela, sua esposa, fazia as atividades domésticas e ajudava o marido costurando calças etc. Nessa época, a máquina de costura era acionada por pedal, e o ferro de passar era a carvão.

Em 1930, tiveram o primeiro filho, que se chamou Vicente Olavo Paladino. Em 1931, o segundo filho: Sílvio Antônio Paladino. Em 1923, o terceiro: Hilário Paladino. Em 1936, o quarto e último filho: Ladislau Paladino.

Conforme a Portaria n° 7117, de 24 de Maio de 1931, houve mudança na ortografia oficial, conforme acordo



entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciência de Lisboa. O *ph* foi substituído pela letra *f*, o que provocou, por exemplo, a mudança de *pharmácia* para *farmácia*. E também foram abolidas as letras duplas como *ff*, *ll*, além de outras várias alterações na ortografia portuguesa. Em decorrência desse fato, alguns escreventes de cartório e funcionários públicos entenderam a portaria erroneamente, e, mesmo antes de sua aprovação, estenderam as alterações para os nomes próprios. Em consequência disso, nos documentos de Florindo, Gabriela e seus filhos, os sobrenomes aparecem com a seguinte escrita: Cáffaro e Paladino, que, originalmente, eram Cáffaro e Palladino.

Depois de casado, Florindo continuou seu divertimento de caça, e, às vezes, de pesca, com os amigos, na região de São Caetano, São Bernardo do Campo, e, vez ou outra, no interior do Estado de São Paulo - Bragança, Sorocaba, Rancharia, e até mesmo na divisa do Estado do Mato Grosso com São Paulo.

Florindo também gostava de futebol, e foi o sócio nº 5845 do Palestra Itália, atual Palmeiras. Foi sócio também do São Caetano Esporte Clube, fundado em Maio de 1914, e da Associação Cultural Artística de São Caetano.

Em 1933, com o aumento da freguesia, Florindo decidiu alugar um salão na Avenida Conde Francisco Matarazzo, 75, próximo à estação de

trem de São Caetano, e lá instalou a primeira alfaiataria de São Caetano do Sul, intitulada *Alfaiataria Paladino*.

Sentindo aumentar o número de amigos e fregueses, Florindo Paladino criou o Clube do Terno, ou Consórcio do Terno. Dessa forma nasceu o primeiro consórcio de que se tem conhecimento em São Caetano.

O Clube do Terno era constituído de conjuntos de 12 participantes. Cada um escolhia dois números, de um a 25, que correspondiam aos números do jogo do bicho. A escolha era feita pelos participantes de acordo com os motivos de cada um deles. Cada número do bicho correspondia a um grupo de quatro dezenas. Por exemplo:

CLUBE DO TERNO		
GRUPO	DEZENAS	BICHO
1	01, 02, 03, 04	Avestruz
2	05, 06, 07, 08	Águia
3	09, 10, 11, 12	Burro
etc, etc,	-	-
24	93, 94, 95, 96	Veado
25	97, 98, 99, 00	Vaca

A ordem numérica dos bichos correspondia à ordem alfabética dos nomes dos bichos em latim. Cada conjunto do clube durava 12 meses. A prestação mensal correspondia ao curso de terno especificado, dividido por 12.

O sorteio era uma vez por mês, baseado no sorteio do resultado do jogo do bicho, no último sábado do

mês. O contemplado era quem tinha o número do bicho correspondente à dezena do primeiro prêmio. Caso este já tivesse sido premiado, passava para a dezena do segundo prêmio, e assim por diante, até o quinto prêmio, ou para o próximo sorteio do jogo do bicho.

O contemplado escolhia o tecido e recebia o terno confeccionado. No final de 12 meses, todos os participantes recebiam o seu terno pago em 12 mensalidades. O Clube funcionou de 1934 a 1939.

Em 24 de Agosto de 1934, Florindo Paladino adquiriu de Egdio Baraldi e esposa (Argenide D' Agostini Baraldi) um terreno na antiga Rua Mato Grosso (atual Rua Baraldi), conforme escritura do 7º Cartório de Notas de São Paulo, pelo valor de R\$.2000\$000 (dois milhões de réis ou dois contos de réis, como era chamada a moeda da época). O registro do imóvel foi feito na 6ª Circunscrição de São Paulo. Na época não havia cartório de notas e registro de imóveis em São Caetano, que pertencia ao Município de São Bernardo.

Em 30 de Outubro de 1934 foi solicitado o alvará de construção, na Prefeitura Municipal de São Bernardo, para o erguimento de uma residência com salão comercial na frente. Foi recolhida a taxa de R\$176\$500 (cento e setenta e seis mil e quinhentos réis). A construção recebeu o número quatro, por ser a quarta casa construída na Rua Mato Grosso. Em primeiro de



Carteira de Caçador Amador, expedida em 10 de Abril de 1972, pelo Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal, para Florindo Paladino

Salvo-conduto de Florindo Paladino, expedido em 16 de Setembro de 1944

Família Paladino

Fevereiro de 1935, foi feito o pedido de ligação de luz elétrica para o *The São Paulo Tramway Light e Power Co. Ltd.*, a famosa *Light*, conforme caução e depósito de garantia nº 104.305, no valor de R\$60\$000 (sessenta mil réis). É interessante notar que no recibo estava carimbado: *Esta caução é pessoal e intransferível. De acordo com decretos de Lei 19870 e 19987, de 1931, o senhor consumidor poderá receber juros sobre a quantia em caução pagos pela Caixa Econômica Federal. Para esse fim será necessário solicitar a esta companhia a respectiva guia no ato de liquidar a respectiva guia no ato de liquidar a presente caução.* Observar que nessa época, depósitos em Caixa Econômica ou bancos, rendiam juros, independentemente do prazo que permaneciam em depósito.

O primeiro imposto predial, lançado pela Prefeitura de São Bernardo em quatro de Março de 1936, sobre o imóvel da Rua Mato Grosso, teve o valor de R\$46\$800 (quarenta e seis mil e oitocentos réis). O filho menor do casal, Ladislau Paladino, nasceu nesse imóvel.

No ano de 1939, São Caetano passou para o Município de Santo André. O recibo do imposto predial de 1939 saiu ainda com a inscrição do Município de São Bernardo, sendo carimbado acima Santo André, com o valor que passou de R\$46\$800 para R\$187\$200 (cento e oitenta e sete mil e duzentos réis).

Em 1949, quando São Caetano já pertencia a Santo André, a Rua Mato Grosso passou a ser chamada Rua Baraldi, e o número de quatro passou para 711.

Em 1943 houve mudança monetária, e R\$1\$000 (um mil réis) passou a ser Cr\$.1,00 (um cruzeiro). O valor do imposto predial passou a ser Cr\$ 187,20, correspondendo ao valor de 1939, e permanecendo assim até o ano de 1945. Nos anos subsequentes, Cr\$.360,00, e, em 1949, Cr\$. 670,00.

De 1940 a 1945, aconteceu a Segunda Guerra Mundial, que colocou, de um lado, Alemanha, Itália e Japão, e, de outro, Inglaterra, França, Rússia e Estados Unidos da América.

Florindo Paladino, por ser italiano, foi obrigado a tirar o *salvo-conduto*, datado de três de Setembro de 1942, documento que lhe permitia circular na cidade. O imigrante era obrigado a exibir esse documento quando viajava, pois poderia ser abordado por um policial a qualquer momento.

Em 16 de Setembro de 1944, Florindo conseguiu da Secretaria de Segurança Pública, Política e Social um certificado de isenção de *salvo-conduto*.

Em 1947, o proprietário do antigo imóvel da Avenida Conde Francisco Matarazzo, 75, resolveu demolir o prédio para construir um novo - existente ainda hoje -, e a Alfaiataria Paladino foi intimada a desocupar o imóvel. Em Dezembro de 1947, mudou-

se para o salão da Rua Baraldi, 711, que antes era ocupado por uma loja de *jogo do bicho*, e teve suas atividades encerradas devido à decretação de ilegalidade do referido jogo.

Em 1948, fomentou-se o movimento autonomista de São Caetano. Florindo Paladino, embora fosse a favor da autonomia e a incentivasse entre seus amigos, o fazia de modo discreto, temendo represálias por parte da fiscalização de Santo André, já que era estrangeiro e comerciante estabelecido. Por essa razão, seu nome não aparece nem em comissões nem na relação das pessoas que mais participaram do movimento autonomista.

Em 24 de Outubro de 1948, foi realizado o plebiscito que deu maioria esmagadora favorável à autonomia de São Caetano. Em 24 de Dezembro do mesmo ano, véspera de Natal, a cidade ganhou um presente: foi promulgada a Lei Estadual nº 233, de 24 de Dezembro de 1948, efetivando a emancipação político-administrativa de São Caetano, que passou a chamar-se São Caetano do Sul. Em primeiro de Janeiro de 1949, aconteceu a eleição do primeiro prefeito da cidade: Ângelo Raphael Pellegrino.

O imposto predial da Rua Baraldi, 711, em 1950, foi de Cr\$.702,60 – quase igual ao valor de Santo André em 1949.

Um dos divertimentos de Florindo ainda era participar de caçadas junto com seus amigos. Em 1950, foi obri-

gado a fazer seu registro como caçador, e recebeu o nº 13.198 da Secretaria da Agricultura de São Paulo, Divisão de Proteção e Produção de Peixes e Animais Silvestres. A partir de então, foi obrigado a respeitar o código de caça em vigor.

Foi obrigado também a tirar licença para posse de arma de caça em domicílio na Delegacia de Explosivos, Armas e Munição de São Paulo, além de autorização para porte de caça da Secretaria de Segurança Pública, Departamento Estadual de Ordem Política e Social.

Em 1932 tornou-se sócio nº 35 do Clube de Tiro de São Caetano. O número da Rua Baraldi, onde ficava a Alfaiataria Paladino, passou de 711 para 819.

Em 21 de Julho de 1970, o presidente da República Italiana, chefe da Ordem de *Vittorio Veneto*, agraciou Florindo Paladino com o título honorífico de *Cavaliere dell'Ordine di Vittorio Veneto*.

Nessa época, como frutos do seu trabalho, Florindo já tinha adquirido mais dois imóveis em São Caetano do Sul e um no Guarujá - litoral de São Paulo.

Em 1971, o filho Alcides Hilário Paladino assumiu a direção da Alfaiataria Paladino. Gabriela Cáffaro Paladino faleceu em 22 de Setembro de 1986 e Florindo Paladino em 27 de Julho de 1987.

Com o aperfeiçoamento das fábricas de roupas e do comércio de roupas prontas, inclusive importadas, o movimento das alfaiatarias foi decrescendo. A partir de 1995, a Alfaiataria Paladino ficou praticamente inativa, efetuando apenas serviços de ajuste nas roupas prontas (confeccionadas em fábrica) dos fregueses.

Em 2002, foram encerradas definitivamente as atividades da Alfaiataria Paladino, e o prédio da Rua Baraldi, 819, foi demolido.

Como já relatado, Florindo e Gabriela tiveram quatro filhos: Vicente Olavo Paladino, casado com Elizete Gomes da Silva Paladino; Sílvio Antônio Paladino (falecido em 16 de Janeiro de 1998), casado com Terezinha Martins Paladino; Alcides Hilário Paladino, casado com Walkiria Piovani Paladino (falecida em 17 de Novembro de 1999) e Ladislau Paladino, casado com Zilda Brum Paladino.

Quando menores, os quatro filhos trabalhavam como ajudantes na alfaiataria do pai. Na adolescência, e já quando maiores, com exceção de Ladislau, ainda trabalhavam na alfaiataria como alfaiates durante o dia e à noite estudavam. Vicente se formou contador e administrador de empresas pela Fundação Getúlio Vargas. Trabalhou como escriturário, contador e auditor contábil-administrativo. Sílvio Antônio Paladino fez curso de moda e se formou contador, traba-

lhou na alfaiataria, depois abriu loja de moda fazendo roupas para senhoras (tailleur - conjunto de casaquinho e saia), muito usadas nas décadas de 50, 60 e 70. Depois passou a trabalhar como escriturário, contador e contador-controlador e administrativo. Alcides foi o único que deu continuidade à alfaiataria. Estudando à noite, formou-se também contador, exercendo essa função paralelamente. Ladislau se formou engenheiro civil pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, trabalhou na Cosipa, em Piassaguera, e na Themag Engenharia, em São Paulo, como engenheiro projetista e acompanhador de obras. Especializou-se em projetos de fundação e escavação de obras siderúrgicas, de produção e transmissão de energia elétrica, rodoviárias e metróvárias.

Os quatro filhos, após o casamento, foram morar em casas alugadas. Posteriormente, com dedicação e trabalho, colaboração e incentivo de suas esposas, adquiriram propriedades onde residiram ou residem. Os quatro também chegaram a aposentar-se e a exercer suas atividades parcialmente.

Florindo e Gabriela tiveram 12 netos: Cristiano, Kátia, Débora e Simone por parte de Vicente e Elizete; Maria Inês, Mário Jorge e Mário Celso, por parte de Sílvio e Terezinha; Alcides Heloi, Hilário José e Silvana Lúcia por parte de Alcides e Walkiria; e Marilene e José Eduardo por parte de Ladislau e Zilda. Não tiveram, contudo, a felicidade de conviver com os seis bisnetos: Sílvia, Alan, Gabriela, Gabriele, Natália e Iuri.

Florindo Paladino, uma semente que veio da Itália, cresceu no Brasil e, com a ajuda de Gabriela Cáffaro, deu bons frutos, com trabalho, honestidade, dedicação e amor. *(Texto produzido pela família de Florindo Paladino. Contatos mantidos com o filho Alcides Paladino)*



Família Paladino

Rua Baraldi, 819, fachada da antiga Alfaiataria Paladino

# Uma lei da época

Duílio IANACCARO (\*)

**E**m São Caetano havia poucas ruas iluminadas. Ademais, uma lei proibía o trânsito de cavalos, vacas e burros em ruas iluminadas.

Para garantir o cumprimento da

lei, um guarda ficava nas ruas iluminadas, e, caso algum animal por elas transitasse, o oficial o prendia, levando-o ao depósito de animais perdidos.

As crianças como eu, a pedido do guarda, tocavam os animais

que estavam nas ruas sem iluminação para as ruas iluminadas. Dessa forma ele prendia os animais, e os donos, para retirá-los, tinham de pagar uma certa quantia.

Guarda esperto, hein!?



Escola Estadual Senador Flaquer em duas épocas distintas: 1961 e 2004



Fundação Pró-Memória

## Dez de Dezembro: o diploma

**O** dia da entrega do diploma foi bastante esperado por todos nós. Neste dia não houve comemoração porque estávamos vindo de um ano escolar bastante atribulado em virtude da Revolução.

Ao receber o diploma das mãos da professora Nair, senti uma emoção muito forte; ela ficou me olhando com ternura e o seu olhar transmitia uma afeição por mim. Ela sabia mais do que ninguém o quanto eu gostaria de continuar os estudos, mas... também sabia que eu não teria condições financeiras para continuar. Porém, vontade de estudar eu tinha muita.

Voltei para casa como se se

tratasse de um dia qualquer. Naquele ano, pela primeira vez, eu não ganhei o prêmio de comparecimento, pois eu tive aquela falta quando queimei a calça.

Nunca eu vou esquecer a classe do quarto ano e os meus colegas.

Abinal dos Santos, Augusto Herta, Almicar Milani, Antônio Rodrigues, Dante Cardioli, Antônio Moia, Ernesto Fine, Vítório Marcuci, Nicolas Charcov, Adolfo Charcov, Osvaldo Lopes, Ciro Albence, Ângelo Marinotti, José Carnevalli, Jarbas Barbosa de Mello,

Secondo Bertolini, Felipe Bonilha Bravo, Kego Toyoda, Osvaldo Lanfrachi, Hipólito Huerta,

Antônio Morlam, Osvaldo Lino, Hugo Tomicasa, e a nossa querida professora, Nair Borba de Almeida Moraes, a mestra que sabia entender seus alunos.

Com o diploma, os alunos iam aprender um ofício, porém, não ganhavam nada enquanto estavam aprendendo. Eu não pude aprender um ofício, porque precisava trabalhar, e, mesmo estando *stanco* do bate-coco, não tive outra solução senão enfrentá-lo *noltra volta*.

(\*) Duílio Iannaccaro, escritor e memorialista, autor do livro *Do Tirreno ao Atlântico*

Os relatos de vida que serão divulgados nesta revista e nas próximas edições são o resultado em palavras de entrevistas registradas em linguagem oral. Portanto, não se trata de texto jornalístico ou literário, mas do texto escrito de uma fala, com os suspiros, tempos de lembrança e repetições comuns à linguagem oral.

Procuramos respeitar a maneira de falar de cada uma das personalidades que se dispuseram a revelar-nos suas histórias de vida.

Vão aqui publicados os relatos, e iniciamos este trecho da revista com o depoimento do Senhor Antonino Paolillo, nascido em 11 de Janeiro de 1909, cidade de Castellabate, Província de Salerno, Itália.

Adriana M. C. RAMOS e Mônica de SOUZA (\*)

## Documento produzido a partir de história oral

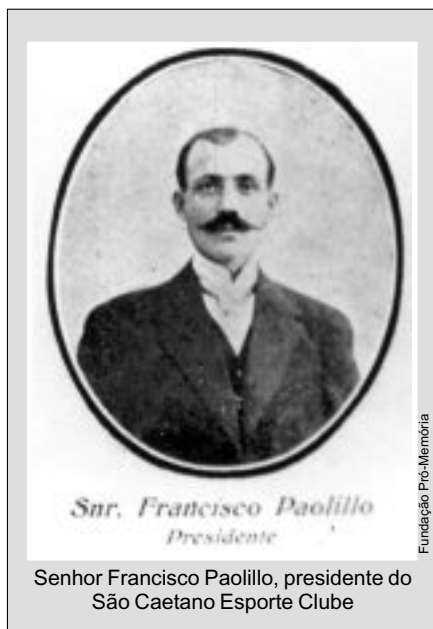


**M**eus pais são Michelina Mignoni Paolillo, brasileira de São Paulo, e Francisco Paolillo, italiano.

*Eu nasci e morei na Itália até 1912. Viemos pra cá e fomos morar na Rua 7 de Abril. Meu pai tinha um armazém que vendia arroz, feijão ... essas coisas. Foi então que nasceu a minha irmã Michelina. Quando ela nasceu, minha mãe morreu ...*

*Meu pai vendeu tudo e minha irmã Michelina ficou com uma família na Bela Vista. Meu pai pegou as minhas duas irmãs mais velhas e levou junto com ele pra Itália. Lá, internou as duas num colégio. Eu fiquei na Rua Bresser, com uma irmã da minha mãe que era gêmea com ela. O meu irmão, gêmeo comigo, ficou na casa da irmã do meu pai, no Brás, na Rua da Alfândega.*

*A minha tia, com quem eu fui morar, tinha uma padaria e confeitaria alugada na Rua Bresser. Um belo dia, eu estava sentado na porta da confeitaria - eu gostava demais de doce - e percebi duas pessoas passarem na minha frente, mas não fiz conta. Fiquei lá sentado. Aí, veio a minha prima, filha*



*dessa minha tia, e disse: "Vamos pra casa que teu pai chegou da Itália e trouxe uma mãe nova pra você"...*

*Eu fui pra casa. Vi meu pai e minha madrasta, Ana Maria Losquiavo. Ele voltou casado de novo ... Aí, nós passamos a morar na Bela Vista. Meu pai tinha arrumado uma casa em uma vila: uma sala e uma cozinha. Eu e meu irmão fomos morar lá. Mas a minha irmã Michelina ainda ficou com essa família na Bela Vista. Minhas duas irmãs mais velhas ficaram na Itália ...*

*Eu tinha uns sete pra oito, nove anos, mais ou menos, quando meu pai voltou.*

*A escola foi muito curta pra mim. Comecei no Grupo Escolar Maria José. Me lembro até hoje o nome. Lá na Bela Vista, Bairro do Bexiga. Lá na escola, às vezes, quando ia ... Foi um fracasso! Tinha dia que eu fugia de casa porque apanhava. Ai meu deus do céu! Depois quando eu vim pra cá, pra São Caetano, eu fui à escola onde é a "Principe di Napoli". Estudei até quando pude, até que meu pai me tirou: não completei meus estudos.*

*Tinha manhã que eu nem ia na escola: minha madrasta me batia demais. Numa certa manhã ela me chamou: "Levanta, levanta!" - falava italiano, napolitano: ela era de Nápoles. Eu demorava pra levantar ... Lá da cama dela ela pegou o tamanco e me jogou: Me quebrou a cabeça! Jorrava sangue pela cabeça... Ih, ela ficou apavorada e começou a chamar a vizinhança pra saber o que podiam fazer. Sabe o que eles fizeram? Eles tiraram teia de aranha da casa, fizeram uma ameixa e puseram no corte. Daí passou.*

*Daí, nós mudamos pra Rua 7 de Abril. Mas a minha madrasta ... eu não suportava! Eu passava mal*

com ela! E então nasceu o primeiro filho dela, que chamava Eduardo. Ele já faleceu. Quando nasceu esse menino, meu pai comprou um berço e a minha madrasta me dizia: “Olha o menino!” Mas ela falava italiano, sabe. Eu sou italiano mas não sou capaz de falar italiano. Ela estava no tanque lavando roupa e eu lá “nanando” esse meu irmão ... Mas não havia meio de dormir! Eu fiquei tão nervoso que dei uma solavancada no berço e joguei ele pra fora. “Ai meu deus do céu, acho que ele morreu” – pensei. Como ele chorava! Pus ele no berço e a minha madrasta não viu. Nunca contei pra ela, nunca. Ah! se ela soubesse ... pelo amor de Deus! E ela gritou de lá: “O que aconteceu?” Eu falei: “Ele não quer dormir, eu não sei o que é que eu vou fazer” ... Sabe, eu era louco pra brincar, era moleque.

Depois, nós mudamos para o Brás, na Rua Monsenhor Andrade. Meu pai trabalhava na Mooca; aliás, quando nós morávamos ainda na Bela Vista, ele já trabalhava na Mooca. Ele era carpinteiro. Ele vinha tarde, ele chegava bem de noite em casa porque naquele tempo a condução era o bonde. E quando chegava me encontrava sempre fora de casa: - “O que foi?” Eu chamava minha madrasta de mãe: “Minha mãe quer me bater”. Chegava no dia seguinte, a mesma história de novo. Eu fugia por causa da minha madrasta. Eu fugia e ficava ali fora. Às vezes, alguma família me dava almoço, me dava um pedaço de pão, alguma coisa. Meu pai tinha uma bengala da altura de uma muleta, e um dia ele se aborreceu tanto com aquela história: “Entra aí”. Entrei. Ele pegou a bengala e deu tanto nela, mas deu tanto, mas bateu, bateu... Mas do que adiantou? No dia seguinte... entrei na dança também.

Depois, mudamos aqui pra São

Caetano, porque meu pai já trabalhava no Matarazzo. Ele era carpinteiro do Matarazzo na Mooca. Depois ele fazia negócio de empreitar obra para o Matarazzo, negócio de construção.

Antigamente, o Matarazzo tinha uma pilha de casas que pegava desde atrás da igreja, dava a volta e chegava quase até a Rua Rui Barbosa. Nós atravessávamos por ali a estrada de ferro. Nós tínhamos duas casas, porque a família era grande. Quando nós mudamos para cá, meu pai mandou chamar minhas duas irmãs que estavam na Itália. Elas chegaram de trem. Buscou também minha irmã Michelina ... e ficamos aí.

Nós mudamos pra cá em 1917, por aí. Em 1919, teve a gripe espanhola. Era uma mortandade. Eu e meu irmão, esse gêmeo comigo, pegamos a gripe espanhola. Eu andava segurando na parede pra não cair, porque ela derrubava mesmo. Minha madrasta teve seis filhos também: quatro morreram. Naquele tempo, o Matarazzo tinha uma serraria onde era o largo da Igreja, onde tinha a indústria. Ele começou a fazer caixão pra enterrar as pessoas que morriam. O pessoal pegava quatro pedaços de tábuas e levava pra enterrar. Era até uma carroça que levava o morto para o cemitério, porque não dava conta, não. E eu não sei como eu não morri: eu e meu irmão ficamos vivos. Foi em 1919. Eu tinha dez anos.

Quando eu completei mais ou menos 12 anos, eu entrei na fábrica do Matarazzo. Naquele tempo era a fábrica velha, fábrica de óleo, fábrica de vela, de sabão, glicerina, graxa, tinha tudo isso, negócio de amendoim, coco, essas coisas pra fazer óleo. Meu pai até me tirou da escola para trabalhar. Aí eu ia na escola à noite.

Quando eu entrei para trabalhar na fábrica de óleo eu coloca-

va as etiquetas nas garrafinhas de óleo. Tinha lá uma prancha e a gente pegava as etiquetas, passava cola, depois colocava nas garrafinhas. Pegava de uma caixa e passava pra outra. Tinha mais ou menos cem garrafinhas cada caixa, garrafinhas de óleo de ricino. Um dia, quando acabei, em vez de pegar a caixa por baixo, eu peguei a caixa pelos lados e saí. Eu andei uns pares de passos e o fundo da caixa caiu: as garrafinhas todas no chão, quebrou tudo. Eu falei: “Ah, pronto, já vão me mandar embora! Vou pra rua já. Puxa, e agora o que vou fazer?” Aí veio o mestre chamado José, e falou: “O que foi menino?” Eu estava chorando, ele falou: “Não, não precisa chorar, eu não vou mandar você embora ... O problema é que os mais velhos que estão aqui deviam te ensinar como é que se pega uma caixa. Não é assim, não, pega por baixo. Vai, vai trabalhar. Não se incomode”.

Primeiramente, onde tinham essas casas do Matarazzo, atrás da igreja, tinha uma casa: ali era uma escola. Eu fui nessa escola, depois fui na escola da Sociedade Príncipe di Napoli, na Rua Perrela. Depois, quando eu comecei a trabalhar, fui na escola à noite.

Eu trabalhei na fábrica de óleo um ano. Então, meu pai começou a me levar junto com ele. Meu pai trabalhava no Brás, no Moinho Matarazzo, na Rua Monsenhor Andrade com a Rua Flórida. Lá, eu trabalhava aprendendo ofício de carpinteiro. Depois, nós fomos fazer uma fábrica de pólvora para o Matarazzo, no Tatuapé. Quando sobravam resíduos do trigo do Moinho Matarazzo eles levavam tudo para o Tatuapé. Jogavam pra nascer o capim. E lá dava muita rolinha. Rolinha é um pássaro, um passarinho. Meu pai era louco pra caçar, ele tinha até diploma de atirador na Itália. Então, o que é que



ele fez? Ele tinha espingarda, porque ele costumava caçar aqui mesmo em São Caetano, e ele levou a espingarda lá. Então, na hora do almoço, aquelas rolinhas comendo aquele resíduo do trigo, e ele: “- buum e buum!” - matava. Eu, então, levava comida para mim e para ele numa cesta. E quando nós voltávamos para casa de tarde, de noite, eu vinha com a cesta cheia de rolinha. Então, minha madrastra depenava e cozinhava as rolinhas.

Depois, eu comecei a trabalhar no Moinho. Trabalhei na Maria Ângela, do Matarazzo também.

Meu irmão aprendeu ofício de barbeiro aqui em São Caetano. Ele era barbeiro. Depois, ele mudou: alugou negócio de bar, negócio de restaurante, jogo de bocha ... Ele saiu de negócio de barbeiro e mudou de ofício. Depois ele casou também. Ele tinha duas filhas. Ele se chamava Luiz, Luiz Paolillo. Mas ele era bem mais miúdo do que eu. Quando nós nascemos, eu fazia dois quase dele. Ele quase nasceu morto ... Naquele tempo não tinha esse negócio que eles põem as crianças quando nascem, agora ... Não sei como que chama ... Ele precisou ser enrolado em algodão pra conservar. Porque ele nasceu magro ... Eu fazia dois dele ... Ele era muito, muito miúdo!

A minha madrastra, ela me judiou bastante ... Mas, quando ela morreu, o único que ela quis perto dela fui eu. Acho que foi arrependimento, talvez. Ah, falei: “Perdoa, vai fazer o quê?” E eu perto dela, encostado com ela. Ela me deu a mão. Acabou morrendo.

A minha irmã mais velha era terrível, viu, era um leão! Ela mandava mesmo. Era brava, pelo amor de Deus! A mãe do Braido, a Elvira, não, ela era muito boazinha. Mas essa minha irmã Carolina ... Quando chegaram as minhas duas irmãs da Itália e viram a minha madrastra judiar da gente,

principalmente da minha irmã Michelina, essa minha irmã Carolina falou: “Olha, se você continuar a judiar deles como você judia, eu te enforco, viu, eu te esgano, viu, eu te mato”. Ela falava meio italiano com ela. Aí eu traduzi em brasileiro. Daí foi que melhorou a nossa situação, porque ela não mexia mais com a gente, principalmente com a menor. Eu já trabalhava.

**JUVENTUDE** - Daí meu pai ficou doente, deixou de trabalhar, não pôde mais ganhar e até se aposentou ... Ele morreu com 58 anos ... Ele era muito novo ainda. Aí eu comecei a trabalhar com outro empreiteiro no Matarazzo mesmo. Sabe, eu tenho quase 70 anos de Matarazzo. Não é brincadeira! Comecei com nove anos. Eu comecei no ofício, trabalhava de carpinteiro, e aí foi indo, foi indo, foi indo ...

Um belo dia, eu estava trabalhando com outro empreiteiro chamado Silvio Guida. Ele era da mesma região da Itália. Eu comecei a trabalhar com ele. Comecei aqui, depois passei para o Belenzinho. E lá no Belenzinho nós estávamos fazendo uma porção de madeiramento, um aumento da fábrica. De manhã, ia pra lá, pegava um trem primeiro até o Brás. Depois, do Brás eu pegava o bonde, o tal de “cara-dura”: era cem réis. Saía tarde de lá e vinha pra casa com o “cara-dura”.

Lá tinha um mestre, um encarregado, e todo mundo marcava, todo mundo ficava marcando ... No fim, estava uma tranqueira, descerto na composição do madeiramento. O pessoal todo marcava, marcava, e, quando ia ver, não combinava nada. Chegava o mestre ... Ele morava em Poá ... Era irmão do Guida ... Ele vinha um pouco mais tarde. Um belo dia, ele ficou louco! Ele falou: “Bom, de hoje em diante você, ‘seo’ Ci-

ro” - chamava o contra-mestre -, “você não vai marcar mais nada aqui, está bom? Está tudo errado, precisa começar tudo de novo. Sabe quem vai marcar o madeiramento? É o Sr. Paolillo. Você não marca mais nada”. Eu tinha muito capricho, nem era casado ainda. Eu devia ter o quê? Quase uns 20 anos, mais ou menos, 21, 22 anos mais ou menos. Então eu comecei a marcar e o negócio foi indo ... A minha carreira começou a crescer.

Eu jogava futebol. Jogava no São Caetano Esporte Clube. Meu pai foi presidente do São Caetano. O jogador daquele tempo tinha que passar por uma visita médica. E eu, aquele tempo, trabalhava e jogava. Jogava futebol, jogava bola ao cesto, jogava pingue-pongue. Tudo lá no clube. O São Caetano mandava os jogadores num médico em São Paulo. Quando eu fui no médico, ele me examinou e falou: “Paolillo, duas coisas você não pode fazer: ou você joga futebol ou você trabalha. Jogar futebol você não pode”. Ele achou que o meu coração crescia muito. Imagina, eu era moleque! Até agora ele não cresceu não, está no mesmo lugar! Se tivesse crescido ficava uma bola. Então o que é que eu fiz? Larguei de jogar futebol. Largar de trabalhar eu não podia. Eu era novo, nem casado eu não era. Larguei de jogar, fiquei trabalhando. Aí eu me dedicava só um pouco para bola ao cesto, pingue-pongue. Então, me convidaram para ser juiz. Aí eu peguei, me filiei na Liga Santo Andreense de Futebol como juiz. Lá a gente tinha aula de juiz. E eu fiquei tão famoso! Falo, assim, em matéria de juiz daqui do Grande ABC. Quando eu chegava na sexta-feira, na escolha de juiz da Liga Santo Andreense, então o presidente pedia para os representantes dos clubes: “Bom, que juiz você quer para domingo no teu jogo?” - “Paolillo”.

– “Você, que juiz quer?” – “Ah, o Paolillo eu queria para o meu jogo”. Então, o presidente da Liga Santo Andreense - chamava Paschoalino Assunção – me disse: “Sabe de uma coisa? O Paolillo vai ficar de lado, esqueçam do Paolillo. E quem vai escalar o Paolillo para o jogo sou eu. Eu é que vou saber que jogo que ele vai apitar. Então, o melhor jogo da rodada era eu quem ia apitar. Eu nunca tive um “ai”. Aquele tempo o São Caetano disputava o campeonato do interior. O São Caetano fez fusão com o Comercial e pôs nome de São Bento. E o presidente era um tal de capitão Oberdan de Nicola. Ele até já faleceu, ele era diretor da Federação Paulista. Ele me viu apitar e me chamou. Disse: - “Ô, Paolillo, você não quer ingressar na Federação Paulista de Futebol, de juiz?” Digo: “Não”. – “Por quê?” – “Porque eu sou estrangeiro”. – “Você é estrangeiro?” - “Sou italiano”. “Ah”, ele falou, “não tem importância, não. Me dá aqui seus documentos, que numa semana você é naturalizado brasileiro”. Ele era político lá na política brasileira. “Eu arrumo. Numa semana eu já faço tudo. Você já é cidadão brasileiro. Aí você fica na Federação”. Aí eu falei: “Ô, capitão, eu não vou fazer isso porque acho que meu pai não vai gostar não ... Eu mudar agora de italiano para brasileiro”. Então ... naquele tempo eu era bobo! Podia ter feito. Aí fiquei aqui mesmo, fiquei apitando aí.

No pingue-pongue eu fui o melhor jogador do ABC. Tanto é que nós jogávamos muito em rivalidade com Santo André. Uma rivalidade enorme! Não era só no pingue-pongue, também no futebol a mesma coisa. Eles tratavam nós de “tijoleiro”, porque aqui tinha muitas olarias, e nós tratávamos eles de “carvoeiro”, é ... Então, um dia

nós íamos jogar com o Rhodia de Santo André, pingue-pongue. Naquele tempo não era tênis de mesa, era pingue-pongue. Nós fomos jogar no Cine Carlos Gomes, de Santo André. A sede deles era em cima do cinema. Então, uns dias antes, eles mandaram publicar no jornal que eles iam mostrar pra São Caetano com quantos pauzinhos se fazia uma canoa. Então, li o jornal e fomos jogar. Nós ganhamos por 71 pontos de diferença. Aí, eu chamei o repórter que estava lá. O repórter lá do jornal de Santo André. Chamei ele e falei: - “Olha, você responde lá pro Lair e pro Dodô, que era o jogador de Santo André, que pra fazer uma canoa vão 71 pauzinhos”. Ih, eles ficaram loucos! Eles não podiam com nós não.

Numa ocasião nós fomos jogar em Santos. Fomos até de trem, não tinha nem ônibus. Nós fomos jogar



Luiz Paolillo, barbeiro, e Humberto Piccolo, colocador de azulejos: grandes amigos e parceiros de bocha. Ano de 1928

com um tal de time Regente Feijó, que era na Rua Regente Feijó, então ele tinha esse nome. E a sede deles era em cima de uma padaria. Um português era o dono dali. Naquele tempo tinha as prateleiras na porta e eles punham aqueles pães grandões na prateleira: assim, um atrás do outro. E as prateleiras da padaria estavam ligadas no assoalho da sede do clube. Então, começa o jogo. Eu pulava muito no pingue-pongue: eu pulava pra cá, pulava pra lá, pra cá. Daí a pouco subiu um senhor lá e falou: “Por favor, quem é que está a pular aí? Está a me derrubar todos o pães das prateleiras”. Em vez de pôr o pão deitado, ele punha de pé! Então, como a prateleira estava ligada no assoalho, dava oscilação. Mas eu não mudei meu jogo, meu tipo de jogo, não! E eles tinham lá um tal de Conrado ... O homem quando me viu na mesa ficou louco. Ele falou: “Esse cara é um diabo para jogar. Quem é que pode com ele?” Mas depois no fim ele veio: “Olha, eu nunca vi! Eu jogo pingue-pongue há muitos anos. Mas um jogador que nem você”... Nós ganhamos estourado deles! Até que ele veio me agradecer, me elogiar bastante sabe. E o português ficou louco da vida, por causa dos pães dele caindo.

Nós jogávamos muito em São Paulo. Eu tinha um apelido lá, o pessoal já me conhecia. Quando nós chegávamos, falavam: “Ô, já vai entrando o demônio, aí”. De fato, eles não podiam mesmo comigo, eu era terrível para jogar. Por isso que eu digo, viu: “Eu fui o melhor do grande ABC. E como juiz de futebol, o melhor também. No jogo eu era center-alfó (center-half / cabeça-de-área).

Um dia, eu discuti com a minha irmã, a mais velha. E ela estava com uma tesoura na mão costurando ... Pois ela pegou a tesoura e “pumba”. Me plantou no pé! A

tesoura ficou plantada no meu pé! Eu contei para ela faz dois anos, lá em Santos. Ela começou a dar risada. Falou: - "Mas é verdade?" - "Você não lembra?" "Mas eu lembro: você me plantou a tesoura no peito do pé, tá bom?"

Minhas irmãs, passado um tempo que estavam aqui, depois que chegaram da Itália, elas iam no baile no São Caetano. A Elvira foi eleita miss São Caetano, lá no clube. Ela era parecida com a minha mãe. Você vê a fisionomia da minha mãe, ela é a mesma coisa. Então, há pouco tempo, ela me contou que, quando elas estavam lá no salão em que ela foi eleita, as moças falavam: "É, essas italianinhas vieram aqui para tirar os nossos namorados". Mas essa minha irmã Elvira começou a namorar com o pai do Braidó. Eles tinham olaria mais ou menos por essa redondeza, onde era a fábrica do Matarazzo. Eles passavam por aqui mais ou menos às quatro horas da manhã com a boléia. Sabe o que era boléia? Uma carroça com burros. Eles iam para a olaria pegar barro, fazer tijolos, enfiar tijolos, cozinhar. E essa minha irmã Elvira começou a gostar do João Braidó, o pai do Braidó. Começou a gostar dele. Ah, eu nunca falei nada, eu só pensava. Pensei: "Puxa, mas será que essa minha irmã vai namorar com um tijoleiro?" Miss São Caetano, vai namorar com um tijoleiro. Não falei nada para ela. Ela gostou dele, namorou ele; o único que ela namorou foi ele e casou com ele. Hoje está aí: criou uma fortuna enorme com esse tijoleiro. Nós temos um tijolo da olaria deles. Esse meu cunhado começou a progredir. Depois da olaria, eles mudaram lá para a Vila Bela, Vila Ema, lá para aqueles lados. E ele pôs uma pequena "fabriquinha" de sebo. É o que eles fazem. Começou com isso. E ela, na hora do almoço, pe-

gava a cestinha e ia levar almoço para ele lá. Esse meu cunhado morreu já faz muito tempo. E está aí: o filho foi prefeito umas duas, três, quatro vezes.

A minha esposa, Élide Domingas Lorenzoni, eu conheci no salão de baile. O salão do São Caetano era aí na Rua 28. E ela morava na Vila Bela. Ela tinha colegas que vinham também da Vila Bela para o baile. Depois ela mudou para a Rua Roberto Simonsen. Nós íamos no baile, depois eu acompanhava ela até em casa. Aliás, conhecer mesmo, foi assim: ela trabalhava aí no Matarazzo. Eu também trabalhava. Ela trabalhava numa torcedeira na Rayon. Bom, a Rayon trocou de nome três vezes. Ela começou com Viscofio, Viscofio e Fábrica de Rayon. Teve três nomes essa fábrica. Depois, quase um ano, nem isso, eu namorei e casei. Casei, fiquei morando na Rua 28 mesmo. Num quarto lá. Porque, nessas alturas, meu pai já tinha falecido.

Nos bailes, eu tocava junto com a orquestra: tocava bateria, cantava. Ah, eu cantava bem quando eu era mocinho. Nós nos juntávamos de noite, aí na Rua 28, até as mocinhas, mocinhos ... Sentava na calçada, no degrau da casa, e cantava ... Fazíamos aquela farra! Mas o cantor era eu. A música italiana não me escapava. Ah! Isso eu cantava mesmo. Mas depois, eu trabalhava em comédia, drama ... no clube. Então, nós representamos, numa ocasião "Rosas de Nossa Senhora". Eu fazia parte do coro: tinha quatro moças e quatro moços para cantar. Mas a minha voz ultrapassava os limites. Eu cobria todos os outros. Era uma opereta ... Fomos convidados para apresentar essa opereta em Jundiá, lá na sede do São João, no Bairro São João de Jundiá. Nós fomos de trem porque tinha só o trem. E nós fizemos sucesso lá.

Principalmente eu, quando desci do palco, o pessoal se juntava no salão: - "Parabéns! Você canta mesmo".

Quando eu trabalhava no Belenzinho, tinha um salão grande onde iria ser a preparação dos cilindros para fazer o estampo da roupa. Então, iam mudar para lá os profissionais para preparar esse cilindro, gravar e tal ... E estava sendo preparado esse salão para eles. Então eu estava fazendo, na parede, um suporte de madeira para eles colocarem as ferramentas de gravar, para gravar o cilindro. E eu fiquei sozinho lá no salão, fazendo esse serviço aí. Eu estava em cima de uma bancada fazendo esse negócio na parede e cantava! Eu cantava! O salão até ajudava porque dava um eco. Mas, de vez em quando, eu olhava para trás para ver se vinha alguém. Não sei, de repente, eu olhei e vi o diretor da fábrica. Digo: "Ai meu Deus do céu. E agora?" Ele era moço ainda, não era velho:

- "Continua, continua, estou gostando, continua. Não, não pare não". Eu, de vergonha, parei. Falei: - "Eu não canto mais, não". Ele disse: - "Não, mas vamos continuar". Daí ele gostou, ficou parado na porta vendo eu cantar.

**MATURIDADE** - Quando faltava uma semana para eu me casar ... Eu trabalhava no Belenzinho aquele tempo. Eu morava na Rua 28 e levantava cedo, até tomar o trem, o bonde ... Uma manhã eu amanheci com o rosto tão cheio: "Ué, que será que está acontecendo?" Mas eu fui trabalhar. Aquele ano, era aniversário do conde Matarazzo. Então ele instituiu um prêmio: quem casava naquele mês do aniversário dele, quem batizava, assim, quem fazia qualquer coisa, e que era operário dele, ele dava 250 mil réis de prêmio. E pra ganhar os 250 mil réis, eu anteci-

pei meu casamento. Até fui eu e a minha patroa no tabelião de São Caetano e falei: “Ah, faz meu casamento porque o Matarazzo está dando 250 mil réis de prêmio para quem casar, quem batizar, quem nasce e tal. E eu quero porque para mim faz falta”. Se eu tivesse 250 mil réis para mim era bom. Casei. Uma semana, já era casado. Mas só que a minha mulher ficou na casa dela e eu fiquei na minha, porque enquanto não casava na igreja não podia morar junto. Tinha um médico na fábrica do Belenzinho, Dr. Comunalle Filho. Ele veio e eu falei: “Doutor, o que está acontecendo comigo? Eu amanheci com o rosto meio inchado!” - “É, meu filho, você está com mal de albumina, na urina. Vai pra casa, fica lá em repouso. Está aqui o remédio para você tomar”. Ele fez a receita e eu fui embora. Mas, em vez de já pegar o trem e ir embora pra São Caetano, eu fui na casa da minha tia casada com o irmão do meu pai. Eles moravam na Rua Monsenhor Andrade. Cheguei lá, minha tia falou: “O que foi?” Então: “O médico me mandou ir para casa ... Ai eu fui na farmácia no bairro mesmo e comprei remédio. Depois, tomei o trem e vim pra cá”. Tive que adiar meu casamento na igreja. Avisar os convidados que eu não ia mais casar.

Ai passou: fiquei em casa quase um mês. Só estava casado no civil. Mas na igreja não. A minha patroa até nem trabalhava mais, ela já tinha saído ... Ela trabalhava aí no Jafet, no Ipiranga. Depois de um mês, mais ou menos, eu casei na igreja.

E de lá do Belenzinho eu vim trabalhar na Rayon. A fábrica velha já não existia mais. Começamos a montar a Rayon, a fábrica nova. Eu fazia a construção da nova fábrica. Demolimos a velha e começamos a construir a nova. E foi indo, foi indo, foi indo ... Ai, eu

passei a ser encarregado. Depois eu tomei conta, praticamente, de toda a redondeza aqui das fábricas de São Caetano: Rayon, Louças, a Geon do Brasil ... Eu que construí.

Essas casas aqui embaixo foram construídas todas por mim. Era eu quem dirigia a construção dessas casas, os sobrados. Porque o conde Matarazzo, não o velho, o filho dele, ele gostava muito de mim, ele me estimava muito. Eu já era encarregado dele. Então um dia ele me chamou aqui e queria que eu acompanhasse ele.

Ele resolveu fazer as casas aqui, porque aquele tempo na fábrica, na Rayon, não parava muita gente, sabe, o pessoal trabalhava nas fábricas e era com poço de ácido que saía o fio da Rayon. Do ácido, enrolava na bubina, e esse ácido atacava muito a vista do operário. E ele, então, para conservar os operários na fábrica, ele resolveu construir as casas para os operários morarem. Ele tinha um empreiteiro que fazia os sobrados chamado Macagnan.

Então, ele me chamou, e falou: “Paolillo, dava para você organizar uma turma, operários nossos da firma, para ajudar fazer as casas? Não só o empreiteiro porque demora, não daria para arrumar uma turma?” E eu falei: “Eu arrumo”. Então: “Arruma uma equipe nossa e você também faz uma parte das casas, você pega uma parte e o empreiteiro faz a outra, e assim vai mais depressa”. Falei: “Está bom ‘seo’ conde, pode deixar que eu arrumo”. E eu arrumei uma equipe para ajudar na construção dessas casas aqui. E quando ele vinha, vinha ver e tal, ficava contente, estava tudo bom e tal ... Foi assim. Do lado de lá foi o empreiteiro que fez, eu lá não mexi, só fiscalizava, mas não intervinha na construção.

Eu não morava aqui, só depois eu passei a morar. Eu peguei uma

casa dessas, a última, mas só tinha dois quartos. Eu já era casado, tinha seis filhos já. Então, eu falei: “O que eu faço agora com uma casa com dois quartos? Três mulheres e três homens” ... Eu soube que quem estava morando aqui iria embora. Ele era diretor aí do Matarazzo. Ah, eu mais do que depressa falei com o Dr. Ferdinando. Não falei pro conde, falei pro primo dele. Ele vinha toda segunda-feira na fábrica. Então, um dia eu parei ele: “O Sr. me permite?” Ele: “O que o senhor quer?” - “Dr. Ferdinando, eu estou morando numa casa com dois quartos, eu tenho seis filhos, não dá para mim. O Dr...” - não me lembro o nome dele agora - “vai mudar e aquela casa tem três quartos, para mim seria bom. Será que podia me favorecer, dar a casa para mim? Eu mudo, deixo aquela para um outro”. Então, ele chamou o gerente, um tal de Bayer, e disse: “Olha, Bayer, a casa que está morando o Dr ... vai ficar para o Paolillo. Ele vai mudar. Ele vai deixar aquela e vai mudar nessa, porque ele está com seis filhos, e ele precisa de uma casa maior. Não prometa a casa para ninguém, viu? A casa é dele. Está entendido?” Ai, quando o homem mudou, eu mudei para cá. Para mim foi bom. Aqui era a Rua Itajiba, agora é João Domingos Perrella: mudaram o nome.

Depois, dentro do Matarazzo, eu me tornei o melhor mestre de obra. Tanto é que o conde gostava, ele gostava muito de mim, viu, gostava mesmo. E eu fui crescendo dentro do Matarazzo. Com o decorrer do tempo eu já tomava conta da construção na Rayon, na Louça ... Construí a fábrica na Geon. Depois construí a Fiação Lídia, lá em São Bernardo. Até quando começou a fazer a Fiação Lídia, em São Bernardo, eu aqui, com a turma de carpinteiro, fazia as fôrmas de concreto. Trabalhava

à noite. Nós trabalhávamos até (às) seis horas por conta da indústria aqui. Das seis até às dez, eu fazia as fôrmas de armar concreto para a Fiação Lídia lá. Trabalhávamos aos sábados, aos domingos. Então ficava aquela montanha de fôrmas no pátio ... A soda ainda estava no começo aqui na Rayon e o pátio ficava cheio de fôrmas. Eu chamava dois caminhões da própria firma e transportava as fôrmas para São Bernardo. Então, chegava lá, puxava, era só montar.

O conde vinha toda segunda-feira, não o velho, o filho dele. O conde velho já tinha morrido nessa época. Ele ia visitar todas as fábricas. Então, ele chegou numa segunda-feira, o pátio estava cheio de fôrmas. Ele me chamava, ele mandava me procurar para ficar junto com ele. Ele chegou uma segunda-feira, e, passando ali, ele viu aquele monte de fôrma. No pensamento dele falou: “Ué, mas aqui não está fazendo aumento de nada, porque tanta fôrma de concreto? O que é isso? Paolillo, mas onde é que vai ocupar essas fôrmas?” Falei: “‘Seo’ conde, sabe o que estou fazendo? Depois do expediente da fábrica, das seis até às dez da noite e aos sábados e domingos, eu estou construindo essas fôrmas para levar pra São Bernardo, lá para a Fiação Lídia. Eu estou adiantando o expediente aqui”. Ele olhou para a turma que estava fazendo a visita, o diretor, o gerente e falou: “Você viu como é que faz para dar progresso nas coisas? Mas quem é que ia saber que ele estava fazendo fôrmas aqui para mandar para lá, para adiantar? Você vê, quando a pessoa tem idéia, vê como eles fazem? É isso mesmo!”

Então, para mim era uma glória ele me elogiar. Ele ia na Geon e me encontrava lá, na Louça me encontrava. Eu virava, eu controlava tudo o que era negócio de

construção na Matarazzo. Depois, começaram a me mandar praticamente por esse Brasil afora para construir. Aí eu comecei pro lado do Paraná, Itaguajé, construção de descaroçador de algodão. Fui em Itaguajé, Paranavaí, Umuarama ... Depois eu fui pra João Pessoa, tinha fábrica de óleo lá. Estava caindo a construção e eu fui lá para reformar a fábrica. Fiquei lá, em Pernambuco, Recife. Fiquei dois meses em Pernambuco. Fiquei dois anos em Curitiba, fazen-



Antonino Paolillo, pai de  
Micheline Paolillo

do construção ... Lá sozinho, sem a família. Bom, eu só não voltava para casa quando eu estava em Pernambuco ou em João Pessoa, porque não dava, sabe. Agora, em Curitiba dava para vir. Quase toda semana eu vinha para casa: vinha no sábado. Já no domingo à noite, eu saía de noite, viajava à noite de ônibus. Chegava lá de manhã, lá no hotel, e saía para o serviço. Isso foi de 1964 para 1966. Em Curitiba fiquei dois anos.

Sabe, eu nunca aproveitei um tostão do Matarazzo. Tive tanta oportunidade de ganhar dinheiro que me ofereciam ... Eu contratava e comprava material ... Eu nun-

ca peguei um tostão de dinheiro.

Um dia o engenheiro me chama. Eu não sabia o que era e ele me disse: “Paolillo, eu vou te contar uma nova”. Eu disse: “O quê?” - “O conde me chamou e me pediu quem é que eu ia mandar para Curitiba, para fazer o prédio lá. Eu falei que ia pensar e tal e coisa. E ele: - ‘Não, não tem que pensar’. Ele indicou você para ir para lá. Você vai?” Ah, digo: “Vou. Já que ele pediu, eu não vou dizer que não. Tanto que ele fez por mim aí, para cá, para lá, me elogiava bastante. Eu vou”. Aí eu fui para Curitiba.

Quando eu voltei de Curitiba, eu fui em São José do Rio Preto construir supermercado. Construí supermercado em Ribeirão Preto, construí supermercado em Sorocaba. Quer dizer, eu andei por esse Brasil para baixo e para cima viu.

O conde veio lá e eu estava em João Pessoa. Ele disse: “Mas até aqui você está?” - “Até aqui ‘seo’ conde”.

Uma vez o conde fez uma reunião lá no escritório central e mandou o contínuo me procurar. Eu estava lá na engenharia civil. E o contínuo veio lá: “‘Seo’ Paolillo, o conde está chamando para você tomar parte na reunião junto com a turma. Ele vai fazer uma reunião e quer que você compareça também”. Ele nem chamou o engenheiro, ou o chefe da engenharia civil, mas me chamou. E eu fui. Eu estava construindo um supermercado em São José do Rio Preto e lá o empreiteiro era evangelista, ... essa religião aí ... que não trabalha no sábado. Sabe, pega quatro dias por semana ... por mês, não trabalhando, sabe, não aumenta a obra. E o conde me perguntou pra mim: “Olha, Paolillo, sabe o que eu queria falar para você? Aquele supermercado lá em São José do Rio Preto, parece que está demorando, não é?” Era uma

fábrica de óleo ... transformar em supermercado. Já pensou? Aí, quando eu fui para São José do Rio Preto, que eu ia semana sim, semana não.

Mas uma bela ocasião eu estava aqui. Tinha um engenheiro no Matarazzo, que era chefe da engenharia civil. Ele era lituano ... nem eu sei que raça ele era. Naquela época, um dos mestres que mais ganhava no Matarazzo era eu. Porque eu fui considerado pelo próprio conde o melhor mestre de obra. Ele falou lá: "Olha, o melhor mestre que eu tenho de obra na firma é o Paolillo, viu?" Falou para a turma lá. Esse engenheiro, que era o chefe da engenharia civil, para igualar os mestres - tinha uma porção de mestres de obra - esse engenheiro resolveu fazer o quê? Resolveu igualar todos os salários de mestres. Eu era o que ganhava mais de todos. E para me igualar com os outros me tocou 95 réis de salário, nem um tostão não me deu de aumento. Ah, eu fiquei revoltado. Eu peguei, fui para casa, me troquei, e fui para o escritório central lá em São Paulo. Cheguei lá ... Ele chamava engenheiro André. Então eu cheguei lá para o engenheiro e falei: "Engenheiro, o Sr. me permite eu falar uma coisa? O Sr. tem coragem de dar 95 réis para igualar com os outros?" Ele disse: "É porque o senhor estava ganhando mais"... Eu disse: "É porque eu merecia. Por que que o Sr. foi igualar tudo agora? Qual é a razão? Então sabe o que o Sr. faz agora? De amanhã em diante o Sr. põe um mestre para cada seção. Por que é que eu tenho que tomar conta de todas as seções? Pra quê? Vou tomar conta só de carpinteiro, acabou".

Porque eu, quando tomava conta de toda a seção, não era só carpinteiro: era pedreiro, era mecânico, era a seção toda de construção, ficava tudo nas minhas mãos.

Ele ficou meio assim ... Mas, no fim, sabe como é, eu estava tão acostumado, não podia largar. Estava tão acostumado com a direção de fábrica, um chamava, outro chamava: "Paolillo? Ah, ele já passou aqui"... Eu era chamado em tudo quanto era canto. Chegou um belo dia, eu falei: "Mas, sabe de uma coisa? Eu não vou trabalhar mais. Eu já recebi o pecúlio da aposentadoria"... Eu já estava recebendo, viu. Eu não vou trabalhar mais, eu vou me aposentar. Eu já tenho tempo ... Já tinha passado até mais de dez anos já do tempo de serviço que eu tinha. "Eu não vou trabalhar mais". Eu resolvi sair. Saí, não falei nada para ninguém, e mandei fazer minha papelada lá no escritório central.

Um belo dia, veio o chefe da vigilância do Matarazzo, bateu aí na porta. "O que foi, Sr?" E ele disse: "Olha, veio um telefonema de São Paulo que o conde quer falar com você". Porque o conde me procurou na seção pessoal e falou: "Onde anda o Paolillo?" Ele pediu lá, porque quando eu viajava, saía para fora na seção pessoal, ficava registrado onde eu andava. Então ele chamou o chefe da pessoal, Sr. Donato chamava ele: "Donato, onde anda o Paolillo?" E ele: "É, 'seo' conde, o Paolillo não está mais trabalhando, não. Já aposentou". - "Ué, aposentou por quê? Por que ele não veio falar comigo antes de aposentar?"

De fato eu não fui. Eu tinha obrigação de ter ido falar com ele. "Bom, manda chamar ele, eu quero que ele volte". E o administrador lá era o tal do Dr. Getúlio. Então ele chamou o Dr. Getúlio e falou: "Olha, eu mandei chamar o Paolillo lá em São Caetano. Ele vem aqui, eu quero que ele volte a trabalhar. Então, quando ele vier hoje, você atende, porque eu não me sinto bem, vou para casa, e depois do almoço eu não vou sair.

Vou ficar repousando em casa. O Paolillo vai vir aqui, você atende ele, pergunta o que aconteceu e por que é que largou, não quis mais trabalhar". Aí eu fui logo depois do almoço para o escritório. Cheguei lá, fui na seção pessoal. Esse Donato, que era o chefe, me contou o caso. Ele falou: "É para você falar com o Dr. Getúlio".

Então fui lá no Dr. Getúlio. Ele disse: "Paolillo, o conde me procurou. Quer saber por que você saiu sem dar satisfação, não falou nada. Ele ficou meio assim, porque você não falou com ele"...

- "É, Dr. Getúlio, eu fiquei tão, tão nervoso. Porque ... o Sr. acha? Deram aumento para turma aí, e deram 95 réis de aumento para mim para igualar com os outros. Se eu ganhava mais é porque eu merecia. Aí eu fiquei tão chateado, tão aborrecido, que eu peguei e resolvi me aposentar. Eu já tenho mais de dez anos acima do meu tempo de serviço, por que eu vou ficar mais?" Já estava com cinquenta e tantos anos de firma. Então ele falou: "Paolillo, ele quer que você volte. Ele me incumbiu de conversar com você. Ele quer que você volte. Falei: - "Bom, Dr. Getúlio, eu posso voltar, porque é o conde que me mandou chamar. E eu não dei satisfação quando eu fui embora. Então vou resolver a minha parte de não ter falado com ele. Eu volto porque ele está me chamando. Mas tem uma coisa: pelo ordenado que eu estou ganhando eu não volto mais. Se melhorarem meu salário, então, a pedido do conde, eu volto de novo".

Ele falou: - "Quanto você quer ganhar?" E eu: "Ah, eu quero ganhar tanto". Eu pedi mais do que ganhava o engenheiro chefe, da engenharia civil. Ah pedi mais. Pedi, porque eu tinha mais competência do que ele.

"Então está bom, quando é amanhã ele vem e eu falo para ele

que você esteve aqui, expôs a sua razão e tal. Que você está pronto a voltar, mas não pelo ordenado que o Sr. ganha. Se ele pagar mais, você volta”. Eu já estava chegando na casa dos 65 ...

Bom, aí, no dia seguinte, quando o conde veio, chamou o Getúlio e a primeira coisa: “O Paolillo veio aqui?” – “Veio”. – “O que ele falou?” Ele contou para ele o porquê de minha saída da fábrica para aposentar – “E ele falou que volta. Mas não pelo ordenado que ele estava ganhando”. – “Quanto ele pediu?” - “Ele pediu tanto”... – “Paga e manda ele voltar. Dá o ordenado que ele pediu e manda ele voltar”.

Aí veio a ordem para eu voltar, que o conde consentiu pagar aquilo que eu pedi, para eu voltar de novo. Aí eu voltei, fiquei mais uns ... nem me lembro quantos anos mais eu fiquei trabalhando. Depois eu achei ... “Agora eu não vou mais trabalhar, chega”. Ah, eu entrei moleque no Matarazzo. Agora sou velho já ... agora eu resolvi parar. Até o conde já nessa ocasião já tinha falecido. Até nem no enterro dele eu não fui ... Aí eu resolvi não trabalhar mais.

Eu, como digo, fui o melhor mestre de obra no Matarazzo. Aí eu não freqüentei escola nenhuma pra aprender. Eu aprendi da minha boa vontade. E foi indo, foi indo ... Eu não fui em escola para eu aprender, me aperfeiçoar, ou me formar um técnico disso não. Eu aprendi mesmo trabalhando. Isso falado pelo próprio conde. Eu fazia as plantas das casas, às vezes melhor que os engenheiros, porque os engenheiros vinham pedir opinião pra mim. Aquelas casas do lado de lá do rio, nós é que fizemos. Foi feito para engenheiro, diretor e tal, não é? Então o engenheiro da construção do Matarazzo lá do escritório ele vinha e não entendia. Então quem dirigia a

obra lá era eu. Aí ele chegava e me pedia: “Paolillo, o que é espigão? O que é água furtada? O que é tesoura, o que é braço, o que é...?” Me pedia e eu explicava. Ele não sabia. Engenheiro e não sabia. A construção era de tijolo, concreto.

Ainda eu vou te contar um caso também. Um dia, o conde me mandou chamar. Cheguei lá, o contínuo falou: “Aguarde um pouco que logo ele vai te chamar para o senhor ser atendido”. O pessoal louco (sic), e um engenheiro falou antes de eu chegar ali na sala de espera para me chamar: “Paolillo, o que aconteceu?” - “Ah não sei. Me mandou chamar e eu também não sei. Eu estou bobo aqui, sem saber o que ele vai me perguntar. Ah, se ele me perguntar de construção, eu respondo. Agora se ele me perguntar negócio de fábrica eu não vou falar nada”. Mas isso eu sabia que não era. Aí chegou uma hora: “Pode entrar”. O conde disse: “Paolillo, eu quero que você vá na Fazenda Amália”. Lá tinha plantação de cana, cana-de-açúcar e eles queimavam as caldeiras. O fogo das caldeiras era feito com bagaço de cana, e aquelas fagulhas da cana, quando queimavam, saíam pela chaminé. E caíam em cima do telhado. Ocorre que estava queimando o madeiramento do telhado: as faíscas infiltravam e queimavam. E estava oferecendo perigo aquilo.

Então, o conde falou: “Eu quero que você vá na Fazenda Amália. Você estuda um jeito de como eliminar esse fogo que cai no telhado e queima a madeira. Porque, daqui a uns pares de anos, eu vou mandar fazer tudo de ferro. Vou trocar o telhado, vou mandar fazer tudo de ferro, porque assim então não tem mais perigo. Eu quero que você vá dar um jeito lá. Como fazer para proteger o madeiramento do telhado”.

Pensei: “Puxa, e agora?” -

“Está bom ‘seo’ conde. Pode deixar que eu vou para lá”. Quando eu descí na engenharia civil, o pessoal veio: “Paolillo o que é que foi? Paolillo o que é que foi? Por que o conde te chamou?” Com todos os engenheiros lá, imagina só, chamou eu! Aí eu falei pra eles: “É para ir na Amália lá resolver um problema. E eu vou ver lá o que é”.

E tinha lá um japonês, na Fazenda Amália, que era o chefe lá. Mas não chamou ele para ver o negócio não. Mandou eu daqui pra lá. Quando eu cheguei, o diretor lá sabia que eu ia, me recebeu e eu fui olhar o problema lá nos telhados. “O que é que o Sr. pretende fazer?”, falou o diretor lá. Naquele tempo, um outro colega meu que mora aqui, que trabalhou junto comigo no Matarazzo, ele era o mestre carpinteiro lá da Amália. Ele está morando aqui agora. Está aposentado também. Então, ele morava lá, mas não chamou nem ele, nem o japonês, nem o diretor ... nada. Precisei eu ir daqui. Falei: “Olha, eu vou fazer uma coisa aqui, mandar fazer, porque o conde me falou que isso aqui ele vai mandar derrubar, vai fazer de ferro. Então, os senhores têm amianto aqui?” - “Tem”. Sabe o que é amianto? Uns lençóis contra fogo. “Bastante quantidade?” “Então o Sr. me chama o Marques aqui”, que era o mestre de carpinteiro lá. “E chama o japonês pra mim aqui também”. Era o que tomava conta de toda produção lá. “Fala para eles virem aqui”. Aquele japonês, esqueço o nome dele ... “Bom, sabe o que é que vocês vão fazer aqui? Aqui vocês têm amianto. Vocês vão pegar o amianto, cortar em tiras do tamanho da madeira. Vocês cortam em tiras e revestem todo o madeiramento com amianto. Isso é provisório, hein? Porque ele vai derrubar tudo isso aqui. Principalmente a madeira mais perigosa, que é a linha da tesoura,

que é a primeira que o fogo pega, o braço. Vocês têm que revestir tudo com amianto. Aí o fogo bate e morre porque o amianto não pega fogo. Provisoriamente, até saber o que o conde vai resolver fazer. Está certo? Então, de amanhã em diante, vocês começam a fazer esse serviço aí”.

E eu estava trabalhando aqui. Aquele tempo eu estava na fábrica de soda. Mas quando eu voltei eu não fui falar para o conde o que eu tinha mandado fazer lá. Eu não fui falar. Quando ele veio aqui na fábrica, numa segunda-feira, eu já estava de volta aqui. Ele me chamou: “Paolillo, você foi na Amália?” - “Fui”. - “E o que é que você mandou fazer lá?” - “Seo’ conde, o Sr. me disse que é uma coisa provisória. Daqui uns pares de anos o Sr. disse que vai mudar toda a estrutura da cobertura lá, em metálico, em ferro. Sabe o que eu mandei fazer Sr. conde? Mandei revestir todo o madeiramento mais perigoso com amianto. Mandei eles revestirem, porque assim a fagulha cai, a madeira não pega fogo, ela morre no amianto provisoriamente. O amianto, o Sr. sabe, ele não queima”. - “Ah, então está muito bom. O sr. mandou?” - “Mandei”. - “Ah, então está bom, está bom”.

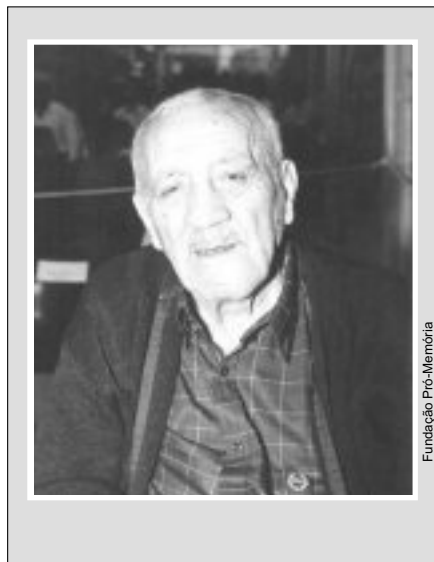
Mas ele me elogiava demais, viu!

Agora eu vou contar uma parte daqui de São Caetano.

Bom, se não fosse essa maldita enchente que dava aqui, eu não teria mudado para a casa da minha irmã e não teria acontecido meu acidente. Mas aqui, o que você vai fazer? Dizem: “Ah, mas não vai ter mais, ah, não vai ter mais. E vira e mexe: enchente, enchente. A última, então, passou pela janela. Em 1991. Passou pela janela aqui. O que eu ia fazer? Chegou até a altura do cavalete da televisão a água aqui dentro. A gente fica até aborrecido. Essa enchente ainda

veio depois que nós tornamos a morar aqui. Outros falavam que não vem mais. Bom, até que Deus não manda ela não vem mesmo.

Eu tinha ido falar com o engenheiro chefe da Prefeitura. Eu fui ter uma conversa com ele a respeito da ponte, da enchente, essas coisas. E eu fui dar uma opinião. Eu falei: “Por que vocês não invertem esse rio em dois sentidos? Na divisa de São Caetano, e na divisa de Santo André que vai para



lá. Joga lá para o alto da serra. Ele nasce em Ribeirão Pires esse rio, o Tamanduateí. Inverte o rio, pra evitar que a água venha tudo para São Caetano”.

- “Não, Paolillo, é que precisa consultar o prefeito de Santo André, prefeito de Mauá, prefeito de Ribeirão Pires, prefeito da”... Falei: “Está bom”.

Bom, uma ocasião, o Raimundo era o prefeito e eu já não estava trabalhando. Veio um dia aí o engenheiro da Prefeitura de São Paulo, o chefe de obra, e mais o representante do prefeito ... Vieram aí para resolver o problema da ponte, porque eles tinham feito uma ponte provisória. Uma passarela, mas não passava trânsito. Era só pedestre. Aí veio o Raimun-

do, o engenheiro, o secretário e chegou a comitiva de São Paulo. E eu fui lá. “Então, o que nós vamos fazer? A ponte, fazer as vigas desde baixo até em cima ... Mais ou menos no alto do rio, da água ... E a água baixa, o rio baixo”. Eu peguei e falei para o representante de São Paulo, para o mestre de obra, o chefe de obra lá. Falei: “Escuta, vocês vão apresentar essa ponte aqui para nós? Para nós aqui no rio? Essa é a ponte que vocês vão fazer aqui? Na primeira chuva nós morremos todos afogados. Vocês não têm outro tipo de ponte para fazer aqui? Vocês querem que eu dê uma instrução para vocês sobre que ponte vocês podem fazer aqui? Eu te dou quatro projetos de ponte, menos essa porcaria que vocês vão fazer aqui. Na primeira semana nós morremos todos afogados. Vocês precisam de uma ponte “X” ...”

E essa foi a minha vida ... foi isso ... Com isso se passou. Com isso ... com isso se passou toda essa temporada.

Que pena que essa minha irmã Elvira está usando um negócio que nem esse também, o andador. A outra minha irmã mais velha também, porque este era dela também. Agora passou para mim. Parece, não sei, que a gente está encarnado um com o outro, para sofrer da mesma coisa. Todos com o mesmo problema de perna. Mas é ... é a vida viu.

Eu tive momentos alegres, momentos bons, tive. Mas tive momentos tristes também, agora já não tem mais jeito. Eu tenho que esquecer mesmo, não adianta nada.

E assim resumi o que foi a minha vida.

Antonino Paolillo faleceu no dia 12 de Setembro de 2003.

(\*) Adriana M. C. Ramos e Mônica de Souza são historiadoras, memorialistas e autoras do livro Cotidiano e História em São Caetano do Sul



# Orquestra Toscano: cinco décadas de música para dançar

José Odair da SILVA (\*)



A palavra orquestra tem origem no grego: *orkhestra* era a parte do teatro, entre a cena e os espectadores, onde o coro fazia evoluções em torno do altar de Dionísio<sup>1</sup>. No século XVII, o conceito evoluiu para um grupo de instrumentistas constituídos em associação. Hoje, são músicos que executam uma peça, e a moderna orquestra representa o ponto máximo do desenvolvimento musical ocidental ao longo do tempo. A orquestra, sendo um conjunto musical tipicamente ocidental, de cuja formação participam instrumentos de corda, sopro e percussão devidamente organizados, tem como objetivo final dessa instrumentação a fusão dos elementos acústicos e dos timbres, o que resulta na homogeneização da sonoridade devidamente dirigida por um regente ou maestro.

Durante toda a Idade Média os instrumentos deveriam pertencer a uma mesma família. Cláudio Monteverde (1567-1643)<sup>2</sup> foi o primeiro a romper com esse conceito. Só a partir do século XIX ocorre a organização de orquestras permanentes, que passam a ser centros da vida musical de suas cidades. É nos Estados Unidos, mais precisamente na Nova York do século XX, que as orquestras ganham conotação popular, adotam ritmos dançantes, e os salões de baile passam a ser a tônica social de lazer e divertimento. As danças sociais como o *foxtrot* e o *charleston*, surgidas nos Estados Unidos, inovam ao introduzir novos passos nos ritmos dançantes tocados por orquestras. As danças populares tor-



Em 25 de Agosto de 2001, no projeto Memória e Cidadania, do Governo Itinerante, Olindo Toscano recebeu cartão de prata como um dos moradores mais antigo do Bairro Cerâmica

nam-se uma loucura durante e logo após a Segunda Guerra Mundial, incluindo o *jitterbug* dos anos 40, o *hive* nos anos 50 e o *twist* nos anos 60.

Com o aparecimento da indústria fonográfica, a gravação eletrônica e a expansão do rádio nos anos 30 do século XX, inicia-se a chamada *Era de Ouro* da música popular dançante, que se transforma em produto de massa. Tanto a música folclórica como a popular possuem as mesmas características comuns, tendo maior apelo que as músicas clássicas. Contudo, a música popular, ao contrário da folclórica, é produzida por profissionais, sendo predominantemente urbana. Ray Conniff e Glen Miller<sup>3</sup> (1904-1944) consagraram-se a partir de 1938 graças às melodias românticas para dançar.

O século XX testemunhou uma grande diversidade de estilos de música popular, diversidade essa principalmente provocada pela forte influência cultural dos Estados Unidos. O musical da Broadway preservou o lirismo da comédia musical, mas também trouxe novos contornos ao gênero. A canção popular norte-americana atingiu status de arte com os cantores ne-

gros que exerceram grande influência sobre o jazz. O aumento da popularidade do jazz, que na sua fase inicial (sul dos Estados Unidos – New Orleans) é música predominantemente dos negros americanos, rumou para o norte do país, Chicago e outras cidades antes de se tornar internacionalmente conhecido. Com o aumento da popularidade do jazz, os conjuntos, geralmente com cinco, seis ou sete integrantes, começaram a proliferar. Benny Goodman (1909-1986)<sup>4</sup> e Glenn Miller foram cruciais para o sucesso desses conjuntos. Miller formou sua própria orquestra e alcançou sucesso fenomenal, durante a Segunda Guerra Mundial, com sucessos como *Moonlight Serenade* e *In the Mood*.

Foi dessa fonte que bebeu Olindo Toscano, carinhosamente chamado de *Indico*, o melhor chefe de orquestra da região do ABC durante décadas. Fundada em 1940, a Orquestra Toscano, em seus 52 anos de existência, fez aproximadamente 13 mil apresentações por todo o Estado de São Paulo. Por ela passaram mais de 200 músicos e, em média, a Orquestra Toscano sempre manteve uma composição de

20 figurantes. O próprio maestro tocava nove instrumentos. Mas sua fama começou em outra área. O futebol. Nascido em Lençóis Paulista, em 1920, sua carreira esportiva teve início aos dez anos, como goleiro no infantil e juvenil do Lençoense. Aos 15 anos já era jogador do time principal. Passou pelo Agudos FC, Bandeirantes de Birigui, Garcense da cidade de Garça, São Bento AA, até chegar à Portuguesa de Desportos da capital e ao Palestra Itália, clube em que atuou por três meses. Atendendo ao convite de Francisco Massei, foi para o Cerâmica FC de São Caetano, onde jogou de 1940 a 1955, na segunda divisão paulista, e conquistou o vice-campeonato da divisão intermediária e o Campeonato Brasileiro Industriário (competição das mais importantes no calendário esportivo nacional da época). Ainda praticou vôlei, basquete, tênis de mesa, provas de revezamento e salto em altura. (Nessas duas últimas modalidades chegou a ficar a pouquíssimos centímetros de recordes nacionais.)

Seu trabalho na cidade iniciou-se em 1940, na Cerâmica São Caetano, onde ficou até 1974, quando se aposentou. Trabalhou em escritório, foi encarregado e almoxarife. De 1968 a 1974 ocupou o cargo de administrador do Centro Social Roberto Simonsen, promovendo grandes festas de fim de ano, carnavais, festas juninas, apresentação de filmes, shows com artistas da época e campeonatos diversos. Como a idéia de formar uma banda com funcionários da Cerâmica não deu certo, Olindo criou uma *jazz band* que tocava no próprio Clube Cerâmica. Com o tempo o grupo cresceu e se tornou uma das melhores orquestras do Estado de São Paulo. Quando se aposentou, Olindo passou a se dedicar exclusivamente à Orquestra Toscano, que teve seus trabalhos interrompidos em 1992, por motivos de saúde do maestro.

Hoje o maestro lembra com alegria os grandes e mais significativos



Apresentação da Orquestra Toscano em um dos Clubes de São Caetano. Olindo Toscano aparece à direita dos músicos. Década de 70

Fundação Pró-Memória

momentos dessa longa trajetória de dedicação e amor à música e ao trabalho social, sempre acompanhado de Amélia Savoya Toscano - esposa inseparável de todos esses momentos - que, com memória privilegiada, relata o envolvimento de toda a família no trabalho da orquestra:

*“Em todos os bailes tínhamos de tocar a valsa: era pedido dos participantes. E, para ficar mais bonita a festa, vendíamos as rosas que eram compradas pelos cavalheiros e oferecidas para as damas. Em um baile chegamos a vender 17 dúzias de rosas.*

Amélia conta orgulhosa que participou de todas as apresentações da Orquestra Toscano. Levava os filhos junto e, para passar o tempo, criou uma *lojinha* em que, a cada apresentação, vendia as lembrancinhas. Ela conta que *nos bailes de carnaval nós não vencíamos fazer e vender aqueles colares havaianos, e os mais procurados eram os de time de futebol. Fazíamos com as cores do São Paulo, Corinthians e Palmeiras.* Toscano nos fala que seria impossível contar a quantidade de pessoas que ao longo de tantos anos dançaram ao som de sua orquestra. Ele confirma o fato de caravanas seguirem os músicos aonde quer que eles fossem tocar: *Tínhamos um público cativo. Era fantástico ver nosso público seguir a orquestra para dançar onde quer que ela tocasse.* Também recorda com entusiasmo as festas juninas: *Tínhamos de fazê-las.*

*Era tradição. As pessoas diziam que eu era um grande marcador de quadilha.*

E assim Olindo e Amélia Toscano, donos de uma simpatia que cativa e de um sorriso fácil, vão fazendo a memória viva de uma das maiores e melhores orquestras de São Paulo. Quando questionado sobre o futuro, o maestro é rápido na resposta: *Celebrar as bodas de diamante com Amélia, minha querida companheira, que já tem assegurado um lugarzinho lá no melhor lugar do céu.*

#### Notas

<sup>1</sup> Divindade da Grécia antiga, filho de Zeus e Sêmele. Representado sempre seguido por um cortejo de figuras como sátiros e silenos. Era o deus do vinho, da embriaguez, da colheita e da fertilidade.

<sup>2</sup> Compositor italiano que esteve a serviço da corte de Mântua como violista, cantor e mestre de câmara. Foi nomeado mestre-de-capela de São Marcos em Veneza. Como professor, compôs para a Catedral de São Marcos, para festas particulares e públicas. Escreveu nove livros sobre madrigais e óperas. Foi um dos grandes polifonistas (efeito obtido pela sobreposição de várias linhas melódicas independentes mas harmonicamente relacionadas). É historicamente considerado o criador da orquestra.

<sup>3</sup> Extraordinário trombonista, arranjador e regente norte-americano.

<sup>4</sup> Formidável clarinetista que apresentou seções de metais e palhetas tocadas umas contra as outras sobre um ritmo constante

(\*) José Odair da Silva é doutor em História pela PUC-SP, membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória, professor universitário e autor do livro *Mito, Memória e História Oral*

# A fotografia e a cidade V

Neusa Schilaro SCALÉA (\*)

Nas pesquisas históricas, entendem-se como fontes primárias os eventos que possuem comprovantes irrefutáveis, geralmente aqueles que o pesquisador pessoalmente coletou e que não são referências, mas originais. Denominam-se fontes secundárias os eventos relatados ou citações.

As imagens fotográficas são chamadas de primeira geração ou originais, quando, mesmo sem a presença do negativo que as originou, se pode constatar que foram produzidas diretamente a partir de um determinado negativo, ou seja, reproduções ou cópias em papel de um mesmo negativo são consideradas originais, bem como os diapositivos.

*Não se pode fotografar o que não existe, ou não se pode fotografar uma lembrança\*.*

Esta frase provoca a sensação de que a fotografia é um documento de valor reconhecido, a prova de um fato, cuja existência fica documentada em imagem. Mas uma imagem captada pela

Primeira cópia em papel. O processo era denominado calotipia, e mais tarde passou a ser conhecido como talbotipia



Louis-Jacques Mandé Daguerre - O estúdio do fotógrafo. Ano 1837: um dos primeiros registros fotográficos que ainda existem

câmara pode ser modificada, alterada ou, para usar um termo mais preciso, manipulada, e isso não é uma prerrogativa das imagens digitais ou digitalizadas, que surgiram com o advento da computação gráfica e seus programas específicos.

Ao longo da história da Fotografia, a manipulação de imagens sempre esteve presente, embora sem abalar muito sua credibilidade: as interferências em imagens documentais, quando descobertas por conhecedores, denunciaram

habilidosos manipuladores de negativos.

Muitos fotógrafos tornaram-se conhecidos mais pela precisão dos seus *retoques* do que pelas fotografias em si mesmas. Os *retoques*, *químico* ou *seco*, foram bastante comuns nos retratos. Até nos mais simples estúdios de bairro, retratistas procuravam intervir na placa fotográfica (ou filme rígido) para melhorar a aparência do retratado: algumas vezes conseguiam.

A imprensa mundial demonstrou como fotografias que poderiam ser consideradas importantes para a História foram manipuladas com finalidades não estéticas, mas políticas. Caso, por exemplo, de fotos dos primeiros anos da Revolução Russa, em que líderes, que depois caíam em desgraça no Partido, eram *suprimidos* das fotografias com a intenção de varrê-los também da História. Certamente eram habilidosos fotógrafos-laboratoristas que faziam as modificações. Mas em favor desses profissionais pode-



Um dos precursores da manipulação de imagens, Oscar Rejlander, usou 16 modelos e 30 negativos para compor esta fotografia, que intitulou de *As duas formas de viver a vida*. Nota-se que era um pintor tentando assimilar a novidade representada pela fotografia em 1857. Medida 78x41 centímetros. Quando exposto ao público, o trabalho foi considerado indecoroso

mos dizer que faziam desaparecer os indesejáveis de forma (quase) *indolor*; e não confundiremos câmara escura com câmara de tortura, nem hipossulfito com Sibéria.

Há ainda um caso clássico ocorrido com a revista semanal mais popular do Brasil na década de 50 – a famosa *O Cruzeiro*, editada no Rio de Janeiro, por Assis Chateaubriand. Em matéria sensacionalista, publicaram-se fotos de um *disco voador* como prova de uma visita alienígena ao nosso planeta. Além disso, teria sido anotada uma mensagem, remetida pelos pretensos intergaláticos alertando, dramaticamente, para os risco que corria a humanidade com a proliferação das armas atômicas.

Do livro *Cobras Criadas*, David Nasser e o *Cruzeiro*; de Luiz Maklouf Carvalho (Ed. Senac-SP), tiramos este trecho: *Disco Voador na Barra da Tijuca*, a maior fraude da história d'*O Cruzeiro*, entrou como um encarte *Extra* na edição de 17 de Maio de 1952 – sem chamada na capa e sem inclusão no índice de página dois, indicações que ficaram prontas na última hora, quando grande parte da revista já havia sido impressa.

A foto de abertura é a panorâmica de um objeto cilíndrico voando sobre a Pedra da Gávea. Embaixo, no canto direito, as fotos de Ed Keffel e João Martins, de terno e gravata. No canto esquerdo, a legenda: *Fantástico, mas real! O disco voador sobrevoando a Pedra da Gávea, vendo-se a sua parte interna. Abaixo do título a explicação: O Cruzeiro apresenta um fato jornalístico espetacular, a mais sensacional documentação jamais conseguida sobre o mistério dos discos voadores ...*

A matéria foi muito explorada ainda. No editorial de 19 de Outu-



Fundação Pro-Memória



Revista O Cruzeiro

Publicação sensacionalista da revista O Cruzeiro, década de 50

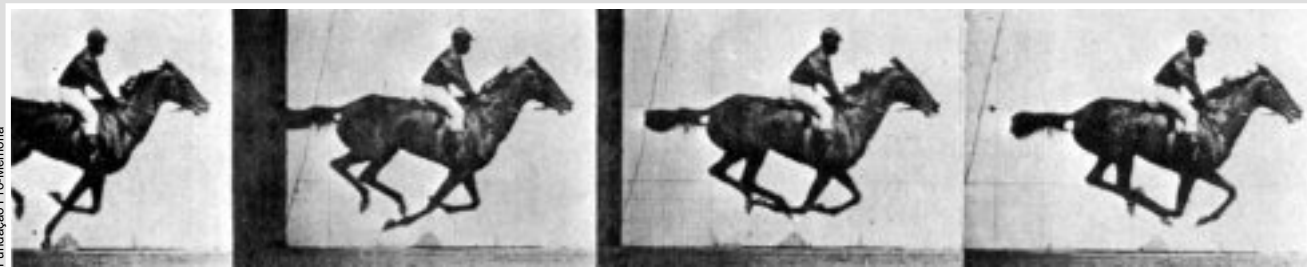
bro de 1957, a revista afirmava que as fotos provavam a existência dos discos voadores. Em 16 de Agosto de 1958, o mesmo tema ganhou chamada de capa: *Disco Voador fotografado na Barra da Tijuca*, em sete páginas e 15 fotos.

Mas nem todos na redação participaram da farsa, e no livro de Luiz Maklouf Carvalho há depoimentos de Millôr, Jorge Ferreira, Jorge Audi, Luiz Carlos Barreto e outros, sobre como teria se desenvolvido toda a trama, claro que com o intuito de aumentar as vendas da revista.

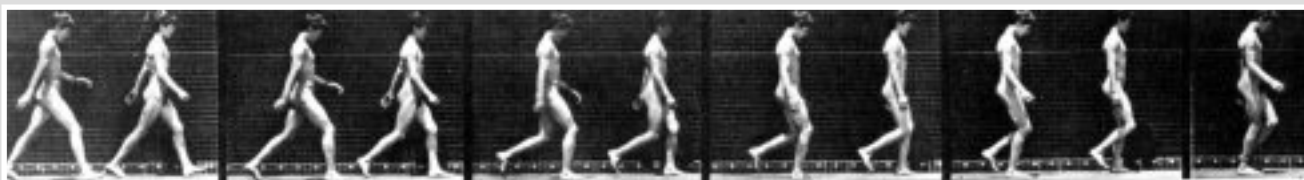
Por essas e outras a fotografia como documento caiu no descrédito de muitos, e por vezes, até com certa maldade, atribuiu-se a um truque fotográfico a qualidade estética de um objeto ou pessoa, para desespero de alguns fotógrafos que prescindem de artifícios laboratoriais ou digitais.

O método de gravação de imagens, aproveitando as propriedades mutantes dos sais de prata quando expostos à ação da luz, percorreu um longo caminho; fez dedicados pesquisadores gastarem inúmeras horas buscando as soluções para a fixação de um momento que jamais se repetirá. Técnicas foram provadas e abandonadas ao longo do tempo, mas deixaram obras magníficas, não apenas como registro, mas também quanto à qualidade artística.

Logo em seus primórdios, a fotografia encantou cientistas em função das possibilidades abertas pela imobilização do movimento. São famosas as fotos feitas por Aedward Muybridge, com uma magnífica seqüência para estudar os movimentos de seres vivos. Foram gastas muitas horas de trabalho com ferramentas e materiais disponíveis na época. É interessante notar que as fotos tiradas em seqüência conge-



Aedward Muybridge, inglês que trabalhava na Califórnia, foi contratado pelo magnata das ferrovias, Leland Stanford, para fotografar um cavalo galopando e mostrar se, nesse movimento, o animal mantinha ou não as quatro patas no ar. Em 1887, Muybridge, utilizando-se de 12 câmaras providas de obturadores eletromagnéticos e um circuito elétrico para o disparo, conseguiu esta seqüência, preservada até hoje. Depois, continuou suas pesquisas, que prepararam o terreno para os filmes cinematográficos



lavam a imagem, imobilizam o modelo, mas foi a partir das fotos seqüenciais que resultaram os primeiros estudos para a criação do cinema.

Na atualidade, o processo digital transforma bastante a captação de imagens atendendo ao imediatismo necessário à divulgação cada vez mais intensa das imagens, e ao consumo das mesmas em grande escala nas diferentes mídias.

É mais uma ferramenta ao alcance, não só do repórter fotográfico, mas também de amadores e profissionais ligados à produção gráfica e à reprodução da imagem. E essa questão da reprodução nos leva a pensar sobre o que teriam a nos dizer hoje Walter Benjamin ou Baudelaire, por exemplo, acerca do momento histórico contemporâneo, no qual é muito difícil imaginar um mundo

onde as imagens seriam escassas, inacessíveis, preciosas mesmo? Nossos contemporâneos podem obter imagens captadas, através de pequenos aparelhos de comunicação telefônica, digital e celular, e reproduzi-las *ad infinitum*.

Nos vem do Japão – dos ideogramas – a frase: *uma imagem vale mais do que mil palavras* (embora pareça mais um *slogan* inventado, por uma agência de publicidade, para a indústria de filmes e equipamentos fotográficos). Pessoalmente e como fotógrafa, respeito a palavra escrita e lhe confiro um peso interpretativo de igual valor à imagem. Embora esta seja mais *explícita*, os mesmos códigos regem ambas.

Constatamos no dia-a-dia que a enorme quantidade de imagens obtidas através de processos digi-

tais vai substituindo e complementando cada vez mais a palavra escrita na comunicação eletrônica e nas publicações periódicas.

Os processos digitais também podem ser usados para transformar uma fotografia original que se apresente danificada, o famoso *retoque* – recurso utilizado pelos fotógrafos, com melhores ou piores resultados dependendo da competência de cada um, há mais de cem anos – hoje pode ser feito eletronicamente.

O grão de prata do filme é o pixel na imagem digital.

A tecnologia a que temos acesso neste ano de 2004 nos faz pensar que essa mesma tecnologia seja *de ponta* e tenha de ser assimilada com presteza, usada com rapidez, testada nem sempre, e pouco questionada. O milagre existe!

A não ser por *emperrados*, re-

trógrados empedernidos que por princípio não aceitam nem acreditam naquilo que a ciência, ou a pesquisa científica, nos oferece, o novo seduz completamente mas é evidente e histórico que as chamadas descobertas científicas vêm acompanhadas de mitos, falsas facilidades, pseudopesquisas, bugigangas inúteis e brinquedos descartáveis.

A fotografia digital frustra quando se percebe que a imagem captada está arquivada de forma virtual, dependendo totalmente de outros recursos (mídias) eletrônicos para ser vista ou impressa. Por essa e outras razões acreditamos que a fotografia química irá conviver ainda por algum tempo ao lado da fotografia digital.

E ainda é preciso considerar o fator segurança. Sabemos que há fotografias com mais de 100 anos. Mas não sabemos ainda por quanto tempo as mídias (DVDs, CDs, HDs) poderão preservar nossas imagens. No caso de arquivos históricos, os fatores tempo e durabilidade são fundamentais.

No Centro de Documentação da Fundação Pró-Memória, quando não há possibilidade de arquivar-se um original – depende-se da doação do proprietário do mesmo – digitaliza-se o documento ou a fotografia e obtém-se uma imagem de segunda geração, fiel à original. Depois ela passa a ser decodificada e transforma-se em mais um *file* em nosso banco de dados. Mas temos o dever de pensar no futuro – embora de olho no passado – fotografados e preservados também os negativos.

Nem seria necessário este esclarecimento, mas, por via das dúvidas, informamos que a seriedade de nossa instituição exige que todos os nossos documentos, mesmo os de segunda geração,

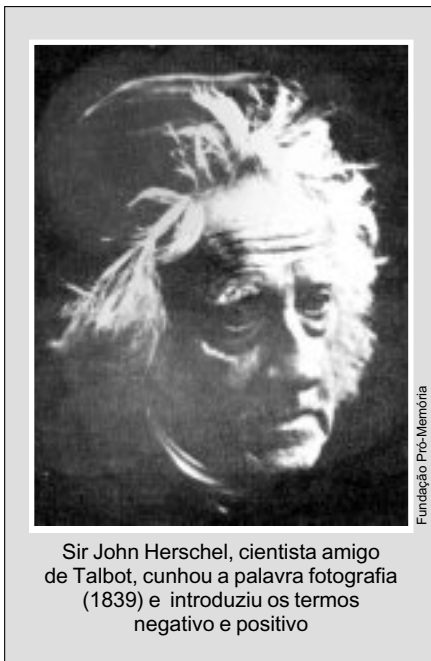


Frederick Scott Archer inventou o processo de colódio úmido, em 1851

Fundação Pró-Memória

não sofram manipulação. E quando, para efeito ilustrativo de impressão, as imagens são *limpas*, preparadas, manipuladas, isso apenas se dá na cópia digital, nunca no original, esteja ele em que estado estiver.

Os métodos de obtenção de imagens e as facilidades em obtê-las – e perdê-las – saturam nossos espaços visuais a ponto de bloquear o discernimento, comprometendo até sua decodificação ou entendimento. Mas, note-se, como a saturação e a banalização



Sir John Herschel, cientista amigo de Talbot, cunhou a palavra fotografia (1839) e introduziu os termos negativo e positivo

Fundação Pró-Memória

não ocorrem quando por trás da imagem há algo mais. Há aquilo que distingue um registro, uma tomada agradável ou desagradável, uma composição clonada e sem originalidade de uma obra de arte visual.

Em se tratando de imagens, para arquivos e pesquisas o que conta é o tempo, a possibilidade, o registro enfim. Análises dos materiais empregados podem denunciar datas e locais, independentemente de sua qualidade estética (qualidade essa que pode também fornecer indícios interessantes, ou mesmo especulações), sendo até apreciável um certo distanciamento ou frieza na produção da imagem. No campo das artes visuais a imagem, digital, manipulada ou não, de primeira, segunda ou terceira geração, *gratificada* em muros ou pintada em tela, precisa possuir qualidades ligadas às emoções, às elaborações internas, à criação que atinge e convida o espectador à reflexão.

E quando são atingidos todos esses objetivos, o que possibilita o paradoxo do registro temporal desvinculado do tempo, surge o ideal realizado, difícil mas não impossível, da obra de arte a serviço da memória.

#### BIBLIOGRAFIA

- KEY, Wilson Bryron. A era da Manipulação, trad. Iara Bidermam, Scritta Editorial, SP, Editora Página Aberta, 1993.
- DUBOIS, Phylippe. O Ato Fotográfico e outros ensaios, trad. Marina Appenzeller, SP, Editora Papirus, 1994.
- BERGER, John. About Looking. NY, Ed. Vintage International, 1991.
- BUSHELLE, Michel. Tudo sobre Fotografia, SP, Editora Clube do Livro, 1995.

(\* Neusa Schilaro Scaléa é fotógrafa, formada pelo MAC-USP, é museóloga especializada em museus de arte

# Três artistas, uma cidade, um tempo

O Modernismo rompeu tão drasticamente - e era muito necessário que assim acontecesse - com o academismo, ou melhor, com a estética e a forma de trabalho artístico que se fazia no Brasil durante a Monarquia e nos primeiros anos da República, que poucos escaparam para continuar respirando os ares advindos dos ateliês franceses do século anterior. Embora em Paris acontecessem os movimentos de vanguarda, os mestres e alunos da Academia de Belas Artes que para lá iam não deveriam seguir novas tendências nem buscar novas idéias, mas permanecer atados aos conceitos mais retrógrados, aos ateliês mais ultrapassados, para que pudessem apresentar obras - que enviavam da Europa para o Rio de Janeiro - e continuar a receber as bolsas que o imperador Pedro II concedia.

Há exemplos desse período no Museu Nacional de Belas Artes e mesmo na Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Por muito tempo foi proibido ao pintor sair do ateliê ou mesmo pintar paisagens. A natureza deveria apenas servir como pano de fundo e nunca ser o tema principal! E isso em um país com muita luz e cenários belos e exóticos. Paradoxalmente, o trabalho dos viajantes estrangeiros, que retrataram a natureza e os tipos exóticos da fauna e flora, eram bem aceitos, pois tinham uma função utilitária, de registro.

Mas essas regras foram sendo rompidas, e a Academia passou a permitir que o artista saísse do ateliê e fosse experimentar a luminosidade ao ar livre. Esse grande passo aconteceu apenas após a instala-



Família Pinheiro

Cristo - Óleo sobre tela. Ano 1965

ção da República. No mais, tudo continuava como antes, mas sem o apoio oficial.

Imaginemos, pois, nesse cenário de ampla e total aceitação das belas artes, como deve ter sido o impacto da Semana de 22.

Sua força foi tamanha que arrebatou os mais dispostos e preparados para uma nova visão da arte, sufocando obras de artistas denominados de *cavalete*. Alguns persistiram ante um confuso cenário

de interpretações, modismos e até arte de muito boa qualidade.

Devido aos salões oficiais, medalhas e prêmios, a arte denominada acadêmica foi para sempre vinculada ao sabor político do governante do momento. Como também ocorreu com o pseudo-modernismo nos países absolutistas. A Rússia do czar colecionava, apreciava e endeusava os artistas e autores franceses. O mesmo país, depois da queda da Monarquia, pretendia libertar-se artisticamente, mas o que ocorreu foi o nascimento de um pseudo-modernismo com uma visão totalmente vinculada à luta política e à sua exaltação.

No Brasil, as respostas ao movimento modernista foram sendo assimiladas aos poucos, e disso são exemplos, só para citar os mais conhecidos, Volpi, Reboló, Raphael Galvez e outros.

Só Anita Malfatti e depois, Tarsila do Amaral, romperam com mais intensidade o ciclo, escandalizando e sofrendo rejeições com obras figurativas, mas nada acadêmicas. Portinari, fortemente influenciado pela estética cubista, pôde soltar-se e produzir obras bem aceitas já em 1935, quando produziu a série *Café*. Nos anos 40, depois de um tempo na Europa, pintou *Os meninos de Brodosqui*. E, nos anos 50, as preocupações sociais estão explícitas nos *Retirantes*.

Nessa mesma década (de 50) temos os acadêmicos lutando para manter seus cavaletes através de um figurativismo eclético, transformando formas e conteúdos. Surgem os *abstratos* e os *concretos*, as performances e as instala-

ções; experimentalismo escancarado nas Bienais de São Paulo.

A pós-modernidade libertou a todos. Do hiperrealismo às malfadadas releituras, escorrendo pela pseudoarte de *shopping center*.

Permitiu-se à Arte a mais absoluta liberdade. Com tudo o que trás de bom e de mau, o *é proibido proibir* será o paradoxo dos anos seguintes. As bienais de Veneza, São Paulo e a famosa mostra de Kassel assimilam artistas e inovadores, alucinando críticos e confundindo a todos. Não havendo mais classificações, leis ou regras para serem quebradas, já que a pós-modernidade decreta que *não há olhar inocente*, ou seja, tudo já foi visto, colocado, proposto, mostrado, pensado e resolvido, entramos no pós-pós-modernismo. O que resta então ao artista?

Se elegermos artistas – aqueles poucos dignos dessa qualificação – estaremos falando de um ser culturalmente inquieto; pesquisador e inquiridor usando técnicas que podem ser aprendidas para produzir aquilo que é impossível de ser ensinado, o inusitado. Na criação de uma obra, tal como no trabalho científico, são usadas ferramentas e informações, suportes para o intelecto, para compor a forma; mas o resultando está intimamente relacionado com a intuição e a emoção.

Estávamos falando em um plano amplo, mas precisamos entender os nichos particulares, que circunscrevem um tempo e um espaço determinado em suas geografias específicas.

Dentro dessa proposta particularizemos o ABC paulista e especificamente São Caetano do Sul.

Esta cidade, próxima da capital paulista, não fugia à regra de outras cidades brasileiras quanto às atividades artísticas. Abrigou um bom número de interessados em artes plásticas, que vinham de outras cidades ou daqui se desloca-

vam, formavam núcleos experimentais, ou isoladamente desenvolviam suas vocações. São Caetano também, em dado momento de sua história, criou salões de arte, primeiro de belas-artes e posteriormente de arte contemporânea. Artistas da cidade participaram com êxito de mostras na capital e em cidades do interior.

Se na capital paulista o embate entre as novas formas de pintura, escultura e gravura e as técnicas



Quintal – Óleo em eucatex.  
Década de 1970

preservadas pela escola tradicional era duro, em núcleos menores essa ruptura foi seguramente muito mais dolorosa.

Entendendo que uma das funções das mostras de arte, e em especial de um museu ou pinacoteca, é propor questões, sugerir análises e situar tendências e artistas no tempo, estamos trazendo três artistas que desenvolveram trabalhos na cidade entre 1950 e 1990.

Como em Arte não basta seguir o gosto pessoal, que pode ser facilmente enganado, tanto pela atração da *novidade* como pela postura acomodada ante o *conhecido*, pretendemos, como sempre, situar o espectador na controversa atividade artística contemporânea. Em função disso, a Pinacoteca Muni-

pal de São Caetano do Sul lhes apresenta uma mostra de artistas, já falecidos, que atuaram na idade e a ela estiveram ligados por muitos anos. *Três artistas, uma cidade um tempo*, com Walter Pinheiro, Oscar Valzachi e Alberto Aliberti.

**WALTER LOPES PINHEIRO** – nasceu no Bairro da Mooca, São Paulo, em 26 de Junho de 1915. Mudou-se para São Caetano do Sul na década de 30, com sua única irmã, Elza Pinheiro Perrucci, e a família. A família sempre fez questão de destacar que a casa em que foram morar foi financiada pelo sr. Ângelo Raphael Pellegrino, que mais tarde viria a ser o primeiro prefeito da cidade.

Observador atento, ainda bem jovem, Walter fazia caricaturas, charges e desenhos do cotidiano, tornando-se mais tarde desenhista técnico da Prefeitura Municipal de São Paulo.

E para desenvolver sua arte passou do desenho para outras técnicas. Autodidata, pesquisava e desenvolvia suas aptidões registrando, ou em tela ou em um pedaço de cartolina, suas emoções, seus interesses. Através da imagem colocava sua preocupação social e política.

Em paralelo ao seu trabalho de desenhista técnico, produzia também cartazes e letreiros para o Cine Urca, situado na Rua Manoel Coelho. Também criou logotipos e rótulos para empresas de propaganda e foi chargista político. Sua participação na vida pública se deu quando entrou para o PRP – Partido de Representação Popular.

Como pintor autodidata participou de diversos Salões de Arte, na capital, no litoral e no ABC.

Casado, desde 1949, com D. Júlia Nicolau, residiu até seu falecimento, em 1979, na Rua Paraíba, em São Caetano do Sul.

Seu caprichoso trabalho resume



seus interesses, suas aspirações, e são registros, por vezes claros, por vezes menos explícitos, das preocupações de toda uma época.

**OSCAR VALZACHI** nasceu em Taquaritinga, estado de São Paulo, em 28 de Janeiro de 1927. Iniciou-se na pintura com 12 anos orientado por seu pai Francisco Valzachi, tendo com ele percorrido o interior do estado de São Paulo e Minas Gerais trabalhando na ornamentação e pintura de igrejas. Depois do falecimento de seu pai foi para Araraquara onde cursou a escola de Belas Artes, tendo sido aluno de Alexandre Dubai, Colette Pujol, Aldo Caldarelli e Luiz Gualberto, todos cultores de técnicas e conteúdos acadêmicos. Em 1959, Oscar Valzachi estabeleceu-se na Vila Santa Maria, São Caetano do Sul, onde continuou a pintar o tema de sua preferência, a paisagem.

Em 1960 recebeu a menção honrosa da Associação Paulista de Belas Artes. Em 1961, Menção honrosa no XXVI Salão Paulista de Belas Artes. Em 1972, Medalha de Bronze e pequena Medalha de Prata. Possui telas no Museu de Arte de Limeira e Catanduva.

Em 1974 foi proprietário de uma Galeria de Arte na Rua 21 de Abril, no centro da capital de São Paulo, onde comercializava seus trabalhos.

Por muito anos trabalhou em seu ateliê, instalado nos fundos de sua casa na Rua Goitacazes, 381, dando aulas de pintura. Mas preferia trabalhar ao ar livre levando os alunos com seus cavaletes para áreas onde procuravam captar as cores e a luz natural. Essas telas, produzidas *in loco*, eram chamadas de *manchas*, e tinham a finalidade de acurar a observação do ambiente e principalmente captar as *nuances* e texturas advindas de luz natural.

Um figurativo que sempre teve preferência pela paisagem, embora

tenha produzido alguns retratos e cenas interiores.

**ALBERTO ALIBERTTI** nasceu na cidade de São Paulo em 1935 e faleceu em São Paulo em 1997. Formou-se em Economia na Universidade Makenzie. Estudou pintura com Joel Link e escultura com Fêjer, entre 1960 e 1962. Filho de Aldo e sobrinho de Guido Aliberti, industriais e empresários de São Caetano do Sul, morou na cidade por vários anos.

Participou ativamente da criação dos Salões de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul, onde pôde ter contato com artistas que mais tarde se tornariam grandes nomes da Arte brasileira.

Sua própria produção artística incluía não só pinturas como esculturas.

Destacou-se nos Salões Paulistas de Arte Moderna em 1963, 1964 – quando recebeu medalha de bronze - e 1967. Fez a mostra inaugural da Galeria Novas Tendências, realizou a mostra *Nova Objetividade Brasileira* no Museu de Arte Moderna do RJ, em 1967. Seis pesquisas em *Artes Visuais* no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, no MAC – Campinas e MAC Rio de Janeiro.

Walter Zanini, apresentando



Sem título – Óleo  
de Alberto  
Aliberti. Década de  
1990

Família Aliberti

Aliberti na mostra da Galeria Pontual, declara “*Valendo-se de ready-mades – como por exemplo a telha “brasilitê” de cimento amianto, - procura valores rítmicos e luminísticos do material sem desrespeita-lo.*”

Esculturas e assemblagens produzidas a partir de materiais industriais, infelizmente perderam-se sem deixar registros, a não ser depoimentos de seus contemporâneos.

Nesta mostra trazemos alguns trabalhos de pintura realizados entre 1970 e 1997. Neles podemos notar, no trato com os volumes, cores e formas, nítida preocupação com as soluções pictóricas inerentes à Arte contemporânea. Temos portanto em uma mesma mostra um artista erudito, em busca de um abstracionismo descompromissado, um artista figurativo acadêmico, nos moldes clássicos dessa escola e um figurativo acético e autodidata. (*Neusa Schilaro Scaléa*)

#### BIBLIOGRAFIA

- HARVEY, David. A condição Pós-Moderna. SP, Ed. Loyola, 1993.  
SMART, Barry. Postmodernity. London, Open University, Routledge, 1993.  
HAUSER, Arnold. The Social History of Art. NY, Vintage Books, 1995.  
FIORITTO, Quirino Campos. História da Pintura Brasileira no século XIX – 1800 à 1918. RJ, Ed. Pinakothek, 1983.

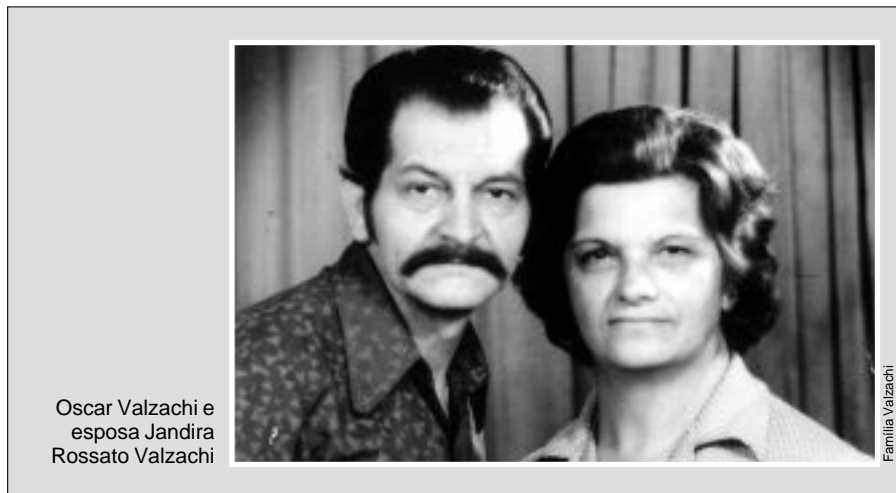
# O ateliê luminoso de Oscar Valzachi

Renato BRANCATELLI (\*)

Ao longo da minha vida, conheci muitos artistas. Alguns verdadeiramente importantes no panorama da Arte brasileira e outros verdadeiramente importantes para mim, na minha vida e para a minha a visão geral da Arte brasileira e da Arte de modo universal. Um desses artistas foi Oscar Valzachi, paulista de Taquaritinga, radicado em São Caetano do Sul, onde viveu até 1979, ano de seu passamento.

Costumo dizer, metaforicamente, que a informação no mundo moderno se apresenta fragmentada em infinitos segmentos, como peças de um gigantesco e de igual modo infinito quebra-cabeça. Assim, durante nossa vida, cada segmento de informação recebida vai-se juntando a outros, que, no final, vão compor o painel geral do nosso saber, da nossa cultura e conhecimento, da nossa concepção de cosmo, mundo real e espiritual. Algumas peças do quebra-cabeça são fundamentais e nos são dadas por nossos pais e nossos primeiros professores, ainda quando somos crianças. Outras peças nós mesmos elegemos como fundamentais para nossos painéis. Oscar Valzachi e sua obra são peças que elegi como fundamentais para o meu quebra-cabeça. Sem elas, quem sabe, hoje eu seria outra pessoa, profissional sabe-se lá de qual área que não a Arte, com outro painel geral sobre ser, vida e mundo.

Conheci José Augusto Valzachi, um dos filhos de Oscar Valzachi, na Praça Cardeal Arcoverde, provavelmente depois de alguma missa dominical em meados dos anos 60. Éramos garotos, adolescentes curiosos e vivazes, e tínhamos alguns



Oscar Valzachi e  
esposa Jandira  
Rossato Valzachi

Família Valzachi

temas de interesse comuns, o que bastou para iniciar uma amizade fraternal. Uma tarde de domingo, levou-me para conhecer sua casa, na Rua Amazonas, 77. Nessa tarde, conheci Oscar Valzachi e seu ateliê.

Adolescentes são suscetíveis a momentos como esse. Comigo não foi diferente. Talvez hoje possa reproduzir aqui a memória dessa experiência de conhecer o ateliê de Oscar Valzachi e poder frequentá-lo por algum tempo, como amigo de José Augusto, seu filho. Posso lembrar de uma casa povoada por muitas jovens mulheres e crianças, as filhas e filhos de Valzachi. Existia toda uma agitada atividade doméstica, na qual eu me sentia tímido e deslocado, criança a mais em meio à já populosa prole de Valzachi. Por outro lado, me sentia bem-vindo pela hospitalidade da mãe e irmãs mais velhas de José Augusto.

Na frente da casa, num amplo salão muito iluminado, situava-se o ateliê. E lá, diferentemente de toda aquela febril atividade feminina do resto da casa, envolto por uma paz e calma quase palpável, estava o pintor Oscar Valzachi. Como todo

ateliê de artista, o ambiente mesclava odores exóticos, combinava realidade e cenário, suor de labutas e evanescências do sonhar.

No final dos anos 60, fui à Itália com meu pai. Para uma criança, que morava no Bairro da Fundação, uma viagem assim teve um efeito transformador. Afinal, era 1968 (que alguns gostam de classificar como *o ano que nunca acabou*), o mundo se agitava em revoluções de todos os tipos, o verão europeu estava mais florido do que nunca, a Itália fora invadida por hippies sa-xônicos, cabeludos e coloridos por cores cítricas e psicodélicas, ouvindo Beatles e Pink Floyd, vagabundando propositadamente por vagabundear contra o sistema, por entre as ruínas do Fórum romano e as escadarias de Piazza di Spagna. Ao voltar para o Bairro da Fundação, meu pensamento de adolescente estava povoado de deuses e heróis gregos, estatuária greco-romana, castelos medievais, Romeo e Giulietta, tesouros vaticanos, Michelangelos e Topolinos. Por trás dos meus óculos, meus olhos tinham visto tanta arte, em poucos meses,

como nunca nos meus escassos anos de vida. Renasci aos 12 anos. Naquele momento, já tinha meus primeiros cadernos de desenho, alguns pincéis baratos e aquarelas de pastilhas, e tudo o que me interessava era Arte. Mas acho que eu não vislumbrava a dimensão da Arte. Foi no ateliê luminoso de Oscar Valzachi que pude vislumbrar pela primeira vez a Arte. Hoje penso que tinha encontrado, naquele momento, uma peça fundamental do meu quebra-cabeça

O ateliê deve ser luminoso, não importa qual seja a fonte de luz, sejam amplas janelas ou lâmpadas poderosas. A luz faz parte intrínseca da composição da matéria física da pintura, como se ela se adicionasse às tintas, que, por sua vez, vão compor na tela a pintura ela mesma, o quadro. Assim era o ateliê de Valzachi, luminoso.

Lembro-me bem dos vários cenários, montados sobre mesas. Eram alguns dos temas de sua pintura. Panejamentos, simulando acortinados e toalhas de mesa, compunham-se com velhas tinas de cobre oxidado, taças e candelabros, fruteiras de faiança e palha, onde algumas frutas de cera ou plástico serviam de modelos para o artista. Sobre essas composições cenográficas, depositara-se um sutil véu de pó esbranquiçado, que conferia a toda a cena uma pátina de tempo, uma reverência quase sagrada de altar abandonado, uma sobriedade de museu. Admirável que, numa casa cheia de crianças, os cenários se mantivessem assim, intocados na sua arrumação arcana. Aliás, por toda a casa, objetos centenários de metal eram outros coadjuvantes, esperando a vez de ser retratados em toda a sua poética antiga de velhas cozinhas coloniais.

Algumas noites, chegando à casa de Valzachi, no lusco-fusco da antiga iluminação de rua de São Caetano do Sul (bem, queiram ou

não, os anos 60 já ficaram antigos...), podia-se perceber logo a luz intensa do ateliê, a qual, vazando pela janela, clareava a varanda da entrada. Nada se compara à magia de assistir a um quadro sendo concebido pelo artista, no silêncio da noite, na calma de seu ateliê. As crianças, logicamente, ficam encantadas. Posso lembrar-me de algumas noites, em que me permitiram ficar próximo enquanto Valzachi pintava e ver a pintura acontecendo. Adultos sempre temem que crianças possam aprontar alguma ou incomodar com falatório. Mas acho que eu sabia me comportar como um bom rapazinho. Assistia calado. Volta e meia, Valzachi se manifestava meio lacônico, concentrado na sua obra. Era assim que eu aguardava, enquanto José Augusto se vestia para sairmos juntos para alguma festa juvenil, muito em moda naquela época. A propósito, era sempre José Augusto o responsável pela parte sonora da festa, com seus aparelhos eletrônicos, discos e fitas, digamos, um protótipo dos disc-jockey, que hoje se transformaram em DJs. Bom lembrar que essa não era sua vocação. E embora soubesse como, não quis ser um pintor, como seu pai. Atualmente é um designer industrial, tem sua própria indústria no Bairro da Fundação, onde cria protótipos e mock-ups. Novos tempos, novas técnicas!

Outras noites, o ateliê era ocupado por alunos de Valzachi. E, do mesmo modo, lá ficava eu, como assistente, observando a aula em silêncio, as telas sendo preenchidas lentamente por pinceladas e orientações do mestre. Infelizmente, perdi a oportunidade de ser efetivamente seu aluno. Acho que nem sequer pensei nisso naquele momento. Mas ter tido a oportunidade de conhecê-lo e poder frequentar por alguns anos sua casa e seu ateliê, valeram-me como uma iniciação, a indicação de um caminho. Talvez, como na

própria pintura, eu tenha recebido uma primeira demão de tinta, como aquela que prepara a base da verdadeira pintura, do homem que eu viria a ser no futuro. Lembro-me ainda, com o maior carinho, das duas ou três noites em que, sentado num banquinho, imóvel, fui modelo pela primeira vez: Valzachi me retratou numa tela de pequeno formato. Como modelo, eu vestia uma camisa muito colorida e pitoresca (exatamente como mandava a moda psicodélica, palavra esquisita, cujo significado eu nem sequer sabia). Quase frontal, em semiperfil, lá estava eu retratado, cabelos fartos em estilo *beatnik* tardio e óculos de aros grossos e pretos. Quando pronto, o quadro foi vendido. Muitos anos depois, quando tentei saber do autor para quem o vendera, ele não soube precisar o nome do comprador nem o destino da obra.

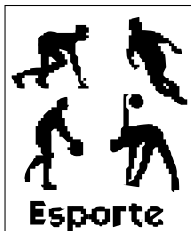
Hoje não me importa tanto, embora ainda tenha curiosidade de saber o paradeiro do pequeno retrato. Porém a experiência de ter sido retratado por Valzachi era mais que isso, era uma aula particular e informal. Tudo era ensinamento nesse episódio fugaz. Não, não era no banquinho como modelo que eu queria estar. Naquele momento, o que eu mais desejava era estar lá, no outro banquinho, como pintor e artista, alguns potes com pincéis, paletas e tubos de tintas, alguns trapos para limpar pincéis, cheirando a terebintina.

O aprendizado é longo e constante. Sei que estamos sempre aprendendo e meu quebra-cabeça nunca ficará completo. Entre centenas (ou milhares?) de nomes de artistas que pude conhecer, Oscar Valzachi e sua obra foram fundamentais.

(\*) Renato Brancatelli é licenciado em Artes pela FAAP. Trabalha com artes plásticas desde os anos 70, tendo já participado de inúmeras exposições nacionais e internacionais

# CA Ypiranguinha: orgulho da Vila Paula

Narciso FERRARI (\*)



**N**a Vila Paula (atual Bairro Santa Paula) sempre existiram bons clubes de futebol, e já na década de 30 foi

fundado o Saldanha da Gama, que, além do futebol, tinha um grupo cênico. Depois vieram o Londres FC, o Espanha, o Teuto, o Flor de Liz, o Monte Verde, o América do Norte e o CA Ypiranguinha. Entretanto, com o progresso da cidade foram diminuindo os campos de futebol e os clubes foram desaparecendo.

Assim sendo, na noite de 23 de Abril de 1939, um grupo de esportistas, em sua maioria adolescentes, reuniu-se na Rua Piauí, 1080 – esquina com a Rua Wenceslau Brás – e fundou o CA Ypiranguinha, em homenagem ao CA Ipiranga da capital, que disputava o Campeonato Paulista. Decidiu-se que as camisas teriam as cores da Seleção Paulista, e logo o recém-criado clube filiou-se à Federação Paulista de Futebol e à Liga Sancaetanense. Os fundadores da agremiação foram os seguintes senhores: Manoel Pinto de Oliveira, Luiz Paine Pelegrino, José Nobrega, Affonso Lucas (Sulinho), Carlos Pinto de Oliveira, Alexandre Alves, Caubi de Mello, Álvaro Gomes, João Gomes, Joaquim Nasario, Aristides Nasario, Silvio Zanoni e Paulo Zanoni (Boi).

De início foi Juvenil, mas logo se transformou em Esporte – equipe principal – para disputar o campeonato da Liga Sancaeta-



Affonso Lucas (Sulinho) entre os seus pais: Simona e Daniel

nense da divisão matutina. Sagrou-se campeão nos anos de 1948 e 1950, bem como venceu também dois torneios iniciais. E o segundo quadro levantou o campeonato de 1947.

A decisão do campeonato de 1948 foi disputada entre Ypiranguinha e Cruzeiro, pois ambos haviam chegado em primeiro lugar em suas respectivas séries. No jogo decisivo, o Ypiranguinha venceu por 4 X 1, e as equipes apresentaram-se assim organizadas:

O Ypiranguinha: Waldemar, Joãozinho e Luizinho; Toba, Chiveta e Carlão; Negrão, Sulinho, Hanzi; Silvio e Nickfor.

O Cruzeiro: José, Anézio e Benites; Durval, Hélio e Orlandinho; Guiça, Sulão, Macaco; Yerrich e Renato

O jogo foi disputado no campo

do São Caetano Esporte Clube. Note-se que os irmãos Sule e Sulinho jogaram um para cada time.

Marcaram os tentos: Negrão (dois), Hanzi, Nickfor e Guiça (Cruzeiro).

O clube, de início, mandava seus jogos no campo existente na esquina da Rua Maranhão com a Rua São Paulo, passando posteriormente para o campo na Rua Lemos Monteiro. O ponto de reunião dos jogadores e simpatizantes era na Barbearia do Orlando Signori e no armazém de secos e molhados do Cristino Longo.

Seus presidentes foram os seguintes: Manoel Pinto de Oliveira, Alcides Gonçalves, Desiderio Signori, Luiz Paine Pelegrino, Armando Fossa, Domingos Batalgia, Paulo Zeiler e Nicola Basting.

Com a paralisação do futebol

do Teuto, que, em virtude da Segunda Guerra Mundial, foi obrigado a mudar de nome (União Cultural), seus jogadores e diretores passaram a fazer parte do Ypiranguinha, embora alguns tenham ido para o América do Norte.

O clube persistiu ao longo das décadas de 40, 50 e 60, e, infelizmente, desapareceu, no início dos anos 70, como time de futebol. Entretanto, vive nas lembranças e nos corações dos moradores da Vila Paula, e ainda hoje, talvez, seja o único clube na cidade que reúne jogadores, diretores e simpatizantes, com encontros anuais em restaurantes da cidade, para matar a saudade e lembrar antigas jornadas.

O clube revelou, ao longo de 30 anos de existência, vários atletas que foram jogar em equipes de maior projeção. Entre eles contam-se Botega; Nikfor; Terpann (o Cavalinho); Sulinho; Rubens de Almeida (adquiridos pelo São Caetano EC); Vilmar (Marrom), pela Prudentina; Wilsinho. A curiosidade: 11 jogadores, contando-se o 1º e o 2º quadro, mora-

vam na mesma rua, ou seja, Wenceslau Braz.

Dois ex-atletas que jogaram juntos no clube na década de 50 hoje são renomados médicos na cidade: Oziris Ramaciotti (médico cardiovascular) e Dagoberto Callegaro (neurologista).

**SULINHO** – O apelido de Affonso Lucas foi dado na escola primária. Quando seu irmão Jesus

andava contra o sol, o porteiro da escola, português, chamou-o de *Sole*. E assim ficou: até hoje os três irmãos são conhecidos por este apelido.

Dos jogadores de futebol da várzea sancaetanense surgiram inúmeros atletas que se destacaram e foram encaminhados para equipes grandes do futebol paulista, entre eles Sulinho, cujo nome de batismo é Affonso Luccas. O trio Sulão (Jesus), Sule (Eduardo) e Sulinho (Affonso) se profissionalizou, a começar pelo irmão mais velho, que foi campeão do interior, em 1928, como goleiro do São Caetano EC.

Affonso Lucas, o Sulinho, começou sua carreira no Juvenil Corinthinha, e, posteriormente, passou por Monte Verde, Ypiranguinha e Teuto. Finalmente, tornou-se profissional do São Caetano Esporte Clube (disputando o campeonato da 2ª divisão de profissionais) e ainda jogou no Rodhia e no General Motors. Foi campeão pelo São Caetano EC, pelo Rodhia e pelo Ypiranguinha. Praticou atletismo no Aranami, no Tietê e no Real Madrid.

A maior emoção de Sulinho



Affonso Lucas

Quadro do CA Ipiranguinha em 1950. De pé, da esquerda para a direita: Joãozinho, Luizinho, Waldemar, Carlão, Chiveta e Tobinha. Agachados: Negrão, Sulinho, Anosi, Sílvio e Cavalinho



Affonso Lucas

Segundo quadro do CA Ipiranguinha, campeão de 1950. Em pé, da esquerda para a direita: Maneco (técnico), Caubi, Zeca, Nicolau, Miguel, Cleiton e Mário. Agachados: João, Ditinho, Longo, Paulo Boi e Pinto



Affonso Lucas

Recente reunião da família de Affonso Lucas. Em pé, da direita para a esquerda: Milena, Aline, Lara (neta), Bruno e Felipe. Sentados: Manolo, Margareti, Afonso, Regina, Márcia e José Luiz

foi na disputa do primeiro lugar entre a equipe do São Caetano Esporte Clube e o Rio Pardo Futebol Clube, pelo campeonato da 2ª divisão de profissionais. Sua equipe perdeu por 5 a 3, tendo sido seu o terceiro gol.

Aos saudosistas, a equipe foi esta: Zinho, Mosca e Neno; Sérgio, Ninin e Escovinha; Sulinho, Yube, Andó, Wilson e Elzo.

Com relação ao atletismo, disputou o campeonato paulista pelo Tietê por 11 anos e correu nas cidades de São Caetano do Sul, Santo André, Campinas, São Pedro e Águas de São Pedro - onde venceu uma prova, recebendo o troféu das mãos do prefeito da cidade.

Sulinho corre até hoje, e é muito organizado, pois anota os quilômetros corridos. Ao todo calcula ter corrido 15.300 km, extensão que, em linha reta, atinge o centro da Europa.

No futebol, orientado por Francisco Marinotti, seu técnico,



Affonso Lucas

Affonso Lucas, como jogador do São Caetano Esporte Clube, no dia da partida contra o Socorrense. Resultado do jogo: 2 X 1 para o São Caetano

passou a atuar como ponteiro direito. Nessa nova posição tornou-se o artilheiro do São Caetano Esporte Clube, com 14 gols, no campeonato da 2ª divisão de profissionais de 1948. Foi um atleta exemplar, pois tratava seus adversários com respeito e educação, obedecia às ordens dos técnicos Marinotti, Begliomini, Caetano de Domenico, Airton Pedro Cardoso e outros, que achavam Sulinho um jogador veloz, oportunista, com muita fibra e *com faro de gol*.

Sua infância foi difícil. Era filho de Daniel e Simona Luccas, imigrantes espanhóis da cidade de Cáceres, chegados ao Brasil em 29 de Dezembro de 1906. Primeiro foram morar em Catanduva, e, posteriormente, vieram para São Caetano do Sul, instalando-se na Rua Maranhão, 40, onde nasceu Sulinho, que teve seis irmãos: Jesus, Antônio, Teresa, Nicácio, Tomásia e Eduardo.

Foi na infância engraxate, e trabalhou, posteriormente, na Pan S/A., na Metalúrgica São Francisco, na Aços Villares, na Tungstite S/A., na Cofab e na Stora Koparberg. Aos 49 anos de idade abriu sua própria empresa, a Ferramentas Cáceres, que existe até hoje. Fez seu curso primário no Grupo Escolar Bartolomeu Bueno e formou-se desenhista mecânico na Escola Técnica Labor. Também fez o Curso de Madureza no Santa Inês.

Casado, desde o dia sete de Maio de 1949, com Regina Drexler Luccas, com ela teve duas filhas, Márcia e Margarete, casadas respectivamente com o médico José Luiz Guiotto e o engenheiro José Manoel Barreiro Boalle. Tem cinco netos.

(\*) Narciso Ferrari é empresário e memorialista de São Caetano do Sul

# O GRESC teve origem em um Clube de Malha

O Clube de Malha São Caetano foi fundado em sete de Setembro de 1958 por um grupo de abnegados esportistas do Bairro Barcelona, na Rua Nazareth, 978. O clube, ao ser fundado, absorveu o patrimônio do *Internacional*, clube esportivo e social que até então congregava os moradores do bairro para o esporte e o lazer. O presidente eleito por unanimidade para dirigir os destinos da nova agremiação foi o Sr. Antônio Lozano. Os sócios fundadores do Clube de Malha São Caetano foram os seguintes: Antônio Lozano, Roberto Caniato, Mário Caniato, Dalvo Venezian, Alfredo Caniato, Antônio Pacito, Francisco Fabri, José Pires, Santo Poncio, Joacir Locatelli, Luiz Venezian, Sérgio, Gonçalves, Vicente Tint, Antônio Vertichio, José Helena, Waldomiro Brancalhão, Pedro Brasil, Rodolpho Andrade, Adilson Genaro de Camargo, Vanfrido Rodrigues, José Ângelo Venezian, Eduardo Caniato, Aldino Pedro Vicentini, Pedro Dunder, Gabriel Felix, Geraldo Dressani, Arnaldo Faria e Sebastião de Oliveira.

O Clube de Malhas São Caetano existiu até 30 de Setembro de 1974, quando, por deliberação unânime dos associados, reunidos em Assembléia Geral, teve o nome alterado.

Surgiu então o GRESC – Grêmio Recreativo e Esportivo São Caetano, ocupando as instalações do Centro Esportivo do Bairro Olímpico, localizado na Rua Pelegrino Bernardo, 823. Assim, nessa data, 30 de Setembro de 1974, reuniu-se a diretoria do Clube de Malhas São Caetano, a fim de deliberar sobre a denominação do novo nome do clube, a aprovação da estatuteta, a cor dos uniformes, da bandeira, do escudo e outras proposições gerais.

A primeira diretoria do GRESC – Grêmio Recreativo Esportivo de São



Inauguração do Centro Recreativo e Esportivo Olímpio de Lima, em primeiro de Maio de 1975

Equipe do Clube de Malha São Caetano, com os seguintes jogadores. Em pé, da esquerda para a direita: Roberto, Alfredo e Ferrúcio. Agachados: Vertique e Vicenzo. Década de 60

Fotos: Fundação Pró-Memória

Mário Caniato teve participação ativa no GRESC nas décadas de 70 e 80. Foto de 15 de Novembro de 1980

Instalações do Grêmio Recreativo e Esportivo São Caetano (GRESC), em 1982

Caetano ficou assim constituída: presidente, Ângelo Barontini; presidente do Conselho Deliberativo, Mário Caniato; secretário geral do clube, Pedro Congora.

Com a criação do Grêmio Recreativo e Esportivo São Caetano foram tomadas as seguintes medidas para alterações nas cores da bandeira e do distintivo: as cores passaram a ser azul, verde e branco. A bandeira tomou formato retangular, em cor branca, ladeada com quatro listras verdes, e no centro um losango em cor azul, com um círculo em cor branca, e a data da fundação: sete de Setembro de 1958. Os uniformes dos clubes ficaram deste modo: camisa azul com listra branca e punhos e gola verde, calças brancas e calções brancos.

As instalações esportivas e sociais do GRESC foram inauguradas em primeiro de Maio de 1975, recebendo o nome de Centro Recreativo e Esportivo Olímpio de Lima, em homenagem a um esportista emérito de São Caetano. A inauguração das novas instalações contou com a presença da Sra. Alcina Paulina de Lima, viúva do homenageado. Ainda durante o evento, o presidente do GRESC, Sr. Mário Caniato, prestou homenagem a Sebastian Bidegani, representante dos esportistas argentinos, uruguaios e paraguaios que, na ocasião, estavam em São Caetano para participar do Torneio Sul-Americano de Bochas. (Texto e Pesquisa do Departamento de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.)

## ***Encontro Patrimônio Imaterial: desafios para preservação***



No dia 18 de Maio, Dia Internacional dos Museus, a Fundação Pró-Memória promoveu o encontro Patrimônio Imaterial: desafios para preservação. O evento reuniu representantes de instituições de memória de todas as cidades do Grande ABC, que discutiram os conceitos de patrimônio imaterial, a legislação para a preservação deste patrimônio e os desafios enfrentados pelas instituições com relação ao assunto.

## ***I Seminário Aberto de Memórias do ABC Lembrar ou Esquecer?***

A presidente da Fundação Pró-Memória, Sonia Maria Franco Xavier, participou do debate Balanços e Perspectivas do Registro da Memória na Região do ABC dentro do I Seminário Aberto de Memórias do ABC Lembrar ou Esquecer? – Perspectivas para os Registros da Memória da Região, promovido pelo Instituto de Ensino Superior (IMES), no dia 22 de Maio. Integraram ainda o debate o professor de História Regional da Uniabc, Prof. Dr. José Odair da Silva, a historiadora do Museu de Santo André, Suzana Kleeb, e o pesquisador José Armando Pereira da Silva. A mediação ficou por conta do Prof. Dr. Herom Vargas, do projeto Memórias do ABC, desenvolvido pelo IMES.

---

## Exposições

---

### ***Microcosmo***

Uma exposição que retrata plantas, flores e insetos instalada em um parque municipal? Cenário perfeito. Pensando nessa combinação, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul levou para o seu Salão de Exposições II, no Espaço Verde Chico Mendes, a exposição Microcosmo, que ficou no local nos meses de Fevereiro e Março.

As 30 macrofotografias de Valdemir José Martin apresentam um rico espetáculo de formas, cores e texturas, dentro de uma dimensão que está fora do alcance dos olhos. Abelhas, borboletas, aranhas, grilos, joaninhas, besouros, lagartas e até minúsculas formigas podem ser contempladas com nitidez nas fotografias.

### ***Encantadoras Máquinas do Século Passado***

Em 1867, o tipógrafo americano Christopher Latham Sholes patenteou a primeira máquina de escrever. O matemático francês Blaise Pascal inventou a primeira máquina de somar em 1642. Exemplares mais recentes desses e de outros inventos que marcaram a história da tecnologia fizeram parte da exposição Encantadoras Máquinas do Século Passado, em cartaz no Museu Histórico Municipal, do início de Fevereiro a 20 de Abril.



Entre as 50 peças que formaram a mostra estavam diversos tipos de máquinas: máquinas de escrever, de calcular, máquinas fotográficas, filmadoras, gravadores, relógios, máquinas de costura e outras. Algumas eram do final do século XIX, como uma máquina de costura fabricada em 1890 e um moedor de café de 1850.

Do século XX estavam, por exemplo, uma máquina fotográfica com tripé de madeira, de 1910, uma máquina de somar, de 1950 e uma máquina de escrever, de 1944. Uma máquina de calcular de 1980 foi a peça de fabricação mais recente em exposição. A curiosidade ficou por conta de uma máquina de costurar meia-fina, sem data determinada.

Complementaram a mostra fotografias de fábricas e indústrias, como a General Motors. Algumas fotos mostravam máquinas trabalhando em pleno vapor.

## ***1ª Exposição de Cartunistas do Grande ABC***



De dois de Março a 30 de Abril, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul mostrou um pouco do humor gráfico produzido no ABC, no Salão de Exposições I. A 1ª Exposição de Cartunistas do Grande ABC reuniu mais de 50 desenhos, entre cartuns, histórias em quadrinhos, caricaturas e charges, de 12 desenhistas da região do ABC.

Participam da exposição Gilmar, Márcio Baraldi, Pires e Rafael Dourado, de Santo André; Cerito e Moretti, de São Bernardo; Ed Sarro, Fernandes, Mastrotti, Regiscler e Rocco, de São Caetano; e Daniel Alves, de Diadema. As ilustrações apresentaram sátiras sociais, de guerra e de personalidades nacionais e internacionais, além de histórias



com personagens criados pelos próprios cartunistas.

A exposição prestou uma homenagem ao cartunista Henfil, criador de personagens como Os Fradins, Graúna, Zeferino, Urubu e Pó de Arroz, marcantes na história do cartum brasileiro. Morto em 1988, Henfil completaria 60 anos neste mês de Fevereiro. Cada um dos cartunistas participantes da 1ª Exposição de Cartunistas do Grande ABC criou um trabalho inspirado no traço e nos personagens de Henfil.

## ***Lazer e Diversão na São Caetano de Antigamente***

Um resgate das principais opções de entretenimento da sociedade sul-sancaetanense entre as décadas de 1920 e 1970. Foi o que fez a exposição Lazer e Diversão na São Caetano de Antigamente, que ficou em cartaz no Salão de Exposições II, no Espaço Verde Chico Mendes, de primeiro de Abril a 30 de Maio.



Através de 27 reproduções fotográficas, o visitante descobriu o que faziam os antigos moradores da cidade em busca de diversão e quais eram os principais espaços de lazer. Clubes e agremiações desempenharam importante papel, pois davam um colorido especial à vida social da população através da organização de bailes, festas e vários eventos culturais. Os encontros familiares e entre amigos, realizados em piqueniques e em bares, também proporcionavam momentos de descontração. Apresentações teatrais, de música e de dança chamavam a atenção de várias pessoas, que também não deixavam de frequentar as praças do município para encontrar os amigos e bater papo.

Os cinemas foram outra importante opção de lazer. Nas exposições em salas, ou mesmo ao ar livre, o uso de paletó e gravata era indispensável.

## ***Sacilotto – Obra gravada – Completa***

Um passeio da visualidade à tatilidade. A exposição Sacilotto - Obra gravada – Completa, que a Fundação Pró-Memória de São Caetano, através da Pinacoteca Municipal, abriu no dia 14 de abril, apresentou obras do artista plástico santo-andreense Luiz Sacilotto, não só para ver, mas para tocar também.



Composta por originais e réplicas de obras do artista plástico, um dos precursores da arte concretista no Brasil, a mostra, adequada ao público especial, fazia parte das iniciativas municipais para a inclusão social de todos os indivíduos. Da série de gravuras de Sacilotto, 35 serigrafias e três litogravuras integraram a exposição, além de 12 gravuras reproduzidas em relevo e duas maquetes de obras públicas, que farão parte do percurso tátil da mostra. Ainda fizeram parte da exposição, que teve como curadora a professora de História da Arte e coordenadora do Espaço de Arte da Universidade Cidade de São Paulo, Elizabeth Leone, duas poesias em braile de Augusto de Campos, sendo uma delas em homenagem a Sacilotto.

Escolas e grupos agendaram visitas e participaram da oficina Uma Aventura com Sacilotto, que desenvolveu jogos, dobraduras e quebra-cabeças a partir de obras do artista. A proposta era que cada visitante pudesse fazer suas construções livres, vivenciando tudo o que foi visto na exposição.

## ***Fazendo Arte – Exposição de Obras do Pequeno Artista Luiz Guilherme Piagentini***

Luiz Guilherme Piagentini tem apenas nove anos, mas já fez muita arte nesse curto período. A Fundação Pró-Memória mostrou 32 obras desse precoce menino na exposição Fazendo Arte, no Salão de Exposições I, de 13 de Maio a nove de Junho. Além da arte figurativa, em pinturas de borboletas, crianças e peixes, Luiz Guilherme gosta de pintar paisagens de barcos, flores e casarios.



## ***Lembranças da Cerâmica São Caetano***

A Fundação Pró-Memória abriu, no dia dois de Junho, a exposição Lembranças da Cerâmica São Caetano, no Salão de Exposições II, no Espaço Verde Chico Mendes. A indústria marcou o



desenvolvimento econômico da cidade, entre os anos de 1912 e 1985, tornando-se uma das principais fabricantes de telhas, tijolos e revestimentos cerâmicos do mundo.

O Espaço Verde Chico Mendes foi escolhido para receber a exposição pois, antes de ser um parque municipal, foi o local de onde a indústria extraía argila do tipo taguá.

A mostra, que ficou no espaço até o dia 25 de Julho, apresentou 27 reproduções fotográficas que retratam as atividades assistenciais organizadas pelo Serviço Social da fábrica, ao longo das décadas de 1940 e 1950. Parte das instalações e de certos setores produtivos, juntamente com alguns momentos de lazer de seus funcionários também estão presentes na exposição.

## *As Mil e Uma Noites Árabes em São Caetano*

Mostrar que os árabes são forte presença em São Caetano e divulgar um pouco da cultura desse povo foi a proposta da exposição *As Mil e Uma Noites Árabes* em São Caetano, que o Museu Histórico Municipal promoveu de cinco de Junho a seis de Agosto.



Pesquisas realizadas para a exposição apontaram a presença de representantes do Líbano e da Síria, dois dos 17 países que integram o mundo árabe. A mostra resgatou a história de sobrenomes como Abdouni, Rahal, Namur, Kirche, Kallil, Chieddi, Kradichi, Nasi, Habber, Sayar, Chueiri, Sallum e Crunfi.

*As Mil e Uma Noites Árabes* em São Caetano apresentou painéis e fotografias com encantadoras paisagens desses países, objetos de uso pessoal, como roupas, xales e bolsas, além de objetos religiosos como o mazbháa, feito de contas e usado nas orações. A peça mais antiga da exposição foi um recipiente de pedra utilizado para amassar kibe, trazido de Homs, na Síria, em 1927. Entre bandeiras e informações das famílias, puderam ser vistos quadros com trechos do Alcorão e a tradicional cigarreira que o Ocidente conheceu através de filmes como *Lawrence da Árabia*.

## *O Cotidiano Vigiado – Repressão, Resistência e Liberdade nos arquivos do DOPS*

De 22 de Junho a 27 de Agosto, a exposição *O Cotidiano Vigiado – Repressão, Resistência e Liberdade nos Arquivos do DOPS* ficou em cartaz no Salão de Exposições I, da Fundação Pró-Memória. A mostra foi cedida pelo Departamento de Museus e Arquivos da Secretaria de Estado da Cultura.

Nos primeiros 25 anos do século 20, os setores operários urbanos brasileiros consolidaram-se, fortalecidos pelo grande contingente de imigrantes que chegavam ao país. O Estado adotou uma postura vigilante, temeroso das idéias políticas de tais massas humanas. Vários órgãos especiali-

zados na repressão foram criados dentro dos organismos policiais já existentes.

Os 14 painéis que integraram a exposição contam a história da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), que funcionou de 1924 a 1983, com a finalidade de manter sob controle as ações destes cidadãos.



A mostra *O Cotidiano Vigiado – Repressão, Resistência e Liberdade nos Arquivos do DOPS* foi produzida a partir do arquivo da delegacia, liberado para a população, e nos permite conhecer a maneira de agir e pensar do órgão, bem como significativos documentos que mostram a história da censura e da repressão, além de registros dos grupos que resistiram ao autoritarismo e das minorias nacionais que foram perseguidas como indesejáveis.

## *Três Artistas, Uma Cidade, Um Tempo*

No dia sete de Julho, a exposição *Três Artistas, Uma Cidade, Um Tempo* foi aberta na Pinacoteca Municipal, mostrando a arte produzida por três artistas de São Caetano, no período de 1950 a 1990. Os artistas são Oscar Valzachi, Alberto Aliberti e

Walter Pinheiro. Todos eles, já falecidos, foram ativos produtores de artes, tendo participado de salões e exposições em São Paulo e em outros estados. A exposição ficou em cartaz até o dia 11 de setembro.

### Parcerias

## *Fundação Pró-Memória e Universidade Metodista firmam parceria*

No dia 18 de Junho a Fundação Pró-Memória assinou uma parceria com a Universidade Metodista de São Paulo, através da Rede de Extensão e Consultoria da Agência de Relações Públicas da universidade, para o desenvolvimento de um Plano Estratégico em Relações Públicas para a Fundação. A Agência de Relações Públicas da Universidade Metodista oferece quatro núcleos especializados para atender às necessidades de comunicação de organizações e entidades. Nesta parceria, a Agência terá como meta oferecer os benefícios resultantes da reformulação, promoção e difusão da identidade corporativa da Fundação Pró-Memória, através da criação e desenvolvimento das políticas de comunicação; promoção e desenvolvimento de relacionamentos institucionais entre a Fundação e seus públicos; e a consolidação do conceito da Fundação Pró-Memória com a comunidade local.



## Memória Fotográfica

Fotos: Fundação Pró-Memória



**Ontem**

O auditório Santos Dumont, na Avenida Goiás, 1111, foi construído, em 1958, junto à EE Bonifácio de Carvalho. Em 2002, graças a uma grande reforma na administração do prefeito Luiz Olinto Tortorello, transformou-se de um simples auditório em um teatro de grandes recursos técnicos, sendo hoje administrado pela Fundação das Artes



**Hoje**

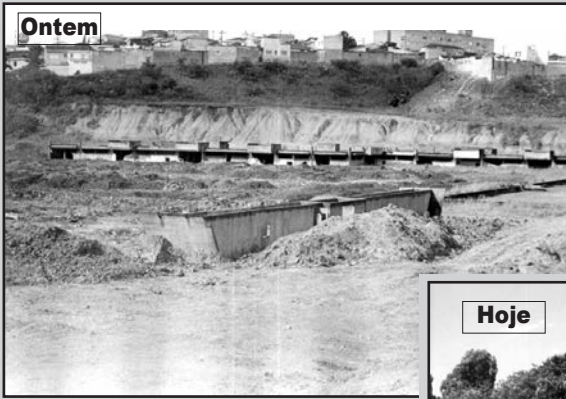


**Ontem**

A Rua Santa Catarina, no centro da cidade, pela sua localização estratégica de comunicação, entre as ruas comerciais da cidade, deixou de ser estreita e acanhada, tornando-se um moderno calçadão, onde transitam em harmonia automóveis e pessoas

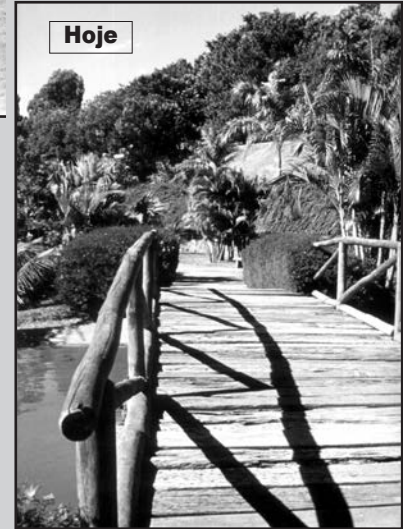


**Hoje**



Fotos: Fundação Pró-Memória

O antigo buracão da Cerâmica São Caetano, após a desativação serviu de local para a construção de um balneário na década de 70 – mas o projeto faliu. Só a partir da administração do prefeito Luiz Olinto Tortorello o local renasceu como um amplo parque de lazer e diversão, muito apreciado pela população de São Caetano



O antigo campo de aeromodelismo, depois de muitos anos abandonado e sem uso, foi transformado no Parque Catarina D'Agostine, também conhecido como "Chiquinho", pois está ligado ao Espaço Verde Chico Mendes através de um pequeno túnel





## Memória Fotográfica

Fotos: Fundação Pró-Memória



A Escola Estadual 28 de Julho foi inaugurada, em 1952, na primeira administração do município, pelo prefeito Ângelo Rafael Pellegrino. Em 2004, o antigo prédio desta escola foi demolido para a construção de um novo prédio com 16 salas de aula, laboratório de informática e ciências, anfiteatro, refeitório, salas de reunião e instalações para portadores de deficiência física

## Escola Estadual 28 de Julho

Hoje



Prefeitura Municipal  
São Caetano do Sul



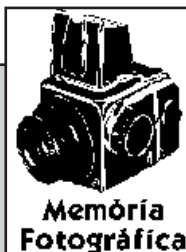
O Conjunto Esportivo Lauro Gomes de Almeida foi construído, em 1964, junto ao antigo estádio de futebol Anacleto Campanella. Só a partir de 2002, com a ascensão do AD São Caetano à primeira divisão do Campeonato Paulista e sua participação no Campeonato Brasileiro, essas instalações esportivas se tornaram uma referência nacional para os municípios brasileiros



1 – Na Copa de 1986, em seis de Junho, um grupo de amigos na Praça da Figueira, Bairro Nova Gerte. Da esquerda para a direita, em pé: Toninho, Albino, netinho do Gomes, Pinguin, Veludo e Gomes. Agachados: Washington e Neginho



Walter Veludo



2 – Primeiro ano de funcionamento do Colégio Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho, turma de 1958, 1ª Série A, período da manhã. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: Demétrio, Arcadique, Osmar, Jorge, Walter Gonçalves, Marcos R. Grespam, Sérgio, José Antônio, Marcos Parodi, Sidnei Pacheco, Ari Timermann, Tarcísio Cardieri, Odair Garcia, Dorival Montini, João José Dario, Ademir Viture, Roberto Morais, Ivo Dirceu Aguado, Anacleto Laranjeira, Frank, Renato Marques, Castilho, Cláudio, Hugo Micheletti, Toshio, José Carlos Guerra, Paulo Roberto Avril, José Luiz Cardieri, Daniel, Sérgio B. Signorini, Duarte, Alfredo, Rodolfo Mancuso, Carlos Pedro Pan e Laércio



Ivo Dirceu Aguado

3 – Primeira linha de ônibus (Jardineira) inaugurada em fins da década de 30. Da esquerda para a direita: Newton Relá e Hilda Mazzutti. O proprietário da linha era Hugo Veronesi





# Memória Fotográfica



Francisco Todisco

1 – Em 1954, o senhor Francisco Todisco (centro) deixou a Província de Bari, na Itália, para instalar-se em São Caetano do Sul. Esse ano marcou o início da vitoriosa trajetória profissional de Todisco na cidade, trajetória cujo marco foi a sapataria que estabeleceu na Rua Rio Branco, Bairro Fundação. De lá para cá, muitos esforços foram empreendidos, esforços que levaram ao surgimento da tradicional Casa Todisco, loja especializada no comércio de roupas, calçados e brinquedos - hoje com 48 anos



Mário Del Rey

2, 3 – Desfile cívico de sete de Setembro de 1960, na Rua Manoel Coelho, esquina com a Rua Niterói



Mário Del Rey



Fundação Pró-Memória

4 – Reprodução do texto e das fotografias de Carlos A. Faria, publicados n'A Gazeta Esportiva Ilustrada, em Setembro de 1956, sobre a fusão do São Caetano Esporte Clube com o Comercial Futebol Clube de São Paulo. A união dos dois clubes resultou na criação da Associação Atlética São Bento, que disputou a 1ª divisão do Campeonato Paulista de Futebol (de 1954 a 1958) representando São Caetano do Sul

**1** – Onofre Alves, esportista que, em 1947, defendeu o São Cristovão Futebol Clube. Nesse ano, o campeonato foi organizado pela Subliga Getúlio Vargas, subordinada à Liga Santoandreense de Futebol. O local em que está Onofre é hoje o Conjunto Esportivo do CRE Fundação



Onofre Alves

**2** – Homens em festa de aniversário de 90 anos de Regina Fiorotti. Primeira fila, da esquerda para a direita: Dráusio Fiorotti, Olavo Giacomo Fiorotti, (?), (?), (?), (?). Segunda fila, da esquerda para a direita: (?), Henrique Lorenzini (?), Elliot (?), (?), Daniel Fiorotti, Ângelo Luiz Fiorotti, Cláudio Silva, Giacomo Benedetti, João Silva, Henrique Lorenzini Filho, Wilson Gonçalves Carriço, (?), Garbarino (?), Nelson Fiorotti, Mauro Moretti, Francisco Fiorotti, (?). Terceira fila, agachados, da esquerda para a direita: Mauro Fiorotti, Lauro Fiorotti, Sérgio Fiorotti, Hélio Fiorotti, (?), (?), (?), Otávio Fiorotti. As crianças: (?), Sérgio Luiz Fiorotti, (?), (?), (?), (?), (?).



Maria Antonia Ferreira Fiorotti

**3** – Mulheres em festa de aniversário de 90 anos de Regina Fiorotti. Primeira fila, da direita para a esquerda: (?), Celina Fiorotti, (?), Aparecida Fiorotti, Laura Fiorotti, (?), Maria Regina Fiorotti, (?), (?), (?), Maria Antônia Ferreira Fiorotti, Joana Fiorotti Zanini. Segunda fila, da esquerda para a direita: Carminha Lorenzini, Anita Fiorotti, (?), Yolanda Fiorotti, Margarida Fiorotti, Ignês Fiorotti, (?), Ana Rosa Zanini, Santina Leonor Fiorotti Moretti, Bernadete Boltes, (?), (?), Jacinta Fiorotti, Lurdes Fiorotti, (?), (?), (?), Ivone Fiorotti, Matilde Fiorotti, Ana Josephina Fiorotti, (?), Rosa Fiorotti, Maria Daré Fiorotti, Martina Fiorotti, (?), (?), Adelaide Fiorotti, Clara Clélia Lorenzini. Crianças: (?), (?), (?), (?), Arlete, Eliete, Selma, (?), (?), Marilena



Maria Antonia Ferreira Fiorotti





## Memória Fotográfica

Fotos: Fundação Pro-Memória



1 e 2 – Aspectos do desfile de sete de Setembro de 1964, realizado na Avenida Goiás, ainda em pista única e calçada com paralelepípedos. Os atiradores do Tiro de Guerra nº 277 estão em frente ao palanque das autoridades, ao passo que os atletas do Atlético Vila Alpina levam a bandeira do município



3 – Em 1973, na Rua Conselheiro Antônio Prado, um trecho entre a Avenida Conde Francisco Matarazzo e a Rua Manoel Coelho foi demolido para a construção da estação rodoviária. Diante da Relojoaria Gallo estão, à esquerda, João Gallo (proprietário), e à direita o Pedrinho Alfaiate, proprietário de um magazine ao lado da relojoaria

**1** – Time de Basquete do General Motors Clube de 1953. Da esquerda para a direita: Walaes A. Pereira (Tito), Humberto Mainardi, Roque Latancio, Anísio, Horst e José Alt (Zé Americano)



Walaes A. Pereira

**2** – Casamento de Walter Andrade e Ermelinda Scalzaretto, ocorrido em cinco de Fevereiro de 1944, na Igreja Sagrada Família de São Caetano do Sul. Ao lado, os avós do noivo: Emma e Theobaldo Zanini



Walter Andrade

**3** – Time do São Cristóvão Futebol Clube durante a entrega das faixas, por ocasião do título conquistado em 1958. Nesse dia, o clube campeão enfrentou, numa partida amistosa, o União Mútua, da Vila Carioca, partida esta realizada no local onde atualmente se encontra o Clube Fundação



Alexandre D'Agostini

**4** – Time do América do Sul Futebol Clube, agremiação fundada no dia primeiro de Setembro de 1947, em campeonato disputado em 1957. Nesse ano, o mencionado clube sagrou-se campeão invicto do torneio organizado pela Liga de Esportes de São Caetano do Sul, referente à segunda divisão. A conquista do campeonato veio justamente no ano em que o clube, cujo primeiro nome foi América Futebol Clube, completou dez anos de existência. No campo do Barcelona, em pé, da esquerda para a direita: Armando Viola (vice-presidente do clube), Nelson (Guri), Antônio Codello, Alberto Codello (Trítola), Arthur Demenis (Passa Óleo), Natalino Zanchetta, Antônio Broliato e Pedro Momesso (técnico). Agachados, da esquerda para a direita: Diamante, Durval Lodi, Ronaldo Perrella, Élcio Piccolo, Simão Gorduglio, Sílvio Viola (Fifo) e Edson (Baiano)



Natalino Zanchetta



## Memória Fotográfica



Nelson Perdigão

1 – O Cabana Clube foi um time de futebol de São Caetano na categoria extra-oficial, composta de atletas de várias equipes amadoras, e até de profissionais, que se reuniam aos sábados para praticar o futebol com amor e camaradagem. No início da década de 70, a estréia do uniforme cabanense foi comemorada em um jogo contra o Atlantic do Bairro Prosperidade. Entretanto, os donos da festa perderam por 3 X 2. Em pé, da esquerda para a direita: Feijão (El Fijon), Hugo (Chinês), Nelson Perdigão, Roberto, Bailia (Silas), Totó, Paulo Agrela e Cabana



Manceel Maria

2 – Comemoração dos jogadores do América do Sul, na sede do clube, que se situava no mesmo local onde hoje funciona o Museu Histórico Municipal. Na ocasião, o citado clube conquistou o campeonato de 1957, referente à segunda divisão



3 – Time do Corinthians Bandeirantes da antiga Vila Barcelona, vice-campeão de 1957 do Torneio Inter-Corinthians realizado no Parque São Jorge, em São Paulo. Da esquerda para a direita, em pé: Quilas, Nelson, Ministrinho, Servílio, Benedito, Miningola, Zinho e Ernesto (presidente). Agachados: Garrincha, Careca, Encostado, Oswaldo, Zequinha e Delfim (massagista)



Fundação Pró-Memória

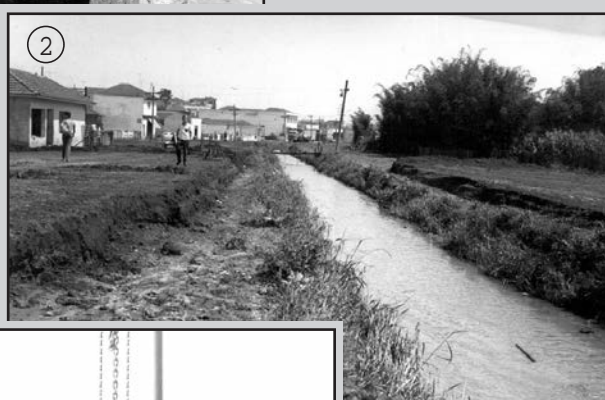
4 – Vista do Bairro Olímpico, a partir da esquina da Rua Xavantes com a Rua Tapajós. O terreno estava sendo aterrado para a construção da Escola Estadual Maria Conceição de Moura Branco. Dois de Março de 1967

**1** – Abertura de valetas para a canalização de água da Rua Manoel Coelho, no início da década de 60. Em primeiro plano, à esquerda, o vereador Júlio de Mello. De perfil, o jornalista João Batista de Toledo, o Toledinho, do *Jornal de São Caetano*. Ao fundo, o prédio do Hospital São Caetano



Fundação Pro-Memória

**2** – Quatorze de Dezembro de 1966. Aterragem das margens do Córrego dos Moinhos, local em que seriam construídas as duas pistas da Avenida Presidente Kennedy. Ao fundo, o cruzamento com a Alameda São Caetano



Fundação Pro-Memória

**3** – Uma das primeiras máquinas usadas pela Prefeitura Municipal para o recapeamento das ruas da cidade. Era chamada de caldeira de asfalto, e foi adquirida em Junho de 1958



Fundação Pro-Memória



## Memória Fotográfica



Cláudio Prieto

O campo do Barcelona Futebol Clube situava-se na confluência das Ruas Piratininga, Alegre e Conselheiro Lafayete. O campo ficava ao lado da atual Estação Rodoviária de São Caetano do Sul. Na disputa com o Corintinha de São Caetano, em 1961, o técnico era Pedro, e os jogadores eram os seguintes (da esquerda para a direita, em pé): Guilherme, Pascoal, Tico, Doca, Ramires e Alemão. Agachados: Bola Sete, Adalberto, Cláudio, Maurício e Décio



Família de Maurício Moura de Freitas

Calçada da Rua Manoel Coelho, altura do nº 302, onde funcionava a Loja de Móveis Bueno. A pessoa na porta é o sr. Danilo Carnevale, que ocupava a função de gerente. Os meninos não foram identificados. Nesse local funcionam hoje as Lojas Marisa. Ano de 1958



Fundação Pró-Memória

Em 1949, a diretoria do São Caetano Esporte Clube homenageou os jogadores campeões de 1928, em seu estádio, na Rua Paraíba. Em pé, da esquerda para a direita: Luiz Martorelli, Pedro José Lorenzini, Jacob João Lorenzini, Luiz Gallo, João Nicolau Braido, Germano Meazzi, Eduardo Lorenzini, Luiz Mantovani, D' Agostini, Nelson Lucas e Nelson Fiorotti. Agachados: Moura, Henrique Lorenzini, Zanela, Batista Mantovani, Stanislaw Spagnuolo, Antônio Guerreiro e Chiquitim

1 – Atiradores do Tiro de Guerra de 1934 e convidados no almoço oferecido ao Sargento Renô no Restaurante Turin em Santo André no ano de 1939. Da esquerda para a direita: Claudio Perrella, Francisco Campanella, Ettore Dal'Mas, Geraldo Cambaúva, Duran, Luiz Rodrigues Neves, Argemiro Barros de Araujo, Brasília Rossetti, Jayme da Costa Patrão e José Cambaúva



Ettore Dal'Mas

2 – Fábio Ventura foi vereador em São Caetano do Sul, por seis legislaturas, e sempre atuante na política local e regional. Nesta foto de 1960, ele fala ao microfone durante a visita do candidato à presidente da República Marechal Lott. Na mesa, da esquerda para a direita: Ulysses Guimarães, Fábio Ventura, Marechal Lott, deputado Cunha Bueno e (?)



Fundação Pro-Memória

3 – Matheus Constantino (sentado) e seu filho Concetto Constantino foram dois homens que trabalharam politicamente sempre a favor da cidade. Matheus participou de dois movimentos pela autonomia, 1928 e 1948. Já Concetto, foi vereador por quatro legislaturas, tendo uma atuação importante como autonomista em 1948



Fundação Pro-Memória

# São Caetano

# em foco



## CONCURSO DE FOTOGRAFIA



**Fundação Pró-Memória**

São Caetano do Sul

**Inscrições**

**29 de julho a 27 de agosto de 2004**

**Fotografias da cidade (coloridas e em preto e branco)**

*Consulte o regulamento em nosso site  
[www.fpm.org.br](http://www.fpm.org.br)*

## Revista Raízes



# Fundação Pró-Memória

São Caetano do Sul

## Livros



SEDE ADMINISTRATIVA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO  
HISTÓRICA  
PINACOTECA MUNICIPAL

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255  
Telefones: 4221-9008 ou 4221-7420



Ação  
educativa

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL  
Rua Maximiliano Lorenzini, 122  
Tel: 4229-1988

## Pesquisa Histórica



SALÃO DE EXPOSIÇÕES I  
Avenida Goiás, 600 - térreo

SALÃO DE EXPOSIÇÕES II  
Espaço Verde Chico Mendes  
Rua Fernando Simonsen, 566



Exposições



Museu

VOCÊ PODE CONHECER  
NOSSO SITE!

[www.fpm.org.br](http://www.fpm.org.br)



## Pinacoteca



História da cidade, história dos bairros,  
pontos históricos, fotografias, mapas,  
programação de exposições, eventos,  
notícias e muito mais!



ISSN 1415-3173

